

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARCO ANTÔNIO OLIVEIRA LIMA

O CORPO SOB A PERSPECTIVA DE JOVENS SKATISTAS

GOIÂNIA-GO

2017

MARCO ANTÔNIO OLIVEIRA LIMA

O CORPO SOB A PERSPECTIVA DE JOVENS SKATISTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás; vinculada à Linha de Pesquisa Educação, Sociedade e Cultura; como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^a. Dra. Cláudia Valente Cavalcante.

GOIÂNIA-GO

2017

L732

Lima, Marco Antônio Oliveira

O corpo sob a perspectiva de jovens skatistas [manuscrito]/
Marco Antônio Oliveira Lima. -- 2017.

207 f.; il.: 30 cm

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*
em Educação, Goiânia, 2017

Inclui referências f. 180 -193

1. Educação - Aspectos sociais. 2. Esportes radicais.
3. Skate (Esporte) - Aspectos sociológicos. 4. Jovens
- Conduta. I. Cavalcante, Cláudia Valente. II. Pontifícia
Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 37:796.694(043)

O CORPO SOB A PERSPECTIVA DE JOVENS SKATISTAS

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 31 de agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Cláudia Valente Cavalcante / PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dr. Aldimar Jacinto Duarte / PUC Goiás



Prof. Dr. Aleyr Alves Viana Neto / IFG

Prof. Dr. José Maria Baldino / PUC Goiás (Suplente)

Prof. Dr. Gabriel Carvalho Bungenstab / UEG (Suplente)

À minha família, fonte de crenças
que se direcionam ao amanhã,
aurora, que em suas possibilidades,
está repleto de esperanças.

AGRADECIMENTOS

A orientadora Prof^ª. Dra. Cláudia Valente Cavalcante, que além de me conceder suporte científico no trabalho, também chamou minha atenção na disciplina de Educação e Cultura, para a importância de se desenvolver pesquisa cujos jovens possam ser agregados aos objetos de estudo.

Aos Professores Dr. Aldimar Jacinto Duarte, Dr. Alcyr Alves Viana Neto, Dr. Gabriel Carvalho Bungenstab, Dr. José Maria Baldino, membros da banca avaliadora, por aceitarem o desafio de contribuir com a pesquisa desenvolvida.

Ao Prof. Dr. Romilson Martins Siqueira por colaborar de forma ímpar, no campo das reflexões críticas, de caráter marxiano, durante a formação continuada empreendida no Mestrado.

A Prof^ª. Dra. Andreia Cristina Peixoto Ferreira por ter me apresentado, ainda nos tempos da graduação, os pensadores da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.

Aos Professores do Curso de Educação Física da Regional Catalão – Universidade Federal de Goiás – por todo o aprendizado que me possibilitaram durante a graduação.

Aos Professores, colegas e amigos da turma de Mestrado. Obrigado pelos inesquecíveis momentos que passamos nesta etapa acadêmica.

A família (pai - *in memoriam* -, mãe, irmão, irmã, tia...) pelo suporte, apoio e solidariedade sempre presentes nos desafios que vivencio.

Aos jovens skatistas da cidade de Caldas Novas-GO que, de forma espontânea, aceitaram participar da pesquisa por meio do questionário e/ou entrevista.

A Tati pelas palavras e incentivos repletos de serenidade, compreensão e maturidade.

Ao Schneider, Leticia, Yuki, Luana, Aline, Magnólia, Wilson, Patrícia, Erica, Stênio e Lorrany por cada momento e conversas precedidas de importantes reflexões.

A Lara, sempre disposta a me ouvir e apresentar um universo de infinitas possibilidades positivas, rumo ao equilíbrio emocional.

A Dra. Rosane pelo suporte emotivo presente em cada consulta.

Aos amigos, amigas e colegas de trabalho cujos nomes não precisam ser mencionados, pois sabem que estão inclusos neste singelo agradecimento.

Ao Criador, infindável manancial de graça, misericórdia e perdão, cujo amparo está além dos rótulos institucionais.

Enfim, o meu muito obrigado.

“[...] eu sei que tem muito mais sobre skate que eu não disse aqui, vocês tem que andar de skate, tem que viver o skate [...], tipo você percebe que skate não é aquilo que todo mundo diz, [...] não, é parceria, [...] é a liberdade, você se encontra ali [...]” (ENTREVISTA, ERMANO, 2017).

Resumo

LIMA, Marco Antônio Oliveira. **O corpo sob a perspectiva de jovens skatistas**. 2017. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO, 2017.

As escolas esperam que os skatistas obedeçam às regras instituídas. Os skatistas adotam forma de vida onde o corpo é livre para se expressar/movimentar mediante a prática do skate. Daí surge tensa relação entre as instituições de ensino e os jovens skatistas. As regras educacionais podem representar estruturas biopolíticas que incidem sobre os corpos da juventude. Nesta conflitante relação vê-se que escolas e skatistas se influenciam dialeticamente. Pelo fato de acreditar que as escolas precisam repensar sua relação pedagógica com os skatistas é que se estabeleceu o corpo destes como objeto de pesquisa. O tema adotado no estudo – inserido na linha de pesquisa Educação, Sociedade e Cultura, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – foi: A relação dos jovens skatistas com o corpo na escola. Como questão norteadora pretendeu-se responder ao seguinte problema: Como os jovens skatistas dão sentido a apropriação de seus corpos na escola? De forma geral refletiu-se a respeito de como os jovens skatistas dão sentido a apropriação de seus corpos na escola. E especificamente 1) verificou-se como o corpo dos jovens skatistas vem sendo discutido no cenário acadêmico; 2) analisou-se o corpo dos jovens skatistas enquanto dimensão social que se constrói historicamente na rua, pista de skate e escola; e 3) investigou-se como os jovens skatistas percebem os seus corpos na escola. O público do estudo foram skatistas, de 15 a 29 anos, estudantes do ensino médio. Realizou-se pesquisa bibliográfica e o estado do conhecimento do objeto. Recorreu-se à pesquisa de campo para descobrir o público do estudo, sendo 7 jovens das quais 3 foram do sexo feminino e 4 do masculino. Coletaram-se os dados através de questionários mistos e entrevista semiestruturada. Os dados foram interpretados pelo referencial qualitativo. Dentre os autores utilizados citam-se Adorno e Horkheimer (1985); Bourdieu (1998); Foucault (2004); Marcuse (1981a); e Marx e Engels (2001). Acredita-se que pela pesquisa contemplam-se perspectivas que contribuam para que as escolas reflitam criticamente acerca da educação do corpo dos jovens skatistas rumo à emancipação.

Palavras-chave: Escolas; Jovens skatistas; Corpos; Emancipação.

Abstract

LIMA, Marco Antônio Oliveira. **The body under young skateboarders's perspective.** 2017. 207f. Dissertation (Master in Education) – Teachers and Humanities Training School, *Stricto Sensu* Under Graduation in Education, from Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO, 2017.

Schools hope that skateboarders follow the instituted rules. The skateboarders adopt a life style where the body is free to express/move under skating practice. Then comes this tense relationship between educational institutions and the young skateboarders. The educational rules may represent biopolitic structures that act under the younger's bodies. In this hard situation, we realise that schools and skateboarders influence each other dialectically. For the belief that schools need to rethink their pedagogical relationship about skateboarders, they went established as object of analysis. The adopted theme of this study – in the research area Education, Society and Culture, of the *Stricto Sensu* Postgraduate Program, in Pontifícia Universidade Católica de Goiás – is: The skateboarders's relationship with his bodies at school. As a guiding question, it pretends to answer the following problem: How do young skateboarders give meaning to his bodies's apropiation at school? In general, it was reflected about how young skateboarders give meaning to his bodies's apropiation at school. And especifically 1) it checks how the young skateboarders's bodies has been discuted in the academic space; 2) it analyzes the young skateboarders's bodies while social dimension that's historical built in streets, skate lanes and schools; and 3) it's under study how the young skateboarders realise his own bodies at school. The target public of this study are skateboarders from 15 to 29 years old, high-school students. It was needed to understand how much they knew about this theme and make all the bibliographical search. Field research was needed to discover the target public, who was 7 young guys, being 3 from female sex and 4 from male sex. All the information was colected throught mixed questionnaires and half structured interview. The information were interpreted throught qualitative reference. Among used authors, it's needed to mencionate Adorno and Horkheimer (1985); Bourdieu (1998); Foucault (2004); Marcuse (1981a); and Marx and Engels (2001). It's belivable that throught this study it can find many other views that contributes for the school to reflect about young skateboarders bodies's education in front of emancipation.

Keywords: Schools; Young skateboarders; Bodies; Emancipation.

Lista de Siglas

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IES – Instituição de Ensino Superior

PPGCMH – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano

PPFH – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana

PPGAV – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

PPGCS – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

PPGCSs – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGEDUC – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares

PPGEF – Programa de Pós-Graduação em Educação Física

PPGEPC – Programa de Pós-Graduação em Educação Para a Ciência

PPGHS – Programa de Pós-Graduação em História Social

PPGP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PPGSS – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*

PUCGO – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

TA – Termo de Assentimento

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro

UMESP – Universidade Metodista de São Paulo

UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

UNICAMP – Universidade de Campinas

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

USP – Universidade de São Paulo

Lista de Tabelas

Tabela 1: Quantitativo de teses e dissertações selecionadas em relação aos descritores da pesquisa	21
Tabela 2: Quantitativo de trabalhos por campo do conhecimento	23
Tabela 3: Quantitativo de trabalhos por tendência epistemológica	45

Lista de Quadros

Quadro 1: Relação de trabalhos alinhados com a tendência epistemológica fenomenológico-hermenêutica	46
Quadro 2: Relação de trabalhos alinhados com a tendência epistemológica crítico-dialética	50
Quadro 3: Relação de trabalhos alinhados com a tendência epistemológica pós-moderna.	55

Lista de Figuras

Figura 1: <i>skate-rap</i>	114
Figura 2: <i>Skate-punk</i>	115
Figura 3: Caixote	116
Figura 4: <i>Flip</i>	117
Figura 5: Jovem skatista com certo grau de obesidade	121
Figura 6: Jovem deficiente físico que usa cadeira de rodas adaptada como skate	122
Figura 7: Skatista na terceira idade.....	122
Figura 8: Jovens mulheres skatistas	123
Figura 9: Chorão, ex-vocalista da banda Charlie Brown Jr.....	125
Figura 10: Tênis “sapão”	126

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo I – O corpo, suas perspectivas sociais e acadêmicas	28
1.1. Corpo e a procura por conceitua-lo	29
1.2. Corpo e o estado do conhecimento	40
1.2.1. Estado do conhecimento do corpo segundo a tendência epistemológica fenomenológico-hermenêutica	46
1.2.2. Estado do conhecimento do corpo segundo a tendência epistemológica crítico-dialética	50
1.2.3. Estado do conhecimento do corpo segundo a tendência epistemológica pós-moderna	54
1.2.4. Possíveis reflexões sobre o estado do conhecimento do corpo, em consonância com as tendências epistemológicas que suscitaram análises dos trabalhos identificados.....	57
Capitulo II – Corpo e juventude: apropriando-se da cidade	61
2.1. O corpo dos jovens e dos grupos juvenis skatistas	62
2.2. Jovens e a ocupação da cidade	74
2.3. Os jovens skatistas e sua interação com a cidade	85
2.4. Com a palavra os jovens skatistas	99
2.4.1. Apresentação dos participantes da pesquisa	101
2.4.2. Sistematização e análises das entrevistas com os jovens skatistas	106
2.4.2.1. Jovens skatistas: modos de ser jovem	106
2.4.2.2. Jovens skatistas e a relação com o espaço urbano	108
2.4.2.3. A prática do skate na pista e a sociabilidade dos jovens	112
2.4.2.4. Os jovens skatistas e seus corpos	117
Capítulo III – Escola e os corpos dos jovens skatistas	128
3.1. A escola e suas contradições político-pedagógicas	131
3.2. Jovens, grupos juvenis e a escola	143
3.3. Jovens skatistas: apropriação dos corpos na escola	151

Considerações Finais	171
Referências	180
Apêndices	194
Apêndice A – TCLE para jovem com 18 anos ou maior de 18 anos de idade	194
Apêndice B – TCLE para os pais	196
Apêndice C – TA para jovem menor de 18 anos de idade	199
Apêndice D – Roteiro do questionário aplicado aos Jovens	202
Apêndice E – Roteiro de entrevista semiestruturada realizada com os jovens	207

INTRODUÇÃO

Entre os jovens que estão nas escolas podem ser observadas confluências juvenis às quais autores como Queiroz (2001) vão denominar de grupos juvenis, que se reúnem devido ao fato de agregarem valores simbólicos que se aproximam no que se refere à singularidade da visão de mundo que possuem.

É assim com os skatistas que por causa de seu interesse em comum pelo skate, acabam constituindo um grupo juvenil que pode ser visto reunido em momentos diferentes nas escolas e também nos espaços urbanos da rua e pista de skate.

Nem sempre as medidas disciplinares, os parâmetros educativos e as pedagogias utilizadas pelas escolas são capazes de estabelecer um diálogo coletivo e construtivo com os jovens e seus grupos, que seja significativo para uma formação não só técnica e propedêutica, mas que deixe legados para a vida (SPOSITO, 1994).

Por ser professor de Educação Física, através de observações das rotinas vejo que um dos grupos juvenis aos quais as escolas apresentam dificuldades pedagógicas em se aproximar é o dos skatistas que, em certos casos, são vistos como indisciplinados devido ao seu linguajar, modos de se vestir e vivenciar o corpo em movimento com o skate.

Tal visão torna-se mais acirrada quando os skatistas decidem ir às escolas de skate, utilizando-o como meio de transporte que os permitem locomover-se com maior destreza e velocidade em direção aos estabelecimentos de ensino.

Devido a esta e tantas outras ações são rotulados de problemáticos e podem até ser punidos quando colocam o skate nas salas de aula, mesmo que fique inutilizado, fato que gera uma atitude por parte da escola, de permitir que o skate seja “guardado” nas coordenações pedagógicas.

Vê-se a constituição de um conflito que se está longe de ser solucionado, porque as escolas através das regras e recursos punitivos como advertências orais e escritas podem educar o corpo dos jovens skatistas de maneira a adestra-los e castrá-los educacionalmente.

Ainda que o cenário seja inóspito no que se refere à autonomia e emancipação – (KANT, 2008) – dos jovens via educação vê-se que a Educação Física é um dos espaços de ruptura, que permite aos jovens manifestarem-se de maneira livre e coletiva com o

corpo por meio de jogos, brincadeiras, ginásticas, esportes, danças e uma infindável gama de práticas que Caltellani Filho et al. (2009) irão denominar de cultura corporal.

O skate, pela via da cultura corporal, poderia compor uma espécie de saber diversificado que agregado ao currículo e por meio de uma metodologia de ensino crítica aproximasse dialogicamente as escolas e os jovens. Porém, é perceptível que de um lado ficam as escolas com sua rigidez disciplinar e do outro os skatistas que procuram acessar uma formação educacional em ambiente contrário à sua prática corporal que lhe permite socializar e sociabilizar.

Pais (1990) na esteira de defesa dos jovens é partidário de que os grupos juvenis e suas práticas, incluindo-se os skatistas, estão envoltas por sentido antropológico capaz de constituir saberes que ainda que não sejam sistematizados na escola, agregam símbolos de caráter popular e cultural.

Queiroz (2001) também concorda que os grupos juvenis e as vivências particulares de seus “universos” como o skate, constituem-se em *lócus* que permitem o acesso a saberes culturais, históricos, transmitidos a outras gerações onde os corpos não são negados, mas agregados como fontes de experiências educativas.

No trabalho despertou-se para pesquisar um tema envolvendo o corpo, jovens skatistas, espaço urbano, a escola e os conflitos e ressignificações que emergem nesta tensa relação. Adotando o corpo dos jovens skatistas como objeto, foi possível chegar ao tema: A relação dos jovens skatistas com o corpo na escola.

Após foi preciso pensar em um problema que expressasse certas angústias sobre a afinidade entre o corpo, jovens skatistas e a escola. Constituiu-se como problema de pesquisa a pergunta: Como os jovens skatistas dão sentido a apropriação de seus corpos na escola?

De maneira geral refletiu-se a respeito de como os jovens skatistas dão sentido a apropriação de seus corpos na escola. Especificamente 1) verificou-se como o corpo dos jovens skatistas vem sendo discutido no cenário acadêmico; 2) analisou-se o corpo dos jovens skatistas enquanto dimensão social que se constrói historicamente na rua, pista de skate e escola; e 3) investigou-se como os jovens skatistas percebem os seus corpos na escola.

A pesquisa se justifica pelo fato das rotinas escolares, horários de entrada e saída, organização das mesas e cadeiras em fileiras nas salas de aula, momentos destinados aos jovens para à ida ao banheiro ou bebedouro na busca de satisfazer suas

necessidades fisiológicas e outros se constituírem em pedagogias que exercem domínio sobre o corpo.

Por isto, estas medidas podem se configurar ou não em sistemas políticos, que educam não para a emancipação, mas para a manutenção do *status quo*, e ocorrem mediante a sua inserção sobre o corpo dos jovens, pois são estruturas biopolíticas (FOUCAULT, 2004, 2013).

Assim, aproximando Bourdieu (1989) da discussão aqui realizada observa-se que as escolas estão envoltas pelo que o sociólogo francês irá nomear de violência simbólica que impedem as estas instituições de serem democráticas e as impossibilita de estabelecer alternativas de educação pautadas na liberdade de expressão. Contudo, os jovens skatistas longe de serem meros reprodutores do sistema de ensino, pelo corpo questionam o que lhes é imposto a partir de vivências apreendidas no espaço urbano, ao praticarem o skate.

Falconi, Ferreira e Miranda (2007) destacam que ser jovem skatista é também ser capaz de dar novo significado ao corpo a partir dos adornos, roupas, tatuagens e livre expressão corporal. É por isto que as escolas precisam rever seus métodos educativos porque eles são desfavoráveis à formação crítica dos jovens skatistas.

Ao realizar a pesquisa foi preciso ter a clareza de que a apreensão do objeto se deu em contexto marcado por particularidades históricas, culturais e filosóficas que geram disputas de classe ou geracionais capazes de constituir conflitos sociais e políticos com a família, igreja, mundo do trabalho, estado e escola.

No campo geracional os confrontos ocorrem porque as perspectivas de mundo e vida, regras de convívio, socialização e sociabilidade modificam de época em época com a passagem do tempo (CORDEIRO, CORDEIRO, 2013). Este fato suscita nas gerações mais velhas – os adultos – a busca pela preservação de “dogmas” tidos como necessários, tendo em vista uma convivência consensual.

Todavia, desperta nas gerações mais novas – os jovens – o desejo por rápidas transformações capazes de proclamar, no presente, anseios e aspirações típicos da sua fase da vida – a juventude – no campo educacional e profissional, afetivo e relacional, cultural e do lazer, para romper com conservadorismos que tolhem sua liberdade de expressão.

Estas relações complexas criam estereótipos que veem os jovens skatistas não como sujeitos de direitos e sim como um problema social a ser combatido via políticas

disciplinares repressivas. Cavalcante (2010, p.16) coopera com o debate ao mencionar que:

[...] Os discursos, muitas vezes preconceituosos sobre a juventude, são frequentemente repletos de representações sociais construídas histórica e socialmente cujas associações mais comuns são o presentismo, a violência, a transgressão, a irresponsabilidade, ou mesmo, o ócio e o tempo de curtidão. São representações sociais que criam estereótipos e obscurecem a compreensão da sociedade em relação aos jovens [...].

Refletir sobre esta questão mostrou-se pertinente porque enquanto as escolas se negam a rever a maneira que lidam com os jovens skatistas, não dando abertura para uma educação que ocorra pelo corpo em sua totalidade objetiva e subjetiva, o mercado tem estabelecido formas sutis de conquista dos sujeitos, pois os jovens skatistas não estão imunes às contradições do consumo.

Existe um mercado destinado aos jovens skatistas, nicho a ser alcançado, bombardeados pelos meios de comunicação tendo como objetivo leva-los à aquisição de bens sendo roupas, tênis, celulares, equipamentos lúdicos como o skate, artigos esportivos, carros, motocicletas e um corpo padronizado cujo estereótipo é ser magro, hipertrofiado e musculoso.

Este perfil de corpo difundido pelas academias de ginástica e musculação está vinculado ao *fitness*¹, que determina sequências de exercícios, alimentos que se devem ou não fazer uso, bem como a suplementação de nutrientes para transformar o corpo em estrutura bela e saudável. Como diz Menezes (2008, p.64, grifo da autora) “No mundo contemporâneo a palavra de ordem parece ser ‘reinventar!’ [...]”, ou seja, transformar o corpo que se tem naquele que se quer.

Nesta reinvenção as academias têm papel de destaque por serem os espaços onde o corpo é remodelado. É como se fossem um templo, cujo fervor ecoasse em uníssono, rumo à constituição de um clamor metafísico, gerando veneração e idolatria ao corpo denominada por Codo e Senne (2004) de corpolatria.

Em meio a este mundo de consumo o mercado tende a transformar as pessoas em máquinas desprovidas de sensibilidade. Esta coisificação é denominada por Lukács (2003) de reificação. Ela diz respeito à especialização da mão-de-obra a tal ponto que os indivíduos já não se identificam com o que produziram no seu trabalho, além de serem

¹ A palavra *fitness*, de origem inglesa, pode ser traduzida para o português como aptidão (CAMBRIDGE DICTIONARY, 2017). Considera-a como expressão que anuncia uma vida pautada na busca por condicionamento físico.

substituídos por implementos tecnológicos e “enfeitiçados” pelas mercadorias disponíveis e entre elas, o corpo. Este complexo processo pode-se dar pelo que Adorno e Horkheimer (1985) denominaram de indústria cultural.

Segundo os autores estes processos são preocupantes a ponto de que o mercado e o consumo interfiram na vida privada de maneira que: “[...] Inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo [...]” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p.119).

Devido a este fato que na pesquisa chamou-se a atenção para o corpo dos jovens skatistas que na contemporaneidade pode estar ou não sob a influência da indústria cultural. Bandeira (2008, p.35) contribui com a discussão ao considerar que:

Com efeito, o corpo tem sido um importante veículo de indução ao consumo, e a busca pelo belo tem contribuído para a legitimação e para a exacerbação desse processo, visto que as determinações mercadológicas relacionadas à beleza corporal nos pressionam com bastante eficácia, contribuindo para a internalização de valores e modelos estéticos preestabelecidos disseminados pela indústria cultural. A ditadura da beleza legitima também os pressupostos da ciência moderna corroborando para a homogeneização do gosto, a padronização de modelos estéticos e para a pseudo-individação. Assim, é necessário entender até que ponto a indústria cultural, dotada de seus aparatos ideológicos, faz da busca do corpo belo mais um instrumento mercadológico a serviço do mercado consumidor, especialmente por meio da racionalidade instrumental da ciência.

Mas, é preciso cautela para que não se caia nos determinismos economicistas e ortodoxos. Logo, há também formas de resistência que podem se dar junto aos jovens skatistas que como nos contextos escolares ou fora deles são capazes de dar novos significados às suas experiências e vivências corporais através de seu grupo juvenil, dos valores e visões de mundo que partilham, da prática do skate. É por isto que Duarte (2012, p.85) afirma que:

Compreendemos que as culturas juvenis – da mesma forma que as culturas em geral – acompanham as transformações sociais ao longo da história e conservam, internamente, muito do que foi representado socialmente acerca do que é ser jovem, em uma complexa relação dialética de rupturas e continuidades. Constituem-se a partir de um complexo conjunto de fatores mediadores ao mesmo tempo em que são mediadoras no processo de socialização dos jovens [...].

Tal resistência, como relatada é composta de continuidades, rupturas e mantém ligações com a cultura entendendo-a como produção de caráter simbólico, fato que permite diferenciar o humano dos demais animais porque apenas ele consegue atribuir sentido e significado ao que cria. Deste ponto de vista nem toda forma de consumo ou

apropriação que se faz do corpo é exclusivamente alienada. É por isto que ser jovem skatista permite o contato com elementos culturais, de característica da socialização e sociabilidade, importantes na humanização dos indivíduos. Por isto, nos dizeres de Warnier (2003, p.23-24) fica explicitado que:

As culturas são feitas de práticas e de crenças religiosas, educativas, alimentares, artísticas, lúdicas. Elas concernem também às regras de organização da família, do parentesco e dos grupos políticos. As práticas e crenças ligadas ao corpo [...].

Observando o corpo por esta ótica antropológica, acrescido aí à possibilidade da vivência do skate e de demais práticas da cultura corporal nas escolas, acredita-se contribuir para a constituição de contradições que podem gerar reflexões rumo à crítica do atual modelo escolar.

Mira (2009) contribui com o debate ao mencionar que é importante a inserção dos jovens na cultura seja ela também de caráter tradicional, passadas de geração em geração, capazes de romper com a barbárie e o embrutecimento dos indivíduos. A autora diz que:

Esse interesse de jovens urbanos por práticas consideradas tradicionais é um dos aspectos de um fenômeno mais amplo: a valorização da diversidade cultural, vale dizer, das culturas locais, regionais ou populares, num cenário de globalização ou mundialização da cultura que parece ameaçar sua sobrevivência [...] (MIRA, 2009, p.564).

Mesmo que o skate não seja uma prática tradicional, ele se constitui em vivência lúdica cultural capaz de ampliar o ponto de vista dos jovens em diálogo com o outro, a cidade e o mundo, apresentando-os como indivíduos com demandas não somente para o futuro, mas principalmente para o presente no que tange à educação, formação profissional e militância político-democráticas.

Neste ínterim, a pesquisa propôs-se a identificar método que fosse capaz de alcançar os objetivos propostos. Devido a este fato realizou-se estudo crítico-dialético tendo em vista considerar o caráter histórico e social do corpo.

Todavia, levou-se em consideração o pensamento de Bourdieu (1989) que acredita que não se pode aproximar do objeto com expectativas pré-determinadas uma vez que ele é dinâmico, exigindo do pesquisador perspicácia no que tange a reconstruí-lo e captar, interpretar e compreendê-lo em suas diversas caracterizações.

No que se refere à metodologia o estudo realizou-se por pesquisa bibliográfica² e o estado do conhecimento³, que permitiu identificar a produção acadêmica acerca do objeto. Acessaram-se bancos de teses e dissertações digitais, o da CAPES⁴ e o BDTD⁵, devido a sua importância científica no Brasil, na produção do conhecimento, que possibilitou também realizar o levantamento bibliográfico⁶.

Foram utilizados os descritores corpo, corporeidade, narcisismo, educação, Educação Física, juventude e skate, que em conjunto com os operadores booleanos⁷ permitiram refinar, aprimorar e especificar a pesquisa.

Corpo foi escolhido por ser objeto interdisciplinar pesquisado em diferentes campos do conhecimento. Selecionou-o também por se configurar em objeto de estudo (BAPTISTA, 2001, 2007) e intervenção metodológica da Educação Física – área de atuação do autor da pesquisa – seja nos espaços formais ou informais de educação (CASTELLANI FILHO et. al., 2009), por meio de atividades pedagógicas onde o movimento (KUNZ, 1994) se faz presente.

Corporeidade foi selecionada por ser recorrente no campo da Educação Física (MOREIRA apud DAOLIO, 1997) quanto nos demais que pesquisam o corpo via fenomenologia. Corporeidade pode ser compreendida como a percepção existencial do ser enquanto corpo não dicotomizado em sua relação com o mundo (MELEAU-PONTY, 1999).

Narcisismo foi escolhido por ser uma das categorias capazes de refletir a excessiva veneração ao corpo na contemporaneidade. Para Freud (2010a, p.10, grifo do autor):

² A pesquisa bibliográfica deve ser “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]” (GIL, 2008, p.50).

³ Para Vosgerau e Romanowski (2014, p.172) o “[...] estado do conhecimento não se restringe a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas [...]”.

⁴ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. O banco de teses e dissertações digitais da CAPES pode ser acessado pelo sítio eletrônico: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>.

⁵ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, vinculada ao IBICT – Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia. O banco de teses e dissertações digitais da BDTD pode ser acessado pelo sítio eletrônico: <<http://bdt.d.ibict.br/vufind/>>.

⁶ Em Lima e Mioto (2007, p.42-43) o levantamento bibliográfico é a “[...] classificação do material selecionado como fonte de pesquisa como por exemplo: livros, coletânea de textos [...], teses e dissertações, periódicos [...]”.

⁷ De acordo com Bireme (2009, p.12) os operadores booleanos “[...] são usados para relacionar termos ou palavras em uma expressão de pesquisa. Combina dois ou mais assuntos, nomes ou palavras, de um ou mais campos de busca”. Jesus (s.d., p.04) também contribui com o debate ao dizer que: “Na pesquisa bibliográfica é comum o uso dos operadores booleanos [...]”. Recorreu-se ao booleano – e, associando-o com aspas – “ ” – e o asterisco - *.

O termo “narcisismo” vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Nücke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos [...]. [...] o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo.

Educação e Educação Física foram selecionados por representarem a ação pedagógica escolar, a partir de disciplinas curriculares, como a Educação Física; tendo em vista a construção do conhecimento (CASTELLANI FILHO et. al., 2009).

Juventude foi escolhido por representar a fase da vida (PAIS, 1990), de indivíduos históricos, jovens skatistas, que se constituem no grupo juvenil participante da pesquisa.

Skate foi selecionado por se conceber na prática lúdica, recreativa e de lazer (RAMPAZZO, 2012) que origina os skatistas adeptos da sua prática, com filosofia de vida singular e valores particulares, se comparados aos demais grupos juvenis.

Os descritores permitiram selecionar o total de 16 trabalhos⁸, sendo 3 teses e 13 dissertações, elaborados entre os anos de 2010 a 2015. Adotou-se estratégia temporal pela historicidade que a produção do conhecimento enquanto trabalho humano assume ao longo do tempo⁹. Veja-se na tabela a seguir.

Tabela 1¹⁰ - Quantitativo de teses e dissertações selecionadas em relação aos descritores da pesquisa

Descritores	Categoria dos trabalhos	Ano: 2010	Ano: 2011	Ano: 2012	Ano: 2013	Ano: 2014	Ano: 2015	Total de trabalhos
Corpo	Teses	–	–	–	1	–	–	5
	Dissertações	1	–	1	–	1	1	
	Teses	–	–	–	–	–	–	

⁸ Através dos bancos digitais de teses e dissertações encontrou-se 49 trabalhos, sendo 7 teses e 42 dissertações, no período de 2010 a 2015. Deste total selecionou-se 16, que são 3 teses e 13 dissertações, para comporem o estado do conhecimento por estabelecerem vínculos científicos, a partir dos seus objetos com o estudo proposto.

⁹ Martins (2006, p.14) corrobora quando diz que: “[...] O materialismo apresentado por Marx aponta, necessariamente, na direção do trabalho social dos homens e nas propriedades que adquire historicamente [...]”.

¹⁰ Esta tabela foi elaborada a partir de adaptação realizada através dos modelos utilizados por Ferreira (2013), em sua tese defendida junto ao PPGE/PUCGO – Programa de Pós-Graduação em Educação/Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Corporeidade	Dissertações	-	1	-	-	1	-	2
“Corpo*e* Narcisismo”	Teses	-	-	-	-	-	-	1
	Dissertações	-	-	-	1	-	-	
“Corpo*e* Educação”	Teses	-	-	-	-	-	-	2
	Dissertações	-	1	-	1	-	-	
“Corpo*e* Educação Física”	Teses	-	-	-	-	1	-	2
	Dissertações	-	-	1	-	-	-	
“Corpo*e* juventude”	Teses	-	-	-	-	-	-	1
	Dissertações	-	-	1	-	-	-	
“Corpo*e* skate”	Teses	-	-	1	-	-	-	3
	Dissertações	1	-	1	-	-	-	

Fonte: Dados coletados por Lima (2015, 2016).

Dos 16 trabalhos, 9 foram encontrados no banco de teses e dissertações digitais da CAPES e configuram-se em 1 tese e 8 dissertações.

A tese está situada junto ao descritor “corpo*e*skate”, tendo por autor Brandão (2012)¹¹. Das 8 dissertações 2 estão alocadas junto ao descritor corpo e foram da autoria de Esteves (2010) e Flor (2012); 1 situa-se em meio ao descritor corporeidade e foi produzida por Singulani (2011); 1 está compreendida junto ao descritor “corpo*e*educação” cuja autoria foi de Marques (2011); 1 situa-se no descritor “corpo*e*Educação Física” e foi produzida por Silva (2012); 1 aloca-se ao descritor “corpo*e*juventude”, sendo elaborada por Takaki (2012); e 2 compreendem-se junto ao descritor “corpo*e*skate” e foram produzidas por Olic (2010) e Rampazzo (2012).

Os demais, um total de 7, foram identificados na BDTD, sendo 2 teses e 5 dissertações. Das 2 teses, 1 se enquadra em meio ao descritor corpo cuja autoria ficou a cargo de Lacerda (2013) e 1 situa-se junto ao descritor “corpo*e*Educação Física” e foi produzida por Sayão (2014).

No que tange às 5 dissertações 2 estão compreendidas em meio ao descritor corpo e foram elaboradas por Martins (2014) e Santos (2015); 1 vincula-se ao descritor

¹¹ A sequência em que os autores dos trabalhos aparecem, segue a ordem estabelecida para a exposição dos descritores, presentes na Tabela 1.

corporeidade cuja autoria foi de Silva (2014); 1 aloca-se junto ao descritor “corpo*e*narcisismo” e foi produzida por Eufrásio (2013); e 1 filia-se ao descritor “corpo*e*Educação” cuja autoria ficou a cargo de Batista (2013).

A tabela ainda permitiu visualizar o quantitativo de trabalhos produzidos por cada descritor. O corpo ficou em primeiro lugar, tendo o total de 5 trabalhos, sendo 1 tese e 4 dissertações. A tese é de Lacerda (2013) e as dissertações de Esteves (2010), Flor (2012), Martins (2014) e Santos (2015).

Em segundo lugar foi “corpo*e*skate” com 3 trabalhos, 1 é tese e os demais dissertações. A tese é de Brandão (2012) e as dissertações de Olic (2010) e Ramapazzo (2012).

Na terceira colocação ficaram corporeidade, “corpo*e*educação”, e “corpo*e*Educação Física”, sendo 2 trabalhos por cada descritor. As dissertações de Singulani (2011) e Silva (2014) situam-se junto à corporeidade; em “corpo*e*educação” há as dissertações de Marques (2011) e Batista (2013); e para “corpo*e*Educação Física” nota-se a tese de Sayão (2014) e a dissertação de Silva (2012).

Na última posição ficaram “corpo*e*narcisismo” e “corpo*e*juventude”, com 1 trabalho produzido. Para “corpo*e*narcisismo” há a dissertação de Eufrásio (2013) e em “corpo*e*juventude” tem-se a dissertação de Takaki (2012).

Quanto à área do conhecimento, a Educação foi a que mais produziu teses e dissertações, no período avaliado, seguida da Educação Física; e em última posição os campos Artes Visuais, Ciências Sociais, Comunicação Social, História, Políticas Públicas e Formação Humana e Psicologia. Observe-se na tabela.

Tabela 2 – Quantitativo de trabalhos por campo do conhecimento

Artes Visuais	Ciências Sociais	Comunicação Social	Educação	Educação Física	História	Políticas Públicas e Formação Humana	Psicologia
1	1	1	6	4 ¹²	1	1	1

Fonte: Dados coletados por Lima (2015, 2016).

¹² Dos 4 trabalhos situados junto à Educação Física, 1 foi produzido nas Ciências do Movimento Humano, sendo a dissertação de Rampazzo (2012). Alocou-o em conjunto com a Educação Física pelo fato de as Ciências do Movimento Humano manterem determinada ligação, cientificamente tensa, com a Educação Física, mas diferenciando-se quanto ao objeto. Enquanto na primeira o objeto pode-se ampliar no corpo, cultura corporal e movimento humano, etc, na segunda ele se especifica no movimento humano.

Os trabalhos partiram de pressupostos teóricos diversos, contudo a partir de Santos (2012) foi possível detectar características gerais, no campo da reflexão sobre a ciência, que puderam situa-los em 4 tendências epistemológicas. Estas tendências podem ser denominadas de:

1 - Empírico-analítica: característica positivista cujo corpo é tido como aparato biológico e sistema orgânico;

2 - Fenomenológico-hermenêutica: ampara-se na existência do sujeito, constituindo o corpo como fenômeno subjetivo, resultado das impressões do indivíduo sobre a realidade;

3 - Crítico-dialética: tendência marxiana, que compõem um corpo histórico, material, e que se dá na realidade;

4 - Pós-moderna: critica a modernidade, no que tange ao seu caráter universalista, acerca da apropriação dos objetos, junto à ciência e constitui modelo de corpo efêmero, multicultural.

Dos trabalhos identificados os que se propuseram a escuta dos jovens tem-se à tese de Lacerda (2013) e as dissertações de Esteves (2010), Olic (2010), Rampazzo (2012), Takaki (2012) e Batista (2013).

Destes, apenas as dissertações de Olic (2010) e Rampazzo (2012) que estudaram os jovens skatistas e suas perspectivas de mundo, família, educação, trabalho, corpo e prática do skate na rua e nas pistas sob a ótica do lazer.

Os demais procedimentos utilizados foram a pesquisa de campo – autorizada pelo parecer 1.979.526 do Comitê de Ética em Pesquisa – onde se aplicou questionários mistos com questões fechadas e abertas. Aplicaram-se o total de 20 questionários, de teor socioeconômico e cultural que permitiram selecionar os entrevistados.

As entrevistas foram realizadas sob a ótica semiestruturada, com questões gerais que abordaram sobre a juventude, a prática do skate e também questões específicas que versaram sobre o objeto no espaço urbano, pista de skate e escola.

Para as entrevistas escolheram-se o total de 7 participantes que corresponderam a aproximadamente 35% do total que responderam aos questionários, sendo 3 jovens mulheres e 4 jovens homens, selecionados pelo gênero, idade, grau de escolaridade, atividade profissional realizada, autonomia durante o processo de respostas, nível de conhecimento e domínio do conteúdo em relação ao que foram arguidos. Para manter sigilo acerca dos participantes utilizaram-se nomes fictícios.

Foi necessário estabelecer um ambiente de conexão amistosa e coletiva entre entrevistador e entrevistados, pois como afirmam Pinheiro e Feitosa (2013) a simples presença do pesquisador, sujeito estranho e externo ao contexto estudado, pode alterar as rotinas de onde os indivíduos frequentam e se reúnem com seus grupos.

Tanto na fase de aplicação dos questionários quanto na etapa das entrevistas os participantes foram encontrados em diferentes lugares da cidade de Caldas Novas-GO¹³, sendo a pista de skate, o ginásio poliesportivo, as praças públicas e demais espaços de lazer utilizados para a prática ou não do skate.

As localidades específicas para a coleta dos dados foram selecionadas a partir de contato previamente estabelecido e agendado com os participantes, mediante sua disponibilidade de tempo e possibilidades de ida aos locais escolhidos por eles próprios. As informações relativas à entrevista foram coletadas com o uso de equipamento tecnológico e digital, que por meio de aplicativo específico, mostrou-se eficaz na apreensão das falas.

Os participantes estiveram compreendidos na idade de 15 a 29 anos, sendo estudantes do ensino médio, rapazes e moças, ambos skatistas. Esta faixa etária seguiu o previsto no Estatuto da Juventude que estabelece que “[...] são consideradas jovens as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos de idade” (BRASIL, 2013, p.09).

Após a coleta dos dados estes foram interpretados via perspectiva qualitativa, de caráter exploratório, em conjunto com a análise de conteúdo. Para Gil (2008) no paradigma qualitativo não é possível definir previamente os sistemas de estudo/reflexão, tal qual ocorre na pesquisa quantitativa.

Já Godoy (1995) compreende que os fenômenos sociais estudados por meio da abordagem qualitativa precisam estabelecer conexões com o contexto onde se passam gerando uma compreensão interdisciplinar, crítica e radical, no sentido de ir à origem dos problemas que se desdobram à medida que se aprofunda nos estudos de cada objeto.

¹³ O município possui população de cerca de 83.220 habitantes, de acordo com o censo 2016 do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – reconhecida nacionalmente pelo seu potencial turístico hidrotermal. Está localizada na mesorregião sul-goiana a aproximadamente 171 km da capital. Informações adquiridas a partir de consulta, em 26 de Julho de 2017, respectivamente, nos sítios eletrônicos:

- 1) Prefeitura Municipal <<https://www.caldasnovas.go.gov.br/caldas-novas/#pontos-turisticos>>;
- 2) IBGE <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520450&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>;
- 3) Guia Caldas Novas <<http://www.guiacaldasnovas.com.br/link.php?c=12>>;
- 4) Distância Entre as Cidades <<https://www.distanciaentreasidades.com.br/distancia-de-caldas-novas-goias-brazil-ate-goiania-goias-go>>.

No processo do estudo fez-se preciso levar em conta a especificidade dos jovens skatistas enquanto público pertencente à juventude, fase da vida marcada por elementos geracionais e classistas – (PAIS, 1990) – que interferiram de forma direta ou indireta na complexidade – (PINHEIRO, FEITOSA, 2013) – pela qual os jovens veem o mundo, a si e seus corpos, e responderam ao que lhes fora perguntado.

Ainda que o campo seja marcado por contradições e complexidades na apropriação do objeto o desafio é válido, pois compreender as singularidades corporais dos skatistas é investir nos sujeitos que serão capazes de interferir de forma crítica na realidade quando emancipados (MARCUSE, 1981a).

Por isso, insistiu-se no compromisso das escolas via educação dos corpos dos jovens skatistas, constituir ambiente propício à vivência de experiências de coeducação, socialização e sociabilidade (SIMMEL, 2006).

Importantes na formação dos skatistas para o esclarecimento, a autonomia e que os impedem de serem classificados unicamente por via biológica e etária que os padroniza, desconsiderando as dimensões sociais e culturais latentes na conceituação do que é ser jovem e participar de grupos juvenis (BOURDIEU, 2003a).

Dentre as bibliografias que auxiliaram na análise dos dados e no estudo do corpo dos jovens skatistas, destacaram-se Adorno e Horkheimer (1985); Adorno (1995a, 2009); Bourdieu (1998, 2003a, 2003b, 2010); Foucault (2004, 2013); Marcuse (1981a, 1981b); Marx e Engels (2001); e outros.

Utilizaram-se autores de campos filosóficos diversos que não apresentam consenso epistemológico na produção do conhecimento. Todavia, no que se referiu a encontrar possíveis aproximações entre estes e a apropriação que fazem do objeto, destaca-se que há esforços materializados em estudos que tem procurado afinidades intelectuais para além do que promove afastamento acadêmico entre referências marxianas, foucaultianas e bourdieusianas.

Cita-se aqui a fala de Burawoy (2010, p.16) ao dizer que Bourdieu:

[...] elaborou o que Marx deixara sem elaborar, a saber, as chamadas superestruturas sociais, com uma análise mais estrutural e funcional do que somente histórica. Nesse sentido, os trabalhos de Bourdieu constituem tanto uma revisão como um complemento às obras de Marx.

Já Zoboli e Lamar (2012) contribuem com o debate ao apresentarem reflexão que associa as categorias estudadas por Marx (luta de classes e capitalismo), Foucault

(mecanismos biopolíticos de controle) e Bourdieu (*habitus*), identificadas na escola, em suas investidas pedagógicas e repressivas sobre o corpo. Vê-se na passagem a frente:

[...] a escola contribui para legitimar e disciplinar o indivíduo através da socialização de conhecimentos e normas. O corpo é assim tratado na escola, ele é perpassado por significações que são selecionadas para posteriormente serem reproduzidas e convencionadas, atendendo aos interesses dos grupos e classes dominantes. Isto significa, analisar as práticas pedagógicas nas quais se estabelecem, se regulam e se modificam as relações do sujeito consigo mesmo e nas quais se constitui a formação de seus *habitus* corporal (ZOBOLI, LAMAR, 2012, p.15, grifo dos autores).

As referências marxianas, foucaultianas e bourdieusianas permitiram identificar mecanismos de controle sobre os corpos, mas também ressonâncias dialéticas de ruptura apresentadas pelos skatistas quando dão novo sentido à arquitetura do espaço urbano na prática do skate e também na ressignificação que fazem dos seus corpos na escola. E isto fica mais claro quando as pesquisas de caráter acadêmico se propõem à escuta destes jovens.

A dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro; *O corpo, suas perspectivas sociais e acadêmicas*; apresenta conceito de corpo e realiza estado do conhecimento, a partir do acervo digital da CAPES e da BDTD.

O segundo, *Corpo e juventude: apropriando-se da cidade*; discute sobre o corpo dos jovens em geral e especificamente dos skatistas, ressaltando as particularidades geracionais da juventude; reflete a respeito do espaço urbano e da pista; e aborda questões culturais relativas aos skatistas, por meio das entrevistas.

No terceiro, *Escola e os corpos dos jovens skatistas*, fala sobre a tensão entre os skatistas e a escola; discute acerca da cultura escolar, seu cotidiano e ritos pedagógicos biopolíticos; e analisa as entrevistas com os skatistas a respeito do sentido, que eles dão a apropriação dos corpos na escola.

Nas considerações finais, a hipótese da pesquisa pôde ser confirmada ao identificar, pelas reflexões expressas nas falas dos jovens skatistas, que eles são capazes de ressignificar dialeticamente seus corpos no espaço urbano e na escola em que estão inseridos (QUEIROZ, 2001).

CAPÍTULO I

O CORPO, SUAS PERSPECTIVAS SOCIAIS E ACADÊMICAS

Se o corpo não para de ser reconfigurado ao longo do tempo, seria redutor analisá-lo como algo já pronto e acabado [...]
(MARTINS, ALTMANN, 2007, p.25).

O corpo vem sendo historicamente tematizado, estudado e debatido no meio acadêmico. E isto pode ser visto ao se acessar bases digitais de teses e dissertações, tais como a da CAPES e da BDTD, pois ao lançar a palavra corpo como descritor nas plataformas disponíveis para tal, nota-se que há uma quantidade significativa de trabalhos listados, apresentando-o como objeto central de suas pesquisas.

E estes trabalhos são oriundos de diferentes campos do saber em geral tais como o das Ciências Humanas e Sociais, Exatas e Naturais, e da Saúde, produzidos especificamente nos cursos pertencentes a eles. E dentre estes cursos pode-se citar Biologia, Ciências Sociais, Educação Física, Filosofia, Física, História, Nutrição, Psicologia, entre outros. Por isto, neste capítulo, estabelece-se como objetivo a ação de verificar como o corpo dos jovens skatistas¹⁴ vem sendo discutido no cenário acadêmico.

Contudo, é preciso ter a clareza de que cada área do saber, ainda que na tentativa de estabelecer conexões interdisciplinares gerais, também tem como desafio estudar o corpo pelas especificidades epistemológicas do seu campo. Este fato permite uma série de olhares sobre o corpo, fruto de abordagens diversas, que, ao invés de chegarem a um consenso possível, ação que ainda não foi concretizada, apresenta diferentes possibilidades de se tê-lo por objeto.

E vale dizer também no que concerne aos desafios presentes e futuros no tocante a estabelecer proximidades entre as múltiplas áreas que o estudam tendo-se em vista melhor compreensão do fenômeno ao tomá-lo por iniciativa científica de totalidade, globalidade e interdisciplinaridade.

¹⁴ A pesquisa tem por objeto especificamente o corpo dos jovens skatistas, contudo para evitar repetições que possam empobrecer o texto do ponto de vista da língua e possibilitar que a leitura emane-se de maneira a não torna-la enfadonha e de difícil fluência; a partir desta etapa quando se utilizar a palavra corpo como forma de representação do objeto estudado, contextualizando-a com os grupos juvenis skatistas, seja na rua, na pista ou na escola no tempo presente, estar-se-á referindo-se também ao corpo dos jovens skatistas.

A reflexão apresentada pode ser melhor ilustrada pelo pensamento de Martins e Altmann (2007, p.23):

Pensa-se, com frequência, que o corpo é regido apenas pelas leis da fisiologia e que ele escapa à história. Ledo engano: ele é formado por uma série de regimes que o constroem, ele é configurado por ritmos técnicos, de trabalho, repouso e festa, ele é intoxicado por substâncias, inoculado por drogas – dietas, valores, hábitos e aconselhamentos comportamentais – e, simultaneamente, ele cria resistências [...].

Vale dizer que, até este ponto deu-se atenção ao corpo, destacando-o como elemento passível de estudo acadêmico, pelo fato de se configurar como objeto na presente pesquisa. E isto ocorreu porque o autor deste trabalho é professor de Educação Física na educação básica, sobretudo no ensino médio, e ver a importância do corpo nos processos educativos, que se dão na escola, que podem tanto alienar quanto emancipar os indivíduos para a autonomia de pensamento e ação crítica na realidade.

É preciso frisar que não se fala aqui de qualquer corpo, mas do corpo de jovens skatistas, público estudado na pesquisa e que frequenta as instituições de ensino em busca de formação técnica e ou propedêutica e que, por não serem compreendidos em suas especificidades socioculturais e geracionais, tidos como problema, tem diante de si um ambiente pedagógico supostamente hostil.

Todavia, não ficando à mercê da rigidez das normas e regras de conduta da escola, são além de reprodutores também produtores de resistências que na contradição dos embates cotidianos permite conexões com os colegas, professores, gestores e a dar novo sentido à escola, ao corpo e a sua vida.

1.1 Corpo e a procura por conceituá-lo

O humano, ser de diferentes capacidades, dotado de razão e cultura é um indivíduo que escreve e reescreve a história de sua vida, sobre a superfície terrestre.

Já se passou por diversas fases de ocupação do território por parte do humano. As ocupações se deram em inúmeros espaços e diferentes momentos, que de forma resumida podem ser conceituados de Pré-história, Idade Antiga, Idade Média, Renascimento, Idade Moderna e no presente Idade Contemporânea.

Sem desconsiderar demais períodos que aqui não foram apresentados, uma vez que não é pretensão revisitar as diferentes épocas da humanidade desde tempos remotos até os dias atuais, tarefa esta que não cabe nos objetivos da pesquisa, acredita-se que os

momentos da história da humanidade citados possuem relevantes contribuições para o processo de formação do pensamento, razão e ciência no ocidente.

Tais períodos, longe de serem representações metafísicas que do alto influenciam as relações sociais são o contrário, ou seja, o resultado das disputas de classe que, de maneira não ortodoxa, se dão na infraestrutura de cada contexto (MARX, ENGELS, 2001). Diz-se ortodoxa no que tange às interpretações exclusivamente economicistas e mecanicistas, que já foram dadas à obra de Marx, como no contexto soviético, beirando ao positivismo, transformando-a em dogma totalitário e desconsiderando-se a autocrítica no movimento dialético da história. Freud (2010b, p.50-51) colabora com o debate de forma crítica ao concluir que:

Os comunistas acreditam haver encontrado o caminho para a redenção do mal. O ser humano é inequivocamente bom, bem-disposto para com o próximo, mas a instituição da propriedade privada lhe corrompeu a natureza. [...]. Não é de minha alçada a crítica econômica do sistema comunista, não tenho como investigar se a abolição da propriedade privada é pertinente e vantajosa. Mas posso ver que o seu pressuposto psicológico é uma ilusão insustentável. Suprimindo a propriedade privada, subtraímos ao gosto humano pela agressão um dos seus instrumentos, sem dúvida poderoso, e certamente não o mais poderoso. Mas nada mudamos no que toca às diferenças de poder e de influência que a agressividade usa ou abusa para os seus propósitos, e tampouco na sua natureza. Ela não foi criada pela propriedade, reinou quase sem limites no tempo pré-histórico [...].

Retomando, as disputas incidem sobre o humano em sua totalidade representada pelas dimensões materiais, espirituais e simbólicas. Estas disputas vão dar origem também a sistemas políticos e econômicos marcados por interesses distintos, ligados às diversas classes, que também podem ser denominados de modos de produção. Isto pode ser visto, por exemplo, no modo de produção primitivo, escravista, feudal e capitalista.

Ainda que, sendo marcados por características que os diferem tanto no plano político e econômico, foram impulsionados por lutas de classe, que no decorrer da história, levaram a continuidades e descontinuidades abrindo-se caminho para outros modos de produção e dentre eles cabe aqui especial atenção ao capitalismo devido às inúmeras mudanças que proporcionou.

Não que nos demais modos de produção não tenham existido processos de transformação e alteração das formas de vida, mas é no capitalismo, na modernidade, que se acompanha um cenário influenciado pela ciência, política e economia, até então não vistos na história da humanidade, no ocidente.

Com o advento do capitalismo, influenciado pela revolução francesa, no campo político, no século XVIII, e pela revolução industrial, no setor econômico e científico, na Inglaterra, durante o final do século XVIII e início do XIX, irá constituir-se um modelo de sociedade onde as classes sociais serão divididas em dois grupos distintos, mas em disputa, são eles os burgueses, proprietários das grandes indústrias e dos meios de produção e os operários, que possuem apenas a si e o seu corpo enquanto instrumento, ferramenta para participar de um injusto processo no mundo do trabalho.

Para tanto, as transformações geradas na Inglaterra no contexto da revolução industrial vão ser de uma profundidade cultural, política, técnica e científica que os pressupostos sociais outrora valorizados como fontes de verdade no plano da organização comunitária serão afetados e transformados a uma velocidade específica, a velocidade da máquina, movida a energia a vapor e da fabricação de bens em ritmo industrial.

É por isso que Marx e Engels (2007, p.43) vão chamar a atenção para o fato de que a partir do capitalismo:

Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens.

A partir de então as relações entre os humanos serão balizadas por distinções culturais de classe que estabeleceram alguns sujeitos para os cargos de chefia, direção, gestão e administração, oriundos das classes abastadas e outros, operários, para cargos cuja opção que se visualizava na época era a produção fabril nas crescentes indústrias.

Toda esta nova organização social irá refletir também sobre os corpos dos sujeitos, sobretudo dos operários, uma vez que eles são os que vendem sua força de trabalho, sua mão de obra a troco de um mísero salário que mal dava para suprir condições básicas de vida tais como: moradia, alimentação, vestimenta, transporte e saúde.

Uma vez que a produção torna-se acelerada e já não se pretende mais criar para a subsistência comunitária, e sim para a estocagem e o excedente, visando o lucro e o acúmulo de capital, os operários serão obrigados a inserir-se numa jornada de trabalho, de dez, doze a catorze horas diárias de produção, aproximadamente, que para os dias de hoje seria praticamente impossível de ser atendida, cumprida, se a considerarmos pela ótica dos direitos humanos.

Diz-se impossível não porque os trabalhadores não cumpriam a jornada de trabalho, mas pelo fato de que elas eram fardos insuportáveis que sobrevinham sobre seus corpos gerando baixa expectativa de vida entre as classes populares e desfavorecidas economicamente.

Neste ínterim, Marx (2006, p. 124, grifos do autor) contribui com o debate ao propor reflexão sobre as condições de vida dos operários, na Inglaterra, que os desumanizava a partir dos processos de produção industrial:

A produção não produz somente o homem como uma *mercadoria*, a *mercadoria humana*, o homem sob a forma de *mercadoria*; de acordo com tal situação, produz ainda a ele como um ser *espiritual* e *fisicamente desumanizado* [...].

É perceptível que o humano estabeleça relações com a história, uma vez que ela pode ser entendida enquanto a inserção, inferência e atuação dele no tempo, que mantém conexões entre presente e passado e vice versa.

A explanação acima pode ser ilustrada com a passagem de Bloch (2002, p.55, grifos do autor) que afirma:

"Ciência dos homens", dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: "dos homens, no tempo". O historiador não apenas pensa "humano". A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração. Decerto, dificilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo. Entretanto, para muitas dentre elas, que, por convenção, o desintegram em fragmentos artificialmente homogêneos, ele representa apenas uma medida. Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade [...].

E nessa relação com o tempo, fica notório que o corpo não está ileso às características históricas de cada sociedade, características estas que são o resultado dos embates e contradições de classe que se dão na realidade. Todavia, em diálogo com Foucault (2013, p. 134, grifo do autor) cabe ressaltar que:

Não se trata de fazer aqui a história das diversas instituições disciplinares, no que podem ter cada uma de singular. Mas de localizar apenas numa série de exemplos algumas das técnicas essenciais que, de uma a outra, se generalizam mais facilmente. Técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: por que definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova 'microfísica' do poder [...].

Corroborando com a passagem e ainda com as reflexões feitas até o momento, é evidente que na Europa do século XIX, em geral, e na Inglaterra da revolução industrial, em específico, irá se consolidar um conjunto de conhecimentos, sistematizados para os

estudos do corpo, tais como a Educação Física, que enviesada pelas Ciências Exatas, Biológicas e Naturais vai ser uma das medidas adotadas para remediar os males de saúde aos quais à população poderia ser acometida, a partir de uma espécie de educação do corpo.

Em linhas gerais, por meio da Educação Física tinha-se por objetivo preparar, moldar e controlar o corpo dos operários e também dos jovens que frequentavam as escolas.

Soares (2005, p.18), contribuindo com a discussão, se expressa da seguinte forma:

O corpo reto e o porte rígido comparecem nas introduções dos estudos sobre a ginástica no século XIX. Estes estudos, carregados de descrições detalhadas de exercícios físicos que podem moldar e adestrar o corpo, imprimindo-lhe este porte, reivindicam com insistência seus vínculos com a ciência e se julgam capazes de instaurar uma ordem coletiva. Com estes indícios, a ginástica assegura, neste momento, o seu lugar na sociedade burguesa.

Nota-se que a Educação Física¹⁵ ficou responsável por disseminar informações voltadas aos cuidados que o operário deveria ter com o seu corpo, seja nos hábitos de higiene pessoal e alimentação; ou principalmente na prática de exercícios físicos que seriam capazes de proporcionar saúde e bem estar, compensando os indivíduos com determinado aprimoramento físico que lhes dessem condições reais, materiais, enfim corporais para produzirem de maneira profícua no setor profissional.

Tal desempenho físico seria garantido pela vivência da ginástica em países como França, Suécia, Alemanha e outros, e do esporte especificamente na Inglaterra. Para além dos postos de trabalho, estas práticas corporais, de caráter ginástico e esportivo, também foram inseridas no meio escolar, com vistas à supostamente moldar o porte físico dos jovens, para que eles pudessem desenvolver-se de maneira equilibrada e saudável.

Veja-se que tal raciocínio é bem explicitado pela seguinte passagem proferida por Soares (2005, p.18):

É, portanto, a gradativa aceitação dos princípios de ordem e disciplina formulados pelo Movimento Ginástico Europeu e o, também gradativo, afastamento de seu núcleo primordial que vai, pouco a pouco, afirmar a ginástica como parte da educação dos indivíduos. Uma ginástica que estará reformulando seus preceitos a partir da ciência, da técnica e das condições

¹⁵ A partir da leitura de Soares (2004, 2005) é possível identificar que o que hoje se conhece por Educação Física no contexto abordado, sendo o da primeira revolução industrial foi o sinônimo de ginástica. Este fato também pode ser visualizado no chamado Movimento Ginástico Europeu à época retratada. A exceção será a Inglaterra que irá privilegiar as práticas esportivas (BRACHT, 2005).

políticas de uma Europa que, no século XIX, consolida-se como centro do Ocidente.

Ao fazer uso da ginástica para moldar os corpos proporcionando-lhes retidão, disciplina e rigidez física é preciso ter cautela na questão da promessa de saúde que aos seus adeptos, sendo jovens estudantes ou adultos operários, foi realizada uma vez que hipoteticamente na atualidade se tem condições de compreender criticamente que a qualidade de vida dos indivíduos não seria alterada para melhor, unicamente com o acesso a informações referentes a uma vida saudável e a prática de exercícios físicos, porque viviam de forma deplorável e insalubre.

O discurso da compensação física não tinha por intenção preocupar-se com a saúde integral dos operários; mas o seu objetivo foi o de aumentar o ritmo da produção fabril, haja vista que o trabalhador com um porte corporal avantajado, do ponto de vista estrutural biológico, poderia ter maiores e melhores condições de rendimento e performance durante a produção.

Uma vez que ele era empregado e vendia sua força de trabalho a troco de salário, quem mais se beneficiava em todo este processo era o burguês. E a proposta pedagógica da Educação Física escolar, a qual os exercícios físicos faziam parte, estava embasada em valores nacionalistas que tinham por pretensão moldar tanto o corpo quanto o caráter dos estudantes.

A prática dos exercícios ginásticos ou esportivos na aula de Educação Física era, como já mencionado, um momento para que os jovens assimilassem os valores e normas do país, tornando-os futuros cidadãos aptos à defesa da nação em tempos de guerra, no caso dos rapazes e futuras mulheres capazes de gerar filhos fortes, em relação às moças.

Em diálogo com o pensamento de Soares (2004, p.5-6, grifo da autora) é possível visualizar de forma pontual que:

É nesta perspectiva que podemos entender a Educação Física como a disciplina necessária a ser viabilizada em todas as instâncias, de todas as formas, em todos os espaços onde poderia ser efetivada a construção deste homem novo: no campo, na fábrica, na família, na escola. A Educação Física será a própria expressão física da sociedade do capital. Ela encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados, e se faz protagonista de um corpo "saudável"; torna-se receita e remédio para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade, e, desse modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico... familiar.

Este paradigma de Educação Física, com vistas a moldar o corpo dos operários e dos jovens estudantes, é exportado da Europa para demais regiões do mundo, chegando ao Brasil em época pós-abolição, bem como na Primeira República de fins do século XIX a meados da década de 1930 do século XX.

No Brasil, tinha-se também por pretensões restaurar e moldar o corpo dos sujeitos e constituir um modelo físico e de caráter valorizado pela população da época, que vivia a transição da sociedade colonial/monárquica para a república e o capitalismo.

Soares (2004, p.135) destaca que:

Um projeto burguês de civilidade e esboçado para o Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Seu desenho, porém, torna-se de fato visível com a proclamação da República, e somente nas décadas iniciais do século XX é que se pode apreciar os contornos finais desse projeto. Os médicos higienistas, através de seu discurso e de sua prática, auxiliam de forma decisiva na sua concepção e execução, por meio de inúmeros mecanismos de controle das populações. Tudo em nome da saúde, da ordem e do progresso. Entre os mecanismos por eles utilizados, destaca-se a Educação Física, disciplinadora dos corpos e da vontade... apologia da saúde física como responsabilidade individual.

Assim, a Educação Física, idealizada e realizada pelos médicos higienistas, teve por base as ciências biológicas, a moral burguesa e integrou de modo orgânico o conjunto de procedimentos disciplinares dos corpos e das mentes, necessário a consecução da nova ordem capitalista em formação. Acentuou de forma decisiva o traçado de uma nova figura para o trabalhador adequado a essa nova ordem: um trabalhador mais produtivo, disciplinado, moralizado e, sobretudo, fisicamente ágil.

Nota-se que era preciso preparar os indivíduos para o trabalho, para defender os novos valores pátrios e gerar futuros filhos saudáveis. E isto ficou a cargo da Educação Física, orientando-se por tom médico-higienista, eugenista, militar, moral e político constituindo determinado perfil de corpo.

Castellani Filho (2008, p.56) contribui com a discussão ao dizer que:

Destinava-se, portanto, à Educação Física, nessa questão da eugenia da raça, um papel preponderante. O raciocínio era simples: mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem e construir a Pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas, no caso das mulheres.

Partindo-se da Primeira República, o corpo, por intermédio da Educação Física no Brasil, vai adentrar a demais períodos, sobretudo no século XX, influenciado pelos postulados culturais, sociais, políticos, econômicos e filosóficos de demais épocas. Este fato leva a entender que é praticamente impossível desconsiderar o passado no que tange aos processos históricos que dão à realidade o formato que ela assume no presente. Marx (2000, p.6) coopera com o debate ao explicar que: “[...] Os homens

fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado [...]”.

Tais postulados ao longo dos anos e décadas, ora estiveram imbuídos de intensões no campo da produção, tendo em vista industrializar o país, ora de valores nacionalistas, militares e esportivos objetivando supostamente controlar o comportamento dos indivíduos.

Isto pode ser percebido quando se volta o olhar para contextos políticos tais como a Era Getúlio Vargas nas décadas de 1930 e 1940, a gestão Juscelino Kubitschek em fins da década de 1950 e início da década de 1960.

Mas, sobretudo no modelo de país idealizado pelos militares durante a ditadura cujo período foi de meados da década de 1960 até a década de 1980. É o que se pode visualizar através da reflexão de Bracht (1999, p.76):

[...] fica claro que a EF (no sentido lato) possuía um papel importante no projeto de Brasil dos militares, e que tal importância estava ligada ao desenvolvimento da aptidão física e ao desenvolvimento do desporto: a primeira, porque era considerada importante para a capacidade produtiva da nação (da classe trabalhadora) [...] e o segundo, pela contribuição que traria para afirmar o país no concerto das nações desenvolvidas (Brasil potência) e pela sua contribuição para a primeira, ou seja, para a aptidão física da população [...].

De maneira geral, a década de 1980 é reconhecida como período de redemocratização política do Brasil, mas no que se refere aos debates do corpo, especificamente na Educação Física, é um momento ímpar que foi capaz de ampliar os olhares sobre ele, tido por objeto, junto à academia.

A ampliação do olhar veio por meio da “crise” de paradigmas que questionou a educação do corpo e seus mecanismos, até então propagada e concedida pela Educação Física no país, seja no cenário educacional ou não.

Observou-se que em grande medida o corpo, na Educação Física, foi historicamente tratado por epistemologia centrada nas Ciências Exatas, Naturais e Biológicas. Isso se deu na sua gênese, na Europa em geral, e especificamente na Inglaterra de fins do século XVIII e início do XIX, mas também no Brasil na Primeira República, no governo de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e na ditadura militar.

Por isto, professores da área, no cenário acadêmico nacional, tais como Celi Nelza Zulke Taffarel, Carmen Lucia Soares, João Paulo Medina, Lino Castellani Filho,

Valter Bracht, Wagner Wey Moreira, etc, procuraram compreender o corpo enquanto dimensão cultural, histórica, social e subjetiva, partindo de pressupostos das Ciências Humanas e Sociais, e questionando a perspectiva de educação do corpo até então disseminada pela Educação Física positivista que, longe de ser neutra politicamente, estava a serviço da classe no poder (DAOLIO, 1997).

Estes professores pertencentes a diferentes universidades no Brasil se qualificaram nos programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* das Ciências Humanas e Sociais, tais como a Antropologia, Educação, Filosofia, História e Sociologia, amparando-se em pressupostos teóricos do campo fenomenológico-hermenêutico, crítico-dialético e também pós-moderno.

Fato ilustrado por Daolio (1997, p. 28) na reflexão à frente:

Além dos brasileiros doutorados no exterior, colaboraram para o surgimento de novas idéias, reflexões e propostas metodológicas na Educação Física brasileira, a criação dos primeiros cursos de pós-graduação no país, a busca de parte de profissionais de Educação Física por cursos de pós-graduação em outras áreas, sobretudo das ciências humanas, o aumento do número de publicações especializadas e a realização de vários congressos, encontros, seminários e cursos na área.

Esta atitude, longe de significar um consenso possível, ampliou o debate acerca do corpo enquanto objeto e dos processos de sua educação, bem como da definição de diretrizes epistemológicas para a Educação Física, anteriormente pautada nas Ciências Exatas, Naturais e Biológicas.

Assim, pôde ser visto uma espécie de perspectiva progressista e crítica, que no campo da Educação Física, no contexto da chamada “crise” paradigmática na década de 1980, questionou os valores de classe, nacionalistas e positivistas que doutrinavam o corpo, padronizando os indivíduos, para a produção na fábrica/indústria, no caso dos adultos e para a assunção de ideologias políticas nas escolas, via educação do corpo dos jovens.

É por isto que Daolio (1997, p.34-35, grifos do autor) vai dizer que:

A partir do final dos anos 70 e início da década de 80, com o estabelecimento de um "inimigo comum" - a ênfase biológica na área e a dicotomia mente-corpo -, boa parte da então nascente comunidade científica da Educação Física alinhou-se em seus trabalhos, discursos e publicações, sob a denominação de "progressista", visando a construção de um movimento de renovação na área. Entretanto, pouco tempo depois, com o próprio desenvolvimento dos estudos e debates, foram sendo explicitadas as diferenças entre as várias tendências na Educação Física brasileira.

A partir da discussão realizada nota-se que o corpo não passa ileso às contradições sociais, uma vez que este assume as características culturais de cada povo e época. Logo, o ideal de corpo historicamente construído e socialmente valorizado em cada contexto não se desvincula dos embates dialéticos que ao se darem no plano da infraestrutura orientam as perspectivas, paradigmas, políticas, filosofias, pedagogias, regras e valores que se formam na superestrutura e sucedem-se sobre ele, determinando modos de ser e agir.

Esta discussão fica bem elucidada pelos apontamentos de Marx e Engels (2001, p.10) a seguir:

A primeira condição de toda a história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos. A primeira situação a constatar é, portanto, a constituição corporal desses indivíduos e as relações que ela gera entre eles e o restante da natureza. Não podemos, naturalmente, fazer aqui um estudo mais profundo da própria constituição física do homem, nem das condições naturais, que os homens encontraram já prontas, condições geológicas, orográficas, hidrográficas, climáticas e outras. Toda historiografia deve partir dessas bases naturais e de sua transformação pela ação dos homens, no curso da história.

Após considerar o corpo enquanto estrutura histórica e concreta do humano no mundo, em conjunto com o meio ambiente e com uma infindável gama de seres viventes, faz-se preciso encontrar determinada explicação de corpo que consiga conceitua-lo, estabelecendo conexões teóricas, metodológicas e epistemológicas com a pesquisa e seus objetivos.

Para tanto, vai se observar em Marx (2006) apontamentos e indicações que conseguem apresentar perspectivas capazes de traçar, estabelecer, elencar e desencadear reflexões cujo centro do debate ancora-se de forma dinâmica, dialética e de movimento em certo conceito de corpo que o compreende enquanto condição material e histórica.

Recorrendo-se à Marx (2006, p. 115 -116, grifos do autor), quando ele fala sobre o corpo, é possível ilustrar melhor o argumento:

Assim como para o homem como para o animal, a vida genérica possui a sua base física no fato de que o homem (como animal) vive da natureza inorgânica, e uma vez que o homem é mais universal do que o animal, também mais universal é a esfera da natureza inorgânica de que ele vive. Como as plantas, os animais, os minerais, o ar, a luz, etc., constituem, do ponto de vista da teoria, uma parte da consciência humana, na condição de objetos da ciência natural e da arte – são a natureza inorgânica espiritual do homem, os seus meios de vida intelectuais, que ele deve primeiro preocupar-se para a posse e efemeridade -, da mesma forma, do ponto de vista prático, formam uma parte da vida e da atividade humanas. No plano físico, o homem vive apenas dos produtos naturais, na forma de alimento, calor, vestuário ou habitação, etc. A universalidade do homem aparece praticamente na

universalidade que faz de toda a natureza o seu corpo *inorgânico*: 1) como imediato meio de vida; e igualmente 2) como objeto material e instrumento da sua atividade vital. A natureza é o *corpo inorgânico* do homem, ou seja, a natureza na medida em que não é o próprio corpo humano. O homem *vive* da natureza, ou também, a natureza é o seu corpo, com o qual tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer. Afirmar que a vida física e espiritual do homem e a natureza são interdependentes significa apenas que a natureza se inter-relaciona consigo mesma, já que o homem é uma parte da natureza¹⁶.

Através da reflexão se vislumbrou o corpo como constructo formado de uma dimensão fisiológica, psicológica, biológica e orgânica (corpo orgânico), que permite aos sujeitos intervirem na sua realidade concreta; e uma dimensão inorgânica (corpo inorgânico), que é o meio ambiente natural de onde o humano ao retirar o seu sustento transforma, pelo trabalho, o meio bem como a si dialeticamente (BAPTISTA, 2001, 2007, 2013).

Este legado marxiano¹⁷, de caráter crítico-dialético, acerca do corpo é partilhado por Baptista (2001, p. 51) ao desenvolver pesquisa acadêmica que tematiza o corpo na contemporaneidade.

[...] O corpo orgânico é o meio direto de vida do ser humano, o objeto material e instrumento da sua atividade vital. [...] é através do corpo orgânico que o Homem atua no mundo e subsiste, já que é através dele que cria condições de sua existência como ser que vive do trabalho. Em síntese, esse é o corpo com todos os seus ossos, músculos, órgãos e sistemas. Já o corpo inorgânico lhe é externo, sendo entendido como a própria natureza, como o próprio meio no qual cada ser se insere, e onde lhe é possível atuar, e de onde os seres vivos retiram os meios para a sua existência.

Acerca do legado marxiano pode-se afirmar que ao ver-se homem e meio ambiente sendo parte de uma mesma natureza, resultante da infraestrutura, faz-se possível romper com dicotomias cartesianas difundidas pelas Ciências Exatas, Naturais e Biológicas. E também com aquelas oriundas de filosofias que determinam a prevalência da superestrutura, da ideia sobre o concreto, sobre a realidade material como no caso de Hegel (1992).

¹⁶ Baptista (2001, 2007, 2013) também chega à compreensão do corpo na perspectiva marxiana através das referências e passagens aqui apresentadas, ou seja, Marx e Engels (2001) e Marx (2006), dentre outras presentes em suas pesquisas. Para uma leitura e melhor compressão do corpo em Marx sugere-se consulta tanto às obras marxianas apontadas quanto aos estudos de Baptista.

¹⁷ Por legado marxiano quer se dizer da perspectiva que se apropria filosoficamente da obra de Marx, distanciando-a de interpretações ortodoxas, vinculadas a certo militância partidária, do método no que tange à leitura crítica e autocrítica da cultura, política e economia, enfim da realidade e dos seus fenômenos sociais. Tal perspectiva, de acordo com Santos Filho (2001) é iniciada a partir das obras e reflexões de Georg Lukács.

É por meio deste paradigma crítico que a pesquisa compreende o corpo, porque se acredita que este se constitui em método capaz de conceitua-lo na história, levando-se em conta as contradições dialéticas nos processos socioculturais, que interferem na constituição do corpo dos jovens skatistas. Eis o lugar de onde o estudo compreende e conceitua o corpo.

1.2 Corpo e o estado do conhecimento

No tópico anterior realizou-se discussão acerca do corpo, compreendendo-o enquanto materialidade sociocultural, que está vinculado às contradições do movimento dialético, sendo reprodutor e produtor na/da história.

Acredita-se agora ser necessário apresentar o estado do conhecimento do corpo dos jovens skatistas. Para elaborá-lo foi preciso realizar pesquisa bibliográfica a partir de levantamento de fontes, também denominado de levantamento bibliográfico, em bancos de teses e dissertações digitais como o da CAPES e da BDTD, elencando-se palavras-chave ou descritores, que em conjunto com os operadores booleanos aprimoraram e especificaram a pesquisa.

Os descritores selecionados para realizar-se a busca nos bancos de teses e dissertações digitais foram corpo, corporeidade, narcisismo, educação, Educação Física, juventude e skate em conjunto com as possíveis combinações booleanas que se puderam estabelecer. Eles foram escolhidos por acreditar-se que são pertinentes no que se refere a estabelecer conexões teóricas, metodológicas e conceituais com o objeto.

Passando para o estado do conhecimento, menciona-se que ele foi realizado distribuindo-se, estrategicamente, os trabalhos em quadros apresentados à frente que permitiram visualizar perspectivas e aprofundar a sua análise.

Os quadros foram elaborados a partir de tendências epistemológicas às quais os trabalhos puderam ser categorizados e situados sendo: a empírico-analítica, fenomenológico-hermenêutica, crítico-dialética e pós-moderna (SANTOS, 2012). Esta ação depreendeu grande empenho e esforço intelectual, haja vista que identificar a tendência de uma pesquisa não é tarefa fácil, pois se traduz na ação de descobrir o seu método, o paradigma de humano, sociedade e mundo e o percurso metodológico pelo qual o estudo apropria-se do objeto.

O uso da expressão tendência epistemológica inspirou-se em Santos (2012), sobretudo em estudo desenvolvido por ele, na sua tese de doutorado. Justificou-se pelo fato de que ao ler os trabalhos identificados, visualizou-se que os autores utilizaram referenciais, filiados a perspectivas filosóficas divergentes, o que dificultou seu posicionamento teórico em uma única matriz do conhecimento. Entretanto, foi possível detectar que cada trabalho apresentou paradigmas e características metodológicas gerais no trato com o objeto, que apontaram para determinado método.

Santos (2012), embasado em Sánchez Gamboa (1996) adaptou e redirecionou a proposta do autor; no que se refere às tendências epistemológicas empírico-analítica, fenomenológico-hermenêutica e crítico-dialética, tidas como abordagens majoritárias nas pesquisas em educação; para o campo da produção do conhecimento em Educação Física, que se configura em sua área de atuação, trabalho e reflexão científica.

Assim, através de seu estudo, Santos (2012) – partindo-se de Sánchez Gamboa (1996) – irá identificar que há quatro¹⁸ tendências predominantes no que se refere à pesquisa desenvolvida no campo da Educação Física no Brasil em geral e nos estados do Sul em específico.

Vislumbra-se nesta ação de Santos (2012), no tocante a estabelecer conexões interdisciplinares, entre diferentes áreas do saber – sem desconsiderar as tensões filosóficas de cada campo – uma atitude dialética, que precisa vincular-se ao trabalho intelectual do pesquisador crítico.

Tal iniciativa pode ser denominada de “[...] *espiralidade da incorporação das referências do pensamento*. Significa compreender as diferentes formas de organizar as referências do pensamento sobre o conhecimento para ampliá-las” (CASTELLANI FILHO et. al., 2009, p. 34, grifos dos autores). O que demonstra o caráter histórico, provisório e de mudança pelo qual a produção científica passa ao longo do tempo, contribuindo para a reinvenção, ressignificação e ampliação dos horizontes do conhecimento.

A seguir, as quatro tendências majoritárias identificadas por Santos (2012) na produção do conhecimento em Educação Física¹⁹:

¹⁸ A quarta tendência, ainda que não tenha sido evidenciada, junto às demais mencionadas pelo autor ao qual Santos (2012) recorreu para desenvolver seu estudo, na pesquisa realizada por Santos (2012) ela é destacada e denominada de tendência epistemológica pós-moderna.

¹⁹ Tendo a clareza de que o debate acerca das tendências epistemológicas não se esgota, mas na presente pesquisa assume caráter preliminar, sugerem-se os trabalhos de Sánchez Gamboa (1987, 1996), Magalhães (2005) e Santos (2012) para maior aprofundamento teórico.

1) *Empírico-analítica*: Positivista, utiliza instrumentos quantitativos na apreensão dos dados da realidade, visa o controle e a exatidão dos resultados. “A ciência, nas tendências Empírico-Analíticas, prioriza a experimentação, a observação, a verificação das relações que ocorrem entre as variáveis, ao teste da hipótese [...]” (SANTOS, 2012, p. 75).

2) *Fenomenológico-hermenêutica*: Foca-se na compreensão subjetiva que o sujeito, enquanto ser, possui a respeito dos fenômenos manifestos no mundo; faz uso de técnicas qualitativas na apreensão dos dados da realidade.

A concepção de ciência encontrada nas pesquisas Fenomenológico-Hermenêuticas busca desmistificar e compreender os vários sentidos e significados que se encontram encobertos, desvelar o que se encontra subentendido e interpretar o ser humano em sua totalidade [...] (SANTOS, 2012, p.77).

3) *Crítico-dialética*: Aproxima-se do legado marxiano, presente na obra do próprio Marx, de Lukács, da Teoria Crítica da Sociedade²⁰ e outros; estabelece diálogo entre técnicas quantitativas e qualitativas na apreensão dos dados da realidade; considera as contradições do sistema econômico, mas não unicamente elas, fundamentais no engajamento dos indivíduos para a superação de sua condição de explorado.

A concepção de ciência nas pesquisas Crítico-Dialéticas busca a construção do conhecimento, as contradições e visa à transformação da sociedade. Nesta tendência o homem é um sujeito histórico e social que pode realizar as transformações na realidade [...] (SANTOS, 2012, p.79).

4) *Pós-moderna*: Critica o modelo universal de homem e sociedade modernos; desvincula-se das reflexões de totalidade, que inter-relacionam cultura, política e economia; estabelece ecletismo teórico, apropria-se dos micro objetos como a linguagem, etc. “Para a tendência Pós-Moderna, a ciência como conhecimento

²⁰ Teoria Crítica da Sociedade é a expressão utilizada para denominar os pensadores – Adorno, Benjamin, Horkheimer, Marcuse, etc – vinculados ao Instituto de Pesquisa Social da Escola de Frankfurt (MATOS, 1993). Ainda que pertencentes ao mesmo instituto suas reflexões divergiam no tocante às questões filosóficas acerca dos estudos nas Ciências Humanas. Para Löwy (2000, p.167) os frankfurtianos são de fundamental importância na constituição do pensamento crítico no século XX. Veja-se na passagem a seguir: “Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que, se a ausência de raízes sociais explica algumas das limitações da Escola de Frankfurt, seu engajamento partidário profundo e autêntico pela revolução é certamente uma das razões pelas quais seus escritos (e em particular os ensaios de Marcuse e de Horkheimer nos anos 30) estão entre os mais extraordinários monumentos do pensamento crítico do século XX”.

verdadeiro se ancora nos jogos de linguagem, pois todos os discursos seriam considerados como verdadeiros [...]” (SANTOS, 2012, p. 83).

Entende-se que as reflexões de Santos (2012), ainda que destinadas ao campo da Educação Física, podem ser redirecionadas para a análise da produção do conhecimento realizada em demais áreas tais como Artes Visuais, Ciências Sociais, Comunicação Social, Educação, História, Psicologia, etc, que se dedicaram ao estudo de objetos, tais como o corpo, de jovens skatistas ou não, que de forma direta ou indireta se vincularam a diversos contextos como o da educação escolar, não escolar e outros.

Este esclarecimento justifica-se por que os trabalhos que fazem parte do estado do conhecimento da pesquisa foram produzidos em diferentes áreas do saber. Deste modo, fica explicado que os apontamentos aqui realizados não se restringiram ao campo da Educação Física, mas ampliaram-se a demais áreas do conhecimento que estudaram o corpo. Fato que ficará mais bem elucidado à frente, quando da apresentação dos trabalhos, nos quadros do estado do conhecimento, utilizados para a análise.

Retomando, a síntese realizada por Santos (2012) foi fundamental e elucidativa por que permitiu compreender as tendências de pesquisa em voga na cena acadêmica. Mas, também por considerar-se ter havido *insights* filosóficos, epistemológicos, culturais, sociológicos, políticos, objetivos e subjetivos entre o trabalho de Santos (2012), a presente pesquisa e os estudos identificados e selecionados para comporem o estado do conhecimento do objeto.

Isto ocorreu tanto pelo fato do objeto estudado configurar-se em objeto de intervenção pedagógica do campo da Educação Física, área de reflexão científica de Santos (2012) e pela questão de também ser a área de atuação profissional do autor da presente pesquisa, que é graduado e trabalha na área, no contexto escolar, no ensino médio.

Ao falar-se em objeto, acredita-se ter arcabouço teórico favorável para identificar possíveis perspectivas do corpo; que também podem ressoar epistemologicamente sobre o corpo dos jovens skatistas, quando considerado como objeto; pertinentes às tendências sistematizadas.

Na empírico-analítica, de paradigma positivista, historicamente vinculada às Ciências Exatas e Naturais pode-se dizer que o corpo é unicamente um constructo biológico e orgânico. O foco é o sujeito, a saúde e o que ele faz para a sua manutenção. Desconsidera os processos históricos e sociais que delimitam políticas que incidem

sobre o corpo. Esta proposta pode ser remetida a Europa de fins do século XVIII e início do XIX, momento da primeira revolução industrial inglesa – (CASTELLANI FILHO et al., 2009) – gênese da Educação Física, sinônimo de ginástica no contexto descrito.

Em relação a fenomenológico-hermenêutica²¹, cujo centro do processo é o sujeito, pode-se dizer, a partir da fala de Moreira apud Daolio (1997, p.42), que o corpo constitui-se:

[...] não como um objeto com características distintas dos demais objetos, mas entendido como fonte de experiências significantes, como veículo de comunicação com o mundo, ou mais precisamente, corpo como expressão possível do ser-no-mundo.

Ele é o elo que conecta o indivíduo ao mundo. Esta conexão, expressa em diálogos marcados pela subjetividade, permite a vivência de experiências pessoais e culturais que dão sentido à vida e permitem olhar, perceber, ouvir, sentir e desvendar os fenômenos.

Na crítico-dialética²² o corpo é material, formado por dimensão corpórea orgânica (biológica) e corpórea inorgânica (meio ambiente natural), ambos pertencentes a mesma natureza; situados na história. Pelo trabalho o humano transforma a si e o meio ambiente dialeticamente (BAPTISTA, 2001, 2007, 2013). Castellani Filho et al. (2009, p.40) corroboram com o que foi dito ao afirmar que:

[...] a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade [...]. Contemporaneamente se pode afirmar que a dimensão corpórea do homem se materializa nas três atividades produtivas da história da humanidade: linguagem, trabalho e poder.

A respeito da pós-moderna²³, visualiza-se que o corpo se consolida em uma espécie de caleidoscópio multicultural, haja vista o ecletismo simbólico ao qual o sujeito contemporâneo está inserido.

Algumas pessoas argumentam que o “hibridismo” e o sincretismo [...] são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado [...]. (HALL, 2006, p. 91, grifo do autor).

²¹ Segundo Santos (2012), a perspectiva fenomenológica vem ganhando maior aceitação no meio filosófico e científico a partir dos contextos que se formaram no pós-guerra.

²² A partir do que se leu em Santos (2012) a tendência crítico-dialética, ao ser influenciada pela produção marxiana, pode-se ter como gênese o contexto da revolução industrial inglesa, pois foi o momento da produção intelectual de Marx.

²³ Magalhães (2005) considera que para os estudiosos da pós-modernidade parece haver um consenso no tocante ao surgimento de tal movimento filosófico. Este consenso aponta a década de 1970.

Nesta perspectiva, fica explícito que as referências de outrora sustentadas pelo paradigma da modernidade já não conseguem corresponder aos desafios que os indivíduos, cheios de incertezas, vão encontrar pelo caminho nas sociedades de capitalismo tardio²⁴. Resta ao sujeito ressignificar sua identidade refugiando-se no corpo. Esta reflexão fica melhor representada pelo que Michaud (2011, p.563-564) fala abaixo:

O corpo parece, nestas condições, o último ponto de ancoragem a que é possível apegar-se. É o ponto de ancoragem a que é possível referir-se para se apreender como sujeito, gerir-se, manipular-se, transformar-se, ultrapassar-se como pessoa ou indivíduo entre os outros – seja por cirurgia, terapias, drogas, ou virtude estoica.

Uma vez apresentados os modelos de corpo de cada tendência parte-se para as análises dos trabalhos presentes nos quadros. Contudo, vale chamar a atenção para o fato de que cada quadro foi elaborado a partir das seguintes mediações: a) Descritor, b) IES/PPGSS²⁵, c) Autor (a)/Ano de Publicação, d) Categoria do Trabalho (Tese/Dissertação), e) Título do trabalho, e f) Objetivo do Trabalho.

Destaca-se que foi por meio destas mediações que se conseguiu organizar, ordenar, direcionar, sistematizar e apreender as principais informações contidas nos trabalhos selecionados permitindo-se identificar proximidades e distanciamentos filosóficos, epistemológicos, científicos e metodológicos entre eles, a pesquisa e o corpo dos jovens skatistas. E ainda, foram selecionados o total de 16 produções para compor o estado do conhecimento, que transitam pelas tendências conforme modelo adotado por Santos (2012). Fato demonstrado na tabela 3, que também apresenta o quantitativo de trabalhos por tendência epistemológica.

Tabela 3 - Quantitativo de trabalhos por tendência epistemológica

Empírico-analítica	Fenomenológico-hermenêutica	Crítico-dialética	Pós-moderna
0	7	6	3

Fonte: Dados coletados por Lima (2015, 2016).

²⁴ O capitalismo tardio tem como características “[...] a massificação do consumo, da nova divisão do trabalho, o qual amplia as transferências internacionais, a bolsa de valores, as mídias, as tecnologias, a robótica e a automação [...]” (SANTOS, 2012, p.81).

²⁵ Instituição de Ensino Superior/Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

A seguir apresentam-se os estudos identificados em pesquisa bibliográfica e que a partir do método utilizado na apreensão do objeto, puderam ser situados junto à tendência fenomenológico-hermenêutica.

1.2.1 Estado do conhecimento do corpo segundo a tendência epistemológica fenomenológico-hermenêutica

Nesta tendência foram encontrados o total de 7 trabalhos. Os dados identificados, listados e apresentados no quadro 1 permitiram que fossem feitas as sistematizações que se seguem. Abaixo se tem o quadro:

Quadro 1 - Relação de trabalhos alinhados com a tendência epistemológica fenomenológico-hermenêutica²⁶

Descritor	IES/PPGSS	Autor (a)/Ano de Publicação	Categoria do trabalho	Título do Trabalho	Objetivo do Trabalho
Corpo	UNISINOS/PPGP ²⁷	Esteves (2010)	Dissertação	Imagem do corpo e bulimia: a imagem da jovem bulímica e a de sua mãe	Analisou a imagem do corpo em jovens mulheres, de 19 a 24 anos, com bulimia em relação aos seus ideais e aos de suas mães.
“Corpo*e*skate”	UFRGS/PPGCMH ²⁸	Rampazzo (2012)	Dissertação	Skate, uma prática no lazer da juventude: Um estudo etnográfico	Compreendeu os desdobramentos da relação do skate como prática no lazer dos jovens com demais aspectos de seu cotidiano (família, trabalho e educação).
“Corpo*e*Educação Física”	UFRJ/PPGEF ²⁹	Silva (2012)	Dissertação	Corpo, Educação Física e Ensino Médio na contemporaneidade	Investigou de que forma o corpo, na época contemporânea, tem sido concebido e tratado por professores de Educação Física no Ensino Médio.
“Corpo*e*educação”	UFRN/PPGE ³⁰	Batista (2013)	Dissertação	Conhecimentos sobre o corpo: uma possibilidade de intervenção pedagógica nas aulas de Educação Física no Ensino Médio	Apresentou proposta de intervenção pedagógica na Educação Física para o Ensino Médio, voltada para os conhecimentos sobre o corpo, e avaliou o impacto de tal intervenção na aprendizagem dos alunos.

²⁶ Este e os demais quadros; referentes ao estado do conhecimento do corpo, de acordo com cada tendência epistemológica; foram produzidos através de adaptação feita a partir dos modelos adotados por Santos (2012), em sua tese defendida no PPGE/UNICAMP – Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas.

²⁷ Universidade do Vale do Rio dos Sinos/Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

²⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

²⁹ Universidade Federal do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

³⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Programa de Pós-Graduação em Educação.

Corpo	UFSC/ PPGE ³¹	Martins (2014)	Dissertação	Educação do corpo na escola: o que se espera da Educação Física no Ensino Médio?	Pesquisou em uma escola da grande Florianópolis o lugar da disciplina Educação Física, sua legitimidade, segundo aqueles que não tenham relação direta com a área, sendo professores de outras disciplinas e uma supervisora escolar.
Corporeidade	UFTM/ PPGEF ³²	Silva (2014)	Dissertação	Corporeidade e educação integral: o que dizem os sujeitos na experiência de escola de tempo integral de Governador Valadares – MG	Analisou a concepção de corpo dos educadores de uma escola em tempo integral de Governador Valadares – MG.
Corpo	USP/ PPGAV ³³	Santos (2015)	Dissertação	Pela presença do corpo na escola: Uma experiência de trabalho interdisciplinar entre Arte e Educação Física	Contribuiu para o desenvolvimento de estudos destinados a desfragmentação do corpo do estudante, na escola, que ainda segue o dualismo cartesiano.

Fonte: Dados coletados por Lima (2015, 2016).

Esteves (2010) em sua dissertação *Imagem do corpo e bulimia: a imagem da jovem bulímica e a de sua mãe*; analisou a imagem do corpo em jovens mulheres, de 19 a 24 anos, com bulimia em relação aos seus ideais e aos de suas mães. Pelo estudo é possível perceber que os pontos de vista das jovens e também os de suas mães, interferem nos processos subjetivos da imagem corporal. Segundo Esteves (2010, p.13):

Considerando a importância da relação mãe-filha na imagem do corpo e sua alteração, esse estudo visou examinar a imagem real e ideal da jovem bulímica e da sua mãe. Também pretendeu identificar a imagem do corpo que a jovem bulímica presume que sua mãe tem dela (filha) e, a imagem do corpo que a mãe tem de sua filha. Por fim, visou analisar as possíveis relações da imagem de corpo da jovem bulímica com a representação da imagem de corpo que presume pertencer a sua mãe.

Rampazzo (2012) em sua dissertação *Skate, uma prática no lazer da juventude: Um estudo etnográfico*; compreendeu os desdobramentos da relação do skate como prática no lazer dos jovens com demais aspectos de seu cotidiano (família, trabalho e educação). Os jovens pesquisados falam de sua cultura, da vida, das relações com os colegas, amigos, companheiros, da prática do skate na pista e de si; que suscitaram peculiaridades subjetivas, emotivas, heterogêneas, apontando para visões de mundo e do

³¹ Universidade Federal de Santa Catarina/Programa de Pós-Graduação em Educação.

³² Universidade Federal do Triângulo Mineiro/Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

³³ Universidade de São Paulo/Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais.

corpo que as tornam particulares, singulares e únicas, se aproximadas às falas dos diferentes participantes.

Para Rampazzo (2012, p.67, grifo do autor):

Além da tentativa de se desvencilhar dos estereótipos, os jovens a todo o momento procuravam dizer quem eram. Não faziam questão de se omitir, muito pelo contrário, identificavam-se em suas falas, e reivindicavam serem ouvidos. Conforme iam surgindo às perguntas do questionário, também iam surgindo explicações às suas respostas, brincadeiras e algumas respostas tinham a ajuda do grupo. Havia uma clara tentativa dos jovens de se distinguirem dentro dos grupos sociais do *skate*.

Silva (2012) na dissertação *Corpo, Educação Física e Ensino Médio na contemporaneidade*; investigou de que forma o corpo, na época contemporânea, tem sido concebido e tratado por professores de Educação Física no ensino médio. De acordo com Silva (2012, p.10-11):

[...] vale ponderar sobre as questões que norteiam a proposta do presente estudo: quais concepções de corpo presentes na historiografia da Educação Física emergem nos discursos dos professores de Educação Física atuantes no ensino médio? [...] Quais são as perspectivas de atuação do professor de Educação Física do ensino médio quando o assunto é o corpo na contemporaneidade?

O trabalho procurou dar voz aos sujeitos que participaram da pesquisa, sobretudo no que se refere a considerar como relevante, importante e significativa no processo investigativo à subjetividade e a percepção emotiva deles acerca do corpo, objeto que foi estudado.

Batista (2013) na dissertação *Conhecimentos sobre o corpo: uma possibilidade de intervenção pedagógica nas aulas de Educação Física no Ensino Médio*; apresentou proposta de intervenção pedagógica na Educação Física para o ensino médio, voltada aos conhecimentos sobre o corpo, e também avaliou o impacto desta intervenção na aprendizagem dos alunos. Para Batista (2013, p. 15) o corpo:

[...] deve ser compreendido como algo que está em permanente metamorfose. É nele, e com ele, que o ser humano experiencia e vivencia relações sociais e emocionais com a natureza e a cultura. Somente no corpo que somos, podemos viver, sonhar, sofrer, perder, ganhar, emocionar e aprender.

A reflexão expressou certa maneira de se apropriar metodologicamente do corpo, por meio de proposta que procurou romper com dualidades ao apresentá-lo sob a ótica da totalidade; considerando a percepção do indivíduo sobre si e a realidade, enquanto parte integrante e fundamental no processo de investigação.

Martins (2014) na dissertação *Educação do corpo na escola: o que se espera da Educação Física no Ensino Médio?*; pesquisou em uma escola da grande Florianópolis o lugar da Educação Física, sua legitimidade e o papel ocupado pela disciplina curricular na escola, segundo a opinião e a visão que os professores, pertencentes as outras disciplinas, e também a supervisora pedagógica possuem sobre a Educação Física na escola. De acordo com Martins (2014, p.14-15, grifo da autora):

[...] justificamos esta pesquisa como uma busca pelo posicionamento e representação que se tem da disciplina Educação Física por uma parte significativa dos atores da escola, os docentes de outras áreas e o corpo pedagógico.

[...] A partir do ponto de vista destes colegas de outras áreas, mas também atuantes nessa etapa da Educação Básica – Ensino Médio, o trabalho procura responder algumas questões [...]: de que forma a disciplina Educação Física é vista por professores e demais atores do corpo pedagógico constituintes do universo do Ensino Médio? [...] Afinal, para eles, para que “serve” essa disciplina e o que eles esperam dela?

Silva (2014) na dissertação *Corporeidade e educação integral: o que dizem os sujeitos na experiência de escola de tempo integral de Governador Valadares – MG*; analisou a concepção de corpo dos educadores de uma escola, em tempo integral, na cidade de Governador Valadares, no estado de Minas Gerais. Tendo por suporte a teoria fenomenológica de Merleau-Ponty. Isto ficou explicitado mediante a reflexão de Silva (2014, p.27) a seguir:

[...] outro autor que marcou os estudos acerca da corporeidade foi Maurice Merleau-Ponty, que por meio da fenomenologia existencial procurou unir o que a sociedade tratou de separar: o corpo e a mente. [...] é da fenomenologia e da corporeidade que vamos nos apropriar para propor outra atitude de corpo para educação integral em tempo integral e para a sociedade no geral.

Pela passagem, visualizou-se certo argumento que defendeu o conceito de corporeidade enquanto perspectiva que compreende o corpo como totalidade, forma de vida do sujeito e linguagem que permite a conexão entre ele, o mundo e os demais sujeitos.

Santos (2015) na dissertação *Pela presença do corpo na escola: Uma experiência de trabalho interdisciplinar entre Arte e Educação Física*; desenvolveu estudo destinado à desfragmentação do corpo na escola, que ainda é influenciada pelo dualismo cartesiano. Segundo Santos (2015, p.20) o foco de seu estudo “[...] centra-se em lidar com o conhecimento do corpo, de maneira global, isto é, o corpo físico em conjunto com a percepção de si mesmo, do outro, do meio e do mundo [...]”.

Os trabalhos apresentados, ainda que partam de teorias e metodologias diversas, no que se referem às especificidades das pesquisas desenvolvidas por seus autores, possuem pontos de aproximação sendo a maneira, o método pelo qual se apropriam do objeto.

Este método faz com que se considere a subjetividade, destacando as percepções individuais e particulares que os sujeitos têm da realidade, vida e corpo em sua relação com o mundo. Deste modo é que se pôde alinhá-los junto à tendência epistemológica fenomenológico-hermenêutica.

A seguir apresentam-se os trabalhos identificados na pesquisa bibliográfica e que a partir do paradigma utilizado no trato com o objeto, podem situar-se em conjunto à tendência crítico-dialética.

1.2.2 Estado do conhecimento do corpo segundo a tendência epistemológica crítico-dialética

Para esta tendência foram encontrados o total de 6 trabalhos. Os dados identificados, apresentados e exibidos no quadro 2 possibilitaram que fossem feitas as sistematizações a seguir. Abaixo se tem o quadro:

Quadro 2 - Relação de trabalhos alinhados com a tendência epistemológica crítico-dialética

Descritor	IES/PPGSS	Autor (a)/Ano de Publicação	Categoria do trabalho	Título do Trabalho	Objetivo do Trabalho
“Corpo*e*skate”	PUCSP/PPGHS ³⁴	Brandão (2012)	Tese	Por uma história dos “esportes californianos” no Brasil: o caso da juventude skatista (1970-1990)	Refletiu sobre o desenvolvimento dos chamados “esportes californianos” e/ou “radicais” no Brasil, tomando como estudo de caso a prática do skate e a analisou através de uma série de revistas publicadas no país entre as décadas de 1970 e início de 1990.
“Corpo*e*Educação Física”	UERJ/PPFH ³⁵	Sayão (2014)	Tese	As Diretrizes Curriculares e a formação em Educação Física no contexto das	Identificou como a Educação Física vem construindo sua formação através das Diretrizes Curriculares Nacionais e à luz das

³⁴ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Programa de Pós-Graduação em História Social.

³⁵ Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana.

				transformações contemporâneas do corpo	transformações contemporâneas das formas de ver, vivenciar, compreender e intervir no corpo.
“Corpo*e* Educação”	UFRJ/PPGE ³⁶	Marques (2011)	Dissertação	A educação do corpo e o protagonismo discente no Colégio Pedro II: mediações entre o ideário republicano e a memória histórica da instituição (1889 - 1937)	Investigou o cotidiano do Colégio Pedro II e como a educação do corpo e o protagonismo discente estiveram relacionados ao republicanismo.
Corpo	UMESP/PPGCS ³⁷	Flor (2012)	Dissertação	O corpo como objeto de consumo na revista Boa Forma	Pesquisou a maneira pela qual a revista Boa Forma apresenta o corpo.
“Corpo*e* juventude”	UFPR/PPGE ³⁸	Takaki (2012)	Dissertação	Corpo, cultura e juventude <i>Nikkei</i> : processos de construção identitária	Analisou o lugar do corpo nos processos de construção identitária de jovens descendentes de japoneses residentes na cidade de Curitiba, participantes ou não de atividades ou instituições relacionadas à cultura oriental.
Narcisismo	UFRN/PPGEF ³⁹	Eufrásio (2013)	Dissertação	Apolo, Narciso e Dionísio: o corpo masculino na revista Men’s Health	Analisou o corpo masculino na revista Men’s Health.

Fonte: Dados coletados por Lima (2015, 2016).

Brandão (2012), na tese *Por uma história dos “esportes californianos” no Brasil: o caso da juventude skatista (1970-1990)*; refletiu sobre o desenvolvimento dos chamados “esportes californianos” e/ou “radicais” no Brasil, tomando como estudo de caso a prática do skate e a analisou através de uma série de revistas publicadas no país entre as décadas de 1970 e início de 1990.

Para Brandão (2012) a gênese do skate é atribuída à ressignificação que os jovens ocidentais norte-americanos deram ao tempo livre, no contexto do pós-guerra, especialmente na segunda metade do século XX, marcado pela ascensão do capitalismo e por certa redefinição conceitual das juventudes. O autor ressalta que:

³⁶ Universidade Federal do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Educação.

³⁷ Universidade Metodista de São Paulo/Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social.

³⁸ Universidade Federal do Paraná/Programa de Pós-Graduação em Educação.

³⁹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

[...] é importante visualizarmos quais foram os canais de expressão e divulgação dessa “cultura jovem” que nos fala Hobsbawm e por quais mecanismos sua imagem se estruturou. Para isso, é importante percebermos [...] que a realidade que se desenhava a partir da segunda metade do século XX vinha marcada [...], pelos horrores da Segunda Guerra Mundial [...]. De fato, foi a juventude [...] nascida dos escombros desse mundo maculado pelas bombas quem buscou inaugurar um novo *modus vivendi*, ou seja, outras e renovadas formas de pensar, sentir e representar o meio social [...] (BRANDÃO, 2012, p.54, grifos do autor).

Sayão (2014) na tese *As Diretrizes Curriculares e a formação em Educação Física no contexto das transformações contemporâneas do corpo*; identificou como a Educação Física vem construindo sua formação através das Diretrizes Curriculares Nacionais e à luz das transformações contemporâneas das formas de ver, vivenciar, compreender e intervir no corpo. De acordo com Sayão (2014, p.124-125):

A intensificação do culto ao corpo na sociedade contemporânea tem ainda como elemento fundamental o aprofundamento da mercadorização das práticas corporais, do corpo, da saúde e, mais recentemente da aparência. [...] o marketing apontado por Fraga (2006) como instrumento fundamental para a difusão do estilo de vida ativo e do culto à saúde perfeita desempenha papel semelhante para a disseminação de um ideal de corpo padronizado [...].

Observa-se que as características da sociedade de mercado; dentre elas o consumo de mercadorias, que padroniza os modos de ser dos indivíduos; se configuram em categorias relevantes no processo de reprodução e produção de um perfil de corpo histórica e culturalmente valorizado.

Marques (2011) na dissertação *A educação do corpo e o protagonismo discente no Colégio Pedro II: mediações entre o ideário republicano e a memória histórica da instituição (1889 - 1937)*; investigou o cotidiano do Colégio Pedro II e como a educação do corpo e o protagonismo discente estiveram relacionados ao republicanismo. Sobre a pesquisa Marques (2011, p.20) diz:

[...] Quais são então as relações entre a formação do corpo e a estrutura da sociedade? De que maneira ocorre essa Educação do Corpo? Que concepções, idéias, valores, propostas e pressupostos teóricos integram essa Educação?

Essa divisão e supremacia do espírito, do intelecto, da mente, da teoria sobre o corpo, o físico, a prática, não é por acaso. Quando partimos da realidade material que nos cerca, optamos por um método de análise e perspectiva de transformação, ancorados pelo marxismo [...].

Ao analisar o corpo por meio de perspectiva histórica, que levou em conta a realidade material junto aos processos sociais e políticos que interferem em sua constituição; Marques (2011) considerou que as contradições da sociedade de classes,

não podem ser descartadas no desenvolvimento da pesquisa, sobretudo daquelas que visam à transformação social.

Flor (2012) na dissertação *O corpo como objeto de consumo na revista Boa Forma*; pesquisou a maneira pela qual a revista apresenta o corpo. A autora realizou reflexões sobre o objeto a partir da realidade social, onde as contradições dialéticas no plano da história, cultura, política e economia estabelecem continuidades e descontinuidades na suposta constituição de determinado modelo de corpo. Segundo Flor (2012, p.31):

O culto ao corpo constitui também em uma forma de consumo atendendo às necessidades mercadológicas da cultura [...] consumista. [...] O corpo passa a ser ainda um veículo de construção e/ou transformação de autoimagem que pode revelar prestígio, aversão ou admiração, um capital que é exposto para ser admirado e desejado.

Takaki (2012) na dissertação *Corpo, cultura e juventude Nikkei: processos de construção identitária*; analisou o lugar do corpo na construção das identidades de jovens, descendentes de japoneses, residentes na cidade de Curitiba-PR, participantes ou não de atividades/instituições relacionadas à cultura oriental. Para Takaki (2012, p.11-12):

[...] o corpo parece ter ganhado uma visibilidade sem precedentes na história da humanidade, se constituindo no principal âmbito da investidura subjetiva. Nossas identidades são cada vez mais fortemente construídas por meio do corpo: somos altos ou baixos, gordos ou magros, bonitos ou feios, fortes ou fracos, saudáveis ou doentes, com ou sem qualidade de vida. Diariamente, somos bombardeados por imagens, discursos e técnicas que conformam aquilo que temos chamado de uma pedagogia do corpo (VAZ, 2002; BASSANI, VAZ, 2003), presente nos mais variados tempos e espaços da sociedade contemporânea: na televisão e nas revistas ilustradas, nas expressões da cultura popular, nas artes, na ciência, na escola, nas academias de ginástica e musculação, nos salões de beleza, nas clínicas estéticas e consultórios médicos etc.

É possível considerar que a época contemporânea é marcada pela veneração ao corpo, capaz de constituir suposto paradigma identitário cujos jovens se afeiçoam, incluindo-se os *nikkei*⁴⁰. Se o capitalismo transforma o corpo em mercadoria por meio de técnicas de embelezamento, exercícios físicos e dietas por outro lado ele se contradiz ao abrir possíveis rupturas presentes na ressignificação que os jovens dão ao consumo, quando determinam a maneira pela qual irão se socializar e sociabilizar com o corpo seja adquirindo ou não os produtos colocados à baila nas “prateleiras” do comércio.

⁴⁰ Takaki (2012), através da conceituação teórica de Tongu (2010), traduz *nikkei*, para o português, como descendentes de japoneses no Brasil.

Eufrásio (2013) na dissertação *Apolo, Narciso e Dionísio: o corpo masculino na revista Men's Health*; analisou o corpo do homem na revista em questão. Na citação que se segue Eufrásio (2013, p. 83) afirma que:

De privilégio de poucos a beleza passa a ser necessidade de muitos. Uma beleza construída com base em padrões bem determinados, ditados pelo mercado e pela mídia que definem o corpo da moda. Surgem a cada dia novas tecnologias, novas técnicas de modificação, novos produtos, novas formas de controle corporal. O mercado enche-se de uma exigência estética que parece ser um passaporte para o prazer, o amor, a felicidade.

No trabalho percebeu-se que o corpo passa por uma espécie de metamorfose que o transforma em produto, com certo valor simbólico e midiático, despertando o interesse dos sujeitos para o seu consumo, padronizando os comportamentos, os modos de ser dos diferentes indivíduos e estabelecendo perspectivas de contradição, quando dialeticamente são vividos outros sentidos, para além dos mercadológicos, pelos sujeitos com os seus corpos no cotidiano, no presente, na história.

Visualizou-se que os trabalhos possuem pontos de divergências teóricas, metodológicas e no que tange aos objetivos, o que torna cada pesquisa única em relação à outra se comparadas. Entretanto, há também convergências presentes no trato que dão ao objeto corpo, estrutura histórica que se reproduz e produz mediante a realidade complexa, controversa e contraditória, não se limitando unicamente aos desmandos da economia e do mercado. Por este fato, as pesquisas apresentadas puderam ser elencadas junto à tendência crítico-dialética.

A seguir apresentam-se os trabalhos identificados na pesquisa bibliográfica e que a partir do método utilizado no trato com o objeto podem situar-se junto à tendência pós-moderna.

1.2.3 Estado do conhecimento do corpo segundo a tendência epistemológica pós-moderna

Para esta tendência foram encontrados o quantitativo de 3 trabalhos. Os dados exibidos no quadro 3 permitiram que fossem realizadas as sistematizações que se seguem. A seguir tem-se o quadro:

Quadro 3 - Relação de trabalhos alinhados com a tendência epistemológica pós-moderna

Descritor	IES/PPGSS	Autor (a)/Ano de Publicação	Categoria do trabalho	Título do Trabalho	Objetivo do Trabalho
Corpo	UNESP/PPGEPC ⁴¹	Lacerda (2013)	Tese	Corpo, contemporaneidade, juventudes e Escola	Compreendeu como a noção de corpo é compartilhada entre alunos de 15 a 18 anos de uma escola pública da cidade de Juiz de Fora, buscando perceber quais representações estão presentes entre eles e o papel que a escola exerce nessa constituição.
“Corpo*e*skate”	PUCSP/PPGCSs ⁴²	Olic (2010)	Dissertação	Entre o liso e o estriado: skatistas na metrópole	Analisou os modos pelos quais os skatistas se apropriam do espaço urbano por meio de movimentos geradores, formas de ocupação e de propriedade sobre a urbanidade.
Corporeidade	UFRRJ/PPGEDUC ⁴³	Singulani (2011)	Dissertação	As juventudes e suas corporeidades no cotidiano de uma escola pública de Seropédica	Pesquisou a respeito das práticas juvenis sob a perspectiva dos temas das corporeidades e juventudes.

Fonte: Dados coletados por Lima (2015, 2016).

Lacerda (2013) em sua tese *Corpo, contemporaneidade, juventudes e escola*; compreendeu como a noção de corpo é compartilhada entre alunos de 15 a 18 anos, de uma escola pública, da cidade de Juiz de Fora e também buscou perceber quais representações estão presentes entre eles e o papel que a escola exerce nessa constituição. De acordo com Lacerda (2013, p.12):

[...] Para o desenvolvimento desta pesquisa, situaremos o corpo no tempo, buscando compreender seu espírito, de um tempo que se esgota e outro que se encontra em plena transição.

[...] sem um termo que possa definir ou indicar ao certo para onde vamos, cada um se utiliza de uma expressão para denominar esse tempo como alta-modernidade, sociedade de risco, capitalismo tardio, capitalismo desorganizado, modernidade líquida, hipermodernidade ou pós-modernidade.

⁴¹ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita/Programa de Pós-Graduação em Educação Para a Ciência.

⁴² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

⁴³ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

No trabalho o autor aborda o corpo através de perspectiva efêmera, fugidia, situada na transição de um tempo histórico moderno, que se finda, rumo ao pós-moderno, em processo de formação, ebulição e latência.

Olic (2010) na dissertação *Entre o liso e o estriado: skatistas na metrópole*; analisou os modos pelos quais os skatistas se apropriam do espaço urbano por meio de movimentos geradores, formas de ocupação e de propriedade sobre a urbanidade.

Na pesquisa os jovens skatistas e seus corpos são apreendidos enquanto categorias sociais e multiculturais, que na contemporaneidade, se caracterizam de forma fugidia, fluida, instável, volátil, “camaleônica” e heterogênea seja na sua ocupação do espaço urbano e da pista, que ocorre corporalmente, durante a prática do skate. Segundo Olic (2010, p.24-25):

[...] O movimento de inovação do skate, de gerar novos estilos, indica, para além das transformações materiais dos equipamentos, trocas realizadas a partir da intersecção do skate com outras manifestações do universo juvenil, que permitem a produção de uma estética dos gestos e dos movimentos que carregam consigo marcas da pluralidade e da fluidez existentes no estilo de vida skatista.

Singulani (2011) na dissertação *As juventudes e suas corporeidades no cotidiano de uma escola pública de Seropédica*; pesquisou a respeito das práticas juvenis sob a perspectiva dos temas das corporeidades e juventudes. De acordo com Singulani (2011, p.19):

Portanto, foi também embasando-me na perspectiva dos Estudos Culturais que busquei travar os debates acerca do que acontece no cotidiano escolar visibilizando as corporeidades juvenis. O palco escolar produz e recoloca significados, reelaboram práticas culturais, além das quais os sujeitos se identificam e constituem de maneira fluida e híbrida as suas identidades.

O estudo considera o corpo enquanto esfera cultural que na escola se faz simbolicamente nos processos mediados pela tensão que se dá entre os estudantes e o contexto educacional. Para Singulani (2011) isto foi decisivo no que tange à ressignificação social do corpo, constituindo-o como estrutura heterogênea, fugidia e em mutação.

Foi possível identificar que os trabalhos expostos apresentam perspectivas teórico-metodológicas e objetivos de pesquisa variados, o que supostamente influencia no direcionamento científico das pesquisas. Mas, para além das divergências, os pontos em comum, as convergências entre ambas estão no fato de apropriarem-se do objeto a partir de paradigma multicultural e com pluralismo epistemológico que dentre as suas

investidas está uma ácida crítica à ciência produzida na modernidade. Então, foi possível posicionar os trabalhos junto à tendência pós-moderna. A seguir apresentam-se as reflexões que puderam ser realizadas a partir do estado do conhecimento.

1.2.4 Possíveis reflexões sobre o estado do conhecimento do corpo, em consonância com as tendências epistemológicas que suscitaram análises dos trabalhos identificados

Observa-se que a quantidade de trabalhos por tendência epistemológica segue certa sequência. Do total de 16 trabalhos 7 situam-se junto à fenomenológico-hermenêutica, configurando-se em dissertações sendo da autoria de Esteves (2010), Rampazzo (2012), Silva (2012), Batista (2013), Martins (2014), Silva (2014) e Santos (2015).

A crítico-dialética está na segunda posição com o total de 6 trabalhos. Destaca-se que são 2 teses e 4 dissertações. As teses são da autoria de Brandão (2012) e Sayão (2014) e as dissertações foram produzidas por Marques (2011), Flor (2012), Takaki (2012) e Eufrásio (2013).

Em terceiro lugar ficou a pós-moderna com o quantitativo de 3 trabalhos, sendo 1 tese e 2 dissertações. A tese tem por autoria Lacerda (2013) e as dissertações são de Olic (2010) e Singulani (2011).

A empírico-analítica ficou na quarta e última posição não tendo nenhum trabalho produzido segundo seu paradigma epistemológico no que se refere ao processo de elaboração do conhecimento a respeito do objeto corpo.

Os dados permitem identificar, a partir dos trabalhos selecionados, haver uma predominância da tendência epistemológica fenomenológico-hermenêutica em relação às demais, pelo fato de ter sido a tendência com o maior número de trabalhos encontrados, logo produzidos.

Deste ponto de vista cabe reflexão no sentido de chamar a atenção para o fato de que a tendência crítico-dialética, que suposta e historicamente vinha sendo uma referência na produção do conhecimento no Brasil, sobretudo e hipoteticamente nas décadas de 1980, 1990 e 2000 em diferentes campos, como o das Ciências Humanas, com o objeto corpo e outros, esteja passando por uma espécie de “crise” – pois foi à segunda tendência com o maior número de trabalhos identificados – encampada por

uma “crise” maior que supostamente vem se refletindo no cenário acadêmico; materializada na ação dos intelectuais de esquerda de outrora, que no presente abandonaram referências do método marxiano, pós socialismo real e queda do muro de Berlim.

Harvey (2008, p.319, grifo do autor) ilustra esta reflexão com a passagem a frente:

A nova esquerda preocupava-se com uma luta para libertar-se das algemas duais da política da velha esquerda, particularmente em sua representação por partidos comunistas tradicionais e pelo marxismo "ortodoxo", e dos poderes repressivos do capital corporativo e das instituições burocratizadas (o Estado, as universidades, os sindicatos etc.). Ela via a si mesma, desde o começo, como uma força cultural e político-econômica, tendo ajudado a produzir a virada para a estética que o pós-modernismo representava.

A provável “crise” epistemológica teve/tem como desdobramentos a filiação dos intelectuais na tendência fenomenológico-hermenêutica ou sua guinada para o multiculturalismo pós-moderno, no que se refere ao desenvolvimento de suas pesquisas com diferentes objetos e dentre eles o corpo, e suas visões de humano, sociedade e mundo.

Este fato ainda gerou certo pessimismo acadêmico e também social com relação às perspectivas de transformação política da realidade, encampadas pela esquerda e o operariado no passado. Veja-se na fala de Harvey (2008, p.319-320):

[...] A entrada na política cultural era mais compatível com o anarquismo e com o liberalismo do que com o marxismo tradicional, levando a nova esquerda a se opor a atitudes e instituições tradicionais da classe trabalhadora. Ela abraçou novos movimentos sociais que eram eles mesmos agentes de fragmentação da política da velha esquerda. Na medida em que esta última era, na melhor das hipóteses, passiva, e, na pior, reacionária (no tratamento das questões de raça e de gênero, da diferença, e de problemas dos povos colonizados e das minorias reprimidas e das questões ecológicas e estéticas), algum tipo de mudança política da espécie proposta pela nova esquerda por certo se justificava. Mas, ao fazer esse movimento, a nova esquerda tendia a abandonar a sua fé tanto no proletariado como instrumento de mudança progressista como no materialismo histórico enquanto modo de análise [...].

Ainda que a suposta “crise” venha tornando o meio acadêmico inóspito, no que se refere a produzir conhecimento cujo corpo dos jovens skatistas seja estudado via tendência crítico-dialética, cabe ressaltar que não se encontram motivos, argumentos e justificativas que levem ao descarte desta tendência e do seu método.

Tal qual o mito da Fênix que renasce das cinzas⁴⁴, ainda vê-se provável espaço – aurora – para a tensão filosófica, política, sociológica, cultural e científica tendo em vista encontrar possibilidades de ressignificar esta tendência, no cenário da pesquisa, na época contemporânea e viabilizar estudo com o corpo dos jovens skatistas, que dê condições de compreendê-lo enquanto categoria histórica, que se processa de maneira dialética em uma realidade contraditória e complexa. Marcada pelo consumo, mas que não se subsumi unicamente no mercado, haja vista a luta ainda hoje encampada pelos movimentos sociais e a ocupação das ruas pelos grupos juvenis, como o dos skatistas, que cobram políticas públicas de direito e acesso às cidades.

Em meio a esta contradição faz sentido recorrer-se a reflexão de Horkheimer (2013, p.116) que esclarece que:

[...] O indivíduo resistente se oporá a qualquer tentativa pragmática de conciliar as exigências da verdade e as irracionalidades da existência. Em vez de sacrificar a verdade pela conformidade com os padrões dominantes, ele insistirá em expressar em sua vida tanta verdade quanto possa, tanto na teoria quanto na prática.

Chama-se a atenção também neste estado do conhecimento o fato de que poucos são os trabalhos que concedem a oportunidade e o direito aos jovens, skatistas ou não, de pronunciarem sua palavra.

Dentre os trabalhos em que os jovens são ouvidos, não se limitando aos skatistas, em suas impressões sociais, culturais e políticas sobre o mundo, a vida e o corpo, têm-se e destacam-se a tese de Lacerda (2013) e as dissertações de Esteves (2010), Olic (2010), Rampazzo (2012), Takaki (2012), Batista (2013) e outras.

E dos trabalhos citados apenas as dissertações de Olic (2010) e Rampazzo (2012), que não são de tendência crítico-dialética, que se propõem a ouvir exclusivamente os jovens skatistas e o que eles têm a falar sobre variados assuntos, temas e dilemas da vida (perspectivas de mundo, de si, família, educação, trabalho e corpo; apropriações dos espaços urbanos, pistas de skate e cidade; vivências de lazer, prática do skate, etc).

⁴⁴ Sobre o mito da Fênix o poeta Ovídio apud Bulfinch (2002, p.362-363) diz que: "[...] Depois de ter vivido quinhentos anos, faz um ninho nos ramos de um carvalho ou no alto de uma palmeira. Nele junta cinamomo, nardo e mirra, e com essas essências constrói uma pira sobre a qual se coloca, e morre, exalando o último suspiro entre os aromas. Do corpo da ave surge uma jovem fênix, destinada a viver tanto quanto a sua antecessora [...]".

Estes fatos em conjunto com a suposta e possível “crise” paradigmática e epistemológica a qual a academia vem passando, a respeito da produção do conhecimento, junto à tendência crítico-dialética, acerca do corpo, são argumentos para adotar os corpos dos jovens skatistas, como objeto, pela via desta tendência que na pesquisa prevê investigar os skatistas; cuja fase da vida, a juventude, possui demandas históricas pontuais e específicas no campo da educação, profissionalização, mundo do trabalho, arte, cultura, política, lazer, para o futuro e o tempo presente.

CAPÍTULO II

CORPO E JUVENTUDE: APROPRIANDO-SE DA CIDADE

A cidade, “espaço-tempo” e não apenas projeção de uma estrutura social no espaço, como afirmou Lefebvre (1978), revela formas e conteúdos de relações sociais diversas. A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano (SPOSITO, 1994, p.161, grifo da autora).

No capítulo analisa-se o corpo dos jovens skatistas, participantes da pesquisa, enquanto dimensão social que se constrói historicamente na rua, pista de skate e escola. Ao propor discussão sobre o corpo a pesquisa avalia ser relevante considerar-se a sua condição histórica que não o desvincula das contradições do tempo.

Como afirmado por Bloch (2002) a história se caracteriza pela inserção, intervenção e atuação do homem no tempo. E Marx (2000) compreende que o presente se materializa ainda a partir das ressonâncias socioculturais do passado. Então, não há uma cisão, mas um processo de conexões e interdependências que vão se reordenando no tempo mediante as contradições, frutos também dos embates de classe. Marx e Engels (2007, p. 40) contribuem com a discussão ao falarem que: “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes”.

Cada momento da inserção do humano na realidade é marcado por paradigmas de corpo que se diferenciam daqueles de contextos e épocas anteriores ao presente, cujo perfil, tendo-se por referência a atualidade, é moldado nas academias de ginástica e musculação, determinando certo padrão escultural e de beleza, que supostamente pode influenciar a forma pela qual os jovens skatistas lidam com ele. Identifica-se que os corpos dos skatistas não estão desconectados das contradições dialéticas da época contemporânea.

Como a história não segue uma espécie de linearidade evolutiva, antes é marcada por embates, continuidades e descontinuidades, fato que poderá constituir

possíveis resistências imprimidas pelos skatistas na maneira pela qual se relacionam com o próprio corpo. Ressaltar este ponto se faz imprescindível haja vista que os jovens não são consumidores passivos e desprovidos de crítica, autocrítica e resiliência, ao contrário também são capazes de assumirem, refutarem ou darem novo sentido ao que lhes é apresentado pela indústria cultural. E isto tanto no que se refere ao corpo quanto a demais categorias passíveis de consumo pelo mercado.

Dito isto, faz-se necessário ainda visualizar como os jovens skatistas utilizam o espaço urbano, por vias alternativas, recorrendo não apenas a pista, para a prática do skate, mas as ruas, calçadas, praças e demais lugares. Acredita-se que esta atitude concede novo sentido à cidade por meio de uma cultura, movimento que nasce nas ruas e se apropria delas, propondo outros diálogos com a urbanidade.

Portanto é preciso compreender o processo histórico de origem do skate, sua chegada ao Brasil e o que os jovens têm a dizer sobre o uso alternativo que fazem da cidade pelo skate. Para isto é necessário discutir a respeito da relação sociológica entre o corpo e os jovens – sujeitos históricos –, considerando-se as especificidades da juventude – fase da vida – e as singularidades culturais dos skatistas – grupo juvenil – que vivenciam o espaço urbano e frequentam ou não a pista de skate.

2.1 O corpo dos jovens e dos grupos juvenis skatistas

A partir do estado do conhecimento visualizou-se que poucos são os estudos em que aos jovens é concedido o direito de dizerem sua palavra e, em contra partida, de serem ouvidos, a respeito de diferentes temas, e principalmente sobre o corpo.

Ao falar-se dos jovens skatistas, primeiramente é preciso ter clareza de que antes de serem skatistas eles são jovens, inseridos em determinada fase da vida, denominada de juventude. Por jovens as políticas públicas brasileiras, na instância federal, segundo o Estatuto da Juventude, vão dizer que são os indivíduos com idade entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2013).

Entretanto, não se pode resumir o conceito de jovens a classificação etária, que mantém vínculos unicamente com suas características biológicas. Ao se referir a tal grupo é preciso considerar também os fatores históricos, sociológicos e culturais das várias possibilidades contemporâneas do ser jovem. O que gera a necessidade do seu uso no plural, jovens, e não no singular, jovem.

Bourdieu (2003a) contribui com assertiva ao propor reflexão que critica a classificação dos jovens por caráter unicamente etário, expandindo os elementos geracionais pelos quais os indivíduos poderão ser compreendidos. Para ele a idade é uma construção de caráter biológico que é:

[...] socialmente manipulado e manipulável; e que o facto de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação [...] (BOURDIEU, 2003a, p.153).

A passagem gera linha de pensamento que mostra que os jovens são dotados de interesses diferentes, múltiplos e diversos, fato que precisa ser levado em conta quando se tem em mente a apropriação deles como objeto central ou secundário, que dialoga com o objeto estabelecido para estudo e pesquisa, sendo o corpo dos jovens skatistas.

Ao recorrer a demais pensadores, que possam fundamentar os argumentos aqui levantados, nota-se em Pinheiro e Feitosa (2013) reflexão que aponta como os jovens são plurais e heterogêneos, sendo preciso levar em conta estes fatores, exclusivos de sua fase da vida determinantes nas suas perspectivas de vida e que não podem ser descartadas. Os autores afirmam que o “[...] desafio metodológico em problematizar a juventude como objeto sociológico nos instiga a compreender a juventude como uma categoria dinâmica e plural [...]” (PINHEIRO, FEITOSA, 2013, p.171).

Ao considerar os jovens como sujeitos históricos, formados por dimensão biológica, mas também e principalmente por características sociais e culturais, permite-se distingui-los, bem como os seus grupos juvenis, de outros no tocante aos interesses, visões e expectativas acerca da vida, da sociedade, do mundo em aspectos pertinentes à educação, afetividades, família, lazer e ao mundo do trabalho.

E isto é o resultado das dinâmicas concretas da vida, no emaranhado tecido social, pertinentes à juventude, que devem ser vistas no plural, fase da vida dos jovens. Segundo Pais (1990), a juventude pode ser conceituada e compreendida como:

[...] A juventude, quando aparece referida a uma fase de vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias económicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo (PAIS, 1990, p.146).

Em consonância com Pais (1990), tal qual o conceito de jovens, não se resumir a uma esfera de caráter exclusivamente etário e biológico, porque está sujeito a elementos de ordem cultural, o que geram jovens heterogêneos acerca das suas vivências concretas

e as perspectivas de vida; com a juventude não é diferente, pois enquanto fase da vida, ela também está sujeita aos condicionantes de teor histórico, sociocultural, econômico e político.

Vista dessa forma, a juventude receberá influências e ainda, por meio dos jovens inseridos em sua temporalidade, influenciará o lugar onde se dá, o que diversifica e ressignifica a maneira pela qual os jovens experimentam, vivenciam e interagem, na realidade com os seus corpos, em seu tempo histórico; considerando-se as especificidades de cada contexto, podendo ser rural-comunitário, urbano-interiorano, metropolitano-industrial ou multicultural-cosmopolita.

Os jovens podem viver sua fase da vida tanto de forma individual, em certos momentos específicos em que desejam refletir sobre a realidade, o concreto e o pensado, e também de maneira coletiva em seus grupos juvenis, interagindo-se entre si e com o mundo, através de objetivos variados, que se diversificam de grupo para grupo.

É o que Duarte (2012, p.17-18), em outras palavras, mas com sentido similar, também irá tratar dos jovens e seus intercâmbios: “[...] Orientam-se por elementos materiais e imateriais, códigos, símbolos, sistemas de representações sociais, expressando estilos de viver, expressões culturais de agrupamentos juvenis diversos [...]”.

Se várias são as formas de ser jovem, de juventude e ainda de interações, múltiplas também serão as coletividades, os grupos juvenis, que vivenciam a realidade. E ainda, os jovens se permitem transitar por diferentes grupos, flexibilizando seus modos de ser, socializar e aprender com as diferenças, oriundas dos colegas, amigos e pares dos grupos que frequentam.

Fochi (2006, p.25) coopera com a discussão ao falar que:

[...] usaremos a expressão tribo urbana como uma categoria, como um segmento social, como grupos que se separam e se unem de acordo com as características estéticas de seus integrantes. Grupos sem grandes vínculos, a não ser a busca pelo prazer, pelo aqui agora; sem preocupação com uma sociedade futura; que compartilham códigos no seu interior; com hábitos de consumo semelhante; que apresenta uma co-presença teatral que faz parecer diante do outro.

A definição de tribos urbanas dá a impressão de se terem coligações com durações espaço-temporais transitórias, fluídas e híbridas. Reconhece-se na reflexão de Fochi (2006) tentativa em delimitar as diferentes formas, jeitos, maneiras dos jovens se

reunirem e organizarem-se em seus momentos de socialização⁴⁵. Mas, é através dos grupos juvenis que se identifica conceito que proporciona sentidos teóricos mais duradouros às interações que agregam os jovens.

Por grupos juvenis faz-se menção aos ajuntamentos, mobilizações e organizações de caráter coletivo que reúnem indivíduos jovens com interesses, objetivos e metas em comum, tais como os skatistas, que se aproximam para vivenciar em conjunto a prática do skate em diferentes espaços urbanos, incluindo-se a pista.

É preciso deixar claro que os jovens skatistas, ainda que possuam uma prática em comum, os objetivos de indivíduo para indivíduo podem-se alterar e receber *status* diferenciado quando comparadas as motivações. Neste fato, vê-se que a juventude é também reprodutora e produtora de sentidos dados ao mundo, a si e a seus corpos. Pais (1990, p.151) corrobora com esta afirmação ao mencionar que é:

[...] necessário olhar a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens; isto é, torna-se necessário passar do campo semântico da juventude que a toma como unidade para o campo semântico que a toma como diversidade [...].

Em conformidade com Pais (1990) nota-se que os grupos juvenis são relevantes no que tange aos modos, meios e mecanismos humanos de sociabilidade, relevantes em agregar símbolos culturais nas trocas sociais que se efetivam de formas diferentes entre os sujeitos nos grupos, permitindo o aprendizado de ritos, linguagens, expressões e valores, que muitas vezes passam despercebidos ou distantes da educação escolarizada. Simmel (2006, p.70, grifo do autor) contribui no que se refere à sociabilidade, ao considerar que:

[...] esse mundo da sociabilidade, o único em que é possível haver uma democracia sem atritos entre iguais, é um mundo *artificial*, construído a partir de seres que desejam produzir exclusivamente entre si mesmos essa interação pura que não seja desequilibrada por nenhuma tensão material.

Pelo conceito de sociabilidade defendido por Simmel (2006) nota-se que não apenas a escola, porém demais espaços, lugares e grupos como os skatistas permitem o aprendizado de valores socioculturais de forma coeducativa, livre e criativa. Tal

⁴⁵ No contemporâneo os jovens tem se relacionado de maneira que os vínculos afetivos não sejam duradouros, pois são frágeis e momentâneos. A reflexão de Fochi (2006) parece encontrar apoio no que Bungenstab (2017) – tomando o conceito emprestado de Maffesoli (2007, 2010) – irá chamar de neotribos. Para aprofundar no debate acerca das neotribos sugere-se o trabalho de Bungenstab (2017).

diagnóstico é categórico sugerindo inclusive que a escola se aproxime destes grupos e reveja de maneira crítica a forma que historicamente tem se relacionado com a juventude, cujos corpos estão supostamente sendo educados por micropoderes e biopolíticas (FOUCAULT, 2004, 2013).

Dá-se importância ao corpo e à sua educação na escola, porque ele representa um dos meios, que livre de coerções, permite aos jovens integrarem-se uns com os outros. E esta integração se dá devido ao fato de que pelo corpo é possível comunicar ideias, particularidades e singularidades da vida e visões de mundo. Constituindo-se uma forma de linguagem cultural específica que se constrói e efetiva-se também corporalmente. É o que afirma Cavalcante (2010, p.47) na passagem que se segue:

Os jovens como agentes diversificam suas maneiras de comunicação e interação por meio de linguagens corporais e verbais múltiplas: pela arte, música, moda, tecnologias. Todas elas expressam de alguma maneira o tipo de jovem por meio de adereços, de vestimenta ou de marcas no corpo ou de tecnologias que utilizam.

Já Vigarello e Holt (2012) ao refletirem sobre os fenômenos socioculturais do corpo vão apontar o final do século XVIII e início do XIX, marcados pela sociedade de classes enquanto momento ímpar no que tange as transformações pelas quais o corpo se submeteu na história. De acordo com os autores: “[...] As mudanças supõem uma lenta inflexão da cultura do corpo que só o contexto social ou econômico permite compreender melhor [...]” (2012, p.412).

É por isto, em diálogo com a citação, que ao estudar-se o corpo implica em apreender não somente ele, mas também uma realidade marcada por complexidades e contradições. Por assim dizer, Corbin, Courtine e Vigarello (2012), embasados em Lucien Febvre (1962), contribuem com o argumento ao refletirem que: “[...] uma atenção histórica ao corpo restitui ao centro da civilização material modos de fazer e de sentir, investimentos técnicos, confrontos com elementos: o ser humano ‘concreto’ [...]” (2012, p.07, grifo dos autores).

É inegável como afirmado pelos autores à existência de investimentos técnicos e confrontos sobre o corpo, haja vista as suas possibilidades históricas de reprodução e ruptura. Este fato leva a múltiplas formas de uso, assimilação e apropriação do corpo que se diversifica de contexto para contexto, de grupo para grupo e de classe para classe. Para Bourdieu (2003b, p.197-198, grifo do autor):

[...] as diferentes classes prestam uma atenção muito desigual aos ganhos “intrínsecos” [...] que se esperam no que se refere ao corpo em si próprio:

Jacques DeFrance mostra, por exemplo, que se pode pedir à ginástica – tal é a procura popular, que encontra satisfação no culturismo – que produza um corpo forte e que veicule os sinais exteriores da sua força, ou pelo contrário um corpo são – tal é a procura burguesa, que encontra satisfação em atividades de função essencialmente higiénica [...].

Como Bourdieu (2003b) relatou é perceptível à existência de diretrizes de classe que interferem nos múltiplos processos sociais e culturais aos quais os sujeitos dão sentido e se apropriam dos corpos. Aqui é preciso considerar que não apenas as questões de classe, mas as perspectivas de credo, ciência, formação, política, da ludicidade e costumes populares, tradicionais e contemporâneos irão suscitar diferentes maneiras de viver o corpo.

Dentre estas há também as perspectivas de gênero que podem configurar certo *habitus*, que provavelmente gera valores simbólicos que perpassam pelos sentidos dados aos corpos. Esta reflexão pode ser ilustrada pelo pensamento de Bourdieu (2010, p.38) que se segue:

[...] Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética [...].

Considera-se que estes códigos simbólicos, pelo qual os corpos incluindo o dos jovens skatistas são experimentados, podem por sua vez e hipoteticamente intensificar as diferenças, verticalizando as relações de gênero, o que naturaliza estereótipos e preconceitos. Ao corpo é dada a tonalidade do contexto onde ele se manifesta, sendo também produtor dos seus próprios sentidos. Vê-se isto em outra esfera das atividades humanas como o campo do esporte e do lazer. Adorno (2009) amplia o debate ao dizer que:

[...] parece evidente a hipótese, entre outras, de que, mediante os esforços requeridos pelo esporte, mediante a funcionalização do corpo no *team*, que se realiza precisamente nos esportes prediletos, as pessoas adestram-se sem sabê-lo para as formas de comportamento mais ou menos sublimadas que delas se espera no processo do trabalho. [...] De muitas maneiras, no esporte, nós nos obrigaremos a fazer certas coisas [...] que, sob a pressão social, nós temos que obrigar-nos a fazer e ainda temos que achar palatável (ADORNO, 2009, p.68, grifo do autor).

Segundo o filósofo pode-se identificar que os exercícios físicos praticados pelos sujeitos no período do não trabalho, no tempo livre, longe de serem simples práticas desinteressadas do ponto de vista da produção, também podem estar demarcados por

racionalidade que pode vir a doutrinar os corpos já que supostamente vive-se o lazer para se aliviar, recarregar as energias corporais e retomar o mundo do trabalho. E esta espécie de doutrinação dos movimentos corporais determina as medidas, formas, portes físicos e perfis de beleza, sendo um fato histórico das sociedades industriais. Assim afirma Marcuse (1969, p.84):

[...] Esta é uma das realizações originais da sociedade industrial – tornada possível pela redução da sujeira e do trabalho físico pesado; pela disponibilidade de roupas baratas e atraentes, cultivo da beleza e higiene física; pelas exigências da indústria de propaganda etc [...] (MARCUSE, 1969, p.84).

A escrita direcionada às sociedades industriais do primeiro mundo, não pode ser “mecanicamente” transferida aos países do terceiro mundo ou em desenvolvimento como o Brasil, haja vista que aqui ainda encontramos operários em condições precárias de trabalho, e em alguns casos até o trabalho escravo. Todavia, dentre os motivos que chamam a atenção está o fato do corpo se tornar mercadoria, coisa e ficar envolto por aura fetichista. Nesta linha de raciocínio, Lukács (2003) ao estudar o fenômeno da reificação, no trabalho, e do fetiche da mercadoria afirma que:

A metamorfose da relação mercantil num objeto dotado de uma “objetivação fantasmática” não pode, portanto, limitar-se à transformação em mercadoria de todos os objetos destinados à satisfação das necessidades. Ela imprime sua estrutura em toda a consciência do homem; as propriedades e as faculdades dessa consciência não se liga mais somente à unidade orgânica da pessoa, mas aparecem como “coisas” que o homem pode “possuir” ou “vender”, assim como os diversos objetos do mundo exterior. E não há nenhuma forma natural de relação humana, tampouco alguma possibilidade para o homem fazer valer suas “propriedades” físicas e psicológicas que não se submetam, numa proporção crescente, a essa forma de objetivação [...] (LUKÁCS, 2003, p.222-223, grifos do autor).

Neste processo que envolve a produção dos bens materiais acredita-se que pela ótica da indústria cultural permite-se estabelecer raciocínio crítico e importante para se refletir sobre a complexa rede de significados que torna o corpo produto e ao mesmo tempo consumidor, capaz de continuidades e descontinuidades. Isto porque ela reduz a arte e o corpo à esteira do mercado empobrecendo a experiência, o simbólico, o lúdico, a vida e a existência, tardando-se a emancipação e ofuscando o pensamento autônomo.

Baptista (2007, p. 133) ao discutir sobre a indústria cultural vai explicitar que:

[...] A indústria cultural promete a felicidade e a sublimação, mas esta ventura não pode ser alcançada porque é um fetiche e, enquanto tal, aponta sempre para uma outra necessidade criada com frequência. [...] A indústria cultural apenas reafirma a felicidade impossível de ser alcançada e, ao mesmo tempo, veladamente, administra as relações sociais para este modelo de corpo manter-se dentro do necessário para a obtenção dos lucros.

É perceptível o quanto os meios de comunicação de massa, as mídias em geral, se utilizam da propaganda, das formas de parcelamento e pagamento, para que o sujeito não fique fora da moda, não deixe de acessar as novidades e tendências; criadas, como se diz aos quatro cantos, de acordo com a “singularidade” de cada cliente.

Através da compra e aquisição do que a indústria cultural coloca à disposição dos indivíduos, incluindo-se certo perfil de corpo; magro, treinado, tonificado, enrijecido, musculoso, retilíneo, “belo” e perfeito; veiculado nas academias de ginástica e musculação, há uma busca de sentido para a vida. Esta veneração ao corpo da margem para se reviver o mito grego de Narciso. Segundo a versão de Bulfinch (2002, p.124-125) se vê que:

[...] Havia uma fonte clara, cuja água parecia de prata [...]. Ali chegou um dia Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede. [...] viu a própria imagem refletida na fonte [...]. Ficou olhando com admiração para os olhos brilhantes, para os cabelos anelados [...]. Apaixonou-se por si mesmo. [...] mergulhou os braços na água para abraçar a bela imagem. Esta fugiu com o contato [...]. Narciso não pôde mais conter-se. Esqueceu-se de todo da idéia de alimento ou repouso [...]. — Por que me desprezas, belo ser? — perguntou [...] — Meu rosto não pode causar-te repugnância [...]. Suas lágrimas caíram na água, turbando a imagem. E, ao vê-la partir, Narciso exclamou: — Fica, peço-te! [...]. Com estas palavras [...], aticava a chama que o consumia, e, assim, pouco a pouco, foi perdendo as cores, o vigor e a beleza [...]. O jovem, depauperado, morreu [...].

Recorrendo ao mito de Narciso é como se o personagem retornasse a vida no contemporâneo e buscasse dar sentido, valor e significado a vida a partir do alcance de determinado modelo de corpo supostamente elaborado nas academias. Aqui, inclusive a alegoria das águas do rio, que permitiram ao personagem se ver, se apaixonar por si é substituída pelos espelhos aos quais os frequentadores utilizam para reverenciar, admirar e enamorar a própria aparência. Então, ser feliz é forjar-se em meio aos ritos do *fitness*. Bandeira (2008, p.25) ilustra a discussão quando fala que:

A instrumentalização da beleza, na atualidade histórica do modo de produção capitalista, tem representado os objetivos do mercado consumidor e da ciência moderna, possuindo hodiernamente expressão máxima e real na indústria do *fitness* e dos diversos arsenais desenvolvidos em torno das técnicas de embelezamento. O contexto em que se insere a discussão do corpo na contemporaneidade correlaciona-se a todo o aparato norteador do *fitness*, das práticas corporais e de suas inesgotáveis promessas de felicidade.

Pela crítica de Baptista (2007) e Bandeira (2008) no tocante a indústria cultural, especificamente ao padrão de corpo e beleza, hipoteticamente imposto aos sujeitos, apreende-se que a promessa de felicidade não é alcançada uma vez que de tempos em

tempos demais produtos e perfis de corpos serão lançados no mercado, alterando as prioridades de consumo, níveis de felicidade, padrões de gosto e satisfação pessoal.

É como diz Takaki (2012, p.120): “O corpo [...] ganha foco central na construção dos indivíduos no contemporâneo, sendo um, senão o principal, elemento no qual se deve investir”. Contudo, ressalta-se que se pela indústria cultural não é possível alcançar a plena realização e gozo, há outras formas de satisfação vinculadas à capacidade de livre assunção e ruptura dos indivíduos, aos quais podem dar novos sentidos e significados aos seus corpos e aos produtos veiculados pelo comércio.

Isto se dá porque os humanos não são meros e indefesos reprodutores do sistema, tendo a condição de dialética e contradição. Logo, discorda-se da passagem à frente proferida por Falconi, Ferreira e Miranda (2007, p.121, grifos dos autores) quando falam que:

Dentro da linha skatista existem dois tipos de estilo: o *skate punk*, que é principalmente constituído de jovens que gostam de rock. São tênis mais baixos, camisa mais curta, com cores mais fortes, calças mais coladas ao corpo e cintos de metal; e o *hip hop*, os quais usam touca ou boné-lenço, calça muito frouxa e tênis maiores, escutam rap. Nos dois estilos, marcas e adereços nos corpos dos jovens, como uso de tatuagens e piercings, são bem comuns. Esta identidade construída através da imagem é fruto da sociedade consumista em que vivemos; o estereótipo *rapper* ou *punk* foi disseminado através da mídia e hoje se configura como espécie de código de conduta exercido entre os jovens, principalmente da periferia.

Direcionando-se especificamente a discussão para o corpo dos jovens skatistas, cabe ressaltar que se há a indústria do consumo permeando o microuniverso skatista há também por parte dos jovens a possibilidade da recusa, ruptura e negação. O que permite ver que nem toda forma de consumo é alienado ou irrefletido cabendo ao sujeito ressignificar aquilo que a si, sendo o corpo ou não, lhe é oferecido. Por este fato acredita-se que simplificar a prática do skate e o corpo que nela está em movimento, à exclusiva influência do mercado é desconsiderar processos de complexidade sociocultural e histórica.

Deste modo, procurando-se ir à contramão do que propõem Falconi, Ferreira e Miranda (2007) recorre-se à crítica proferida por Benjamin (2009b, p.31) sobre determinada visão de história incapaz de aurora:

Há uma concepção de História que, confiando na infinitude do tempo, distingue apenas o ritmo dos homens e das épocas que rápida ou lentamente avançam pela via do progresso. A isso corresponde a ausência de nexos, a falta de precisão e de rigor na exigência que ela faz ao presente [...].

A citação é importante na medida em que demonstra que a história não é o resultado de sucessíveis acontecimentos que tendem à perfeita evolução progressista da humanidade. Muito pelo contrário, é possível identificar ressonâncias que estabelecem negações e sínteses uma vez que o humano é capaz de intervir no tempo, na realidade através de vivências simbólicas permeadas pelo corpo via arte, prática do skate, etc.

Nessa linha de posicionamento extrai-se de Thompson (1998) importante reflexão que critica os determinismos que desconsideram supostos dissensos entre o humano e o sistema. Diz Thompson (1998, p.31): “[...] Devemos abandonar a idéia de que os destinatários dos produtos da mídia são espectadores passivos cujos sentidos foram permanentemente embotados pela contínua recepção de mensagens similares [...]”.

Freitag (1990, p.20-21) citando Adorno e Horkheimer diz que para eles o capitalismo estaria “[...] assimilando os indivíduos ao sistema estabelecido [...]”. Identifica-se não ser facilmente solucionável a relação do sujeito, e aqui se incluem os skatistas e seus corpos, com a realidade uma vez que longe de um consenso possível é mais cabível considerar que há um embate que não se resume às questões de classe, mas se amplia para a cultura, subjetividade, *habitus*, contradição, complexidade e tensão filosófica.

Kellner (2001) parece ter percebido esta condição controversa do sujeito na história e aponta para possibilidade de suposta resiliência e resistência do jovem por meio da arte frente à mídia e sua reprodução, ruptura e produção. Diz Kellner (2001, p. 203, grifo do autor):

[...] Os músicos negros do *rap* e os cineastas negros têm utilizado a cultura da mídia para expressar sua visão sobre a sociedade americana contemporânea, usando a mídia para resistir à cultura de opressão racial existente nos Estados Unidos e para exprimir suas próprias formas de resistência e de identidade contestadora [...].

[...] Quando os membros dos grupos oprimidos têm acesso à cultura da mídia, suas representações muitas vezes articulam visões outras da sociedade e dão voz a percepções mais radicais [...].

Diante desta perspectiva observa-se haver processos filosóficos dialéticos que ao contrário dos determinismos são capazes de mudanças. Sobre a dialética Hegel (1992, p.80) vai afirmar que:

[...] É claro que a dialética da certeza sensível não é outra coisa que a simples história de seu movimento ou de sua experiência; e a certeza sensível mesma não é outra coisa que essa história apenas. A consciência natural por esse motivo atinge sempre esse resultado, que nela é o verdadeiro, e disso faz

experiência; mas torna sempre a esquecê-lo também, e começa de novo o movimento desde o início.

A dialética se mostra como alternativa pertinente à detecção das mútuas e simultâneas influências que se dão entre os contrários, opostos, que estabelecem vias de movimento rumo à síntese, porém é preciso dizer que isto não ocorre como mera obra da ideia, espírito e consciência. Por mais que Hegel (1992) vai privilegiar o pensamento em detrimento da ação dos humanos na história, na pesquisa faz-se o contrário, partindo-se da realidade, dos embates e contradições que irão constituir as ideias.

Logo, as reflexões de cada época resultam-se dos antagonismos e paradoxos, dentre eles os de classe na história, e não o oposto. Marx (1996) coopera com o que foi falado ao estabelecer diferença entre a dialética de que fez uso, para a de Hegel (1992). Ele diz que:

Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 1996, p.140).

Em Marx (1996) consegue-se ampliar as probabilidades no que se refere à busca por certa autonomia e emancipação, pois se identifica que ao humano, indivíduo histórico, é inegável a possibilidade de intervir na realidade, com seu corpo, tanto pelo embate quanto pelo trabalho que transforma a si e o meio ambiente. Eis a *práxis* que consideravelmente poderá apontar meios de emancipação.

E dentre estes meios o que Marcuse (1981b) sugere como negação, ato de coragem, ousadia, resistência e recusa a reconciliar-se com a atual sociedade haja vista que nela ainda não se superou a divisão de classes e a exploração do humano, do jovem e do corpo. Afirma o pensador:

Na medida em que a sociedade antagônica se transforma em uma totalidade repressiva terrível, por assim dizer se desloca o lugar social da negação. O poder do negativo surge fora dessa totalidade repressiva, a partir de forças e movimentos que ainda não estão manietados pela produtividade agressiva e repressiva da chamada “sociedade da abundância”, ou que já se libertaram desse desenvolvimento e, portanto, têm a possibilidade histórica de percorrer um caminho de industrialização e modernização realmente distinto, um caminho humano de progresso. E a essa oportunidade corresponde à força da negação no interior da “sociedade da abundância”, força essa que se revela contra esse sistema como um todo [...]. A força da negação [...] creio, ela se baseia em impulsos e objetivos que se encontram em contradição irreconciliável com o todo existente (MARCUSE, 1981b, p.165, grifos do autor).

Retomando o objeto, acredita-se que o indivíduo supostamente consegue confrontar/tensionar dialeticamente os desafios que estão postos e atribuir novas possibilidades de inteirar-se com o meio e isto pode ocorrer pelo corpo do jovem mediante a prática do skate na rua, na pista, etc.

Estes jovens capazes de agir por si, inserem-se em jornada balizada pela autonomia tendo por objetivo a vivência de experiências que tragam sentido pleno às suas vidas e lhes permitam terem um encontro consigo e com suas perspectivas de mundo, que se projetam em seus corpos. É o que afirma Benjamin (2009a, p.30) acerca da juventude e do despertar de sua consciência crítica e política:

[...] A juventude sabe que lutar não significa odiar e que, se ainda encontra resistências, se ainda não pode penetrar tudo com juventude, isso se deve à sua própria imperfeição. Na luta, no vencer ou no sucumbir, escolhendo entre o sagrado e o profano, ela deseja encontrar a si mesma [...].

Ao se referir à juventude de forma geral e aos grupos juvenis de skatistas e seus corpos especificamente, vale citar a reflexão de Marcuse⁴⁶ (1981a, p. 129) que se segue: “[...] O desfecho depende, em grande medida, da capacidade da jovem geração [...] o indispensável requisito prévio da transição para a ação política em grande escala⁴⁷”.

A expressão jovem geração, usada por Marcuse (1981a), pode ser compreendida através da concepção de Cordeiro e Cordeiro (2013, p.191) que consideram que fazer parte de uma “[...] geração é possuir uma correspondência de ideias, influências, saberes, filiações identitárias e valores comuns a uma parcela da sociedade [...]”.

Em diálogo com os autores tem que se ter a clareza de que ao estudar os jovens é preciso considerar que sociologicamente eles podem se constituir como objeto a partir de duas perspectivas que levam em conta o caráter geracional e o de classe. Pais (1990, p.140, grifos do autor) contribui com o descrito quando relata que:

Se as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser *próprios* ou *inerentes* à fase de vida a que se associa uma das noções de «juventude», como podem, também, ser *derivados* ou *assimilados*: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente *geracional* da sociologia da

⁴⁶ Oliveira e Guedhin (2009) citam também esta passagem em pesquisa desenvolvida sobre Marcuse e sua obra.

⁴⁷ Marcuse foi um intelectual politicamente engajado, sobretudo, e não apenas na segunda metade do século passado. Atuou junto à juventude da contracultura. Como o tema da pesquisa abrange a prática do skate, que surge em meio ao contexto ao que se fez referência a Marcuse, faz-se jus aponta-lo como uma das referências para se pesquisar os jovens. Para demais informações sobre o seu legado sociológico, filosófico e político sugere-se acessar o trabalho de Oliveira e Guedhin (2009).

juventude), quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente *classista*) [...].

Reconhecem-se os jovens skatistas como sujeitos de direitos para o presente, marcados por perspectivas de geração e classe, e que a partir dos atos de socialização e sociabilidade, procuram viver e ocupar a cidade, na história, com os seus corpos em movimento sobre os skates. São estes mesmos jovens que se são influenciados pelo sistema também são capazes de influenciá-lo, recusá-lo e negá-lo.

É em meio a este emaranhado de complexidades que Sousa e Brenand apud Bungenstab (2017, p. 65) irão mencionar que: “Nessas distintas formas de pensar a vida estão os jovens: nem de um lado, nem do outro, mas de um lado e do outro também, ou seja, vivenciando as contradições apresentadas, sem, contudo apontar o certo ou o errado”. Nestas perspectivas, segue a juventude skatista com seus corpos ora em tom de amálgama ora de enfrentamento ou incertezas, com a realidade sem perder a esperança histórica no por vir, que mesmo não liberto de possíveis angústias, aponte na direção da autonomia de pensamento e ação coletiva emancipada.

2.2 Jovens e a ocupação da cidade

Falar sobre a cidade não é tarefa fácil porque o concreto, asfalto, trânsito, poluição, comércio, serviços de saúde, lazer, etc que a envolve só faz sentido se pensados junto à ação dos humanos sobre ela por sua criação representar o resultado de complexas e imbricadas interações sócio espaciais entre os humanos na história.

Logo, Carlos (2007) vai compartilhar desta visão e contribuir com a discussão ao refletir sobre as dimensões humanas da análise, estudo e conceituação do espaço e do território. Sobre isto a autora afirma o que se segue:

A análise espacial da cidade, no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam em um território real e concreto, o que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço através da prática sócio-espacial. A materialização do processo é dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares, esta é a dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida [...] (CARLOS, 2007, p. 20-21).

Cabe aqui na pesquisa também esclarecer o que vem a ser a cidade haja vista que o entendimento de toda e qualquer criação humana se opera de maneira crítica quando

se tem condições de compreender os determinantes teóricos que caracterizam sua denominação. Então, no estudo quando se referir à cidade tem-se a intensão de apreendê-la como tipicamente humana, sujeita as intervenções dos diferentes indivíduos, que a transformam no espaço e no tempo. Esta definição pode ser identificada no pensamento de Carlos (2007, p.20, grifo da autora) ao dizer que:

Portanto, deixando de lado postulados e afirmações dogmáticas, podemos tomar como ponto de partida para o desenvolvimento do raciocínio capaz de produzir uma ‘leitura geográfica sobre a cidade’ a idéia de cidade como construção humana, produto histórico-social, contexto no qual a cidade aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza [...].

Já Maricato (2013) caracteriza a cidade não apenas pela esfera da produção ocorrida na fábrica, na indústria, enfim no mundo do trabalho. Para além destes postulados, acredita haver ainda uma série de outras categorias que se remetem às políticas públicas, destinadas ao atendimento das necessidades de saúde, transporte, iluminação pública, saneamento básico, etc, indispensáveis à proliferação da vida humana de forma não apenas quantitativa, mas também qualitativa. Afirma Maricato (2013, p.33):

As cidades são o principal local onde se dá a reprodução da força de trabalho. Nem toda melhoria das condições de vida é acessível com melhores salários ou com melhor distribuição de renda. Boas condições de vida dependem, frequentemente, de políticas públicas urbanas – transporte, moradia, saneamento, educação, saúde, lazer, iluminação pública, coleta de lixo, segurança [...].

Em acordo com a reflexão entende-se que a cidade, além de ser caracterizada pela produção material dos bens de consumo é também permeada por elementos de ordem política, pública e simbólica que possibilitam aos humanos reproduzirem e produzirem suas próprias vidas, e porque não os seus corpos.

Pelo fato de não se resumir a esfera da produção, que na sociedade de classes se dá pela exploração do trabalho e pela especialização da mão de obra fato que gera estranhamento entre sujeito e objeto tal qual identificado por Marx (1985) – “O que caracteriza a divisão do trabalho no interior da sociedade moderna é o fato de ela engendrar as especialidades, as especializações e, com elas, o idiotismo do ofício” (1985, p.134) – abrem-se possibilidades de socializar, sociabilizar e identificar-se com a casa, rua, bairro e a cidade.

Devido à suposta alienação a qual o humano foi submetido na produção é que se faz importante o acesso aos bens culturais, artísticos, educacionais e do lazer pertinentes ao desenvolvimento da autonomia e emancipação. Entretanto, é preciso ainda a satisfação dos bens de ordem material sem os quais o sujeito não poderia viver. Falam-se aqui do acesso à alimentação saudável, vestuário, moradia, etc fundamentais à sobrevivência cotidiana dos cidadãos.

Ao se falar em cidadãos, nota-se que a palavra está no plural e isto faz alusão ao significado coletivo que ela assume por representar o conjunto dos indivíduos que partilham, transitam e constroem suas vidas na cidade. Subentende-se ser impossível pensá-la por única via, ao contrário, devido à multiplicidade de pessoas e grupos juvenis que a formam o desafio está em reconhecer as diversas óticas em interação pelas ruas, avenidas, calçadas, praças, igrejas, casas, escolas e comércios que a constituem.

Harvey (2013, p. 55) também destaca o caráter coletivo da cidade e do direito que cada sujeito deverá ter garantido para o acesso a ela: “O direito à cidade não pode ser concebido simplesmente como um direito individual. Ele demanda um esforço coletivo e a formação de direitos políticos coletivos ao redor de solidariedades sociais [...]”.

Todavia, como a cidade é edificada na história ela sofre influências das contradições de cada contexto. E em cada contexto adotam-se perspectivas de gestão, que podem ser o resultado dos embates dos moradores com o poder público local, tendo em vista pensar em formas dinâmicas de administrá-la. Marx (2008) formulou reflexão que fundamenta o argumento apresentado, logo para ele é na gestão das cidades que se pode ver, de forma crítica os campos de disputa e as querelas sociais que também resvalam valores de classe:

[...] Minhas investigações me conduziram ao seguinte resultado: as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades, condições estas que Hegel, a exemplo dos ingleses e dos franceses do século 18, compreendia sob o nome de "sociedade civil" [...] (MARX, 2008, p.47, grifo do autor).

Por assim dizer, uma vez que no Brasil, país em processo de desenvolvimento, adota-se o paradigma do mercado como modelo produtivo, este também será o parâmetro que orientará as iniciativas da gestão pública nas cidades. Contudo na época contemporânea, marcada pelo capitalismo tardio e a diminuição do estado no que se

refere à sua linha de atuação frente aos serviços públicos vê-se emergir uma espécie de administração tecnocrática que a partir da segunda metade do século passado foi denominada de neoliberalismo. Sobre a cidade neoliberal Vainer (2013, p.69) afirma que:

A cidade neoliberal aprofundou e agudizou os conhecidos problemas que nossas cidades herdaram de quarenta anos de desenvolvimentismo excludente: favelização, informalidade, serviços precários ou inexistentes, desigualdades profundas, degradação ambiental, violência urbana, congestionamento e custos crescentes de um transporte público precário e espaços urbanos segregados [...].

O neoliberalismo tem entre as suas características a política do Estado Mínimo; que transfere para a iniciativa privada serviços que devem ser garantidos por ele, o estado, ao povo e isto se dá pelas concessões, privatizações e parcerias público-privadas; e também a ação de regular o cenário econômico privilegiando o mercado.

A população contribuinte, que paga seus impostos, com o objetivo do retorno destes em forma de serviços, no neoliberalismo, além dos impostos, precisam também pagar demais taxas e tributos para ter acesso à saúde, educação, segurança, transporte público, mobilidade urbana, lazer, dentre outros.

Se em alguns países desenvolvidos o Estado de Bem-estar Social ao ser substituído pelo Estado Mínimo, de iniciativa neoliberal, provocou uma série de demissões em massa e ainda perdas de direitos conquistados historicamente; conquistas estas encampadas no mundo do trabalho pela população operária através da luta de classes, que datam desde o conturbado contexto da primeira revolução industrial até o presente; no Brasil não foi diferente, veja-se na reflexão de Brito e Oliveira (2013, p.116):

[...] Afinal, do binômio matricial industrialização-urbanização no capitalismo periférico e escravocrata brasileiro não saiu um pacto redistributivo entre capital e trabalho, com integração social pela via dos direitos, tampouco uma reforma urbana que revertesse a secular expropriação e segregação socioespacial [...].

No Brasil, vem-se acompanhando nas cidades, principalmente as de médio e grande porte, incluindo-se capitais e suas regiões metropolitanas, por meio dos noticiários ou vivências habituais uma onda de exclusão socioeconômica que pós-ditadura militar foi intensificada pelas políticas neoliberais, adotadas na década de 1990, nas gestões do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Viu-se também que houve tentativas de redução destas exclusões nos projetos de inclusão educacional,

profissional, habitacional, urbana, de saúde e consumo criados nos governos do Partido dos Trabalhadores.

Mas, observa-se que o desafio de inclusão socioeconômica é muito maior, porque perpassa pela constituição de projeto histórico de sociedade e não unicamente de planos de governo que a cada nova gestão parece reiniciar-se do zero, desconsiderando o que de bom e eficiente possa ter sido feito em mandatos anteriores.

E este desafio fica notório quando as ruas e avenidas das cidades brasileiras são completamente tomadas pelos movimentos sociais, que ao demonstrarem insatisfação clamam e cobram por mudanças que de fato transformem o país, tornando-o uma nação em que todos possam viver com dignidade e não apenas uma minoria que lucra a partir da precarização do trabalho o que inclui o pagamento de salário mínimo que é praticamente incapaz de propiciar ao operariado a satisfação de suas necessidades de vida.

Nesta ação direta dos movimentos sociais, incluindo-se também os movimentos dos grupos juvenis, quando se apropriam dos espaços urbanos em prol de mobilização política e militante, confrontando pela luta as condições desumanas de vida que lhes são impostas nas sociedades de classe, que se pode identificar uma das inúmeras formas de materializar a histórica reflexão de Marx na 11ª tese sobre Feuerbach quando afirmou que: “Os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo” (MARX, ENGELS, 2001, p.103).

Assim, intervir no espaço urbano e ocupá-lo requer ter ciência de que ele se trata de lugar caracteristicamente humano e transformado pela ação histórica deste, nos processos de interação cotidiana com o espaço, consigo e com as demais pessoas. Para tanto Carlos (2007, p.11) contribui com a discussão ao mencionar que: “[...] o espaço urbano apresenta um sentido profundo, pois se revela condição, meio e produto da ação humana – pelo uso – ao longo do tempo [...]”.

Por isto, ou seja, por reconhecer que o espaço urbano é lugar tipicamente humano que se fazem relevantes às lutas dos movimentos sociais tendo como meta a tornar a realidade menos injusta e capaz de atender as demandas corporais dos diferentes grupos sendo jovens skatistas ou não. Logo, acessar a cidade é um direito constitucional, social, humano e também cultural. Souto Maior (2013, p.154) contribui com a exposição feita ao mencionar que:

[...] o direito social depende da vivência concreta da democracia política para que as pessoas excluídas do sistema econômico ou incluídas numa lógica de exploração possam se organizar para questionar criticamente a realidade, expondo publicamente os seus problemas e reivindicando as soluções necessárias. É assim, por conseguinte, que os movimentos sociais são acolhidos pelo direito de forma a tornar juridicamente válida – e, portanto, legítima – a sua manifestação e o seu inconformismo diante da injustiça [...].

Nesta ocupação das ruas pela população brasileira organizada nos movimentos sociais, e grupos juvenis, vê-se iniciativa em que os moradores da cidade resolvem tomar a dianteira de suas vidas e irem à luta, cobrar o que é direito inalienável, já que esperam pelo *feedback*, retorno político-social por parte do poder público o que representa o acesso aos serviços que devem ser assegurados pelo estado de forma “gratuita” e de qualidade já que pagam abusivas cargas tributárias. Iasi (2013, p.83) reforça a legitimidade dos atos de se tomarem as ruas das cidades do país ao refletir que:

[...] Nas ruas o desejo transborda, gritando a impossibilidade de manter a impossibilidade do real, grafitando de vida as paredes cinza da ordem moribunda. Devemos apostar na rebelião do desejo. Aqueles que se apegarem às velhas formas serão enterrados com elas.

Nos dizeres de Iasi (2013) fica notório que a mobilização dos indivíduos pelos movimentos sociais é a via pela qual se pode expressar toda forma de indignação e descontentamento com iniciativas de políticas de exclusão, tais como aquelas preconizadas nas sociedades divididas em classes, marcadas pelo neoliberalismo, Estado Mínimo, economia de mercado e precarização da vida.

O fato de mobilizar-se, tendo por objetivo o alcance de condições mais dignas de vida, vem acompanhado pela tomada de consciência por parte da população e do reconhecimento da sua condição de classe. Esta tomada de consciência pode ser acompanhada da identificação de que é na história que se faz política e se transforma a realidade constituindo-se demais organizações societárias. Harvey (2013, p.48) sugere que:

[...] Se descobirmos que nossa vida se tornou muito estressante, alienante, simplesmente desconfortável ou sem motivação, então temos o direito de mudar de rumo e buscar refazê-la segundo outra imagem e através da construção de um tipo de cidade qualitativamente diferente. A questão do tipo de cidade que desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoa que desejamos nos tornar. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades dessa maneira é, sustento, um dos mais preciosos de todos os direitos humanos.

Na tomada de consciência acerca da necessidade de transformar a realidade, concretizada nas cidades e em seus diferentes espaços urbanos para o alcance da

inclusão social, em busca de suposta cidadania democrática é que os jovens, sujeitos históricos, a juventude, fase da vida, e os grupos juvenis, coletivos de socialização e sociabilidade, vêm também se mobilizando em busca do acesso à cidade. Sobre o assunto Sposito (1994, p.162) enfatiza que:

Mas cenários diversos de conflitos e de ações coletivas aparecem nos anos 80 e início da década atual, trazendo outros atores, formas de apropriação e uso do espaço urbano, redes de sociabilidade e novas imagens da conflitividade social na cidade. Nesta conjuntura, o tema da juventude - em especial dos jovens filhos de trabalhadores - torna-se mais visível, revestido de novas indagações, podendo ser analisado sob vários aspectos.

Através de Sposito (1994) percebe-se que os jovens das classes populares possuem determinado olhar e perspectiva peculiar sobre a cidade e o espaço urbano, que dialoga com a especificidade de sua fase da vida. Fica notório que no Brasil, esta mobilização por parte dos jovens da periferia tem como um de seus marcos a década de 1980, período em que houve o processo de redemocratização do país, devido ao fim da ditadura militar.

A cidade e seus espaços urbanos pensados pelos jovens não se resumem unicamente à oferta de qualificação técnica e profissional, mas também é desejo deles terem contatos com demais possibilidades urbanas que lhes permitam dar novo sentido às próprias vidas. Fato perceptível quando se veem diferentes grupos juvenis se reunindo em meio aos espaços citadinos para a produção cultural e artística, bem como para a articulação política, no caso dos movimentos sociais estudantis e a prática do lazer no que tange aos skatistas e seus corpos.

Sposito (1994, p.172) contribui com a discussão ao falar que:

[...] Os bandos juvenis levam até a exasperação os enfrentamentos interculturais, as disputas pelos territórios e seu controle sócio-político; eles atestam a multiplicidade irreduzível de linguagens e estilos de vida, de estratégias de sobrevivência e de comunicação nas grandes cidades.

Na vivência de atividades materiais e imateriais com caráter simbólico, por parte dos jovens e seus grupos, vê-se uma interação entre os sujeitos, a urbanidade e o lugar podendo ser uma quadra ou ginásio esportivo, parques temáticos e/ou ambientais, praças, calçadas, ruas, avenidas, galerias comerciais, museus, lanchonetes, escolas, pistas de skate, clubes e outros.

E junto a estas interações é que tanto os jovens e os espaços urbanos são transformados o que gera uma completa ressignificação da vida e das cidades tornando-

as “humanizadas” e com múltiplos sentidos que são relevantes para a fase da vida dos jovens. É assim que o asfalto, sinais de trânsito, escadarias, prédios, salões, bancos, etc, vão ganhando funções além daquelas para as quais foram criados.

Duarte (2012) também defende que o jovem em interação com a cidade e os grupos juvenis, são capazes de constituírem linguagens que dão novo significado tanto às suas formas de vida, quanto à cidade e seus espaços. É possível identificar, encontrar e testificar que na cidade há diferentes formas de ser jovem, vivenciar a juventude e agregar-se a determinados grupos que estabelecem conexões de socialização e sociabilidade com os interesses dos jovens circulantes, transeuntes e andarilhos pela urbanidade.

Nas cidades, sobretudo nas metrópoles, há diferentes maneiras de ser jovem, num panorama onde se desenvolvem diferentes comportamentos, linguagens e formas de relacionamento juvenis. Os jovens se fazem presentes nos bairros, que são locais de encontro, de busca de liberdade e de lazer e também de afinidades ideológicas e artísticas. Exemplos desses comportamentos são os grafites e as pichações, formas de os jovens deixarem suas marcas, sua identificação territorial e apropriação do espaço, ou maneiras de expressar suas indignações. Buscam apropriar-se dos recursos e dispositivos do espaço urbano por meio de símbolos, territórios, ideologias, referências, modas, objetos, bebidas, comidas, entre outros. O consumo, sob esse ponto de vista, não é só uma forma de alienação, mas é também uma forma de expressão [...] (DUARTE, 2012, p.90-91).

À medida que ocorrem interações entre os jovens e a cidade, a impressão que se tem é a de que os espaços urbanos vão afeiçoando-se à juventude e vice-versa, fato que colabora para o surgimento de mútuas transformações sejam elas objetivas e subjetivas nos jovens e de caráter objetivo nas cidades.

Aqui até o acesso ao consumo não é mera alienação, mas pode representar formas de enfrentamento, por exemplo, quando os jovens skatistas se reúnem nas praças de alimentação das galerias ou *shoppings* e quando, após comprar determinada roupa ou calçado os personalizam de maneira que possa refletir por fora, pelo corpo, a maneira estética e subjetiva pela qual sentem e pretendem dialogar com seus colegas, amigos e o mundo durante a prática do skate ou não. Assim, “moda” se faz arte, recusa, ruptura e resistência.

Voltando a Duarte (2012), como ressaltado pelo autor vê-se que a cidade recebe uma infinidade de linguagens que permitem a livre expressão de ideias, pensamentos, reflexões, visões e perspectivas de mundo dos jovens permeadas por símbolos históricos, teatralizados, culturais, sociológicos, políticos, filosóficos tais como o grafite

(arte plástica), que em conjunto com o rap (música) e o *break* (dança) integram o movimento da rua denominado de *hip hop*.

Os diferentes espaços urbanos ao serem “tingidos” com os caracteres da juvenildade tornam-se lugares de referências para os jovens. Quando um espaço se torna lugar acredita-se que ele recebe outro significado para o indivíduo, seja jovem ou não, que o vê por nova ótica. No que tange ao lugar Sobral apud Falconi, Ferreira e Miranda (2007, p.120-121) o conceitua como:

[...] um conjunto físico de instituição [...], no qual estão inseridas determinadas práticas, mas pode também estruturar práticas em uma ou outra direção [...]. Cada local encontra-se diferenciado de um modo distinto e a classe será muitas vezes um dos factores determinantes dessa diferenciação.

É como se para além da casa e a família, primeiro ambiente de socialização dos indivíduos, o meio urbano ascendendo-se ao *status* de lugar tornasse-se um contexto em que os jovens também podem sonhar, ter suas utopias e distopias, estabelecer conexões nos níveis dos coleguismos, amizades, irmandades e grupos, aprender e ensinar novas formas de linguagem e expressão, disputar e estabelecer conscientemente ou não regras de uso dos espaços, lugares coletivos.

É pertinente para o momento a passagem de Cavalcante (2010) no que se refere ao uso, desuso, sentido e significado dado pelos jovens em seus envolvimento e interações com os espaços, lugares ofertados pela cidade. Diz a autora:

[...] o espaço urbano não é apenas um lugar concreto, mas um lugar em que as relações sociais e seus conflitos sobressaem aos olhos dos que vivem nele. Vários estilos de vida, ideias e usos mesclam-se formando um mosaico de grupos sociais que se diferenciam pelos modos de apropriação do espaço urbano. Os agentes que nele habitam falam de um determinado lugar, vivem de acordo com determinados padrões e estilos de vida localizados no espaço social. São gostos de classe que permeiam os modos de vida. Atribuem-lhes significados, desejos, sonhos que dão sentido ao espaço habitado. Individualmente ou em grupo, cada qual atribui sentido ao espaço vivido conforme o seu olhar (CAVALCANTE, 2010, p.93).

Todavia, os jovens, na cidade, para além dos grandes centros metropolitanos, com seus comércios, lojas, galerias, teatros e vias largas que ampliam a possibilidade do fluxo de veículos, que dão a entender que foram planejados para chamar e atrair a atenção daqueles que por eles aderem-se e circulam, têm diante de si ainda outros espaços, afastados dos centros urbanos.

Fala-se aqui não dos luxuosos condomínios horizontais que marcam o deslocamento da classe média, do centro para localidades mais distantes, marcadas por

suas distinções arquitetônicas, áreas verdes, arejadas e amplos espaços de lazer, circundados por recursos privados de segurança, que perpassam por categorias econômicas e questões de classe dos sujeitos, mas sim dos bairros periféricos, sendo favelas, conjuntos habitacionais, vilas, carentes de infraestrutura sanitária, ruas pavimentadas e iluminação pública, com habitações e moradias em condições deploráveis, etc.

Chama-se a atenção para este assunto porque não apenas as questões de geração marcam a vida dos jovens, da juventude e dos grupos juvenis, porém também os elementos de classe social, quando os jovens estão inseridos em contextos que desqualificam, diminuem e desconsideram paradigmas planejados de economia e em contra partida supervalorizam iniciativas individualistas, pautadas no esforço próprio, privatização urbana e meritocracia.

Diante dessas condições os jovens pobres, os filhos de operários, são capazes de demonstrar certa criatividade e senso de inventividade dando novo sentido ao espaço, mesmo que marcado por contradições de classe. Nestes bairros, formam-se nas ruas, nos campos de várzea, etc os “pedaços”. Sposito (1994, p.169, grifo da autora) diz sobre o pedaço o que se segue:

Nos bairros periféricos, nos grandes conjuntos habitacionais, as formas de lazer institucionalizadas ou públicas são praticamente inexistentes. Parte do tempo livre, entre a escola e o trabalho, é gasta em uma área nas ruas, que se torna o “pedaço” [...].

Nos bairros pobres os jovens lidam com a carência de infraestrutura, que os levam a dar outro significado à rua, além daquele para o qual ela foi criada inicialmente, ou seja, o tráfego de automóveis, motocicletas e bicicletas, e isto se dá para que eles tenham condições de promover sua arte, encontros, conversas, bate-papos, práticas esportivas e do lazer, paqueras e namoros, enfim, elementos corporais típicos da juventude.

Mas há momentos em que ainda precisam lidar com demais questões objetivas e subjetivas que suscitam olhares altivos, preconceitos, julgamentos, violências e proibições de múltiplos matizes. Sobre isto Sposito (1994, p.175, grifo da autora) reflete que:

Em bairros caracterizados pelos altos índices de violência, os jovens integrantes dos grupos, que estão nos pedaços, nas esquinas das ruas, são “confundidos” com marginais e, portanto, submetidos à violência policial ou de justiceiros, cuja intervenção às vezes é solicitada por moradores ou comerciantes do bairro.

Estes jovens residentes na periferia, mediante este caótico cenário, mas também repleto de possibilidades, que transitam entre o sim e o não, o pode e o não pode, o permitido e o proibido, são levados, sob suas condições concretas de vida, a se reorganizarem, tomando consciência de si e de seu próprio mundo o que gera uma metamorfose levando o pedaço a se reconfigurar em uma “posse”.

Acerca da posse Sposito (1994, p.170, grifo da autora) diz que: “Muitas vezes o ‘pedaço’ no bairro pode ganhar a feição de um território, que exprime uma intervenção mais ampla e coletiva, mediante a formação das posses [...]”.

Na posse, a partir da explanação de Sposito (1994), observa-se que os encontros dos jovens, sem perder a espontaneidade e criatividade, ganham um tom permeado pelo discurso político engajado e a organização coletiva de classe cujos rearranjos solidários tendem a problematizar, questionar, refletir e propor medidas e ações diretas tendo em vista contemplar maneiras concretas de superação da violência, do preconceito e de sua condição de oprimidos.

Sobre o tom político das posses Sposito (1994, p.171) afirma que: “[...] As ações políticas estariam mais próximas daquelas práticas típicas do movimento negro, mediante a participação em manifestações políticas mais amplas como passeatas, organização de cursos e debates”.

Percebe-se que o engajamento dos jovens assume teor crítico uma vez que nesta guinada consciente procuram promover reflexões no interior das posses com vistas a chamar à atenção para os desafios que se tem a enfrentar ao fazerem parte de uma nação subdesenvolvida, preconceituosa, conservadora, “provinciana”, que foi redemocratizada após fim de uma recente ditadura e que faz questão de demarcar territórios estabelecendo distinções de acesso à cidade e aos bens de consumo a respeito da livre circulação concedida à classe média e aos limites impostos aos jovens da periferia.

Na relação dos jovens com seus pares e no processo de interação com a cidade, nota-se também existir demais conexões e rearranjos socializadores e de sociabilidade marcados não só por iniciativas individuais no campo do sentido objetivo e subjetivo dado aos espaços urbanos, lugares e pedaços. Refere-se aqui aos grupos juvenis e às suas diversas manifestações e apropriações da cidade.

Tendo-se a clareza de que na pesquisa, devido a limites espaço-temporais, de método, científicos e metodológicos, não se tem condições de se aprofundar nos debates dos inúmeros grupos juvenis que circulam, vivenciam e constroem suas experiências na

cidade, focar-se-á especificamente nos skatistas, por ser o grupo alvo do trabalho aqui empreendido, mantendo-se vínculos com o objeto estudado, sendo o seu corpo.

Acreditando-se que o debate realizado acerca dos jovens e a cidade conseguiu atender aos objetivos da pesquisa, redirecionar-se-á a discussão para a relação dos jovens skatistas com a cidade, através de seus corpos e por meio da prática do skate.

2.3 Os jovens skatistas e sua interação com a cidade

O “nascimento” do skate ocorreu aproximadamente durante a década de 1960, nos Estados Unidos da América, na região da Califórnia, inventado por jovens para ser uma alternativa ao surf em épocas cujo clima não permitia “surfear”, ou mesmo para ser praticado em regiões geográficas não litorâneas.

Figueira (2008, p.26-27, grifos da autora) em sua reflexão acerca das origens do skate contribui ao falar que:

[...] o início dessa prática corporal é atribuída à criatividade dos surfistas da Califórnia, nos Estados Unidos, quando, no início da década de 60, propuseram a realização de manobras semelhantes às realizadas nas pranchas de *surf* em outro equipamento. Quando instalaram rodilhas de patins em um pedaço de madeira com o formato de uma prancha de *surf*, porém, em tamanho e proporções menores, criou-se o objeto *skate*.

Contudo, ainda que ele tenha sido inventado nos Estados Unidos da América, sua prática ultrapassara as linhas limítrofes nacionais porque ao se viver em um mundo marcado pela globalização, estimulado pela linguagem, meios de comunicação de massa, comércio, fluxos das mercadorias, da produção cultural material e imaterial, da livre circulação de pessoas que o skate pôde ser levado a outras regiões do planeta.

Devido a este processo de movimento do humano e do que ele produz, incluindo a cultura, que o skate veio a ser praticado no Brasil. Sobre esta questão Figueira (2008, p.27-28, grifos da autora) vai considerar que:

No Brasil, é também em meados da década de 60 que o *skate* aparece no cenário das práticas esportivas. Estava também associado ao *surf* pois, nesse período, alguns atletas desse esporte aderiram a nova prática corporal quando estiveram na Califórnia. Além disso, algumas informações acerca de sua prática eram veiculadas em publicações especializadas em *surf* que divulgavam campeonatos, eventos e atletas, bem como as últimas novidades esportivas adotadas por jovens americanos e de outros países [...].

Similarmente ao contexto norte-americano, em meados da década de 1960 que o skate inseriu-se, começou a dar os seus “primeiros passos” e foi vivenciado em terras

brasileiras, sobretudo em cidades metropolitanas como Rio de Janeiro e São Paulo. Para isto foi fundamental a ida de surfistas brasileiros em viagens à Califórnia e a chegada ao país de revistas especializadas na publicação de matérias referentes ao universo dos jovens; moda, tendências, linguagens, comportamentos, etc; mundo a fora⁴⁸.

No Brasil, a época da implantação e início da prática do skate, pode-se afirmar que se coincidiu com o golpe e a instalação da ditadura militar que estabeleceu a censura, suprimiu as liberdades individuais e esfacelou a incipiente, contraditória e paradoxal democracia nacional.

Neste momento, a classe artística, intelectual, os movimentos sociais tais como os estudantis, sejam eles secundaristas ou universitários, tiveram papel importante no estabelecimento de uma crítica e ainda na luta contra os militares.

Os jovens, na busca por uma sociedade melhor, justa, coletiva e de economia planificada, inspirados em revoluções políticas ocorridas pelo mundo, tais como em Cuba, vivendo em um mundo polarizado, marcado pelos embates da guerra-fria, entre o capitalismo norte-americano e o socialismo soviético, encamparam lutas no Brasil que colocaram em risco suas vidas, pois por se voltarem contra a ditadura pagaram duras penas sendo torturados pelos militares.

De outro lado, haviam demais jovens envolvidos com movimentos de matizes diversas, cuja crítica ao regime não assumiu o teor “tradicional” da política engajada e da esquerda do movimento estudantil porque sua contestação adquiriu caráter simbólico materializado na busca por liberdade corporal, através da prática do skate no espaço urbano. É o que Brandão (2006, p.79) destaca:

[...] Embora grande parte da juventude politizada se expressasse por movimentos artísticos, musicais, passeatas etc., havia um outro tipo de contestação, expresso pelos insipientes esportes radicais (como o surf e o skate) que pouco ou nada se assemelhavam às lutas por representação política até então observáveis historicamente. O fato é que essas novas práticas passaram a se desenvolver no Brasil numa época marcada pela ditadura, mas a contestação que promoviam tinha menos a ver com os dilemas políticos da época do que com os comportamentos e costumes até então aceitos socialmente.

Os jovens skatistas, ao assumirem posicionamentos diferentes daqueles manifestos pelos jovens dos movimentos estudantis, inseridos na luta contra a ditadura

⁴⁸ Não se pretende nos objetivos da pesquisa contar detalhadamente o processo de criação e desenvolvimento do skate nos Estados Unidos da América ou acerca da sua chegada ao Brasil. Logo, para aprofundamento teórico acerca deste tema sugerem-se os trabalhos de Brandão (2006, 2012) e Figueira (2008).

militar, acabaram por apresentar atitudes de crítica ao regime, cujas características filosóficas e sociológicas tenderam ao campo dos signos e símbolos, transferindo o debate do macro universo da política engajada, para os micro fenômenos das liberdades individuais que os seus corpos, estruturas culturais, poderiam lhes proporcionar.

Em diálogo com o que foi mencionado Brandão (2006, p.83) ainda corrobora com a discussão ao refletir que “[...] o que está em jogo, longe dessas esferas da grande política, é uma estética da existência”. Se em nível nacional a década de 1960 foi marcada não só pela inserção do skate na cultura brasileira, mas também pelo golpe militar, no plano internacional é possível identificar mudanças que apresentaram outras perspectivas com as quais a população mundial, sobretudo ocidental passou a conviver.

Dentre estas perspectivas estive à invenção de métodos contraceptivos mais eficazes, que propiciaram novas possibilidades de celebração cultural e sexual do corpo, o engajamento político estudantil na América e Europa na luta contra as guerras – desdobramentos da guerra fria pelo mundo – e a favor da paz e contra as repressões sociais das individualidades e coletividades.

E ainda, o discurso do progresso, as crises econômicas no sistema industrial do ocidente, em fins dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, do século passado, que gerou a perda de conquistas históricas obtidas pelos operários, em conjunto com demissões em massa e a instalação de políticas neoliberais.

Diante destas transformações que abalaram e colocaram em xeque certezas outrora tidas como inabaláveis na cultura, política e economia, identifica-se que os jovens tiveram papel primordial e destaque no novo paradigma estrutural e societário em processo de formação, no ocidente, no período referido. Brandão (2012, p.55) fundamenta o argumento apresentado ao ressaltar que:

[...] nos países capitalistas do Ocidente, na Europa, mas principalmente nos Estados Unidos e também no Brasil, a segunda metade do século XX assistiu a uma juvenilização da cultura e com ela a busca por novos canais de expressividade. Muitos jovens, em maior ou menor escala, passaram, através de suas práticas sociais e atitudes cotidianas, a reivindicarem que um outro mundo era possível, não mais aquele da guerra, do militarismo, da repressão e da sudez – ou do trabalho incessante e com ele o pouco tempo dedicado ao tempo livre – mas sim um mundo com características diferentes, de realidades mais abertas ao prazer, ao lúdico e à alteridade [...].

Assim, pelo que foi apresentado até aqui permite-se identificar que no ocidente a partir da segunda metade do século XX houve crises políticas, econômicas e militares que dentre os supostos sintomas que se desencadearam estiveram a revitalização da

juventude e a juvenilização da cultura, recriando novas formas de existência e enfrentamento contra o sistema manifestas pelos corpos dos jovens.

Aqui, os jovens pelo corpo – mediante o lema do “sexo, drogas e *rock and roll*” – questionaram e se contrapuseram ao sistema do capital que não foi capaz de assegurar seja a estabilidade política ou econômica, especificamente no Ocidente, afetando direta ou indiretamente tais jovens e suas famílias porque dependiam do trabalho assalariado para a manutenção de suas vidas.

Em meio a estes fatos que o skate surgiu e configurou-se em expressão de um “estilo de vida jovem”, seja nos Estados Unidos da América ou no Brasil, que conciliou rebeldia, estética, fruição, lazer e consumo – não necessariamente alienado, mas alternativo – porque os jovens dependiam de artefatos lúdicos e esportivos para comprarem ou mesmo montarem o seu skate e assim vivenciar experiências sensíveis, subjetivas, mas também objetivas, materiais, com o corpo em movimento e na história.

Vê-se que esta nova prática já em sua origem foi ambivalente oscilando entre a crítica simbólica e cultural da política, e o consumo de mercadorias – contradição histórica e dialética – que permitiram questionar costumes, bem como o sistema em crise através de novas formas de circular com o corpo, por meio de uma espécie de prancha de madeira com rodas, pelo espaço urbano ou nas primeiras pistas, das cidades metropolitanas, que ficou conhecido como skate (BRANDÃO, 2006, 2012).

A juventude da época contextualizada, além de desenganada pelas promessas de felicidade, liberdade, abundância e fartura dos países capitalistas em crise também enfrentaram e questionaram – seja de forma lúdica, artística e/ou corporal – a robustez, inflexibilidade e dureza do serviço militar, criticando-o, pois já não admitiam ter que se alistar, ainda que ficassem como reservistas, e servir a uma instituição cujos valores estavam na contramão de suas novas filosofias de vida. E no caso do Brasil acrescenta-se a penúria, martírio, calvário da obrigatoriedade deste dilema e o peso dos “anos de chumbo”.

Então, recapitula-se que estes jovens, não suportando os rumores de guerras, guerrilhas, conflitos armados que assolaram a segunda metade do século XX no Ocidente e Oriente distantes da luta política “tradicional” e enfadados com os suplícios do serviço militar e dos esforços repetitivos no mundo do trabalho – quando não demitidos pelo argumento da crise do sistema do capital – que tolhiam e reprimiam seus corpos transferiram sua criatividade e vitalidade juvenil, geracional e classista para a

busca do prazer que a prática do skate, enquanto contracultura poderia lhes proporcionar em seu tempo livre, período do não trabalho – se empregados – momento de lazer.

Ressalta-se que viver em busca do prazer não é uma invenção da contemporaneidade porque com Baco, na Grécia antiga, identifica-se a crença no gozo como fonte que permitiria experiência e concederia sentido à vida. Segundo Bulfinch (2002, p.197):

[...] Quando se tornou homem, Baco descobriu a cultura da vinha e o meio de extrair da fruta o precioso suco; Juno, porém, tornou-o louco e fez com que ele vagasse por várias partes da Terra. Na Frígia, a deusa Réia curou-o e instruiu-o em seus ritos religiosos, e ele atravessou a Ásia, ensinando os povos a cultivar a vinha. O episódio mais famoso de suas viagens foi a expedição à Índia, onde ficou durante vários anos. Voltando triunfalmente, tratou de introduzir seu próprio culto na Grécia, mas contou com a oposição de alguns príncipes, receosos da desordem e loucura que o mesmo provocava.

A partir do mito de Baco considera-se que o prazer permite fruição proporcionando ao sujeito leveza subjetiva, estética e simbólica, todavia é preciso considerar ainda que além de simples jornada idílica, viver na busca do deleite já era visto com desconfiança desde os gregos, porque na vida hedonista poderia estar também o princípio da loucura e desequilíbrio, ausência de harmonia e domínio próprio, manancial de conflitos e desentendimentos.

Para Baco uma das formas de se alcançar o prazer estava no hábito de ingerir bebida alcoólica, sendo o vinho. Esta alegoria ilustra de forma singular a relação dos jovens à época de criação do skate, inseridos em um mundo que além de não satisfazer suas individualidades existenciais os reprimiam tanto com o serviço militar quanto com a produção industrial – no tocante aos que estavam empregados.

Nesta linha de raciocínio a ociosidade da juventude na busca pelo prazer e o gozo corporal, oriundo não do vinho, mas do skate não se entrosava com os valores práticos, utilitaristas, funcionalistas, pragmáticos, unidimensionais e de robustez, dureza e frieza privilegiados pelas sociedades tecnocráticas e administradas – seja na indústria ou no serviço militar – do primeiro mundo e nas do terceiro mundo especificamente na América Latina, onde muitas delas – como o Brasil – haviam renegado a democracia em troca de golpes militares.

Recorrendo-se a Resende (2009) nota-se que longe de possibilitar a experiência, a liberdade, os valores privilegiados pela cultura da produção do excedente, acelerada e em massa na indústria possuíam em seu bojo rotinas que ao coisificar os sujeitos, jovens

ou não, inseridos neste processo geraram estranhamento entre produtor e produto, e fetiche entre consumidor e mercadoria. Diz Resende (2009, p. 105):

[...] é, assim, um fenômeno específico da sociedade capitalista, na qual os produtos do trabalho são convertidos em mercadorias, o nexos possível entre os indivíduos é determinado pelo intercâmbio, e, enquanto generalidade abstrata ou equivalente geral, o trabalho e o produto do trabalho são diretamente sociais. O objeto de mediação é apoderado pela aparência de imediaticidade, num movimento pelo qual o valor de uso, mera forma fenomênica imprescindível às mercadorias na sociedade capitalista, é apoderado pelo valor de troca. Em virtude dessa inversão, o homem é subjugado pelo objeto que, por suas objetivações, ele próprio criou. Este é um caráter particular do fetichismo: a preponderância do valor de troca, que cria a ilusão da verdade no imediato.

Tal qual a indústria estar mediada por racionalidade técnica que supostamente objetiva diminuir o tempo gasto e aumentar o ritmo fabril, com rígidos mecanismos de controle, o skate irá passar paulatinamente por um processo de racionalização composto por regras que lhe tirarão do “anonimato” para sua ascensão ao posto de esporte. Isto se deu nas décadas de 1970, 1980, etc, com a organização de campeonatos, profissionalização e patrocínio de “atletas” contribuindo para a perda de parte da espontaneidade presente na sua gênese (BRANDÃO, 2006, 2012; FIGUEIRA 2008).

Ao se falar em esporte Figueira (2008, p.23) corrobora quando diz que:

[...] O esporte sobre o qual discuto [...] é aquele que se estrutura na sociedade moderna cuja origem não pode ser entendida como uma continuidade do esporte praticado na Antiguidade mas que adquire essa conformação em consonância com os princípios que regem a modernidade, em especial, a partir do século XIX.

Dentre as características do esporte tem-se a espetacularização e adestramento do corpo pela técnica, tendo em vista maior rendimento físico com menos gasto energético e otimização dos movimentos, a superação da dor e do sofrimento seja na recuperação pós-treino ou para vencer alguma competição, o fim da ludicidade, a quebra de recordes mundiais, os valores burgueses da cena olímpica e o estabelecimento de regras rígidas para o controle e regulamentação de sua prática (BRACHT, 2005; CASTELLANI FILHO et al., 2009).

Nesta linha de pensamento que problematiza o modo de vida nas sociedades industriais Adorno (1989) vai concluir que a racionalidade instrumental estará presente também na arte, sobretudo na música que ao passar pelo processo de gravação e reprodução nos aparelhos tecnológicos para tal empreitada, irá se constituir no ato de

empobrecer a contemplação realizada pelo sujeito que a consome em sua casa. Esta experiência não permitiria uma legítima fruição. Diz o pensador:

[...] O prazer do momento e da fachada de variedade transforma-se em pretexto para desobrigar o ouvinte de pensar no todo, cuja exigência está incluída na audição adequada e justa; sem grande oposição, o ouvinte se converte em simples comprador e consumidor passivo [...] (ADORNO, 1989, p.82).

Ao apresentar a conclusão do filósofo sobre a música produzida para consumo imediato, não se tem a pretensão de considerá-la como indiscutivelmente correta e não passível de crítica. Ao contrário, reconhece-se que os valores administrativos e tecnocráticos da indústria estão também inseridos na vida do trabalhador, na esportivização do skate, na suposta padronização de certo modelo de corpo e na arte.

Todavia, sem adotar postura fatalista da história é preciso levar em conta que todo processo efetivado pelos humanos é passível de crítica, autocrítica, contradição e rompimento. É por isto que por mais que no presente a racionalização da vida seja um fato, ele não é dado como findado, porque pela história do presente observa-se que o futuro permanece aberto, porém repleto de possibilidades.

Na medida em que se discorda e critica o posicionamento de Adorno (1989), a pesquisa aproxima-se de Benjamin (1975), porque ele oferece perspectivas que permitem visualizar possibilidades outras já no presente, não reservando aos sujeitos a posição de meros consumidores e expectadores desprovidos de crítica e vontade própria, junto aos mecanismos tecnológicos que já na sua época, primeira metade do século XX estavam no centro das discussões envolvendo tecnologia e arte.

Assim, se posiciona o autor acerca do cinema, implemento técnico que ao reproduzir a arte, conseguiu supostamente alcançar e cativar as massas: “As técnicas de reprodução aplicadas à obra de arte modificam a atitude da massa com relação à arte. Muito retrógrada face a um Picasso, essa massa torna-se bastante progressista diante de um Chaplin, por exemplo [...]” (BENJAMIN, 1975, p.27).

Não que Benjamin (1975) desconsiderasse a técnica como condição material resultante dos avanços tecnológicos que causaram estranhamentos entre sujeito e objeto, desmistificando a realidade, reduzindo o humano à condição de expectador.

Entretanto, junto a este mesmo sistema que o pensador vislumbra impasses históricos que beiram a contradição, ventilando ressonâncias que permitem diálogo crítico com as massas que se por um lado não frequentam os museus, teatros, não tem

acesso à leitura acurada e demorada, crítica, dos clássicos da literatura universal, por outro tem diante de si o cinema veículo de comunicação que pode contribuir para que além de reprodutoras, tornem-se também produtoras de outras formas de vida, existência e vínculos societários. Conclui o teórico:

[...] a pintura se encontra engajada, devido às técnicas de reprodução aplicadas à imagem. Poder-se-ia tentar apresentá-las às massas nos museus e nas exposições, porém as massas não poderiam, elas mesmas, nem organizar nem controlar sua própria acolhida. Por isso, exatamente, o mesmo público que em presença de um filme burlesco reage de maneira progressista viria a acolher o surrealismo com espírito reacionário (BENJAMIN, 1975, p.27).

Quer se dizer com estes exemplos do campo da arte que se por ela é permitido ao expectador ter a oportunidade de refletir sobre o processo ao qual se contempla pela tela do cinema – como os filmes de Chaplin, por exemplo – o mesmo pode se dar com os jovens skatistas quando insistem na continuidade da prática do skate em busca de fruição, liberdade, sentidos e significados para suas vidas que passam pelo corpo, estrutura que lhes possibilita sensações de prazer – além de poder ser uma forma de arte quando os seus movimentos, em forma de linguagem transmitem ideias, sentimentos, mensagens, valores e visões de sociedade e mundo.

É diante destas questões que quando o jovem se nega a afirmar, reforçar e fortalecer a esportivização do skate, não participando das competições ou por outro lado inserindo-se nelas e passando pela experiência que hipoteticamente poderá lhe permitir chegar à conclusão de que o lugar do skate é no espaço urbano da rua e da pista, ao invés dos Jogos Olímpicos⁴⁹, que se aproxima do que Marcuse (1969) entende por ruptura, recusa. Afirmo o filósofo:

[...] A teoria crítica da sociedade não possui conceito algum que possa cobrir a lacuna entre o presente e o seu futuro; não oferecendo promessa alguma e não ostentando êxito algum, permanece negativa. Assim, ela deseja permanecer leal àqueles que deram e dão sua vida à Grande Recusa (MARCUSE, 1969, p. 235).

A partir desta fresta, capaz de lampejos na direção de experiências corporais significativas, visualizada nas falas de Benjamin (1975) e Marcuse (1969) é que se acredita que os skatistas devem para além de reproduzir, produzir sua própria prática,

⁴⁹ De acordo com informações veiculadas pela mídia televisiva em diferentes programas esportivos, ao final das Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, o skate passa a ser esporte olímpico, com regras definidas, seletiva de atletas, angariação de patrocínios, disputas por medalhas, etc já nos jogos do Japão, na cidade de Tóquio em 2020. Como também relatado pela imprensa não há consenso entre os jovens skatistas acerca desta questão.

orientados por objetivos estabelecidos por si e que dialoguem com suas especificidades e expectativas juvenis de maneira singular, significativa, crítica, emancipada, autônoma, política, cultural e simbólica. Para tanto, o pensamento expresso por Figueira (2008) é elucidativo quanto a isto:

Considerado como uma prática esportiva vinculada ao que se denomina de “esportes radicais”, o skate, segundo o “Atlas do Esporte no Brasil”, assim se caracteriza porque sua prática é marcada pela perspectiva do desafio [...] (FIGUEIRA, 2008, p.23-24, grifos da autora).

Definido como radical o skate traz consigo o imprevisível, risco, improviso, inventividade, ludicidade que desperta sensações de bem estar porque a cada manobra apreendida e executada pelos jovens, eles supostamente alcançam seus objetivos no que se refere a “deslizar” pelo espaço sobre o skate, em contínuo desafio de inovar, aperfeiçoar e descobrir uma infinidade de vivências com o corpo em movimento. Para tanto, não é preciso seguir o afunilado e restrito sentido que o esporte deu ao skate.

Identificadas às problemáticas surgidas nos processos culturais que transformaram o skate em esporte e visualizadas possibilidades nele quando se abre para a experiência do desafio ao ser uma atividade radical, optou-se por não considerá-lo unicamente como esporte porque acredita que isto restringe seu parâmetro sociológico. Queiroz (2001, p.140, grifo da autora) contribui com a assertiva ao considerar que vivenciar “[...] o skate, ser skatista de 'alma', envolve a participação em um universo cultural mais amplo [...]”.

Esta amplitude pode ser identificada na sua gênese que lhe deu *status*, título de prática juvenil contraventora, rebelde, prazerosa, livre, praticada no lazer. E o lazer resultou-se de conquistas históricas de classe, dentre elas a redução da carga horária na jornada de trabalho, sem diminuição do salário, que permitiu aos indivíduos ontológicos, em sua tensa relação com a realidade controversa, a criação de atividades estéticas e artísticas, e ainda corporais e de movimento como o skate.

Sobre o aspecto simbólico do skate, praticado em praças, calçadas, ruas e pistas, Rampazzo (2012, p.61, grifos do autor) contribui com a discussão ao destacar que:

[...] Como aspectos simbólicos, refiro-me às formas pelas quais os diversos sujeitos que frequentam a *pista* se entendem, seus [...] *códigos sociais*. [...] compreendo como *pista* um espaço público que *de fora e de longe* é frequentado por um bando de skatistas, e que, ao investigar *de perto e de dentro*, é simbólico e heterogêneo.

Devido a esta complexidade de códigos socioculturais que envolvem o skate, da sua criação aos dias atuais, que se resolveu considerá-lo como atividade lúdica e também esporte radical – não institucionalizado, não regulamentado – agonista e do lazer a partir do corpo em movimento, permeado pela liberdade, criatividade e prazer, mas também e, principalmente pelas perspectivas culturais que permitem interações dos adeptos entre si e com a urbanidade.

Pode-se dizer também que o skate integra o universo da cultura corporal, tangenciado por atividades corporais e de movimento, tais como as brincadeiras tradicionais, jogos, danças, esportes, ginásticas, lutas e outras caracterizadas pela intervenção histórica e política dos sujeitos na realidade através do seu corpo, socializando-se e sociabilizando-se com os demais indivíduos no contexto socioambiental que os circunda, sob o teor da objetividade, sensibilidade, ludicidade, gozo e deleite o que ressignifica dialeticamente a vida, o espaço urbano e natural, e humaniza os sujeitos na história (CASTELLANI FILHO et al., 2009).

Todavia ainda que o skate possa ser integrado à cultura corporal é preciso reconhecer, em seu processo de estudo e pesquisa, que ele apresenta também especificidades geracionais e classistas típicas dos jovens, da juventude, grupos e culturas juvenis.

Pais (1990) ao refletir a respeito das perspectivas de estudo sobre as culturas juvenis coopera com a discussão ao propor que é preciso:

[...] reivindicar uma utilização mais dinâmica do conceito de cultura juvenil, explorando também o seu sentido «antropológico», aquele que faz apelo para específicos modos de vida e práticas quotidianas que expressam certos significados e valores não apenas ao nível das instituições, mas também ao nível da própria vida quotidiana (PAIS, 1990, p.163-164, grifo do autor).

Perante esta linha de raciocínio contempla-se que a prática do skate apresenta certa complexidade e que compreendê-la de forma crítica demanda estender o seu debate até o campo dos grupos e culturas juvenis e às demais experiências corporais dos jovens, permeadas por dimensões antropológicas, experimentadas na expectativa de dinamizar a vida no cotidiano sociocultural e urbano das cidades e metrópoles.

Basta andar e observar pelas calçadas, praças, ruas e avenidas que se nota a imensa quantidade de jovens vinculados a diferentes grupos juvenis que expressam específicas, diferentes e distintas maneiras de se comunicar, organizar, socializar e

sociabilizar bem como interferir nas rotinas acinzentadas de concreto, asfalto e cimento, o que altera, impacta e transforma o dia a dia nas cidades.

Sobre os grupos juvenis Queiroz (2001, p.129) fala que:

E neste cenário urbano, os grupos juvenis e as culturas que produzem apresentam uma enorme vitalidade. A cada dia se constituem novos grupos, que inventam modos originais de conviver e circular pela cidade. Entendemos que às crescentes hierarquização e privatização das cidades os jovens respondem com a formação de grupos de pares, a partir dos quais recriam os espaços do bairro com a descoberta de novas formas de sociabilidade e lazer; com a ampliação dos espaços de circulação; e com a produção de uma forma de arte tomada acessível a todos e que pretende ser uma crônica e uma denúncia sobre seu cotidiano. As formas atuais de resistência da juventude urbana são variadas, dispersas e passam em grande parte pela criação de grupos de estilo e pela invenção de formas de reapropriação do espaço urbano excludente.

Ao dialogar com Queiroz (2001) nota-se que agregar-se em grupos é uma das estratégias que os jovens utilizam para sobreviverem nos ambientes urbanos que muitas vezes são hostis, preconceituosos, padronizadores e que não entendem as especificidades geracionais de sua fase da vida.

Dentre os múltiplos grupos juvenis que andam pelas cidades se tem os skatistas, que ao circularem nos centros urbanos – através de experiências corporais de movimento – sobre o skate apropriam-se dos espaços com acordos, linguagens, expressões, regras, ética e estética, distintas, divergentes e diferentes das formas utilizadas por outros grupos, podendo ser os simpatizantes da musculação, música sertaneja, funk, lutas, ciclismo, vegetarianismo, literatura, teatro, séries de televisão e outros.

Sobre as especificidades das apropriações que os jovens skatistas fazem da cidade Queiroz (2001, p.140) destaca que:

Para alguns dos jovens pesquisados, o skate representa uma forma de descoberta e apropriação da cidade. Se ela não propicia espaços de lazer para os jovens, eles os inventam, às vezes em seu próprio bairro, reutilizando materiais como canos, placas e outros semelhantes utilizados na sinalização pública e que são apropriados pelos mesmos; ou atribuindo um outro uso a bancos de praças, escadarias, corrimões, asfaltos. O skatista desenvolve também um senso estético apurado sobre a cidade, que visualiza de ângulos inusitados, permitidos pelas manobras arrojadas. Em alguns sites de skatistas encontramos fotos expressivas da cidade ao lado de flagrantes de skatistas durante a prática de manobras arrojadas.

Pela reflexão apresentada se percebe que ainda que os jovens skatistas se configurem em um dos vários grupos juvenis que se relacionam entre si, com demais grupos e com a cidade, é preciso deixar claro que em suas andanças pelas periferias e

centros urbanos eles os observam por uma ótica que permite dar sentidos múltiplos, diferenciando-se daqueles significados primeiros, primários e iniciais para os quais os espaços foram planejados, idealizados, projetados e criados por esforços conjuntos via trabalhos e serviços prestados pelo campo da Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo.

Brandão (2008, p. 13) ilustra e completa a afirmação ao falar que:

[...] ao imaginar ou ao ler o espaço de uma forma diferente do usual, os skatistas passaram a projetar sobre seus elementos constitutivos outras funcionalidades que ultrapassavam seus sentidos primeiros, construídos pelos engenheiros, arquitetos e demais pensadores da cidade [...].

Portanto, cabe destacar que avenidas, ruas, calçadas, meio fios, praças, bancos, escadarias, corrimãos, canteiros, muretas, etc, são meios que permitem acessar a cidade, e ainda para os skatistas estas edificações são isto e muito mais, ou seja, obstáculos a serem superados, através de movimentos e manobras, com a prática do skate, possibilitando ultrapassar, desafiar e vencer os limites espaço-temporais da cidade e dos seus corpos.

Ressalta-se ainda que esta peculiaridade interativa, na relação dos skatistas com a cidade, só é capaz de ocorrer devido aos jovens existirem na história de forma concreta, onde se materializa sua totalidade corporal. Isto fica bem explicado pela passagem proferida por Olic (2010, p.95-96) ao dizer que:

[...] para compreender melhor a dinâmica dos skatistas na metrópole, tornar-se-á necessária uma leitura da relação entre o corpo e cidade, em que cabe ao corpo movimentar-se, de modo a afetar e deixar ser afetado pelo espaço urbano [...].

[...] a apropriação do meio urbano por parte dos skatistas acontece por meio de um plano de intensidades e intersecções, que aponta não para o uno (ênfase na fronteira) ou para o múltiplo (variação sobre o mesmo), mas sim para uma pluralidade de experiências que fluem de acordo com o desejo de ocupar a cidade.

Ao se falar sobre os jovens skatistas tem-se a clareza de se fazer referência a sujeitos cujos corpos permitem conexões objetivas, subjetivas, estruturais, racionais e emotivas com a cidade, o meio natural e o mundo transformando-se dialeticamente, pelo trabalho ou por experiências culturais – como a prática do skate – os jovens e o plano sociológico onde ocorrem as amarrações, tramas, contatos e interações.

Estas apropriações criativas que os jovens skatistas fazem das cidades deram origem a uma experiência específica da modalidade, chamada de *street* – presente também em sua origem nos anos de 1960 – que em linhas gerais é entendida como a

vivência do skate na rua tendo por obstáculos os diferentes cenários da arquitetura urbana que são ressignificados, permitindo-os reviverem a prática do skate cujo sentido se aproxima daqueles presentes em sua gênese – lazer, enfrentamento e crítica política pelo corpo.

Além dos costumeiros espaços urbanos disponíveis aos jovens para andarem sobre seus skates, existem também as chamadas pistas, tidas pelas autoridades, constituídas pelo poder do estado, como os locais específicos, aconselhados, próprios e destinados à prática do skate porque oferecem segurança para os skatistas que uma vez inseridos nas pistas não precisam disputar com pedestres, ciclistas, motociclistas e motoristas pelo direito de uso do espaço.

As pistas, geralmente construídas em parques públicos, periferias e demais lugares distantes dos centros apresentam obstáculos que simulam os espaços e objetos encontrados na cena urbana e reordenados materialmente pela cognição e imaginação dos jovens skatistas. Por isso, o skate na modalidade *street* pode ser vivenciado tanto nas calçadas, ruas e praças quanto nas pistas.

As pistas podem se constituir em lugares de ócio criativo, resultado de políticas públicas de esporte e lazer nos municípios. Vê-se também que uma atividade da cultura corporal, o skate, cuja prática iniciou-se nas ruas das cidades sendo paulatinamente transferida para as pistas dá-se a impressão de que a livre circulação dos jovens parece incomodar e alterar o cotidiano e a “tranquilidade” das cidades.

Este fator, e outros, pôde então levar à necessidade da construção de espaços ornamentados para a prática do skate, as pistas, que ao mesmo tempo em que oficializam, legalizam e institucionalizam o skate também permitem identificar os históricos mecanismos do estado para o controle racional dos jovens e grupos juvenis.

Esta fala pode ser complementada com a passagem de Brandão (2008, p.22-23, grifo do autor) que se segue:

A cidade, pensada pelos skatistas como um paraíso de infindáveis possibilidades de lazer e diversão, acabou não sendo transformada somente pelo olhar transfigurativo do skatista, que lhe emprestou novos sentidos e funções, mas ela mesma acabou se modificando para disciplinar os filhos “rebeldes” que seu processo de urbanização ajudou a criar.

Através de Brandão (2008) identifica-se que a inserção dos jovens skatistas na cidade consegue gerar múltiplas formas e maneiras alternativas de uso e interação com

o espaço urbano, durante o lazer, que estão para além das funcionalidades dadas a ele pelos pedestres, motoristas, comerciantes, agentes de segurança pública, etc.

Todavia a apropriação realizada pelos skatistas é recebida pela cidade, ou seja, pelos seus demais moradores, transeuntes e habitantes de diferentes formas porque há os sujeitos que compreendem e partilham do ideal contemporâneo de uso, socialização, sociabilidade e interação dos skatistas com o espaço urbano.

Mas também há os que desaprovam por completo o seu processo simbólico de circular pelas periferias e centros urbanos sobre o argumento de que a prática do skate nestes lugares proporciona o surgimento de riscos que ameaçam a paz, ordem e segurança dos que se autodenominam de “cidadãos de bem”, uma vez que ainda é vista como sinônimo de rebeldia, indisciplina e contravenção ao que está posto.

Recorrendo a Brandão (2008, p.21) é possível aprofundar a discussão pelo fato de considerar que:

Se de um lado é possível enxergar práticas de apropriação dos espaços urbanos pelas manobras do skate, [...], de outro lado existe a cidade enquanto um organismo funcional, que detecta, seleciona e analisa seus componentes urbanos. Os skatistas, sujeitos indesejáveis quando o assunto é manter a ordem e a disciplina, foram muitas vezes classificados como arruaceiros, agitadores ou baderneiros. A prática desses sujeitos, ao criarem seus territórios, que inventam e reiventam o espaço urbano a partir da elaboração ou reelaboração dos valores adquiridos em suas experiências, constitui-se em algo contrário ao pensamento ordenador da vida urbana.

Se as urbanizações das cidades são pensadas para serem atrativas aos olhos e acessíveis aos corpos dos que por elas transitam é verídico também o fato de haver incontáveis formas de hostilidade e preconceito, sobretudo naqueles que os jovens sofrem cotidianamente e mais específico no que se refere aos skatistas.

Ainda que haja o discurso da aceitação das diferenças, de que se precisam estreitar os laços de socialização e sociabilidade, o que se pode constatar é que os jovens e os grupos juvenis, como os skatistas, permanecem marginalizados, incompreendidos pelo estado, cidades e sociedade civil acerca dos anseios e objetivos de sua fase da vida, uma vez que em pleno século XXI ainda é encarada como problema a se enfrentar, combater, superar e solucionar.

Na pesquisa acredita-se no pressuposto de que o acesso à cidade e ao que ela oferece – serviços na área da saúde, educação, transporte, segurança, lazer, habitação, trabalho e moradia – é um direito de todo e qualquer indivíduo, independente do credo,

etnia, sexo, geração, classe ou grupo social, fato que amplia a compreensão da participação dos sujeitos no cotidiano das cidades.

Participação que deve ser ativamente mediada pela interação com os espaços e as pessoas que resulte em uma transformação material e simbólica dos lugares onde a interação se dá, bem como das vivências dos indivíduos que interagem.

Carlos (2007, p.110, grifos da autora) contribui com o debate ao falar que:

Pensar o caminho possível para a transformação radical da sociedade implica a construção de uma crítica igualmente radical, e envolve o estabelecimento de uma **hipótese estratégica** que coloque no centro da análise a idéia de “**direito à cidade**” [...], compondo o movimento de um pensamento capaz de pensar, em sua radicalidade, a transformação social [...].

Dito isto, acredita-se que os jovens e em especial os skatistas têm muito a falar, contribuir, construir, ressignificar e apresentar, por meio de seus corpos, demais formas de dar sentido e fazer uso dos espaços urbanos que constituem e formam as cidades, pela prática do skate.

Por isto, passa-se a diante, para o tópico posterior, com vistas a conceder o direito à voz aos jovens participantes da pesquisa, ouvindo-os e refletindo acerca do teor de suas falas no que se refere não só a pratica do skate; mas às apropriações que fazem da cidade e dos seus espaços urbanos tais como ruas, avenidas, calçadas, praças e ainda a pista de skate; e bem como demais questões relativas aos seus corpos, a possível constituição de um estilo de vida skatista, prováveis preconceitos sofridos ou não, dentre outras categorias elencadas, junto aos dados colhidos na pesquisa de campo, para análise crítica.

2.4 Com a palavra os jovens skatistas

Nesta etapa busca-se dar voz aos 7 participantes do estudo, jovens skatistas, sendo 3 moças e 4 rapazes, selecionados por aplicação de questionário e entrevistados via perspectiva semiestruturada.

Tem-se por categorias de análise temas gerais que envolvem a vivência do skate, a apropriação do espaço urbano e da pista para a sua prática, etc. E elementos específicos dentre eles os desafios no que se refere à interação com demais sujeitos, skatistas ou não, que podem suscitar atitudes de socialização, sociabilidade ou

preconceito, os diferentes aspectos simbólicos e culturais que interferem na configuração de provável estilo, corpo skatista e outros.

Diante desta linha de pensamento, no que concerne à pesquisa, ao objeto e o campo é necessário levar em conta a reflexão de Bourdieu (1989) que é adepto da perspectiva de que ao eleger determinado objeto de estudo é preciso considerar o contínuo, interminável e dinâmico processo de elaboração e reelaboração do referido haja vista a complexidade histórica, social, cultural e política do campo em que ele é identificado e captado. Diz o pensador:

[...] é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridos por o que se chama o ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas [...] (1989, p.27).

Cabe ressaltar ainda que uma vez no campo e diante dos participantes à medida que os diálogos vão se dando e ocorrendo as lembranças também aparecem de forma latente no processo de pesquisa. Estas podem vir acompanhadas de reações de alegria, frustrações, afetos e desafetos e uma infundável gama de emoções, apresentadas pelos pesquisados, às quais o pesquisador precisa ter cautela científica, maturidade e experiência metodológica para que a fluência da pesquisa, possa se dar de maneira espontânea e tranquila, sendo um momento de reflexão, troca de sensações e aprendizado mútuo. Por isto Pinheiro e Feitosa (2013, p.174, grifo dos autores) falam:

[...] A relação entre pesquisador e pesquisado é, geralmente, desigual quando o que está em jogo é o monopólio do capital social. Nesta relação hierárquica, o pesquisador encontra-se em uma posição privilegiada pelo fato de deter um maior capital. Nestas circunstâncias, em que a desigualdade está implícita, caso o pesquisador não estabeleça uma estratégia metodológica para amenizar esta “violência simbólica”, a pesquisa pode correr sérios riscos. Por esta razão, cabe lembrar: se para o pesquisador não é possível superar todas as dificuldades, é necessário, ao menos, reconhecê-las.

Através desta passagem tem-se a intenção de identificar que o indivíduo que vai a campo, ou seja, o pesquisador está em posição desigual, porém de privilégio no que tange ao domínio do tema e conteúdos da pesquisa, se comparado aos participantes. Ter esta clareza é de suma e singular importância para o pesquisador porque ao invés de influenciar negativamente as emoções e sensações do pesquisado durante a coleta dos dados, quer se constituir um ambiente, contexto propício à aquisição de informações e produção do conhecimento já na fase do campo. Dito isto, passa-se a exposição,

reflexão, sistematização e análise crítica dos dados começando pela apresentação dos participantes e em seguida à entrevista.

2.4.1 Apresentação dos participantes da pesquisa⁵⁰

Ermano⁵¹ tem 18 anos de idade, considera-se pardo, natural do município de Caldas Novas-GO, solteiro, não tem filhos; vive com os pais, irmãos – sendo que destes um é casado, mas não entrou em detalhes sobre tal questão –, na sua casa moram o total de 7 pessoas.

Sustenta-se com renda própria, mas também com o auxílio da família. É trabalhador e exerce atividades profissionais desde os 12 anos. O trabalho é temporário e ocupa 4 horas do seu dia. Não possui carteira de trabalho assinada e o salário é de aproximadamente R\$1.200,00 por mês. Por seu trabalho ser temporário, provavelmente, considera que apenas seu pai realiza atividade remunerada. A renda mensal da família é de 2 a 3 salários mínimos.

Cursa o ensino médio no período matutino, nunca parou de estudar e acredita que a escola contribui para ascensão social. Participa de grupo juvenil de skatistas – considera-o como esporte –, envolveu-se com o skate por influência de amigos, praticando-o de 2 a 4 anos. Sofreu preconceito nas ruas e comércios por ser skatista, seu grupo de skate é denominado de Gambiarra. Vai a pista de skate 4 vezes por semana, considera amigável a relação entre os jovens e grupos skatistas que a frequentam.

Para Ermano o corpo é a estrutura que estabelece vínculos entre o biológico, subjetivo e cognitivo. Sua importância está em poder realizar todas as coisas com o corpo, inclusive praticar o skate, porque acredita que ele é o elo entre o skate e seus adeptos. Veja-se na fala: “É a ligação entre dois mundos [...]. É a capacidade de fazer tudo, sem ter que parar para pensar se é capaz [...]. É tipo como se fossemos um só [...]” (QUESTIONÁRIO, ERMANO, 2017).

⁵⁰ Os dados permitem interpretações e reflexões, principalmente no que se refere ao corpo. Mas não se farão análises porque a meta é realizar apresentação dos participantes com o intuito de conhecê-los, através deste primeiro contato.

⁵¹ Com o objetivo de preservar a identidade dos participantes optou-se por utilizar nomes fictícios. Eles são apresentados de maneira ordinal, do primeiro ao último. Foi preciso levar-se em conta a temporalidade em que foram identificados e demonstraram disposição/tempo para responder ao questionário e conceder entrevista. A ordem em que aparecem aqui se diferencia da que corresponde à entrevista.

Heleonora com 16 anos de idade, identifica-se como parda, natural de Goiânia-GO. Mudou-se para Caldas Novas por questões relativas à família, solteira e não possui filhos. Vive com os pais e irmãos, em sua casa há o total de 5 pessoas.

Não trabalha, sendo sustentada pela família. Em sua casa 2 pessoas exercem atividade profissional, contudo ela não informou quem são. A renda de sua família é de mais de 4 salários mínimos mensais.

Aluna do ensino médio no período matutino, nunca parou de estudar e crê que a escola é capaz de garantir-lhe ascensão social no futuro. Participa de grupo juvenil musical, esportivo e religioso.

Começou a praticar skate por influência de amigos e seu tempo de experiência na modalidade é de 1 a 2 anos. Considera que nunca sofreu preconceito por ser skatista, não pertence a nenhum grupo de skatistas e já não vai à pista de skate. No tempo em que a frequentava observava que a relação entre os jovens e grupos skatistas era relativamente amistosa.

Heleonora vê o corpo como “abrigo” para a alma, meio de comunicação e vivência para diversas atividades, como o skate, exercício físico que aprimora a saúde.

Diz Heleonora:

É o transporte da alma. [...] Todas as partes o fazem importante, por meio dele nos comunicamos e praticamos atividades. [...] O skatista quando está praticando faz atividades físicas e isso melhora a saúde e estado físico da pessoa (QUESTIONÁRIO, HELEONARA, 2017).

Marcelo tem 19 anos de idade, considera-se branco, nasceu em Piracanjuba-GO, não disse o motivo da mudança para Caldas Novas, solteiro, não possui filhos, mora com os pais, irmão e avó. Na sua casa vivem 5 pessoas.

Não trabalha, é sustentado pela família, 2 pessoas exercem profissão remunerada no seu lar, porém não informou quem são. A renda mensal da família é de 3 a 4 salários mínimos.

Concluiu o ensino médio, nunca parou de estudar, não opinou sobre a importância da escola em sua vida, participa de grupo musical e esportivo – considera o skate como esporte.

Começou a praticar skate de forma independente, é adepto de 8 a 10 anos, já sofreu preconceito por ser skatista em praças, supermercados e pista de skate, integra o grupo de skatistas chamado de Gambiarra *Crew*, não informou o tempo que faz parte do

grupo, vai à pista de skate 4 a 5 vezes na semana e defende que a relação entre os jovens e grupos skatistas que a frequentam é relativamente boa.

Marcelo define o corpo como dimensão de caráter orgânico, que lhe possibilita o fenômeno da vida. Acredita que a prática do skate é possível por causa do corpo, fato que lhe permite alcançar a felicidade e satisfação pessoal.

É o que fala na passagem que se segue:

Células, emaranhado de alguma junção de materiais [...]. Total importância sendo ele um corpo vivo [...]. Não só na prática do skate mas em demais atividades, a relação entre isso é a felicidade [...] (QUESTIONÁRIO, MARCELO, 2017).

Leonardo, possui 22 anos de idade, identifica-se como pardo, natural de Morrinhos-GO, veio para Caldas Novas por questões familiares, solteiro, sem filhos, mora com a mãe e o avô, na sua casa vivem 3 pessoas.

Trabalhador e sustenta-se com a própria renda, iniciou as atividades profissionais com 11 anos, trabalha diariamente cerca de 9 horas ou mais. O emprego é fixo, mas não possui carteira de trabalho assinada, seu salário é de R\$ 710,00 mensais, somado a este valor há renda extra de uma loja. Não detalhou sobre as atividades que desenvolve na loja e na sua casa todos trabalham. A renda da família é de 3 a 4 salários mínimos mensais.

Cursa o ensino médio no período noturno, já parou de estudar por motivos de saúde e trabalho e retornou por desejo de adentrar ao ensino superior. Acredita que a escola é fundamental no processo de aprendizado.

Participa de grupo esportivo – considera o skate como esporte –, iniciou sua prática por influência de amigos e familiares. Vivencia-o acerca de 8 a 10 anos. Já sofreu preconceito por ser skatista no trabalho, rua, família e escola. Integra 2 grupos de skatistas sendo o *Gambiarra Crew*, a 2 anos; e o *Ameiva Crew*, a 5 anos. Tem o costume de ir à pista de skate 2 a 3 vezes na semana e considera que os jovens e grupos skatistas que a frequentam são amigáveis em sua relação.

Leonardo compreende que as diferentes formas de aprendizado se dão pelo corpo, dentre eles o “andar” de skate. Acredita que o corpo é importante para se realizar atividade profissional. E que a prática do skate, ao ocorrer pelo corpo, pode ser realizada por diversão e exercício físico.

Veja-se na reflexão:

Templo de vivência onde acumula nosso aprendizado, nossa passagem. Fundamental na prática do skate [...]. Para tudo desde a prática do skate ao trabalho faz parte de um conjunto [...]. Diversão, exercício físico, melhor rendimento, adrenalina (QUESTIONÁRIO, LEONARDO, 2017).

Ingrid, 17 anos de idade, vê-se como parda, natural de Caldas Novas-GO, solteira, não possui filhos, mora com a avó e em sua residência vivem apenas as duas. Possui trabalho, de caráter temporário, sua jornada é de 4 horas diárias, não tem carteira de trabalho assinada, começou com 16 anos, o salário é de R\$ 350,00 mensais e é sustentada pela família.

Pelo fato do seu trabalho ser temporário, provavelmente, considera que apenas a sua avó exerce atividade remunerada. A renda mensal da família é de aproximadamente mais de 4 salários mínimos.

Cursa o ensino médio no período matutino, nunca parou de estudar, acredita que o processo de aprendizado ocorre na escola e não participa de nenhum grupo juvenil.

Começou no skate por intermédio de amigos, o pratica a mais ou menos de 1 a 2 anos, sofreu preconceito na rua, pois a julgaram que pelo fato de ser skatista poderia também usar drogas ilícitas, não pertence a nenhum grupo de skatistas e já não vai à pista de skate. Ressalta que os jovens e grupos skatistas, na pista, promovem disputas, sem violências, alcançando consenso para o seu uso.

De acordo com Ingrid é através do corpo que se pode alcançar certo condicionamento físico. E este condicionamento gera a força necessária para se movimentar o skate e realizar diferentes manobras. Veja-se na seguinte fala:

É um instrumento de realização dos seus objetivos físicos, de superar obstáculos [...]. É uma forma de conseguir chegar onde quero tanto no esporte como no meu corpo físico [...]. O corpo é a base de tudo para a prática do skate ou de qualquer outro esporte, pela força física utilizada (QUESTIONÁRIO, INGRID, 2017).

Jaqueline, 15 anos de idade, considera-se branca, natural de Goiânia-GO, veio para Caldas Novas devido a assuntos familiares, solteira, sem filhos, mora com os pais e irmão. Vivem na sua casa 4 pessoas.

Não trabalha, sustentada pela família, 2 pessoas exercem atividade profissional remunerada na sua casa, todavia não informou quem são. A renda mensal de sua família é de 3 a 4 salários mínimos.

Cursa o ensino médio no período matutino, nunca parou de estudar e pensa que a escola lhe proporciona formação para o futuro. Não participa de grupos juvenis, iniciou

com o skate por intermédio da mídia televisiva, é adepta a aproximadamente 1 ou 2 anos. Já sofreu preconceito em sua família por ser skatista, não pertence a nenhum grupo de skatistas, não vai à pista e não se pronunciou sobre a relação entre os jovens e grupos que a frequentam.

Para Jaqueline o corpo é a estrutura que a permite manter-se em forma e isso ocorre pelos exercícios físicos e alimentação saudável. Acredita que o elo entre corpo e skate se dá pelo fato do segundo ser um exercício que pode ser vivenciado pelo primeiro.

Diz Jaqueline: “Temos que manter o corpo saudável e sempre fazer exercício físico [...]. Sempre ter alimentação saudável [...]. É uma forma de exercício físico” (QUESTIONÁRIO, JAQUELINE, 2017).

Pedro possui 24 anos de idade, identifica-se como pardo, natural de Cambuquira-MG, veio para Caldas Novas por causa da família, solteiro, não tem filhos, mora com os pais, irmão e em sua casa vivem o total de 4 pessoas.

Trabalha cerca de 8 horas por dia, seu emprego é fixo, não possui carteira de trabalho assinada, tem um salário de R\$ 1.000,00 por mês, começou a trabalhar aos 17 anos e recebe ajuda da família para seu sustento. Em sua residência, 4 pessoas realizam atividade profissional remunerada, sendo ele e os demais membros da família. A renda mensal familiar é de 3 a 4 salários mínimos.

Já concluiu o ensino médio, nunca parou de estudar e considera que a escola não teve relevância decisiva na sua vida. Participa de grupo juvenil esportivo – considera o skate como esporte –, ingressou na prática por causa de amigos, é adepto a mais de 10 anos, já sofreu preconceito por ser skatista, não informou o lugar ou como aconteceu, não faz parte de nenhum grupo de skatistas e raramente vai à pista. Afirma que a relação entre os jovens e grupos skatistas na pista de skate é amigável.

Segundo Pedro o corpo é “O seu ser [...]”; ele é importante porque permite “Experiências [...]”; e a sua relação com o skate ocorre de maneira “[...] Mental” (QUESTIONÁRIO, PEDRO, 2017).

Vê-se que o jovem ao ser questionado acredita que o corpo configura-se no ser subjetivo do indivíduo, que é por ele que se vivem experiências cotidianas e a partir do pensamento que corpo e skate se unem para sua prática.

A seguir a apresentação e demonstração das entrevistas – dos participantes acima – bem como a sistematização, interpretação e análise dos dados feita através dos referenciais teóricos e bibliográficos utilizados na pesquisa.

2.4.2 Sistematização e análises das entrevistas com os jovens skatistas

Nesta etapa do capítulo procurou-se ouvir os jovens skatistas – público investigado na pesquisa – através da entrevista semiestruturada, sobretudo acerca de aspectos que os envolvem no tocante a seus corpos, objeto de estudo, e às dinâmicas, desafios, encontros, utopias e distopias relacionadas à prática do skate no espaço urbano (ruas, avenidas, calçadas, praças, quadras esportivas, etc) e na pista de skate⁵².

2.4.2.1 Jovens skatistas: modos de ser jovem

Seguindo o roteiro de entrevista desenvolvido para a escuta dos jovens skatistas tem-se como item inicial de investigação o tema: Sobre o jovem e a juventude (Condição social e cultural, fase da vida, etc.)⁵³. Segundo a metodologia usada na pesquisa para a análise das falas dos sujeitos, optou-se em desdobrá-lo em duas perguntas norteadoras que se seguem.

A primeira pergunta pretendeu descobrir: O que é ser jovem para você? Ao observar as respostas notou-se que os participantes manifestaram suas opiniões acerca do conceito de jovem a partir de duas categorias que – nos estudos sobre os jovens e a juventude – amparam-se nas correntes da Psicologia ou Sociologia.

⁵² Calçadas, praças, bancos, ruas, avenidas, comércios, galerias, bairros, parques, etc, pertencem ao espaço urbano. Pela inserção histórica do humano nestes ambientes é que eles ascendem ao *status* da urbanidade. Isto ocorre porque apenas o indivíduo, como ser social, é capaz de atribuir sentido cultural aos lugares pelos quais a sua vida se constitui. Acredita-se que a pista também integra o espaço urbano, contudo resolveu-se considerá-la a parte pelas especificidades, particularidades e diferenças simbólicas que assume no que diz respeito à prática do skate, se comparada sua experiência e vivência junto aos demais ambientes em que ocorrem.

⁵³ Os temas apresentados nesta etapa do trabalho, que se relacionam a ida a campo, puderam ser agrupados em quatro categorias de análise sendo: modos de ser jovem; jovens skatistas e o espaço urbano; pista de skate e a sociabilidade dos jovens; e skatistas e os seus corpos. As perguntas foram reagrupadas de acordo com estas categorias fato que alterou a sua ordem e o quantitativo de perguntas por tema se comparada à sua disposição e o total de questões no roteiro da entrevista semiestruturada. Tal atitude foi tomada com o intuito de sistematizar os dados de forma melhor ou mais organizada, tendo em vista tanto alcançar os objetivos do capítulo, quanto no que se refere à empiria e ainda ampliar as possibilidades de análise, leitura e compreensão dos dados do campo.

Bungenstab (2017), fundamentado em Groppo (2000) e a partir dos estudos realizados por este, destaca que na passagem do século XIX para o XX é a perspectiva da Psicologia que fomentará os debates sobre a juventude compreendendo-a como um estágio/etapa. Nota-se que aqui o jovem não é visto como sujeito do presente, mas como humano, cujas utopias se concretizarão na vida adulta. Cabendo a família, a escola, a religião, etc, prepara-lo para o futuro. Diz Bungenstab (2017, p. 50):

Essa visão de juventude era considerada normal, sem dificuldades e transtornos para a passagem à idade adulta. Os conflitos existentes eram analisados como processo característico dessa etapa da vida confusa e transitória, que logo deveriam ser sanados pelas instituições que tinham o propósito de correção e adequação do jovem à sociedade [...].

Já a tendência de visão sociológica para além de compreender a juventude e os jovens como sujeitos em passagem transitória para o futuro, para o mundo adulto reconhece-os como seres do tempo presente com necessidades socioculturais, específicas à sua fase da vida. Ante ao exposto alega-se que o jovem, indivíduo histórico, tem demandas educacionais, políticas, do mundo do trabalho e lazer, afetivas, etc que devem se concretizar no agora e não unicamente no por vir, ao qual nem se tem certeza da sua suposta consolidação (PAIS, 1990). É deste ponto que a pesquisa parte para compreender os jovens

E pelas entrevistas realizadas chama-se a atenção para a fala de dois participantes que apresentam uma visão de jovem que dialoga com o campo da sociologia da juventude – campo ao qual se recorreu para compreender, conceituar os jovens –, ao reconhecerem que ser jovem é estar disposto, apto a se desafiar no diálogo com os indivíduos e o mundo – em transformação – para descobrir, apreender e sistematizar o conhecimento historicamente produzido no presente. Pedro (ENTREVISTA, 2017) diz que ser jovem é: “[...] tê disposição pra você fazê [...] aprendê as coisas novas”. E Ermano (ENTREVISTA, 2017) fala que é: “[...] ter liberdade, conhecer coisas novas, interagir com as pessoas [...]”.

A respeito da segunda pergunta ela objetiva saber: O que você entende por juventude? Nota-se que as categorias de juventude presentes nas falas dos sujeitos se aproximam também das correntes mencionadas acima e que trabalham com a juventude sendo a corrente da Psicologia cuja juventude seria uma etapa da vida e a Sociologia da Juventude onde a fase da vida é a expressão de caráter sociocultural e histórica utilizada para conceituar a juventude.

Destacou-se o pensamento de dois participantes sendo Jaqueline e Pedro. Para Jaqueline (ENTREVISTA, 2017): “[...] a juventude é a fase mais gostosa da nossa vida né, [...] fazê tudo que tem que fazê, mais tudo no seu tempo certo [...]”. Já Pedro (ENTREVISTA, 2017) cita que é: “[...] uma fase [...] pra podê aprendê, [...] errá, [...] acertá [...]”.

Optou-se por selecionar as falas destes participantes por identificar que elas dialogam com o campo da sociologia, assumido na pesquisa como proposta capaz de traduzir o que são os jovens – indivíduos históricos –, e a juventude – fase da vida – de maneira a não desconsiderá-los como seres e fase envolvidos nas contradições, meandros da história no presente (PAIS, 1990; BUNGENSTAB 2017).

2.4.2.2 Jovens skatistas e a relação com o espaço urbano

O próximo item investigativo no processo de escuta aos jovens skatistas relaciona-se ao tema: Sobre o Espaço Urbano (Enfrentamento, preconceito, etc.). A partir da metodologia do estudo utilizada no processo de análise das respostas dos participantes, decidiu-se separá-lo em cinco questões/perguntas chave aproximadamente. Veja-se abaixo.

A primeira pergunta visou identificar: Que lugares a cidade de Caldas Novas-GO disponibiliza para os jovens vivenciarem seus corpos? De acordo com as falas dos participantes foi possível identificar categorias materializadas nos espaços públicos das praças, ginásio de esportes, pistas de corrida, academias nas praças, campos de futebol, pista de skate, dentre outros.

Entretanto a fala de Pedro (ENTREVISTA, 2017) se diferenciou das demais quando ele afirma que: “[...] tem mais, mais lugares pra turista [...] que é tudo pago [...]”. Implícito no raciocínio do participante está à ideia de que o foco não são os jovens residentes, pois como cidade turística o município supostamente privilegia os sujeitos vindos de outras localidades para se hospedar e terem momentos de lazer – privado do ponto de vista econômico – com suas famílias e familiares.

Esta reflexão encontra eco em Vainer (2013) acerca do processo de privatização das cidades, dos seus espaços urbanos, da perspectiva do Estado Mínimo que opera na esteira do neoliberalismo. Diz o autor: “[...] As populações mais pobres se veem confrontadas a uma gigantesca onda de limpeza étnica e social das áreas que recebem

investimentos, equipamentos e projetos de mobilidade [...]” (VAINER, 2013, p.69). Por isto muda-se o teor do público para a categoria do privado que as cidades têm assumido no atual período da história.

A segunda pergunta indaga aos participantes, o que se segue: Relate sobre suas experiências em vivenciar a prática do skate no espaço urbano. Segundo o que os skatistas relataram nota-se haver três categorias em comum sendo a questão do trânsito, a socialização e sociabilidade, e a possibilidade de ressignificar a cidade.

Para Carlos (2007) a cidade é uma construção de caráter humano que se deu na história ao longo do tempo. Ela é formada por códigos, símbolos, linguagens, interação e espaços aos quais podem ser denominados de urbanos e em meio a esta urbanidade repleta de possibilidades e acessos que os jovens se inserem para também praticarem o skate.

Isto fica perceptível nos dizeres de Marcelo (ENTREVISTA, 2017, grifo nosso) ao alegar que: “[...] a gente têm outros olhos [...] um corrimão que alguém normal num anda, vê e para ‘num dá pra fazê nada’, a gente [...] vê e já ‘nossa da pra mandá uma manobra ali’ [...]”. O pensamento expresso na passagem acima encontra fundamento em Brandão (2008) quando considera que os skatistas, de maneira cultural e simbólica, são capazes de “re-projetar” as cidades sobre o skate e com o corpo em movimento. Por isto, escadas, bancos, corrimãos e outros na perspectiva dos skatistas são utilizados para além de suas funções primárias, ou seja, um banco para além de assentar-se serve para o desafio de executar uma manobra, um movimento.

Pedro (ENTREVISTA, 2017) considera que a prática do skate no espaço urbano é capaz de promover momentos de estar na rua junto aos amigos que promovem encontros significativos do ponto de vista da sociabilidade. Veja-se na fala a seguir: “[...] bom porque é você, o skate e a rua e isso envolve [...] amigos, lugares pra andá [...]”.

A afirmação do jovem skatista é de suma importância por apresentar o caráter humanitário e cultural do skate que permite estar em contado com demais indivíduos em um momento em que os diferentes sujeitos decidem se relacionar por meio de patamar de sociabilidade que os tornam momentaneamente iguais, “abolindo” suas diferenças, mas ainda assim mantendo e preservando suas individualidades. Sobre isto diz Simmel (2006, p.71, grifo do autor):

[...] a sociabilidade demanda o tipo mais puro, claro e atraente de interação, aquela que se dá *entre iguais*. Pela sua natureza, ela precisa criar seres humanos que se desapegam de seus conteúdos objetivos e que, assim, modificam seu significado interno e externo para se tornarem sociavelmente iguais [...] (SIMMEL, 2006, p. 71, grifo do autor).

No que concerne à terceira pergunta ela se subdivide em duas questões e procura inquirir aos participantes a seguinte indagação: Já sofreu preconceito? Como é a receptividade do público quando veem que você é skatista? Em linhas gerais os jovens skatistas relataram que o preconceito é uma categoria que em um momento ou outro da sua prática já tiveram a experiência de ter que enfrenta-lo. Contudo houve uma exceção que foi a jovem Heleonora (ENTREVISTA, 2017) que relatou: “[...] eu nunca sofri preconceito [...]”.

Como foi majoritário o índice dos que passaram por situações constrangedoras de preconceito concentrar-se-á nesta categoria. A opinião de Leonardo (ENTREVISTA, 2017) é ilustrativa neste debate quando diz que: “[...] os mais velhos muitas vezes me vê e às vezes fica com medo [...]”.

Em pleno século XXI nota-se que de forma consciente ou não a sociedade, os mais velhos que se encontram em outra geração acabam estabelecendo imagens e perfis estereotipados, frutos de preconceitos, que não correspondem ao que os skatistas são verdadeiramente em seu cotidiano, ou seja, sujeitos históricos com demandas para o presente. Devido a este olhar altivo sobre os jovens que a sociedade decide que eles são um problema social a ser solucionado ou contido por políticas públicas que ameaçam e desconsideram as especificidades dos jovens e da juventude (CAVALCANTE, 2010).

Referindo-se a quarta pergunta ela busca descobrir: Quais os maiores enfrentamentos que o (a) skatista passa na rua? Pelas respostas dadas por parte dos jovens skatistas visualizam-se como mais frequentes as categorias do preconceito – incluindo o de gênero sofrido pelas moças skatistas –, possibilidade de se ferir, machucar pelos desafios das manobras, mas também por questões relativas ao trânsito, sendo que houve relatos de que os motoristas não respeitam os skatistas que se movem pela cidade com o seu skate, meio também de transporte⁵⁴.

⁵⁴ De acordo com reportagem disponível no sítio eletrônico <<https://www.brasil247.com/pt/247/sp247/303082/Motorista-atropela-pelo-menos-5-skatistas-durante-evento-em-SP.htm>>, acessada no dia 31 de Julho de 2017, um motorista atropelou aproximadamente cinco skatistas, no dia 25 de Junho, domingo, que circulavam em movimento por determinada avenida da cidade de São Paulo, cujo trânsito havia sido bloqueado para livre acesso dos skatistas. Os skatistas comemoravam o chamado “Dia Mundial do Skate” – *Go skate day* –, realizado em diferentes cidades pelo

Algumas destas categorias podem ser observadas nos dizeres de Jaqueline (ENTREVISTA, 2017) quando relata que: “[...] muitas pessoas mexem né, às vezes fazem piada, fala que é [...] lésbica [...]. [...] tem que ter muita esperteza né, pra não ser atropelada e tal [...]”.

No que diz respeito às questões do trânsito ele precisa ser revisto tanto pelos motoristas quanto pelo poder público, haja vista que skates, patins, bicicletas e outros são meios de transportes que além de não poluírem o meio ambiente proporcionam melhoria do condicionamento físico aos seus adeptos.

Contudo, sem desconsiderar este item procura-se refletir sobre a questão de que na rua as moças skatistas acabam sendo recepcionadas por determinada conduta, construção de cunho histórico e sociocultural que acirram os conflitos de gênero ao determinar que apenas jovens do sexo masculino possam ser praticantes do skate.

Tal pensamento demonstra o quanto o machismo ainda está arraigado ao cotidiano das cidades brasileiras que delegam às mulheres as funções do lar, da vida privada e aos homens as funções do mundo do trabalho, do lazer, da vida pública. Acerca do skate feminino Figueira (2008, p.47) ilustra o que foi dito ao mencionar que o skate feminino no Brasil: “[...] como qualquer outra prática corporal e esportiva, é atravessado por relações de poder, promovendo espaços, vivências, oportunidades e sociabilidades distintas para homens e mulheres”.

No que diz respeito à quinta pergunta ela se desdobra em duas questões e dispõem a identificar se: Há grupos de skatistas? Há disputas entre os grupos nas ruas? As respostas presentes nas entrevistas apontam majoritariamente para afirmação positiva, ou seja, existem grupos de skatistas que perambulam pelas ruas da cidade e geralmente as disputas que se dão entre eles se resumem à prática do skate, se configurando em disputas lúdicas para identificar qual skatista é capaz de realizar uma manobra melhor executada do que o outro.

Veja-se nas respostas de Leonardo (ENTREVISTA, 2017) quando explicita que: “[...] conheço três que é a galera do Skate Com Cristo, a Gambiarra *Crew*⁵⁵ e Ameiva *Crew* [...]. Assim, disputa mais é nas manobra [...]”. Nota-se pelo que o participante

mundo. Este dia é comemorado anualmente em 21 de Junho. Contudo, quando a data cai em dia útil os skatistas transferem-no para o primeiro domingo pós dia 21.

⁵⁵ Olic (2010, p.161) define *crew* como “[...] agrupamento, bando de skatistas”.

disse que existem grupos e que as disputas assumem caráter estético, de jogo, brincadeira, diversão e lazer uma vez que o skate é uma atividade de cunho cultural, simbólico e antropológico assumindo valor exclusivamente humano (RAMPAZZO, 2012).

2.4.2.3 A prática do skate na pista e a sociabilidade dos jovens

O terceiro tema ao qual se procura pesquisar entre os jovens skatistas relaciona-se a: Sobre a Pista de Skate (Acordos, dinâmicas, sociabilidade, etc.). Optou-se, através da metodologia utilizada para a análise e interpretação das respostas dos participantes, em distribuir o tema por aproximadamente quatro questões/perguntas norteadoras. Veja-se a seguir.

Relacionado à primeira pergunta ela procura saber: Como são as dinâmicas de uso da pista? Dentre as supostas categorias possíveis de serem analisadas destacam-se a presença de acordos, regras e o estabelecimento de um ambiente de respeito que paira sobre a pista, para que diferentes frequentadores skatistas possam fazer uso dela.

Esta reflexão fica clara ao se observar as falas de dois jovens skatistas participantes na pesquisa. O primeiro é Leonardo (ENTREVISTA, 2017) que quanto aos acordos estabelecidos para se usar a pista vai dizer que: “[...] eu tô na minha linha⁵⁶, enquanto que eu não errá a manobra eu não saio [...]”. O segundo é Pedro (ENTREVISTA, 2017) e sua fala corrobora com a do participante acima alegando que o uso da pista: “[...] é consensual [...], um vai manda manobra e tem que aguardar um tempo pros outros que ainda não foi podê andá [...]”.

Através do que foi relatado pelos dois participantes nota-se haver acordos e regras flexíveis que orientam o uso da pista. Contudo estas regras são válidas durante o tempo em que ali eles permanecem, porque pode ocorrer de em outro momento ao haver a presença de demais sujeitos, novos acordos coletivos possam ser estabelecidos, gerando novas formas de orientar a prática e a vivência do skate na pista.

Isto ocorre pelo fato da multiplicidade de jovens que frequentam a pista, inclusive para a prática de outra vivência com o corpo em movimento tais como os patins, etc. Deste modo compreende-se que os sujeitos são reprodutores, mas ao mesmo

⁵⁶ Olic (2010, p.162) destaca que linha são manobras feitas “[...] em sequência pelo skatista [...]”.

tempo produtores de sentidos e significados simbólicos, culturais, antropológicos, normativos e de convívio coletivo.

Completa-se o argumento com a reflexão de Rampazzo (2012), desenvolvida em pesquisa etnográfica sobre a prática do skate realizada por jovens. Assim, sobre a pista, suas dinâmicas de uso e acordos coletivos o autor vai sugerir que:

Por certo, pensar que todos os praticantes de skate assimilam homogeneamente ou se submetam a tais códigos sociais sem questioná-lo/subvertê-los, seria desconsiderar a diversidade que se faz presente na *pista*. Levando em conta os aspectos que observei na *pista* (códigos sociais, legitimidade, autoridade, [re]conhecimento e subversão), compreendo que a noção de *jogo* – Bourdieu (1983) –, em parte, contribui para a compreensão e a descrição da complexa relação na *pista*. Compreendo como um dos aspectos simbólicos o *jogo na pista*. Este é jogado por pessoas e grupos, que comungam minimamente de alguns *códigos sociais do skate na pista*. Sujeitos e grupos que se engajam em uma disputa pelos significados do *skate* que é praticado na *pista* (RAMPAZZO, 2012, p.62, grifos do autor).

No que se refere à segunda pergunta ela tem por objetivo descobrir o que se segue: Qualquer um pode usar a pista? Majoritariamente os participantes responderam que todos os jovens skatistas, enfim toda e qualquer pessoa que nos processos simbólicos dos acordos – sendo reprodutor e produtor de sentidos e novos significados (RAMPAZZO, 2012) –, desejar usar a pista, ela terá o direito para tal até porque a pista se configura em uma iniciativa do poder local, constituindo-se em política pública de esporte e lazer. Este pensamento fica bem explícito, claro por meio do argumento utilizado por uma das participantes, Jaqueline (ENTREVISTA, 2017) ao mencionar que: “Qualquer um, a pista é pública [...]”.

Acerca da terceira pergunta, subdividida em três, ela tenta identificar se: Há grupos? Como é o relacionamento entre os jovens skatistas de outros grupos ou skatistas independentes? Há preconceito em relação a gênero? De acordo com o que foi respondido podem-se identificar categorias de análise tais como as que afirmam a existência de grupos, a presença de skatistas independentes e o preconceito relativo ao gênero.

Dentre as respostas que se destacaram cabe apresentar a de Marcelo e a de Ingrid, pois demonstraram uma percepção singular dos fenômenos categorizados que não estiveram presentes nas demais. Marcelo (ENTREVISTA, 2017) destaca que: “[...] existem vários tipos de grupo [...] os gangsters [...], os [...] punk [...], só que é todo mundo unido [...]. Olha, por certa parte dos praticantes sim, [...] pra mim eh só totalmente mente aberta, totalmente a favor que todo mundo pratique [...]”.

Na fala de Marcelo fica explícito que existem grupos com diferentes características, porém esta diferença não impede que haja uma espécie de consenso para que ambos usem a pista de skate. Dentre os grupos citados pelo participante estão os *gangsters* e os *punks*. Para além de mera especulação vocabular, estas palavras representam grupos com modos diferentes de ver e inserir-se no mundo, de se relacionar com o corpo esteticamente do ponto de vista das roupas que usam, das músicas que ouvem, do linguajar utilizado e da forma pela qual praticam o skate.

Os *gangsters* também denominados por Olic (2010) de *skate-rap* enfatizam: “[...] *manobras de giro* (ação [...] em que o skate gira em torno de seu próprio eixo para depois novamente se acoplar ao pé do skatista) e *de borda* (movimento em que o skatista desliza com o skate na beirada dos obstáculos)” (OLIC, 2010, p.23, grifos do autor). A seguir uma figura que representa a imagem de jovem adepto do *skate-rap*:



Figura 1: *skate-rap*.

Disponível em: <<https://sempreskaters.wordpress.com/>>.

Acesso em: 31 de Julho de 2017.

Os *punks* que também são chamados por Olic (2010) de *skate-punk* acabam por dar sentido à vivência do skate por meio de um estilo de movimentos onde se: “[...] prioriza a velocidade e a agressividade em detrimento de uma técnica mais apurada [...]” (OLIC, 2010, p.22). Abaixo figura que apresenta imagem de jovem adepto do *skate-punk*.



Figura 2: *Skate-punk.*

Disponível em: <<http://teamrock.com/feature/2017-06-14/skate-or-die-how-skate-punk-took-over-the-world>>.

Acesso em: 31 de Julho de 2017.

Já Ingrid (ENTREVISTA, 2017) deixa claro que: “[...] existe muitos grupos [...]. Alguns se dão bem, [...] já teve briga já em pista. Tem grupo que conversa, [...] mais geralmente fica isolado [...]. [...] um pouco só por causa que os meninos acha interessante uma menina gostá de skate [...]”.

Logo, a partir da fala de Ingrid observa-se que existem grupos que se dão bem uns com os outros, porém há grupos que não se dão tão bem assim, porque como ela relata já houve desentendimento, fato que gerou até mesmo brigas. E no que tange aos skatistas independentes nem sempre ocorre uma afluência entre eles e os grupos de skatistas.

Agora, um fator presente tanto na fala de Marcelo quanto na de Ingrid é a questão do preconceito de gênero na pista, preconceito este que parte dos indivíduos, jovens ou não que julgam que a prática do skate não deve ser vivenciada pelas jovens, pelo fato de ser uma atividade vinculada ao universo masculino. Por isto ressalta-se que o machismo ainda se faz latente, supostamente arraigado à formação sociocultural brasileira. No que se refere ao skate feminino um dos seus muitos desafios é romper com o preconceito de gênero (FIGUEIRA, 2008).

No que tange a quarta pergunta ela se dispôs, a saber, se: Há diferença entre a prática do skate na rua e na pista? Ao observar as respostas dadas pelos participantes percebe-se que em sua totalidade eles foram unânimes em relatar que existe completa diferença entre a forma que se pratica o skate na rua da maneira praticada na pista.

Como para esta pergunta pôde ser identificada a categoria de análise que relata haver diferença entre os dois estilos de se vivenciar o skate, optou-se por destacar e analisar a fala de Leonardo porque de acordo com ele na rua existe mais liberdade, uma vez que a cena urbana é ressignificada permitindo-os adequar o espaço rumo aos seus objetivos lúdicos, criando novas possibilidades de obstáculos que aumentam o grau de dificuldade da prática do skate e que na pista os obstáculos já se encontram prontos, ficando o skatista dependente unicamente do que a pista pode lhe oferecer naquele momento.

Veja-se nos dizeres de Leonardo (ENTREVISTA, 2017): “[...] na pista cê tem ali um caxote montado [...], na rua cê tem que tê a criatividade vê um gramado [...] pulo de flip [...], [...] eu acho que a prática na rua é mais difícil e bem diferente”.

Destaca-se também na fala do skatista o uso das palavras caxote – ou caixote – e *flip*. Caixote na linguagem dos skatistas é um obstáculo que permite a execução de diferentes tipos de manobras. Veja-se na figura abaixo que apresenta a imagem de skatista executando manobra sobre o caixote.



Figura 3: Caixote.

Disponível em: <<http://stanleyhenrique.blogspot.com.br/2010/07/>>.
Acesso em: 31 de Julho de 2017.

Já a palavra *flip* no vocabulário dos skatistas é utilizada para denominar uma das múltiplas, inúmeras, variadas e incontáveis manobras – (OLIC, 2010) – existentes e praticadas pelos grupos juvenis skatistas e que são marcadas pela capacidade artística, inventiva e criativa do skatista a partir da experiência do corpo em movimento, deslizando-se pelo espaço sobre o skate.

Não é objetivo da pesquisa realizar total e completa descrição biomecânica e biodinâmica do movimento corporal, ao qual o skatista realiza com o seu corpo quando tenta, faz e acerta a manobra – o que se acredita empobrecer a riqueza da experiência estética, sensível, do momento em que o movimento tendo-o como linguagem, arte, é contemplado e admirado pelo público que o vê. Todavia, a cargo de efeitos didáticos e de estética usar-se-á figura que demonstra imagem da skatista realizando a manobra, fato que facilita e amplia a compreensão sobre o que é o *flip*. Veja-se a seguir.



Figura 4: *Flip*.

Disponível em: <<http://qixmissy.com.br/skate/entrevista-juliana-lima/>>.
Acesso em: 31 de Julho de 2017.

2.4.2.4 Os jovens skatistas e seus corpos

O quarto tema que se desenvolve junto aos jovens skatistas com a meta da escuta a estes é: Corpo⁵⁷. Seguindo a metodologia estipulada para a análise e interpretação das respostas dos participantes, optou-se por dividir o tema em seis questões/perguntas. Veja-se abaixo.

Relacionado à primeira pergunta a referida tem por meta descobrir: Como você vê o seu corpo na rua durante a prática do skate? Por meio de análise das entrevistas foi possível identificar categorias que se remetem ao campo da satisfação pessoal de caráter corporal nos momentos de lazer. Como as respostas apontaram para direcionamentos semelhantes optou-se por selecionar as falas de dois participantes capazes de apresentar,

⁵⁷ No roteiro da entrevista as questões relativas aos corpos dos jovens skatistas aparecem na quinta posição. Devido ao fato do quarto tema estar vinculado ao universo educacional e este ser tratado no terceiro capítulo, foi preciso invertê-los quanto a sua ordem numérica.

como a prática do skate lhes permite ver e rever o próprio corpo por demais ângulos, óticas no cenário urbano.

Marcelo (ENTREVISTA, 2017) diz que vê e percebe que pelo skate seu corpo: “É livre, solto, uma sensação de liberdade”. Ingrid (ENTREVISTA, 2017) relata que: “Eu me sinto bem, eu gosto de praticá [...]”.

Logo, pela perspectiva expressa na fala dos dois participantes vê-se que a prática do skate lhes permite fruições objetivas e subjetivas – de risco, radicalidade, desafio, incerteza e com certas “doses” de adrenalina (OLIC, 2010) – através do corpo, sobre o skate e na realidade. Isto se dá porque o corpo é uma dimensão histórica e material, que se dá em um contexto dialético e contraditório que permite ao humano transformar o meio natural e urbano ao seu redor, bem como a si tanto pelo trabalho quanto pela arte do corpo em movimento (BAPTISTA 2001, 2007, 2013).

Em diálogo com o que foi mencionado Olic (2010, p.15, grifo do autor) expande o debate para demais formas de tratar o movimento corporal sobre o skate na cena urbana ao falar que:

As técnicas corporais empregadas na prática do skate expressam um modo singular tanto na forma como o jovem experimenta os limites de seu corpo, como na relação criativa que ele estabelece com o espaço urbano. Neste sentido, as técnicas podem ser encaradas como uma espécie de tradução de uma manifestação cultural específica detentora de uma expressão simbólica – manifesta através do elemento da *radicalidade* –, que indica a construção de um estilo de vida diferenciado dos skatistas na metrópole.

Pela passagem vê-se que a prática do skate envolve uma série de técnicas às quais Olic (2010) irá denominar de técnicas corporais que correspondem a um conjunto de maneiras de agir com o corpo no microuniverso da prática do skate que permite não somente a execução de manobras radicais mais todo um processo de interação com a cidade e os seus diferentes espaços, o que a ressignifica e constituem novos sentidos, capazes de estabelecer uma apropriação dela por meio do corpo vinculada aos skatistas e às suas perspectivas singulares de observar, socializar e sociabilizar com a urbanidade, os colegas e amigos que também são skatistas.

Referindo-se a segunda pergunta ela busca analisar: Como você vê o seu corpo na pista durante a prática do skate? Dentre as categorias de análise que se puderam identificar junto às respostas dos participantes em sua maioria, eles responderam que veem o corpo por uma ótica de liberdade. É praticamente consenso. E esta liberdade corporal na pista é o resultado dos movimentos que se podem realizar sobre o skate.

Jaqueline (ENTREVISTA, 2017) ressalta que: “Ah o meu corpo na pista [...] é uma sensação boa [...]. [...] de liberdade [...]”.

Porém, foi identificada também outra categoria que destoou da categoria majoritária, pois houve um jovem que relatou não ver o seu corpo com total liberdade na pista de skate. Este jovem é Ermano (ENTREVISTA, 2017) e ele relata o que se segue: “[...] me sinto bem mano, [...] induzido à formalidade [...], eu chego com a ideia de mandá aquelas manobra sabe (?), não é aquela liberdade [...]”.

Ainda que ele diga que se sente bem, parece ver o seu corpo na pista vinculado a suposta formalidade pelo fato de que na pista, como já tratado na pergunta anterior, os obstáculos já estarem organizados o que permite apenas certa parcela de manobras. Entretanto, o corpo enquanto dimensão social que se forma na história é tanto reprodutor quanto produtor de sentidos, rupturas e descontinuidades que geram contradições dialéticas ventilando possibilidades de ressignificar tanto ele quanto a realidade onde se encontra (BAPTISTA, 2001, 2007, 2013).

Assim, acredita-se que está posto e não pré-determinado diante dos skatistas à possibilidade de constituir várias formas de usufruir do corpo no espaço urbano com experiências de movimento, que sejam criativas e lúdicas, oriundas da prática do skate tanto na rua quanto na pista e é por esta fresta que os jovens podem ir ao encontro da liberdade corporal à qual almejam e que lhes proporciona fruições de prazer, radicalidade, risco, desafio, inovação, (in)certeza e adrenalina (OLIC, 2010).

No que diz respeito à terceira pergunta, ela pretende descobrir junto ao skatista se: Você se sente bem com o seu corpo? As categorias de análise possíveis de serem identificadas nas falas dos participantes se dividiram entre o fato de certa parcela, sendo majoritária, estar satisfeita e se sentir bem com seu corpo e outra, minoritária, não se sentir completamente bem.

Mediante este quadro de pesquisa optou-se por analisar as respostas dos sujeitos que indicaram não se sentirem totalmente bem e confortáveis consigo no que tange aos seus corpos. Um destes indivíduos é Leonardo (ENTREVISTA, 2017) que diz: “[...] eu me sinto assim um pouco fora do peso [...]”. A outra participante é Ingrid (ENTREVISTA, 2017) que relata o que se segue: “[...] não me sinto, [...] eu não tenho tanto foco no meu corpo [...]”.

O corpo não é um fato dado, pronto, acabado e concluído, ao contrário ele está em processo de contradição e síntese com cada contexto da história da humanidade

sobre a superfície terrestre. Logo, em cada momento da história os humanos elegem um modelo de corpo que seja aceitável para os padrões de consumo e beleza que também são socialmente construídos (MARTINS, ALTMANN, 2007). Talvez esteja nesta reflexão o ponto de latência que gera nos dois participantes uma insatisfação e a sensação de não estarem bem com o atual perfil do seu corpo e assim consigo próprios.

Mas, se é dada ao corpo a condição de reprodutor, ele também representa focos de resistência e rompimentos, haja vista que os processos humanos são permeados por movimento dialético representado por embates que permitem ressignificações do ponto de vista objetivo, subjetivo, simbólico e cultural.

Percebe-se que diante dos dois participantes que não se sentem bem com seus corpos haver um universo de múltiplas possibilidades, que podem ser vivenciadas e que seguem na contra mão dos padrões sociais vigentes e entre estas possibilidades está à prática do skate. Experiência que se refaz como forma de enfrentamento, através do corpo, e do acesso à cidade e aos seus incontáveis fenômenos culturais.

A partir do que é questionado na quarta pergunta ela se propõem, a saber, se: Haveria um modelo ideal de corpo para a prática do skate? De acordo com o que foi visto nas respostas dos participantes majoritariamente eles afirmam e defendem não existir um modelo ideal de corpo para a vivência, experiência e prática do skate. Inclusive nota-se nas falas dos sujeitos um tom de englobar diferentes formas de indivíduos com características físicas plurais que beira ao discurso de reunir, agregar, ajuntar, estar próximo no que tange aos vários tipos de sujeitos e seus corpos no mundo da cultura skatista.

Porém, é preciso considerar a tensão do contraditório presente em algumas falas proferidas em questões anteriores, que apontam para a existência do preconceito de gênero e assim as moças e mulheres skatistas no Brasil ainda tem pela frente o desafio de romper com esta barreira rumo à importância, relevância e visibilidade da prática do skate feminino em meio à sociedade (FIGUEIRA, 2008).

Retomando, vê-se pela fala de Ermano (ENTREVISTA, 2017) que não há modelo ideal, específico, exclusivo, único e perfeito de corpo para a prática do skate. Diz o jovem: “[...] tanto faz mano, não existe gordo no skate mano, existe skatista, tudo igual [...]”.

Em acordo com o que foi mencionado por Ermano observa-se em Olic (2010) importante reflexão onde ser skatista e estar fora dos padrões vigentes de corpo, que são

socialmente construídos na história de cada povo e cultura, é uma forma de ir à contramão do que está posto, dado como “verdade”. Então destoar de paradigmas de corpos atléticos é também forma de enfrentamento da realidade, de preconceitos e *bullying*. Logo o skate é uma experiência ao alcance de toda e qualquer pessoa.

[...] perante os estereótipos sociais de valorização de um corpo atlético esguio, masculinizado e mimetizado as funções de uma máquina, a presença destes corpos estranhos (mulher, obeso e deficiente físico) no esporte – especialmente em atividades como o skate que envolve força, resistência e risco –, acabam por se inserir neste universo como forças minoritárias que perfuram as marcas dominantes do corpo-atleta moderno [...] (OLIC, 2010, p.25).

Para ilustrar as reflexões apontadas acima optou-se por pesquisar, selecionar e apresentar figuras com imagens de skatistas e seus corpos plurais que em forma de enfrentamento ressignificam a si, a realidade, o mundo, a história bem como a cultura do skate.



Figura 5: Jovem skatista com certo grau de obesidade.

Disponível em: <<https://lockerdom.com/7019648881274177/7209484623945492>>.

Acesso em: 01 de Agosto de 2017.



Figura 6: Jovem deficiente físico que usa cadeira de rodas adaptada como skate.
Disponível em: <http://vemsaude1234.blogspot.com.br/2012/08/motivacao-jovem-usa-cadeira-de-rodas_31.html>.
Acesso em: 01 de Agosto de 2017.



Figura 7: Skatista na terceira idade.
Disponível em: <<http://futbolanews.blogspot.com.br/2015/05/conheca-neal-unger-skatista-de-61-anos.html>>.
Acesso em: 01 de Agosto de 2017.



Figura 8: Jovens mulheres skatistas.

Disponível em: <<http://moda.culturamix.com/roupas/a-moda-dos-skatistas>>.
Acesso em: 01 de Agosto de 2017.

Ao que se refere à quinta pergunta ela visa compreender junto ao jovem skatista: Você se preocupa em cuidar do seu corpo tendo em vista a prática do skate? As respostas dadas pelos jovens podem ser categorizadas em duas vertentes de análise, sendo a dos skatistas que se preocupam em ter hábitos saudáveis (hidratação, dieta alimentar, descanso, repouso, etc) acreditando que interferem de forma positiva na prática do skate, e a dos que não se preocupam exclusivamente com os hábitos saudáveis preferindo dedicar-se a ação de “andar” de skate.

De acordo com este posicionamento destacam-se para análise as falas de dois jovens skatistas que se integram às vertentes categoriais apontadas. Ingrid (ENTREVISTA, 2017) pode ser integrada ao grupo daqueles que se preocupam em ter hábitos saudáveis agregando-os à prática do skate. Diz a jovem: “[...] alimentação tem que ser boa, tem que descansar, dormi bem, pra [...] conseguir fazer as manobras [...]”.

Marcelo (ENTREVISTA, 2017) pode ser agregado ao grupo dos que não se preocupam exclusivamente com os hábitos saudáveis, preferindo concentrar-se, dedicar-se única e exclusivamente a prática do skate. Em sua opinião o fato de ser skatista não o torna um atleta porque este deverá se preocupar com dieta alimentar balanceada, etc e o jovem que tem no skate uma forma de vida, filosofia, não se limita às restrições às quais o atleta se submete em busca de resultados esportivos satisfatórios. Diz o jovem: “[...] não tanto [...], eu acho errôneo chamá o skatista de atleta que pra mim é um, mais um estilo de vida e o atleta no caso não pode tomar refrigerante, [...] a gente só qué se diverti e andá de skate”.

Para Takaki (2012) vivemos em um contexto marcado por grande preocupação com o corpo. São dietas, atividades recreativas, exercícios físicos, regimes alimentares, cirurgias plásticas, sessões intermináveis em academias de ginástica e musculação tendo por objetivo constituir perfil, modelo e estilo de corpo magro, forte e atlético que no contemporâneo supostamente tem sido valorizado. Diz a autora:

[...] Muitas horas de academia por semana, sacrifícios na alimentação com dietas rigorosíssimas, cirurgias plásticas, clínicas de estética, revistas e mais revistas que tratam de questões voltadas à saúde, salões de beleza, uso de cosméticos, são apenas alguns exemplos de atividades diárias e rotineiras que realizamos para mantermos nosso corpo em compasso com presente; um corpo atual e repaginado, que esteja acompanhando a velocidade das renovações. Possuir um corpo mal cuidado, não belo, que apresente ou porte pouca saúde, representa um anacronismo quase intolerável no contemporâneo. Talvez por isso ele se constitua no principal âmbito da investidura subjetiva (TAKAKI, 2012, p.67).

Considerando-se a passagem acima, vale dizer também que se acredita que o corpo não é mero reproduzidor dos padrões de consumo socialmente estabelecidos, ao contrário como corpo histórico, dimensão material ele é capaz de contradições culturais na realidade que o levam também a ser produtor de fissuras, rupturas e descontinuidades no campo dialético e isto se vê quando Marcelo alega que os skatistas não são atletas. E que para além de ser aceito ou não no que tange a sua aparência o que ele pretende é praticar ludicamente o skate.

No que mantém conexão com a sexta pergunta diz-se que ela pretende descobrir: Pensando na prática do skate como um estilo de vida, que elementos culturais (vestimentas, adornos, enfeites, calçados, músicas, etc.) você faz uso para constituir uma espécie de corpo skatista? Mediante as respostas dadas pelos participantes identificou-se a existência de categorias tais como o uso de roupas folgadas e confortáveis, tênis específicos, acessórios como bonés e a preferência por músicas como *rock and roll*, *rap*, sertanejo, outros.

Estas categorias podem ser vistas nos dizeres de Heleonora (ENTREVISTA, 2017) quando ela fala: “[...] tênis [...]. [...] roupas mais folgadas [...]. [...] a principal banda que me inspirava era a banda Charlie Brown Jr. [...] o cantor, ele ficava de skate no palco [...]”. Como pode ser visto na passagem a jovem skatista ao se inserir neste contexto se preocupa também em se ornamentar tendo em vista a configuração de uma espécie de estilo skatista. Ela cita o uso de tênis e roupas específicas e ainda alega que a música faz parte deste suposto costume e dentre os estilos ela cita o *rock and roll*

composto pelo grupo Charlie Brown Jr., cujo vocalista foi adepto do skate⁵⁸. A seguir figura que apresenta imagem do integrante skatista da banda.



Figura 9: Chorão, ex-vocalista da banda Charlie Brown Jr. Falecido em 2013.
Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/chorao-5803>>.
Acesso em: 01 de Agosto de 2017.

Nas reflexões de Pedro (ENTREVISTA, 2017) podem ser visualizadas também as categorias de análise identificadas. Diz o jovem: “[...] toda música que eu escuto [...] da pra andá de skate, [...] eu curto rock e rap [...]. [...] eu acho bonito umas camisa grandona, umas calça mais folgada [...] uns tênis mais sapão, boné [...]”. É possível ver pela fala do jovem que ele também procura compor uma espécie de estilo skatista cuja estética está perpassada pelo uso de roupas, tênis, acessórios como bonés, e a escuta de músicas que provavelmente o inspira durante sua prática.

Alega gostar dos estilos de música representados pelo *rap* e o *rock and roll*. Através do que ele disse ainda é possível identificar certa vaidade, porque assume achar bonitas roupas que denomina de folgadas, grandonas e no que tange ao tênis a sua preferência o direciona ao que ele chama de tênis “sapão”. Abaixo figura que apresenta a imagem do modelo de tênis citado.

⁵⁸ Trecho da música *Skate vibration*: “[...] Skate meu esporte, Meu meio de transporte, Parte da minha história, E cicatrizes dos meus cortes, Quem trabalha sério, Também conta com a sorte, O mundo é cheio de cobra, Mas eu sou cabeça forte [...]” (CHARLIE BROWN JR., 2005).



Figura 10: Tênis “sapão”.

Disponível em: <<http://sherviajando.blogspot.com.br/2011/05/tenis-sapao-all-star-xadrez.html>>. Acesso em: 01 de Agosto de 2017.

Olic (2010) ao refletir sobre a constituição de uma espécie de estilo skatista propõem que o jovem que se insere neste meio é um ser com individualidades e que ele não apenas dá prosseguimento à forma estética de ser skatista, mas a partir de continuidades e descontinuidades, consensos e dissensos, paradoxos, também contribui para se agregar novos costumes e artefatos culturais ao universo do skate e estes artefatos se manifestam no corpo que se reproduz e produz historicamente em tensos diálogos com a realidade onde se dá.

Perceber-se que o campo do skate não se fecha em um microcosmo ortodoxo e impenetrável, ao contrário suas encenações lúdicas, estéticas, de prazer e liberdade o torna aberto a novos sentidos que vão sendo agregados, seja pelos novos ou pelos experientes adeptos. A passagem a seguir, proferida por Olic (2010), ilustra os argumentos apresentados:

[...] caracterizado com a forma pela qual seus integrantes vivenciam o mundo, se comportam e fazem escolhas, a partir de um elemento único: o gosto pela prática do skate. Este processo de integração do jovem ao estilo de vida skatista, contudo, não implica que ele estará simplesmente se diluindo a um corpo coletivo uniforme e homogêneo. O skate é um estilo e uma prática de fronteiras fluídas que mantem diálogo com outras manifestações juvenis e esportistas, como, por exemplo, o surfe, o hip-hop e o punk-hardcore, e abre a possibilidade, por meio de processos de bricolagem, de construir uma pluralidade de estilos/tendências no interior do universo do skate. Nessa perspectiva, dentro de sua própria prática esportiva, o skatista poderá desenvolver diferentes estilos de acordo com as influências decorrentes da aproximação com outras manifestações juvenis (OLIC, 2010, p.20).

Então, nota-se que os jovens skatistas se preocupam em constituir uma identidade e um modelo de corpo histórico que podem ser denominados de identidade e corpo skatista e isto ocorre pelos produtos/artefatos/artigos – roupas, tênis, músicas, bonés e outros acessórios – que consomem não unicamente como forma de alienação vinculada à sociedade de mercado, mas também como maneira, enredo, encenação, paradoxo, prelúdio, prólogo e tensão que os permitem dialeticamente inspirações, motivações e enfrentamentos que lhes façam se interessar, inteirar e prosseguir na experiência lúdica e de lazer que tanto gostam de praticar, ou seja, o skate.

CAPÍTULO III

ESCOLA E OS CORPOS DOS JOVENS SKATISTAS

[...] Ao corpo é exigida uma adaptação ao ritmo do “tempo-velocidade” do cronômetro e do trabalho industrial em substituição a temporalidade, a continuidade, a profundidade, o cuidado, necessários à experiência formativa. Ao se agir na marcação do tempo velocidade, acelera-se o ritmo do declínio da experiência [...] (FERREIRA, 2007, p.137, grifo da autora).

Os ambientes de educação formal, ou seja, as escolas se constituem através do currículo, das diferentes disciplinas, da comunidade que a frequenta, das verbas destinadas à sua manutenção, das regras de conduta cotidiana e outros. Dentre os indivíduos inseridos em seu contexto estão os jovens, sujeitos históricos, que se encontram em certa fase da vida, a juventude (PAIS, 1990).

A relação que se estabelece entre as escolas e os jovens nem sempre se constitui pacificamente porque há uma tensão que gera a reprodução e a produção de diferentes formas de ser e agir. Os jovens, que raramente participam da elaboração das regras educacionais, não são meros reprodutores de discursos e condutas. Ao contrário, são também responsáveis por descontinuidades que ressignificam as regras e criam outras possibilidades de socialização e sociabilidade que supostamente não estejam nos “manuais” pedagógicos.

Quando se faz alusão à juventude é preciso ter a clareza de que o sujeito que se encontra nesta fase é um indivíduo com singularidades, mas também pluralidades que estabelecem diferentes formas joviais, bem como inúmeros agrupamentos juvenis que possuem formas próprias de socialização e sociabilidade e de vivenciar experiências objetivas e subjetivas com o corpo.

Os jovens skatistas são um destes múltiplos indivíduos e grupos que vão à escola com o objetivo de acessar formação humana de caráter técnico e/ou propedêutico e que sentem no corpo as contradições oriundas dos parâmetros disciplinares, didáticos, metodológicos e dos conteúdos aos quais são cobrados, mas que nem sempre estão em acordo com seus anseios de educação, sociedade e mundo.

De forma consciente ou não, as pedagogias às quais as escolas se norteiam constituem-se em perspectivas políticas que transitam pela consecução de certo perfil de formação que, ao final do percurso educativo, os jovens skatistas deverão ter incorporado. E de acordo com Foucault (2004) estas pedagogias supostamente se materializam em formas de poder coercitivos que incidem sobre o corpo.

Bassani e Vaz (2003, p.30, grifo dos autores) contribuem com o debate ao reconhecerem que as coerções destinadas ao corpo que ocorrem nas escolas são sutis e podem se dar de inúmeras formas e tons, e em diferentes níveis. Sobre isto os autores destacam o que se segue:

[...] Embora as agressões físicas diretas sejam hoje menos freqüentes na escola, há uma extensa lista de sanções e medidas punitivas que estão a cargo dos professores. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que a possibilidade de dar notas baixas, de registrar faltas no diário de classe, de humilhar verbalmente ou de reprovar, parece ser ainda uma forma essencial de os professores se “legitimarem” frente aos alunos e alunas.

Isto ocorre pelo fato de que a escola e os jovens skatistas se fazem e refazem em dado contexto sociocultural que privilegia e elabora regras e maneiras de socialização e sociabilidade às quais a instituição educacional e os skatistas não estão imunes, ao contrário, recebem influências do meio, porém também são capazes de influenciá-lo. E um dos quesitos aos quais supostamente a comunidade externa a escola tem cobrado é pelo alcance de resultados que beiram à meritocracia – aprovação nos vestibulares – que irão resvalar em enfrentamentos no campo da cultura, dos costumes, contudo também das classes.

São nestas entrelinhas, no que não foi “oficialmente” anunciado, no que se diz ser uma coisa, mas se presta a outra que se visualizam frestas filosóficas para a pesquisa do objeto. Então, no paradoxo dialeticamente identificam-se contradições materiais da realidade histórica capazes de outra *práxis*. Por isto torna-se imprescindível à adoção de método que contemple o vir a ser e possíveis mudanças no que tange a escola e a educação do corpo dos jovens skatistas. Identifica-se no legado marxiano contribuição para tal. Bandeira (2008) corrobora com a discussão ao dizer que:

É aí que se encontra a grande contribuição do método de Marx que se caracteriza como um procedimento racional capaz de desvendar a aparência das relações sociais, partindo dos fenômenos da realidade e reconstruindo-os no pensamento como concreto pensado. A construção do real no pensamento constitui-se como princípio de uma nova *práxis* (BANDEIRA, 2008, p.24, grifo da autora).

Deste modo, tanto a escola quanto os corpos dos jovens skatistas para além de ideias subjetivas, são antes estruturas que se consolidam histórica e materialmente em meio ao social que se diverge no setor da cultura, dos símbolos, da linguagem, dos costumes, da reprodução e produção da vida, das lutas de classes, etc.

Não se quer aqui resumir nem a escola e muito menos os corpos dos jovens skatistas às discussões das classes, todavia não se pode também desconsiderar que elas os perpassam historicamente. E nessa condição da escola e dos skatistas frente à história que o corpo, sua percepção e as vivências educativas, afetivas, lúdicas e laborais que se estabelecem com ele, são e estão passíveis de transformação. Logo se observa na passagem de Castellani Filho et al. (2009) pensamento que reflete o argumento proferido:

Assim o homem, simultaneamente ao movimento histórico da construção de sua corporeidade, foi criando outras atividades, outros instrumentos e através do trabalho foi transformando a natureza, construindo a cultura e se construindo (CASTELLANI FILHO et. al., 2009, p.40).

Se por um lado à condição humana e do seu corpo se fez ao longo do tempo na relação com a natureza mediada pelo trabalho por outro também é verdade que as atividades de caráter imaterial e cultural, como a educação, e outras de perspectiva lúdica e do lazer como o skate são capazes de participar dos processos que fizeram e fazem do humano um ser em potencial.

Logo, dá-se importância na pesquisa para a educação dos corpos dos jovens skatistas que ocorre na escola, que no presente supostamente tem sido orientada por viés pedagógico que transita entre a reprodução e a produção, a continuidade e a descontinuidade do sistema, *status quo*. Nestes trâmites, transitando entre o que está dado e o anúncio do novo, de outra *práxis* é que se oscila tal qual pêndulo tanto a educação escolar quanto a condição docente e sua prática pedagógica. Viana Neto (2014) ilustra a discussão ao mencionar que:

Ser professor é uma tarefa complexa. O professor é um sujeito que participa da construção de uma sociedade por meio de políticas e práticas pedagógicas que contribuem para a reprodução das desigualdades sociais ou que indicam a transformação em direção a uma sociedade crítica e emancipada (VIANA NETO, 2014, p.13).

Tendo o conhecimento das incontáveis contradições – categorias imanentes ao movimento da história –, que se fazem presentes nos diferentes contextos aos quais os humanos estão inseridos vê-se que o ambiente escolar é também espaço de luta e

enfrentamento, crítico e de crítica, alienação, mas por outro lado emancipação que possibilita a constituição, gênese e criação de debates e diálogos rumo à autonomia dos estudantes e dentre eles os jovens skatistas com seus corpos.

Ao falar em autonomia, vislumbra-se e ainda se quer com isto chamar a atenção para a necessidade da constituição de uma escola democrática, junto a certa sociedade justa, frequentada por alunos emancipados e esclarecidos. Sobre o esclarecimento Kant (2008) contribui com o estudo quando diz: “[...] Tem coragem de fazer uso de teu *próprio* entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*]” (KANT, 2008, p.63-64, grifo do autor).

Nesta perspectiva e ante ao que foi apresentado pretende-se para o capítulo investigar como os jovens skatistas, inseridos na escola, percebem os seus corpos, educados em contexto que supostamente se pauta em métodos pedagógicos que beiram à biopolítica. Sem adotar posição fatalista sabe-se que os skatistas podem ser reprodutores e produtores dos sentidos que margeiam a educação dos seus corpos e é rumo à segunda possibilidade que hipoteticamente a pesquisa se propõe ao campo.

3.1 A escola e suas contradições político-pedagógicas

Estudar sobre os jovens é uma tarefa complexa uma vez que eles não são definidos a partir de um conceito estático, ao contrário são indivíduos que vivem a vida de forma dinâmica e sob a latência do presente. E isto é perceptível nos diferentes grupos juvenis dentre eles os skatistas que vemos no cotidiano expressando inúmeras visões de mundo a partir de suas atitudes, linguagens e pela experiência do corpo em movimento.

Os skatistas podem ser vistos pelas ruas, nas pistas de skate, nas igrejas e em demais espaços de convívio, socialização e sociabilidade. Sejam os skatistas ou demais grupos juvenis e os jovens, ao estudá-los, é preciso deixar claro de que lugar, espaço, contexto e perspectiva se está falando. Esta reflexão pode ser elucidada pela passagem de Neta e Roure (2012, p.153) que se segue. Veja-se:

Para falar do jovem é preciso demarcar o lugar de onde se fala ou mesmo a partir de que visão se está falando, porque pode-se falar sobre este sujeito de vários lugares sociais e por meio de diferentes marcos conceituais. Os lugares podem ser a escola, a família, a igreja, os partidos políticos, os meios de comunicação social, entre outros, e os marcos conceituais se referem às diferentes formas de encarar a juventude [...].

Na pesquisa fala-se dos jovens skatistas – e de seus corpos – enquanto sujeitos históricos que fazem parte da juventude, fase da vida, e no presente capítulo são inquiridos acerca de suas vivências no ambiente escolar – sobretudo no que se refere à percepção da apropriação dos seus corpos – espaço de contradição, reprodução, produção, ensino e aprendizado.

Acerca do corpo vale dizer que no presente ele tem recebido especial atenção por parte dos estudos acadêmicos – vide o estado do conhecimento apresentado – ou por parte dos sujeitos, jovens ou não, que transitam no dia a dia em busca de algo em que possam se amparar, haja vista as incertezas do amanhã ou ainda tendo-o como recurso, alicerce e mecanismo de enfrentamento da realidade sociocultural, como no caso dos grupos juvenis – podendo ser o dos skatistas. Sobre o jovem, a juventude e o corpo no contemporâneo Montenegro (2008, p.150) alega que:

[...] Na contemporaneidade, o tema corpo é tratado, freqüentemente, vinculado ao tema da juventude, de forma que as técnicas que a medicina utiliza para a transformação do corpo, são orientadas para mantê-lo com uma aparência jovem e saudável – o ideário da perfeição exterior toma conta das sociedades contemporâneas [...].

Pelo que foi dito, percebe-se que se vive em um período de extensa e extrema valorização e exaltação de uma estética corporal juvenil e nota-se ainda os investimentos técnicos – dietas, cirurgias, regimes e exercícios físicos – para a manutenção e proliferação da juventude não apenas como conceito, mas estado de espírito que se possa proliferar e prolongar por tempo indeterminado.

Todavia, Marcuse (1969) ressalta que a promessa da técnica não se realiza, pois sujeito e objeto, indivíduo e máquina ainda encontram-se em condição de paradoxo e oposição, fato que se resvala sobre o humano, sua existência e seu corpo marcados pelo predomínio do *status quo* e os embates no campo da cultura e da classe. Diz o pensador:

[...] A despeito dos entraves políticos impostos pelo *status quo*, quanto mais a tecnologia parece capaz de criar as condições para a pacificação, tanto mais são a mente e o corpo do homem organizados contra essa alternativa (MARCUSE, 1969, p.36, grifo do autor).

Já Vaz (2008), à medida que se fez leitura de seus apontamentos, é possível concluir que ele, por viés crítico e de crítica, vai identificar que o discurso do corpo jovial, em meio aos holofotes, está longe de representar suposta libertação e revitalização dos indivíduos como seres que se humanizam na história, ao contrário, por via pessimista e a partir de Adorno e Horkheimer visualiza o corpo no contemporâneo

como suporte, “porto seguro” e âncora que acanha e impede a criatividade, a experiência significativa e tarda a emancipação. Veja-se na fala abaixo:

Há um movimento societário que subsume aquilo que é designado como um limite do esclarecimento, o *corpo*. É possível que os investimentos sobre ele sejam uma espécie de subproduto da atrofia da imaginação e da espontaneidade tal como a compreenderam Adorno e Horkheimer. Talvez o que sobre como superfície seja mesmo o corpo, então é preciso fortalecê-lo ou mutilá-lo a ponto de buscar um momento de gozo que resultará em exigências ainda mais rígidas a ele endereçadas (VAZ, 2008, p.203, grifo do autor).

Se ao corpo jovial é dada a possibilidade de estar-se em voga e no centro dos discursos, propagandas, meios de comunicação de massa, e isto incluem os virtuais, na escola ele também irá receber determinada atenção e inclusive sendo receptáculo de investidas pedagógicas materializadas nos conteúdos, nas regras, nos acordos e nas rotinas que se observam e se vivem no ambiente educacional.

Nesta perspectiva, quando os jovens e seus grupos juvenis, e dentre eles os skatistas, se inserem na escola em busca de formação humana, técnica e/ou propedêutica, já existem aparatos de caráter simbólico que, de maneira consciente ou não, se incidem sobre os seus corpos com vistas à absorção dos valores, usos e costumes aos quais a escola privilegia e julga serem necessários à educação do caráter e do corpo dos jovens.

Entretanto, não é pelo fato de se estar na escola que ao corpo serão concedidas experiências de autonomia em direção à emancipação, ao contrário, a escola como ambiente social está sujeita às contradições que se materializam na realidade. Por isto, pode-se educar seja para a criticidade ou mesmo para a alienação. E isto fica melhor evidenciado quando se propõe a pensar nos educadores, em seu atual papel e no direcionamento que sua prática e seu trabalho tem apontado. Sobre este aspecto Marcuse (1969, p.56, grifos do autor) destaca:

Mas, a despeito de toda a sua veracidade, o argumento não pode responder à pergunta consagrada pelo tempo: quem educa os educadores e onde está a prova de que eles estejam na posse do “bem”? A pergunta não é invalidada pelo argumento de que igualmente aplicável a certas formas democráticas de Governo nas quais as decisões finais sobre o que é bom para a nação são dadas por representantes eleitos [...]. Mas ainda, a única justificativa possível [...] para a “ditadura educacional” é que o terrível risco em que ela importa pode não ser mais terrível do que o risco que as grandes sociedades tanto liberais como autoritárias correm atualmente, nem podem os custos ser mais elevados.

Acerca da citação abstrai-se dela que é preciso refletir de maneira crítica e por postulados de autocrítica sobre os processos de ensino e aprendizagem, sobretudo no que diz respeito à ação pedagógica que se dá na escola, porque nela visualizam-se perspectivas de continuidade e descontinuidade uma vez ser instituição que se dá em uma realidade histórica, controversa e paradoxal. Observar a escola por ótica da contradição, não é assumir determinismos pessimistas, mas ao contrário é identificar brechas e pontos fulcrais capazes de ventilar possibilidades de enfrentamento e resistência na educação do corpo dos jovens skatistas.

Ao se falar em escola, processos educativos e incorporações de modos de ser, estar e permanecer no ambiente de ensino e aprendizado que se reflete sobre o corpo dos jovens skatistas, fazendo-os sentir na “carne” o que se inscreve nos currículos e manuais de orientação politico-didático-pedagógico é preciso trazer a tona e problematizar a maneira pela qual as escolas tem se configurado e se constituído no tempo do presente.

Dentre os vários pensadores que apresentam preocupação reflexiva acerca da escola tem-se Bourdieu (1998) cujos estudos denunciam a reprodução do sistema no contexto educativo que estabelecem pedagogias que “garantem” o sucesso dos estudantes de classes abastadas e o insucesso daqueles oriundos das classes populares. Vê-se nestes apontamentos que a escola é perpassada transversalmente por embates de classes que tramitam entre o sucesso e o insucesso. Veja-se na citação abaixo:

[...] a “pedagogia” que é utilizada no ensino secundário ou superior aparece objetivamente como uma pedagogia “para o despertar”, como diz Weber, visando a despertar os “dons” adormecidos em alguns indivíduos excepcionais, através de técnicas encantatórias, tais como a proeza verbal dos mestres [...] (1998, p.53, grifos do autor).

Estas rotinas escolares como bem abordadas na passagem demonstram o quão distante se está de um ensino democrático e ao alcance de todos os indivíduos independente de sua condição cultural ou origem de classe, o que gera uma espécie de violência sutil e não declarada abertamente à qual se poderia denominar de violência simbólica. Por esta via a escola, ao invés de romper com as divisões e separações no plano social, ela acaba por intensificar os conflitos e ampliar os mecanismos de desigualdade. Identifica-se nesta atitude formas de agir que reproduzem as normas do atual sistema da meritocracia. Bourdieu (1998, p.61, grifo do autor) fundamenta o argumento quando assevera que:

Se a ação indireta da escola [...] é determinante, a ação direta, sob a forma do ensino artístico ou dos diferentes tipos de incitação à prática [...], permanece fraca: deixando de dar a todos, através de uma educação metódica, aquilo que alguns devem ao seu meio familiar, a escola sanciona, portanto, aquelas desigualdades que somente ela poderia reduzir. Com efeito, somente uma instituição cuja função específica fosse transmitir ao maior número possível de pessoas, pelo aprendizado e pelo exercício, as atitudes e as aptidões que fazem ao homem “culto”, poderia compensar [...] as desvantagens daqueles que não encontram em seu meio familiar a incitação a prática cultural.

À medida que a escola reproduz e intensifica a desigualdade entre os estudantes que a frequentam e isto pode ser identificado pelas medidas didáticas adotadas que no uso de certa linguagem, determinados conteúdos e supostas regras de convívio coletivo que se coadunam com os princípios, costumes e *habitus* da classe no poder, ela privilegia os dominantes em detrimento dos dominados no que se refere ao acesso de conhecimentos historicamente produzidos e culturalmente valorizados. Por isso a denúncia de Bourdieu (1998, p. 64, grifos do autor) acerca do caráter seletivo e não democrático das instituições educacionais. Diz o autor:

[...] a melhor maneira de provar em que medida a realidade de uma sociedade “democrática” está de acordo com seus ideais não consistiria em medir as chances de acesso aos instrumentos institucionalizados de ascensão social e de salvação cultural que ela concede aos indivíduos das diferentes classes sociais? Somos levados, então, a reconhecer a “rigidez” extrema de uma ordem social que autoriza as classes sociais mais favorecidas a monopolizar a utilização da instituição escolar, detentora, como diz Max Weber, do monopólio da manipulação dos bens culturais e dos signos institucionais da salvação cultural.

No presente o acesso à educação básica pública ainda é um direito inalienável, que deve ser garantido pelo Estado, haja vista a carga tributária paga por toda a população, e supostamente representa para as classes abastadas a manutenção de seus privilégios de classe e para os jovens estudantes pobres da periferia a possibilidade de ingresso no ensino superior, disputa por uma vaga no mercado de trabalho e posterior ascensão social.

Contudo em meio à complexidade do fenômeno educativo e da disparidade com a qual os alunos das diferentes classes sociais apresentam durante a jornada escolar se comparados do momento de ingresso, passando pela permanência – quando os alunos pobres não são infrequentes ou não abandonam a escola por motivos de trabalho em busca de salário que possa auxiliar na renda e despesas da casa, da família – e ainda pela conclusão da educação básica, hipoteticamente é possível que se veja que o sucesso ou insucesso na escola é um misto, conexão de interdependência, mutualidade entre o

capital cultural herdado e o capital cultural institucionalizado, apreendido, compreendido, assimilado e sistematizado pelos alunos em sua vida estudantil. Veja-se nos seguintes dizeres de Bourdieu apud Nogueira e Nogueira (2009a, p.55, grifos do autor):

O “interesse” que um agente (ou uma classe de agentes) tem pelos “estudos” (e que é, juntamente com o capital cultural herdado, do qual ele depende parcialmente, um dos fatores mais poderosos do sucesso escolar), depende não somente de seu êxito escolar atual ou pressentido (i.e., de suas chances de sucesso dado seu capital cultural), mas também do grau em que seu êxito social depende de seu êxito escolar.

Nota-se que se sair bem na escola, no ensino e aprendizado, e nas suas avaliações não depende exclusivamente e unicamente do esforço individual de cada estudante fato que supostamente apresenta a condição de classe herdada como elemento também determinante no percurso educacional. É por isso que desconsiderar as diferenças culturais entre os alunos, o que eles sabem ou deixam de saber, bem como a pluralidade de códigos e símbolos que dominam ou não é um dos mecanismos de seletividade, intensificação das diferenças e manutenção do sistema, do sempre igual, do que está posto. Bourdieu apud Nogueira e Nogueira (2009b, p.73) corrobora ao mencionar que:

[...] para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais [...].

Em acordo com este viés crítico é papel da escola compensar os jovens alunos desprivilegiados no que concerne ao acesso dos conhecimentos que não tiveram a oportunidade de entrarem em contato anteriormente ao seu ingresso na instituição educativa. E isto se faz importante para que eles possam ter condições de formular o pensamento crítico e estabelecer estratégia de permanência e conclusão da educação básica e ainda posterior ingresso, permanência e conclusão no concorrido ensino superior. Somente por esta via que a escola estará cumprindo o seu papel social rumo à democratização, disseminação e universalização do ensino.

Identificada à condição atual da escola no que tange à manutenção das desigualdades é preciso ainda reconhecer que como instituição que se dá na história, ela está sujeita ao contraditório que dialeticamente se apresenta como paradoxo e possibilidade de romper com o *status quo*, abrindo-se para a constituição de um ensino

que seja democrático e atenda aos anseios formativos de todos os jovens estudantes e dos seus grupos juvenis – incluindo os skatistas e seus corpos – independente das suas classes de origem e dos capitais simbólicos, culturais, educacionais, técnicos, políticos herdados ou não em seu universo particular da família, do grupo e da comunidade que serão revisitados ou aprofundados durante as aulas.

É importante fazer menção ainda à questão do corpo porque no contemporâneo tem sido reservado a ele lugar de destaque e prestígio no meio social e, sobretudo, a um modelo de corpo cujo *status* se constitui por um espírito de juventude longa e saudável à qual os indivíduos procuram se amparar tendo em vista encontrar sentido existencial, reproduzir o sistema ou ainda outra postura díspare que se alicerça numa espécie de enfrentamento geracional, mas também de classe presente no cotidiano das cidades e de suas instituições como a família, a igreja, o trabalho, os partidos políticos, os ambientes de lazer e a escola.

Sem desconsiderar estes diferentes espaços, concentrar-se-á na escola por ser a instituição a qual a pesquisa no presente capítulo desenvolve seu estudo, tendo em vista a percepção do corpo por parte dos jovens skatistas e a apropriação dele. Por isto falar do corpo dos skatistas na escola é ter a clareza de haver perspectivas tanto pela ótica dos jovens quanto da escola que hipoteticamente em desacordo disputam por ele no que tange a incorporação de valores e *habitus* pelos desmandos da escola e por liberdade, criatividade, ludicidade e prazer por parte dos estudantes. Sobre o corpo na escola como objeto Lacerda (2013, p.81-82) assevera que:

O mundo contemporâneo transforma as realidades e desejos dos indivíduos. As influências da mídia, da relação econômica, da globalização nos remetem a uma reflexão mais ampla de como desejamos nossa vida nessa sociedade sempre em transformação. Nosso modo de vida esta relacionado a como nos remetemos a nossa concepção corporal, que no caso desta pesquisa, interessa também a como a escola se posiciona em relação ao corpo.

Ao falar do corpo é preciso considerá-lo como dimensão histórica em processo de transformação e mutação que dialoga com a realidade revertendo-se em formas de reprodução e produção da vida. Se isto ocorre fora da escola, instituição responsável pelo acesso ao conhecimento sistematizado, dentro dela não será diferente, porque ela de maneira pendular poderá adotar postura pedagógica que aprisiona ou liberta o corpo dos jovens e especificamente o dos skatistas. Remetendo-se ao caráter disciplinador da escola que engendra em seu interior intensões, discursos e atitudes de caráter político é possível ver em Foucault (2004) reflexão que consegue ampliar tal debate. Por isto:

[...] O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política [...]. (FOUCAULT, 2004, p.80).

Por meio da reflexão observa-se que o cotidiano e o dia a dia da escola não é mero cenário do acaso desprovido de intencionalidades políticas que reverberam sobre o corpo, dimensão de caráter histórico, porém também biopolítica. Destaca-se que rotinas, ritos, normas, acordos, regras, costumes, pedagogias, didáticas, comportamentos, organizações espaço-temporais, etc materializam-se em formas de arquitetura política, mecanismos de controle e técnicas de opressão que se instituem de maneira sutil sobre o corpo dos estudantes, dos jovens skatistas – tendo-se ou não consciência deste fato por parte dos gestores, equipe pedagógica e comunidade escolar.

Tais formas de controle, opressão e domínio corporal acabam por empobrecer a possibilidade de uma educação que se consolide para a experiência da criticidade, do prazer, da alteridade, do engajamento coletivo, da cooperação e coeducação, dentre outros. Pelo pensamento de Rocha e Dias (2011, p.113) observa-se como um paradigma de educação opressiva é prejudicial à formação dos estudantes tais como os jovens skatistas:

[...] Afirmamos que os corpos, tomados pelo terror advindo de qualquer forma de dominação exercida sobre eles, se encontram seriamente comprometidos em suas relações de troca com qualidade. Desse modo, uma identidade não se configura em seu modo de entrar em relação com as diferenças oferecidas pela existência, tal como aparece diante de si na vida com quem se relaciona e no mundo por onde transita. Um corpo interdito encontra-se comprometido na apresentação de si em relações de alteridade e empobrecido nos modos de desfrutar os encontros com outros humanos e outro mundo.

Contudo, independente da constituição pedagógica da escola, os jovens skatistas são capazes de dar novos e outros sentidos e significados aos lugares e instituições em que estão inseridos, bem como à educação de seus corpos, pois como sujeitos que também são históricos conseguem mediar-se em cada contexto por atitudes de continuidades e descontinuidades.

Assim, nem toda forma de descumprimento das regras e normas escolares – que supostamente não tiveram a participação dos estudantes em sua elaboração –, dos acordos e regimes instituídos, ou demais casos interpretados como desobediência e indisciplina devem ser tratados com rigor, severidade ou punição. Sobre o não

cumprimento às regras e no que se referem aos casos de indisciplina por parte dos estudantes na escola Rocha e Dias (2011, p.110-111) sugerem que:

Esses corpos que frequentam essas escolas demandam, pelas possibilidades, mudanças. Buscam por socorro, pois já não aguentam mais viver dessa maneira; eles querem libertar suas almas, viver intensamente. Essa revolta nas escolas, que os professores interpretam como indisciplina, na verdade é um pedido de socorro. Não é possível viver da maneira que estão vivendo e a escola, ao invés de ajudar, acaba por entrar no sistema de maltratar e dizer que eles não têm mais jeito e que tudo está acabado [...].

Pela passagem é possível identificar que ao contrário de simples atitudes de indisciplina e fuga às regras escolares, os atos desaprovados pelo regimento interno à escola necessitam – como proferido por Rocha e Dias (2011) – serem vistos e revistos como atitudes de rompimento, ruptura, enfrentamento, resistência, pedido de auxílio/ajuda/socorro. Tais casos são pertinentes de serem observados, ressignificados e reorientados na escola por ótica crítica e autocrítica, tendo em vista a abertura pedagógica e democrática para que ela constitua formas de ensino e aprendizado que possam ocorrer pelo corpo de forma lúdica e tendo em vista alcançar às singularidades geracionais da juventude e dos jovens, sedentos por terem os seus direitos – incluindo os educacionais – atendidos no presente.

Todavia, na mediação e relação do homem com o tempo, na ação e escolha de não negar ou esquecer o passado, ao invés disso assumi-lo como condição importante na definição e nos rumos pelos quais o presente tomou, encontra-se a coragem necessária ao enfrentamento do que supostamente se pensa ter ficado para trás e que, vez ou outra, pode ser revisitado pela categoria cognoscível da memória. É na história que se manifesta o encontro com o que desperta medo, dúvida, incerteza, mas por outro lado a possível busca e o engajamento para que a barbárie e a tragédia não se repitam. A reflexão é complementada pela fala de Marcuse (1969, p.105, grifos do autor) ao mencionar que:

[...] A mediação do passado com o presente descobre os fatores que fizeram os fatos, que determinaram o estilo de vida, que estabeleceram os senhores e os servos; projeta os limites e as alternativas. Quando essa consciência crítica fala, ela fala “*le langage de la connaissance*” (Roland Barthes) [...].

O humano na relação com o tempo e a história ao encorajar-se a retomar o passado busca não somente reviver o que se foi, porém apreender e compreender o sentido que sua existência assume no presente, uma vez que na atualidade encontram-se ressonâncias do que ainda não se foi por completo porque o ontem se reverbera no que

está dado, no hoje, mas não como fatalidade e sim como possibilidades identificadas nas ruínas da arquitetura da memória.

Diz-se isto, porque os processos sutis, hostis, políticos e opressivos de ensino e aprendizado, que hoje incidem sobre o corpo dos jovens estudantes na escola, não são exclusividade do tempo presente, mas ao revisitar a história percebe-se que hipoteticamente já foram utilizados em outros contextos assumindo tónicas, vertentes e discursos de carácter nacionalista, patriótico e/ou totalitário de repressão objetiva e subjetiva das individualidades e singularidades do corpo seja na Europa e/ou no Brasil, como mencionado por Soares (2004, 2005), Castellani Filho (2008) e outros.

A partir desta via nota-se que a escola – e isto inclui o processo de ensino e aprendizado que ocorre em seu interior – não seria mera instituição desprovida de interesses políticos e de intenções ideológicas. E tal fato se dá porque a escola como outras instituições se constituem em uma realidade material, histórica e contraditória. Sobre este assunto, que permeia a educação escolar, a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt no geral e especificamente o pensamento de Adorno apresenta reflexões pontuais. É o que Bereoff (2001, p.227) assevera. Segue-se abaixo:

Adorno, na introdução do artigo Teoria da Semicultura, ressalta a aparente impotência da educação diante das transformações necessárias, em que estas não são simples objeto da pedagogia, antes necessitam de teoria mais abrangente, que dê conta de realidade social, a qual exerce forte influência sobre o processo educacional, o processo de formação cultural [...].

Nota-se que unicamente certo paradigma da pedagogia com seus métodos e metodologias de ensino “mirabolantes”, que inculcam de forma técnica e/ou instrumental os temas e conteúdos de estudo no imaginário dos estudantes, na escola, não é capaz de garantir a constituição de uma educação que passe por experiência crítica e tensa, por um projeto de formação cultural que mire rumo à emancipação e a reflexão autônoma. Para tal, além de todo o aparato pedagógico e didático é preciso amparar-se em teoria de perspectiva crítica com a coragem e ousadia de desvelar as contradições sociais ainda que isto remeta a escola à condição da autocritica. Continua Bereoff (2001, p.227-228):

[...] O processo de formação cultural apresenta uma ambiguidade: é ao mesmo tempo adaptação à realidade e tentativa de ir além da simples adaptação. Mas essa tensão entre os dois momentos constitutivos da formação na atual produção e reprodução social é quase inexistente; a dominação do momento de adaptação é preeminente à autonomia, a partir da quase onipotência do domínio capitalista contemporâneo; instaura-se a socialização da semiformação.

Perante a passagem visualiza-se que a escola e seu projeto de formação são ambíguos e ambivalentes oscilando entre a reprodução e a produção, entre a repetição da “tragédia” e a ruptura crítica. Contudo Bereoff (2001) sustentado teoricamente por Adorno, ainda que reconheça a dimensão do paradoxo e da contradição na escola apresenta certo pessimismo no que concerne ao movimento pendular educativo na ruptura com o *status quo*, a sociedade capitalista industrial e da maneira que tem influenciado a formação de uma geração de estudantes, sobretudo para a inculcação, a repetição e o consumo. Logo, o autor se refere à formação que se tem dado na escola como uma pseudoformação ou mais especificamente – lançando mão de expressão adorniana – semiformação.

Diferente do pessimismo de Bereoff (2001) opta-se por compreender a escola como instituição que na medida em que recebe influência da sociedade capitalista industrial também é capaz de influenciá-la. Fato importante na constituição da contradição que leva à escola a oscilar entre a reprodução e a produção do conhecimento. Entretanto, considera-se a semiformação, expressão de origem adorniana, um conceito capaz de traduzir a experiência de formação que aos alunos é ministrada à medida que a escola oscila na direção da reprodução.

Sobre a semiformação em linhas gerais pode-se considerá-la como processo que, ao invés de operar na direção de formação cultural, crítica e autocrítica rumo à constituição de diálogos, debates e perspectivas que na sala de aula se comprometam com o desvelar da ideologia, da alienação, do fetiche da mercadoria, da técnica instrumental das sociedades administradas, da indústria cultural, das formas sutis de controle e do progresso que agride a natureza interna e externa do humano, é o contrário disto, ou seja, a antítese que opera sob o paradigma do sempre igual, do que já está dado e posto, do *status quo* e do sistema do capital e isto se reflete sobre os jovens, os jovens skatistas e seus corpos. Fato que gera uma semicultura como sugere Bereoff (2001, p.228) – ao fazer uso de outro termo adorniano. Veja-se:

Esse processo de semicultura, que apresenta como modelos de articulação entre formação cultural e trabalho produtivo uma ciência-técnica e uma cultura afirmativa de forma dominante na racionalidade, transforma-se em estrutura de uma base social de dominação e progresso [...].

O cotidiano nas escolas marcado por rotinas, didáticas e pedagogias onde os estudantes skatistas são supostamente submetidos a ritos, “dogmas” e costumes que os impedem de viver com o corpo experiências lúdicas, de liberdade, criatividade,

cooperação, coeducação e prazer acabam por outro lado regulando e normatizando o imaginário e o corpo de forma política, tendo ou não consciência desta atitude o que culmina no sentido de operar sob a égide da semiformação e que origina a semicultura e ambas ocasionando uma espécie de semiformação e semicultura corporais dos skatistas.

Ao fazer-se referência ao corpo cita-se Adorno (1995a, p.126-127) que corrobora com o debate ao propor que: “[...] Em cada situação em que a consciência é mutilada, isto se reflete sobre o corpo e a esfera corporal de uma forma não-livre [...]”. Por isto, acredita-se que a educação de caráter semiformativo que regula o corpo dos jovens skatistas na escola e intervém em sua constituição/estrutura cognitiva e física, os impedem de ser verdadeiramente livres e hipoteticamente estabelece, de acordo com Adorno e Horkheimer (1985, p.217), uma relação de “[...] amor-ódio [...]” no tocante ao corpo.

Na esteira desta discussão faz-se relevante ainda o pensamento crítico de Horkheimer (2013) no que tange aos mecanismos que controlam, alienam e automatizam as pessoas e suas potencialidades de crítica. Diz o autor: “Quanto mais as ideias se tornam automáticas, instrumentalizadas, menos alguém vê nelas pensamentos com um significado próprio [...]” (2013, p.27).

No diálogo proposto não se tem por meta assumir posição de completo pessimismo porque ainda que as assertivas soem em caráter negativo é na negação, no contraditório, no paradoxo que se identifica a dialética capaz da tensão, embate político e crítica teórica, cultural e de resistência frente aos mecanismos da barbárie técnica e instrumental, bem como da indústria cultural e do consumo que padronizam as pessoas, os jovens estudantes, dentre eles os skatistas seja na sociedade de forma geral ou ainda na escola com seus métodos de ensino e aprendizado, e seus paradigmas de educação e formação.

Por isto, se o capitalismo e a semiformação oriunda dele são uma realidade nos dias atuais, por outro os jovens skatistas e seus corpos em movimento pelo espaço urbano e a escola igualmente o são, e é neste choque de concepções de humano, sociedade e mundo que por via contraditória, no campo da educação que os skatistas reproduzem – pelo consumo e a incorporação das normas –, e também rompem e subvertem o *status quo* e o sistema educativo ao dar novos sentidos e ressignificarem os corpos a partir de suas linguagens e expressões.

Aqui, supostamente nem todo o consumo é alienado e nem toda a educação sede à semiformação. É pelo confronto, enfrentamento e o não cumprimento de determinadas regras de conduta que se observa a ruptura, criatividade, autonomia e o desejo de determinado grupo juvenil, os skatistas, e das jovens gerações por uma educação, sociedade e mundo que correspondam às suas expectativas corporais no presente.

3.2 Jovens, grupos juvenis e a escola

Historicamente o humano tem transmitido pela educação os conhecimentos acumulados ao longo do tempo e um destes espaços onde o ensino e a aprendizagem ocorrem é no cotidiano da escola, instituição social que reúne certo grupo de temas e conteúdos, em diferentes disciplinas curriculares que integram o campo das Ciências Humanas, Exatas e das Linguagens entre outras, e as dissemina junto ao público que a frequenta tais como os jovens ao longo de diferentes séries que representam ciclos de aprendizado cujo nível de complexidade dos conteúdos vai se intensificando à medida que o estudante ascende às múltiplas séries que constam no programa educativo.

Todavia, nem sempre a escola é capaz de constituir um paradigma de ensino que atenda às expectativas dos estudantes que a frequentam, como os skatistas, com diferentes objetivos vinculados aos seus sonhos, utopias, metas, desejos objetivos e subjetivos tanto para o presente quanto para o futuro. E ainda, há momentos de desavença entre a escola e seu público uma vez que os ritos simbolizados pelas regras de conduta para o convívio coletivo, aplicadas junto aos alunos podem entrar em desacordo com o que os jovens em geral e os jovens skatistas esperam no que se refere ao ato educativo. Por isto que a reflexão de Sposito (1994, p.166) ao problematizar o dia a dia da escola é propícia para o momento. Veja-se:

[...] Não obstante a atribuição de algum grau de importância às funções socializadoras mais gerais, próprias do sistema de ensino, sobretudo aquelas que dizem respeito à preparação profissional e ao credenciamento, este fato parece orientar somente o nível de algumas frágeis expectativas. E, assim, a instituição escolar pouco contribui para a estruturação efetiva de referências, ao oferecer escassa capacidade de propiciar arranjos que assegurem um conjunto de relações sociais significativas.

Dentre os frequentadores da escola se têm diferentes jovens e grupos juvenis que chegam à instituição de ensino trazendo junto a si valores, perspectivas, conhecimentos e visões de humano, sociedade e mundo. Os jovens skatistas representam uma parcela destes grupos juvenis que chegam à escola para o processo de ensino e aprendizado e

mediante aos saberes e práticas de vida que já agregam em seu universo cultural não apenas são aprendizes como também tem muito que ensinar aos colegas, professores, grupo gestor e demais membros da comunidade interna à escola.

Estes jovens possuem características que os aproximam e os distanciam de outros grupos juvenis presentes na escola e dentre os elementos que constam como possibilidades de aproximação estão à condição de serem uma jovem geração e estarem na fase da vida da juventude.

Todavia a juventude não é um conjunto unitário amorfo ou massa, ao contrário conceitualmente ela representa uma pluralidade de formas, jeitos e maneiras de ser jovem fato que gera a necessidade de compreendê-la por uma perspectiva plural e não unicamente no singular, sendo um dos fatos que geram distanciamentos entre os skatistas e outros grupos. Além da questão da suposta experiência do corpo em movimento que vivenciam sobre o skate (BRANDÃO, 2006, 2012; OLIC, 2010).

Se há diferenças e aproximações entre os skatistas e os demais grupos juvenis isto também pode ser identificado dentro do próprio universo skatista, ou seja, os jovens deste grupo também são plurais e se inserem na prática do skate por motivos diversos possuindo ainda expectativas diferenciadas a respeito da vida, da escola e do mundo. Contudo, dentre os elementos que podem unificar e aproximar os jovens skatistas está a condição do preconceito que sofrem no espaço urbano, na família e na escola que, ao realizarem determinados pré-julgamentos sobre estes jovens, descartam possibilidades plurais, singulares, sociais e de sociabilidade de os conhecerem, interagirem e aprenderem com eles. Esta questão pode ser amparada no pensamento de Rampazzo (2012, p.104) quando trata dos preconceitos sofridos pelos skatistas. Assim tem-se:

Os sentidos que os jovens comungam, seja em relação ao trabalho, à família ou à escola, são referentes ao preconceito que cada um desses espaços confere a eles, enquanto jovens skatistas. Todos esses relatos, até certo ponto comungados pelos jovens, explicitam a distinção entre suas aspirações e as expectativas que recaem sobre eles por parte dos adultos, sejam vindas das famílias, dos colegas de trabalho ou da escola.

No que se refere à escola e ao atendimento desta instituição aos jovens em geral, e aos jovens skatistas em específico, é preciso dizer que ela deve estar preparada para a diversidade de estudantes jovens que migram na sua direção com expectativas variadas, valores múltiplos, inúmeras formas de saberes e oriundos de classes sociais abastadas, operárias ou pobres, tendo o desejo de apreender, compreender, sistematizar e provavelmente transmitir – encenando-se como multiplicadores – aos colegas, os

conteúdos que estes supostamente não conseguiram entender quando foram tratados em sala pelos docentes. É por isto que a categoria dos jovens, sujeitos históricos e da juventude, fase da vida, deve ser vista de forma ampla, dinâmica e multicultural. Dayrell e Carrano (2014) apresentam importante reflexão sobre o caráter diverso dos jovens e da juventude. Veja-se:

Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica. Ela é transformada no contexto das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude, e sim, jovens enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de JUVENTUDES, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente (DAYRELL, CARRANO, 2014, p. 112, grifo dos autores).

Pela passagem apresentada percebe-se que múltiplos são os jovens e diversa é a juventude que chega à escola e em seu interior estabelecem formas de convívio, interação, socialização e sociabilidade que dão outros e novos tons ao regimento escolar, às disciplinas do currículo, aos conteúdos e temas tratados, ao tempo pedagógico das aulas, às salas, corredores, pátio, quadra poliesportiva, banheiro, etc.

Esta reflexão fica melhor ilustrada pela fala de Lacerda (2013) que assevera o seguinte:

[...] Os jovens vivem ou convivem [...], reunindo-se em espaços formais, de obrigatoriedade, como é o caso da escola, ou em outros espaços a que se sujeitam, por necessidade ou por obrigação, que fazem parte da vida social ou espaços informais, por iniciativa própria, onde os rituais urbanos se inserem em espaços de excitação, de intensidade e de repetição banal, constituindo o lúdico. Assim investigamos aqui, como é encarado o espaço escolar pelos jovens, atualmente, frente a toda essa aparência.

Compreender os jovens de nosso tempo ou o espírito de nosso tempo no qual eles estão inseridos se faz necessário para a escola, a fim de melhor estabelecer a comunicação no ambiente escolar. Esse ambiente, institucionalmente, é o de sistematização de conhecimentos, de saberes, de convivência, no qual a comunicação, a informação é fundamental para que se estabeleçam os laços necessários à prática pedagógica (LACERDA, 2013, p. 223).

A pluralidade e dinamicidade dos jovens e da juventude, incluindo-se os skatistas, não se resume ao universo escolar, mas chega a ele e retorna para o contexto social externo à escola ressignificando-se nos momentos em que não se estuda sendo o período do lazer através do corpo. Dayrell e Carrano (2014) contribuem com o debate ao apresentarem reflexão sobre a socialização e sociabilidade dos jovens e da juventude. Logo, tem-se:

[...] A partir da década de 1990 assistimos, no Brasil, a uma nova forma de visibilidade dos jovens em que a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada por eles e elas como forma de comunicação, expressas nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmos e da sociedade. A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras LINGUAGENS CULTURAIS, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para *trocar ideias, ouvir um som*, dançar, dentre outras diferentes formas de lazer e de expressividade pública [...]. (DAYRELL, CARRANO, 2014, p.115, grifos do autor).

Neste movimento migratório, ao ir e vir de forma pendular estabelecem-se trocas de experiências pedagógicas, simbólicas e também culturais entre a escola, os jovens e a juventude, o mundo do trabalho e do lazer, a família e a sociedade como um todo fato importante no que diz respeito a estabelecer possibilidades de contradição e paradoxo capazes de dialética o que geram influências mútuas de múltiplos matizes na relação entre a escola, os estudantes, podendo ser os jovens skatistas, e a juventude. Acerca do paradoxo e do contraditório Cassab (2009) contribui com o debate ao refletir que:

[...] no que podemos chamar de totalidade social, que não é um somatório de partes e relações sociais, mas são essas dimensões em seu contraditório e conflituoso. É para esse ponto que convergem as experiências individuais em práticas reguladas em e por uma institucionalidade (CASSAB, 2009, p.202).

Por este ângulo de visão não só a escola que influencia e propõe possibilidades de ensino e aprendizado, porém os jovens, incluindo os skatistas, também acabam influenciando-a ao trazerem para o campo do debate outras possibilidades temáticas e conteúdos educativos. Sendo assim, não é possível assumir posição mecanicamente fatalista e determinista uma vez que é preciso ter a lucidez de que se a instituição escolar educa a juventude e seus grupos juvenis, tais como os skatistas, a partir de perspectivas simbólicas que incidem sobre o corpo dos jovens, ela também recebe influências, de forma dialética, dos jovens que a frequentam através de seus corpos.

Tal afirmação pode ser ilustrada pelos dizeres de Lacerda (2013) quando atribui importante papel ao corpo no processo de aprendizado dos jovens, incluindo os skatistas, por meio de seus corpos que são produzidos na escola e sendo também produtores desta instituição.

Já que a experiência sensível envolve o outro, os sentidos se apresentam nas percepções corporais, nas formas como se vê o outro. Pode-se afirmar, desse modo, que sentir é um ato de conhecer, o que torna o conhecimento uma experiência corpórea. O conhecimento como experiência corpórea tornaria um conhecimento de si [...] (LACERDA, 2013, p.226).

Nesta perspectiva, à qual o corpo pode ser visto como estrutura que permite o aprendizado, é preciso ter a sapiência de que há a possibilidade de influências mútuas

entre os diferentes sujeitos e a instituição de ensino. Bourdieu (1989) contribui com a discussão quando sugere que nas dimensões das ideias ou ideologias que se resultam nas relações estabelecidas entre os indivíduos há a efetivação de um caráter de duplicidade que transita entre os vários sujeitos envolvidos no campo, no debate, na discussão. Ainda que a reflexão a frente não se remeta exclusivamente ao campo da escola ela pode ser ressignificada, receber novo sentido e ser trazida para este contexto. O autor diz o que se segue:

[...] Ter presente que as ideologias são sempre *duplamente determinadas*, - que elas devem as suas características mais específicas não só aos interesses das classes ou das fracções de classe que elas exprimem [...], mas também aos interesses específicos daqueles que as produzem e à lógica específica do campo de produção [...] - é possuir o meio de evitar a redução brutal dos produtos ideológicos aos interesses das classes que eles servem [...] sem cair na ilusão idealista a qual consiste em tratar as produções ideológicas como totalidades auto-suficientes e autogeradas, passíveis de uma análise pura e puramente interna [...] (BOURDIEU, 1989, p.13, grifos do autor).

Diante do que foi dito, pode ser observado que entre a escola e a juventude que a frequenta existe uma complexidade que se materializa em processo de trocas culturais e simbólicas, que tendem a gerar o duplo movimento de receber e propor influências no processo de ensino e aprendizado, de maneira direta ou indireta, tendo ou não consciência deste movimento, que se realiza no instante em que os alunos se matriculam e posteriormente adentram a instituição educacional, do primeiro ao ultimo dia de aula. Logo, a escola ensina, porém aprende e o aluno ao aprender ensina.

E dentre as influências que a escola pode estar sujeita ao receber os jovens, tais como os skatistas, na condição de alunos e estudantes se materializam, personificam e se consolidam através das músicas, roupas, linguagens, produtos que consomem e que trazem à aula, e atividades lúdicas, de movimento corporal como o skate típicos da juventude. Assim, para Lacerda (2013, p. 225) “[...] Há em cada grupo uma estética, em que forma e conteúdo se vinculam. O estético etimologicamente é a faculdade de sentir, de experimentar [...]”.

Diante destas condições é imprescindível que as escolas revejam de forma crítica a educação e a educação do corpo dos jovens, dos grupos juvenis skatistas, pois uma educação para a emancipação e a autonomia passa também pela dimensão da autoanálise e autocrítica. A passagem de Adorno (1995b) que se refere ao processo de crítica e autocrítica social se faz relevante para o debate proposto que aqui ronda ao contexto escolar. Veja-se abaixo:

[...] Somente a tomada de consciência do social proporciona ao conhecimento a objetividade que ele perde por descuido enquanto obedece às forças sociais que o governam, sem refletir sobre elas. Crítica da sociedade é crítica do conhecimento, e vice-versa (ADORNO, 1995b, p. 189).

Pela via da autocrítica como perspectiva de crítica social e cultural a escola avança no sentido de rever toda a sua dinâmica pedagógica e didática fato que culmina com determinada alteração qualitativa na maneira pela qual ela se relaciona e interage com os jovens e os jovens skatistas. Sobretudo se anterior às respostas tem-se as perguntas urge à escola se questionar pela questão que se segue: Escola e educação para quê? Ainda que esta pergunta pareça ser facilmente respondida ela não é porque envolve ter a clareza de um projeto de humano, sociedade e mundo. Mediante a esta reflexão vê-se na fala de Gadotti (2012) importante pensamento que problematiza a existência da escola. Diz o autor:

A finalidade da escola e do processo formativo é o desenvolvimento harmônico de todas as atitudes do aluno, sem pretender captar dotes naturais. O que determina as opções do indivíduo não é uma natureza humana genérica, mas a formação histórico-social (GADOTTI, 2012, p.83).

Pela proposta do autor que prevê o desenvolvimento integral das potencialidades objetivas e subjetivas dos alunos, em escola que se vê por ótica histórica e social, permite-se aos jovens vivenciarem experiências no campo educacional, que envolva suas capacidades cognitivas e também corporais – haja vista não haver dualidade entre estas categorias –, de forma complexa e não simplista e unitária uma vez que o jovem no contemporâneo se permite transitar pela dinamicidade multicultural expressa pelos diferentes grupos que se agrega bem como nos signos, símbolos e códigos sociais que carrega, transmite, expressa e comunica. Veja-se na fala de Bungenstab (2017, p.65):

[...] O jovem que frequenta o Ensino Médio é um indivíduo que vive a geração da tecnologia, da rapidez e fluidez das relações econômicas, sociais e culturais. Esses jovens chegam ao Ensino Médio imbuídos de experiências trazidas de fora do mundo da escola. Seus aparelhos eletrônicos que ligam, tocam músicas, entram em redes sociais e tiram fotos, ressignificam os espaços sociais e colocam em pauta a relação entre a escola e os jovens na sociedade atual. São esses mesmos jovens que atualmente, em muitas ocasiões, não possuem mais certeza (ou clareza) do seu futuro.

Por isto se acredita que ante a tomada de decisão por parte da escola, ou seja, de se rearticular de forma autocrítica tendendo à democracia no movimento da história e em sua socialização e sociabilidade com a juventude vê-se que supostamente as particularidades socioculturais, políticas, profissionais, emotivas, relacionais,

educacionais e corporais dos jovens, incluindo-se os skatistas, podem se concretizar no presente e não somente em futuro próximo ao qual não se tem a certeza da sua concretização.

Para tal medida que passa pela complexidade do fenômeno da autocrítica é preciso considerar as questões da educação do corpo não para a limitação, o controle e o adestramento e sim para a liberdade, a criatividade, o lúdico e o prazer. Isto deve ser considerado porque o corpo dos estudantes, sobretudo o dos skatistas, para além de mera estrutura biológica é antes disso uma condição de existência no mundo com caráter social, ou seja, uma *hexis* que Bourdieu (2006, p. 86, grifos do autor) vai conceituar como: “[...] a *hexis* corporal é, antes de tudo, *signum* social [...]”.

Mediante ao que foi falado abstrai-se que a chamada *hexis* corporal bourdiesiana pode ser compreendida como um jeito de ser, estar, existir com o corpo – elemento social – que fala, apresenta e comunica as tradições, marcas, símbolos, registros e signos socioculturais que pela história dos sujeitos com o seu corpo na relação prática com o mundo foram sendo construídos e adquiridos ao longo do tempo por parte destes indivíduos. No que tange a *hexis* corporal Bourdieu (2014, p.255, grifo do autor) ainda acrescenta que:

A experiência prática do corpo, [...] é um dos princípios de constituição de uma relação durável e generalizada com o corpo, que define propriamente a *hexis* corporal. Essa relação com o corpo, que é progressivamente incorporada e que dá ao corpo sua fisionomia propriamente social, é uma maneira global de portar seu corpo, de o apresentar aos outros [...].

Se o corpo pela *hexis* é social então é possível considerar que cada sujeito possui uma *hexis*, resultado de sua história pautada em diferentes perspectivas culturais às quais foram se agregando a sua vida ao longo do tempo e da sua existência em dado contexto cultural. Assim, pela *hexis* também se pode considerar que cada sujeito possui um corpo e a este serão agregadas diferentes maneiras de dialogar com o mundo e a realidade seja no campo do labor ou do lazer.

Supostamente por isto Bourdieu (2006) irá defender e trabalhar com expressão capaz de comunicar essa relação do ser existente, do humano no mundo. Para tanto o autor utiliza o conceito de técnicas corporais. Diz o pensador: “[...] é preciso admitir que as técnicas corporais constituem verdadeiros sistemas, solidários a todo um contexto cultural [...]” (BOURDIEU, 2006, p. 85).

O humano pelo corpo, tendo-o como *hexis*, composto de técnicas corporais irá utilizar de diferentes maneiras, formas, jeitos, modelos de se orientar no espaço vivido tendo por objetivo solucionar, resolver certos problemas e desafios que se vinculam a sua vida no cotidiano. Estes problemas ou desafios podem se remeter tanto ao mundo do trabalho quanto ao do lazer cujo movimento corporal é a perspectiva capaz de tornar possível a concretização da resposta e a solução que se busca.

Sem desconsiderar o campo do trabalho, mas se atendo ao do lazer identifica-se que pelas técnicas corporais ao humano é concedida a possibilidade de desenvolver potencialidades criativas, lúdicas e de prazer que dão novo sentido a sua vida, ao contexto vivido, à sua comunidade e ao mundo. E isto ocorre, por exemplo, com a prática do skate que permite experiências corporais de movimento engendrando em seu interior vivências de desafio, radicalidade, medo, incertezas, jogo, brincadeira e arte diversificando as formas pelas quais se aprende e ensina bem como se torna humano e dando novo sentido à vida, a existência.

É o que Marcuse (1969) de forma crítica e por outro paradigma filosófico e com o uso de demais palavras, expressões e conceitos irá também concluir acerca da importância das atividades do campo simbólico, cultural e dos costumes para a humanização, emancipação e autonomia dos indivíduos. Diz o pensador:

Como um rito ou não, a arte contém a racionalidade de negação. Em suas condições avançadas, ela é a Grande Recusa – o protesto contra o que é. As maneiras pela quais o homem e as coisas são levados a se apresentar, cantar, soar e falar são maneiras de refutar, interromper e recriar sua existência real [...] (MARCUSE, 1969, p.75).

É assim que os jovens, bem como os skatistas, dão novo significado e sentido às suas vidas tanto na escola quanto fora dela, pois é no simbólico, no cultural, no lúdico, no corpo em movimento, na prática do skate e no artístico que se encontra a negação capaz da grande recusa ao *status quo* supostamente presente na realidade cotidiana da escola e fora dela. O argumento acima pode ser bem amparado pela reflexão de Marcuse (1969) quando fala da capacidade da arte, manifesta pelo corpo, permitir fruições e experiências onde o prazer é um dos meios para permitir um aprendizado crítico e livre de imposições. Sugere o pensador:

[...] mas o teatro é e deve ser divertimento e prazer. Contudo, divertimento e aprendizado não são opostos; o divertimento pode ser uma das maneiras mais eficazes de se aprender. Para ensinar o que o mundo contemporâneo realmente é por trás do véu ideológico e material e como pode ser transformado, o teatro deve romper a identificação do espectador com os acontecimentos no palco (MARCUSE, 1969, p.78).

Eis o ponto por onde o simbólico e o cultural, o faz de conta, ilustrado por Marcuse (1969) pela alegoria do teatro, mas que pode ser ressignificado e transferido para o skate – uma vez que o teatro e o skate se materializam pela arte do corpo em movimento –, permite aos jovens trazer para o debate e o diálogo na escola – marcado pelo paradoxo, o contraditório, a oposição e a dialética –, a possibilidade do sonho e a utopia de uma educação que ao invés de reprimi-los é a antítese deste processo que tarda a emancipação, a autonomia e a criticidade.

3.3 Jovens skatistas: apropriação dos corpos na escola

Nesta parte do capítulo continua-se o processo da escuta aos jovens skatistas – iniciado no capítulo anterior –, através da entrevista semiestruturada, mas focando-se nas questões que correspondam e mantenham vínculos com o corpo e a percepção que estes jovens têm da apropriação dele nas contradições do contexto escolar.

O tema, sendo o quinto⁵⁹, que a pesquisa se propôs a estudar junto aos jovens skatistas pode ser descrito como: Sobre a Escola (Rotinas, Regras, etc.). Pelo viés da metodologia adotada dividiu-se o tema em cinco questões/perguntas norteadoras. Elas são descritas a seguir.

A respeito da primeira pergunta ela se propõe a identificar junto aos skatistas: Qual o papel da escola na sua vida? Dentre as categorias de análise visualizadas destaca-se a importância da escola como base, suporte e alicerce no que se refere ao trato pedagógico, no ensino e aprendizado dos conteúdos de caráter propedêutico e acadêmico e ela também auxilia no ato de socializar os estudantes.

Na medida em que as respostas se apresentaram majoritariamente e aproximadamente na mesma direção, a respeito do que os participantes foram questionados, resolveu-se enfatizar as falas dos jovens Ingrid, Heleonora, Jaqueline, Marcelo e Pedro devido ao destaque que dão à escola no direcionamento de suas vidas seja no presente ou no futuro.

Nesta perspectiva Heleonora (ENTREVISTA, 2017) destaca que a escola é:

⁵⁹ Tendo-se clareza de que as questões norteadoras do presente tema estão conectadas às demais relativas à pesquisa de campo, acerca da entrevista semiestruturada, decidiu dar sequência numérica segundo a organização realizada no capítulo dois, especificamente no que tange aos temas e perguntas referidas à pesquisa de campo.

A escola pra mim é à base dos meus estudos, que nem eh a base do meu futuro, eu preciso da escola e momento nenhum o skate ou alguma prática de um outro esporte alternativo me tirou da escola ou me fez pensar diferente.

Já a jovem estudante Jaqueline (ENTREVISTA, 2017) diz que o papel da escola em sua vida é:

Pra me ensiná a ser um alguém na vida né, pra entra numa boa Faculdade e tal, nunca deixei o skate atrapalhá a escola, por que muita gente falta à escola pra andá de skate, fica na pista e tal, mais nunca fui desse tipo não, sempre coloquei a escola em primeiro lugar e, e sempre fazendo tudo da escola.

Pelas falas das jovens vê-se que o skate, dentre demais atividades, foi uma prática que não as impediu de estudar. Porém, chama-se também a atenção o fato de que elas incorporam um dos discursos majoritários na instituição de ensino formal que é o do futuro, ou seja, o conhecimento apreendido tem como fim a provável vida futura dos jovens. Então, fica visível que este é um dos motivos pelos quais elas valorizam a escola.

Todavia, é preciso ter a clareza de que há uma multiplicidade de sujeitos, skatistas ou não, que frequentam a escola com perspectivas diferentes acerca do que esperam dela. E dentre estes sujeitos estão os jovens que anseiam por identificarem conexões entre o que é ministrado na instituição formal de ensino e o seu mundo vivido, seu presente, marcado por desigualdades sociais, onde o futuro – devido a questões de classe – pode ser um “sonho” distante.

Dayrell (2007) ao mencionar sobre as várias posturas assumidas pelos jovens na escola vai compreender que existem tanto posturas de incorporação e afirmação, quanto posturas de negação e conflito ao que é apresentado diante dos jovens. O autor contribui com o debate ao mencionar que:

Essa tensão, manifesta nessas diferentes dimensões, concretiza-se nos mais diversos percursos escolares, marcados pela participação e/ou passividade, pela resistência e/ou conformismo, pelo interesse e/ou desinteresse, expressão mais clara da forma como cada um elabora a tensão entre o ser jovem e o ser aluno. Há um *continuum* diferenciado de posturas, no qual uma pequena parte deles adere integralmente ao estatuto de aluno. No outro extremo, encontramos aqueles que se recusam a assumir tal papel, construindo uma trajetória escolar conturbada e, para a maioria, a escola se constitui como um campo aberto, com dificuldades em articular seus interesses pessoais com as demandas do cotidiano escolar, enfrentando obstáculos para se motivarem, para atribuírem um sentido a esta experiência e elaborarem projetos de futuro. Mas, no geral, podemos afirmar que se configura uma ambigüidade caracterizada pela valorização do estudo como uma promessa futura, uma forma de garantir um mínimo de credencial para pleitear um lugar no mercado de trabalho, e pela possível falta de sentido que encontram no presente (DAYRELL, 2007, p.1122, grifo do autor).

Nota-se que em meio às contradições de cunho social, político, econômico, pedagógico e cultural a escola ainda se apresenta como um dos espaços de socialização e sociabilidade aos quais os jovens se inserem, assumindo ou negando os discursos construídos nesta instituição que em grande parte valoriza o futuro e desconsidera o presente ao não estabelecer vínculos entre os conteúdos estudados e o mundo vivido pelos jovens.

Assim, mesmo que não vejam sentido no que é ensinado na escola, no geral optam por acreditar que ela é o alicerce para o futuro – ainda que seja uma falsa promessa de futuro Dayrell (2007). E este acreditar na escola pôde ser identificado nas falas de Heleonara (ENTREVISTA, 2017) e Jaqueline (ENTREVISTA, 2017).

A jovem Ingrid (ENTREVISTA, 2017), no que tange ao papel da escola em sua vida, relata que esta instituição vincula-se ao: “[...] aprendizado, vários ensinamentos”.

O jovem Marcelo (ENTREVISTA, 2017) considera que:

Olha eu tenho o Ensino Médio completo né, não é grande coisa mais foi de total importância porque me deu fundamentos, me ensinou muita coisa, foi, foi bacana, bem bacana a experiência que eu tive com a escola.

E o jovem Pedro (ENTREVISTA, 2017) ressalta que:

Já formei, tem uns seis anos já que eu fiz [...]. Acho que oh, o básico, é dezoito anos (?), acho que dezoito anos, dezessete, o básico, eu acho que a escola serve mais pro ponto de, de, de como que eu posso dizê de, de interação com outras pessoas que você não conhece, mais isso porque ensino mesmo a única coisa que consegue aprendê é a lê e escrevê, o básico e fazê algumas contas, mais escola serve mais pra você, como que é quando é muita gente (?), e tem que saber se lidar com as pessoas e tal, mais pra mim foi isso memo porque eu sempre fui bem diferente das pessoas, nessa época eu sempre fui bem discriminado, bem discriminado, daí eu tive que aprendê a ser forte que eu era uma pessoa diferente e que as pessoas tinham outros pensamentos, isso me fortaleceu de alguma forma.

Através da opinião destes três jovens – Ingrid, Marcelo e Pedro – identifica-se que a escola foi de grande importância não apenas no processo de ensino e aprendizagem, porém também no que se refere à socialização e sociabilidade, sendo um espaço para se estar junto com seus pares, colegas, amigos e grupos, para se formar outros e novos grupos, para estabelecer-se conexões amistosas, pacíficas, de conflitos e disputas, para ser cordial, conviver com as diferenças ou enfrentar os preconceitos – como relatado por Pedro (ENTREVISTA, 2017) – que surgem quando não se é compreendido no universo de infinitos papéis que se podem assumir ao ser jovem. Dayrell (2007) contribui com a discussão ao mencionar que:

[...] O cotidiano escolar torna-se um espaço complexo de interações, com demarcação de identidades e estilos, visíveis na formação dos mais diferentes grupos, que nem sempre coincidem com aqueles que os jovens formam fora dela. A escola aparece como um espaço aberto a uma vida não-escolar, numa comunidade juvenil de reconhecimento interpessoal. É em torno dessa sociabilidade que muitas vezes a escola e seu espaço físico são apropriados pelos jovens alunos e reelaborados, ganhando novos sentidos. Os grupos se constituem como um espaço de trocas subjetivas, mas também palco de competições e conflitos [...]. As relações entre eles ganham mais relevância do que as regras escolares, constituindo-se em uma referência determinante na construção de cada um como aluno, tanto para adesão quanto para a negação desse estatuto [...] (DAYRELL, 2007, p.1120-1121).

Outro ponto que merece destaque e que está presente na fala de Pedro (ENTREVISTA, 2017) é quanto ao aprendizado dos conteúdos de estudo, quando este jovem afirma que é oportunizado aos alunos o domínio da leitura, escrita e das operações matemáticas fato que hipoteticamente pode não se coadunar com um projeto curricular que prevê a formação crítica por meio da problematização das contradições sociais. A partir de Bourdieu (1998, p.41, grifo dos tradutores) é possível identificar que:

Justamente porque os mecanismos de eliminação agem durante todo o *cursus*, é legítimo apreender o efeito desses mecanismos nos graus mais elevados da carreira escolar. Ora, vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais. Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarente vezes mais que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àquelas de um jovem da classe média [...].

Pela passagem visualiza-se que provavelmente a escola pública também é capaz de reproduzir os paradoxos sociais e dentre eles os conflitos, separações e divisões de classe na medida em que de forma sutil, por meio da violência simbólica, trata pedagógica e didaticamente os temas de ensino supostamente de forma rasa, não aprofundando e muito menos ampliando as possibilidades de reflexão crítica acerca do *status quo*.

Deste modo, para além do esforço individual de cada jovem estudante das camadas populares, incluindo os skatistas, o sucesso ou insucesso escolar e a entrada no ensino superior é também o resultado de provável capital cultural herdado. A escola para além da neutralidade assume posição política não sendo a dos explorados e sim a dos exploradores e favorecidos economicamente.

A segunda pergunta visa saber: Qual é a relação da escola com o jovem skatista? As categorias de análise identificadas destacam-se na possibilidade de uma relação que seja harmoniosa e também na ênfase e valorização de uma educação amparada em regras, usos, costumes e punições que normatizam o cotidiano dos jovens skatistas e não se permite o uso do skate no interior das dependências escolares.

Dentre as respostas obtidas destacam-se as de Ingrid, Ermano, Heleonora, Leonardo e Pedro por causa da profundidade de conhecimentos apresentados no que se refere ao que foram inquiridos. Segundo Ingrid (ENTREVISTA, 2017): “A escola ela apoia muito os esportes, principalmente na Educação Física, eh uma relação positiva, sim [...]”.

Para esta jovem existe uma relação de entendimento, mutualidade e apoio entre a escola e os jovens skatistas que ela optou por denominar de relação positiva e que se estende à aula da disciplina curricular de Educação Física. Contudo, existem demais opiniões, de outros jovens, que vão divergir da sua.

Segundo Ermano (ENTREVISTA, 2017):

Assim, com o jovem, a relação (?) [...], da escola né (?), formalidade lá, tipo na escola não tem muito skate né, acho que não tem assunto skate na escola, acho a não ser com os jovens né, mais escola, escola [...]. Ah sim se você seguir a regra da escola é harmonia mais se eu, tipo na escola que eu estudo não é isso vei, é do jeito deles então skate não pode entrar, estilo skate num é, num é permitido lá, é daquele jeito, formalidade deles. [...] na verdade a liberdade é só fora da escola pra mim né.

Para este jovem existe um paradoxo na relação que se estabelece entre a escola e o jovem skatista, e isto se dá pelo fato de que a rigidez das regras e normas da instituição formal de ensino não permitem a presença seja do skate ou mesmo do “estilo de ser” do skatista no interior didático e pedagógico da escola.

Já Heleonora (ENTREVISTA, 2017) diz o que se segue:

Bom, a minha escola por exemplo eu estudo na [...], eh bom eu acho que lá eles não permitiriam a pessoa levá o skate por exemplo e ficar andano lá né porque eu acho que não é lugar pra isso, mais eu nunca vi alguém levano então eu acho que isso faz parte de, da regra de qualquer escola, levar o skate e ficá andano lá eu acho que não é lugar pra isso.

A jovem se posiciona com a opinião de que provavelmente em sua escola não se permitiria a presença e o uso do skate haja vista que ela diz que a escola possui regras e que tal instituição não é o contexto apropriado para se praticar o skate. Perante a fala da

jovem, supõem-se a existência de conflito entre a escola e o jovem skatista, caso este vá a escola com seu skate.

Leonardo (ENTREVISTA, 2017) afirma que:

Assim, hoje a relação com o jovem skatista num sei quanto às diretorias e tal porque assim no sistema escolar tem o sistema né, então tem regras e geralmente o skate é o contrário, a gente pega o skate pa quebra as regras assim no próprio colégio que eu estudei a um tempo atrás tem uma escadinha das mais da hora, pulei ela assim todos os alunos comemorou e tal, quando eu fui comemorá o primeiro que eu vi foi o coordenador, assim quase resultou numa suspensão pra mim em época de prova, mais assim é pra mim tudo é diversão e pra mim skate tá em tudo tanto na escola como na rua, no meu serviço.

Pela fala proferida fica perceptível não existir um ponto de total harmonia entre o skate, sua prática, o jovem skatista e a escola porque como diz o entrevistado está inerente ao skate a atitude de romper com regras que não dialogam com as perspectivas de mundo objetivas e subjetivas dos seus adeptos. Ele ainda menciona que certa feita ao realizar uma manobra no interior da escola com seu skate, acabou infringindo uma das regras da escola, que não permite o uso do skate em seu interior, fato que quase resultou em uma punição severa em época de avaliações bimestrais.

E Pedro (ENTREVISTA, 2017, grifo nosso), no que tange a relação da escola com o jovem skatista afirma que:

Ah na minha época o povo num gostava muito não, eles achavam bem esquisito na minha época de escola, eles não deixava entrá com skate, [...] altas vezes eu já tive que ir pra coordenação porque eu queria entrá de skate, eu explicava “não, é um meio de transporte como bike, carro, moto”, eles “não que skate não pode, que vai fazer baderna e num sei o quê”, aí eu tinha meio que um preconceito assim por causa do skate.

Por meio do relato do jovem entrevistado é possível identificar que a relação da escola com o skatista não se constitui por um processo de mutualidade onde ambos entendem as especificidades do universo simbólico de cada um, procurando conviver com as diferenças. Ao contrário, o que se percebe é que na escola, o entrevistado vivenciou momentos de tensão, ameaça, punição, incompreensão e preconceito até mesmo quando tentava se defender de forma clara, objetiva e argumentativa apontando que o skate além de permitir atividades e momentos de ludicidade é um meio alternativo de transporte que lhe permitia se locomover. Ao que tudo indica, pelo teor da sua resposta, nem assim seus argumentos eram aceitos cabendo ao jovem seguir ao que lhe era imposto, ou seja, obedecer as regras.

Pode-se considerar que a escola, ambiente de educação formal, possui regras que não permitem a livre expressão do corpo por movimentos criativos, tais quais os que se concretizam na prática do skate. E ao observar empiricamente a realidade, nota-se que em caso de subversão às regras os alunos são punidos recebendo sanções como advertências orais ou escritas, suspensões, transferências, etc, dependendo do nível e grau do ato de desobediência. Então, para Dayrell (2007):

[...] Não significa, porém, que negamos os avanços que ocorreram nesta última década, principalmente no que diz respeito ao acesso. Afinal, esses jovens hoje frequentam o ensino médio, de onde eram sistematicamente excluídos. Mas, se a escola se tornou menos desigual, continua sendo injusta. E assim é, devido, em grande parte, ao fato de a escola e seus profissionais ainda não reconhecerem que seus muros ruíram, que os alunos que ali chegam trazem experiências sociais, demandas e necessidades próprias. Continuam lidando com os jovens com os mesmos parâmetros consagrados por uma cultura escolar construída em outro contexto (DAYRELL, 2007, p.1125).

Diante desta perspectiva, acredita-se que pela via da rigidez e dureza das regras escola e skatistas estão submersos em uma relação que supostamente poderá gerar a perda de sentido educacional para os jovens que não identificam na escola e nos seus conteúdos possibilidades de diálogo, socialização e sociabilidade entre o seu mundo particular, sua cultura e a instituição educativa. Por isto que Rampazzo (2012, p.116) ao problematizar a relação da escola com os jovens skatistas diz: “[...] A escola pouco se preocupa com o jovem pelo o que ele é hoje. Com isso, há um sentimento de perda por parte dos jovens, pois a escola pouco lhes faz sentido, a não ser pela certificação [...]”.

Todavia, longe de se assumir posição fatalista, vê-se no paradoxo, na contradição, na dialética, negação e conflito possibilidades de rompimento e de construção, significação, ressignificação e de novos, diversos e outros sentidos que podem ser atribuídos a escola uma vez que ela se constitui em meio às relações sociais históricas que estão em processos de movimento e mudança. Sob este ponto de vista porque não pensar na possível transformação da escola? Por isto, acredita-se ser apropriada a fala de Dayrell (2007) quando afirma que:

No cotidiano, porém, convive com uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos – alunos, professores, funcionários, pais – que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias, individuais ou coletivas, de transgressão e de acordos; um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração ou reelaboração expressas pelos sujeitos sociais [...] (DAYRELL, 2007, p.1118).

No que tange a terceira pergunta ela pretende descobrir em conjunto aos skatistas: Como você vê o seu corpo na escola? A partir das categorias de análise que apareceram nas entrevistas pôde-se visualizar majoritariamente que os jovens skatistas sentem existir certa ausência de liberdade corporal, haja vista que a rigidez das regras coíbe a prática do skate, vivência lúdica que lhes permite experiências de criatividade com o corpo em movimento no espaço urbano e na pista de skate.

Dentre os depoimentos obtidos pela entrevista semiestruturada escolheram-se os de Ermano, Ingrid, Jaqueline, Leonardo e Marcelo devido ao fato de apresentarem maior conhecimento acerca do que foram questionados, por responderem com maior clareza, objetividade e também profundidade teórica.

Ermano (ENTREVISTA, 2017) em sua resposta relata que:

Assim, o meu corpo na escola eh como todos eles, tipo tem uma regra, um uniforme certo, é tudo igual, enfim na escola é tudo igual mano, meu corpo dentro de mim é diferente, mas por fora é tudo igual cara, eu tenho que seguir a regra, tenho que fazer matéria, não posso ficar sem, tipo se eu num fizer matéria mano eu sou expulso cara, se eu tirar nota ruim eu sou expulso enfim lá dentro eu sou formal, fora eu sou informalidade, tipo informal cara, eu sou o que sou.

Através do que foi apresentado pelo jovem entrevistado, percebe-se não existir completa possibilidade, dentro da sua escola, para que ele se expresse corporalmente de forma livre e emancipada semelhante à maneira que ele se comunica e se manifesta com o mundo ao seu redor e com os seus companheiros quando pratica o skate. Nota-se que pelas regras a escola limita a criatividade.

Já Ingrid (ENTREVISTA, 2017) fala o que se segue:

Eu sempre fui mais isolada, eu sô mais quieta no meu canto, então quando eu ando de skate eu ando mais na minha, eu sô daquele grupo que fica afastado, se precisá de ajuda eu pergunto, mais ainda muito vergonhosa. Cê não pode entrá na escola com o skate primeiramente né, que é proibido, não sinto total liberdade [...].

A partir da resposta da jovem skatista identifica-se que ela assume ser um pouco tímida, fato que se reflete em suas relações de socialização e sociabilidade, contudo o que chama mais a atenção em sua fala é o fato dela alegar que o skate é proibido na escola e que ela não sente liberdade corporal no ambiente educativo.

Para Jaqueline (ENTREVISTA, 2017) a questão do corpo na escola se reflete da seguinte forma:

Que eu tenho que prestá muita atenção e não ser a pessoa que eu sou igual eu sou em casa ou na rua, tenho que ser uma menina mais culta e prestá mais

atenção nas coisas que eu faço, no que eu estudo, no que a professora explica e tal.

Na resposta da jovem entrevistada é possível identificar certa oposição entre os diferentes contextos em que ela se insere sendo a casa, a rua e a escola. Destes três ambientes ela menciona que o da escola é aquele ao qual ela deverá apresentar certa postura de caráter culto que é a contradição da postura corporal do espaço da casa e da rua. Logo, vê-se haver certa incorporação de normas, regras e valores que tendem a moldar o corpo limitando sua forma de ser e existir porque é preciso rigidez disciplinar enquanto se estuda. Coibindo-se o corpo limitam-se suas possibilidades de expressão.

Leonardo (ENTREVISTA, 2017) por meio de sua resposta diz que:

Assim, [...] assim eu me vejo meio sufocado porque eu acho assim, num sei se o senhor vai concordá, o sistema público escolar muito limitado quanto às ideias de raciocínio, assim eu falano, eu sempre tenho que dar a opinião, sempre tenho que fazer o certo e tal mais nem sempre o certo do colégio pra mim é o certo que eu aprendi fora do colégio e assim muitas regras de vida que a gente aprende no colégio, a gente vê que é totalmente diferente na rua, assim eu me vejo na escola às vezes limitado.

Para o jovem skatista entrevistado existe certa contradição entre os seus valores, apreendidos na rua por meio da prática do skate e a forma e maneira a qual a escola pensa o mundo. Ele chega a mencionar que na prática, na realidade, nem sempre o que a escola ensina é verdadeiramente manifesto da maneira que lhes foi ministrado e que se sente sufocado, logo limitado corporalmente. Assim, é perceptível que sua fala é uma espécie de manifesto em prol da liberdade corporal.

Para Marcelo (ENTREVISTA, 2017) a questão do corpo na escola pode ser relatada da forma que se segue:

Ah lá é um [...], sei lá escola é um lugar que a gente tá pra aprendê né, então você tem que tá em mente isso, você tem que está lá de maneira leve, pra pegá as ideias né que eles te passam lá, não só de professor, mais de aluno, colega e várias ideias trocadas assim pra você crescê pessoalmente e profissionalmente também é bacana. [...] é um lugar que têm regras, tá que todo lugar tem regras, mais a gente tem que tê ah, sei lá a liberdade de escolher o que é certo, o que é errado.

Pela resposta do jovem percebe-se que ele considera a escola como um espaço para o aprendizado, para a socialização e a sociabilidade, que isto poderá ocorrer não apenas na relação professor aluno, mas também nas relações entre os jovens, seus pares e seus grupos, que o saber escolar é relevante e que a escola tem seu papel. Entretanto, o jovem relata que o contexto escolar é composto também de regras e que cabe ao jovem

obedecê-las e não refletir sobre sua validade, sobre o que é certo ou errado. Logo, observa-se na fala do jovem que não é o fato de existir regras, porque todo espaço social possui suas regras, e sim a impossibilidade de questioná-las que cerceiam a liberdade corporal.

Acredita-se que os depoimentos apresentados são capazes de transmitir, traduzir e comunicar o sentimento de insatisfação que os jovens sentem na escola, com relação aos ritos e rotinas que ao incidir-se sobre os seus corpos acabam tolhendo sua liberdade e criando um ambiente de formalidades que pouco dialoga ou acrescenta às expectativas de humano, educação, sociedade e mundo dos skatistas.

Nesta direção, no que se refere à sensação dos jovens skatistas de não se sentirem livres para a expressão e o aprendizado corporais, uma vez que as regras coíbem outras e diversificadas formas de aprendizado para além do que já está dado e posto como verdade, vale apontar a fala de Rampazzo (2012) quando diz que: “Com isso, a escola (assim, como o trabalho e a família) é apenas mais um espaço de estigmatização e de rotulação, acabando por limitar o convívio dos jovens com seus pares no lazer, pela prática do skate [...]” (RAMPAZZO, 2012, p.104).

Na pesquisa acredita-se que o corpo é uma estrutura que se faz e refaz na história da realidade concreta (MARX, 2006), em constante diálogo com o meio natural que o cerca e este ocorre pelo trabalho e por experiências lúdicas e de movimento que transformam dialeticamente o real e o humano (BAPTISTA, 2001, 2007, 2013).

Esta perspectiva é capaz de gerar marcas, sinais e agruras que ao longo do tempo constituem a *hêxis* corporal que de forma simbólica permite ao corpo assumir-se enquanto categoria sociocultural, recorrendo-se ao uso de técnicas corporais que comunicam intensões, expressões, ideias, valores, jeitos e formas do humano se relacionar com o mundo mediado pelo corpo – (BOURDIEU 2006, 2014) – e isto é verificado na complexidade, criatividade e ludicidade dos corpos dos jovens que assim se formam e se constituem através da prática do skate.

Ao reconhecer no corpo a possibilidade de vivências e experiências alternativas que escapam ao senso comum, identifica-se que a escola desconsidera elementos de teor sociocultural, típicos da juventude que poderiam ampliar as possibilidades de ensino e aprendizado, porém de forma lúdica, divertida, criativa, inventiva e desafiadora com o corpo se movimentando sobre o skate. Rocha e Dias (2011, p.117) contribuem com este debate ao falarem que:

O campo da experimentação fica muito restrito quando os corpos estão submetidos aos instrumentos de interdição. Quando o medo apodera-se dos corpos, a dificuldade tende a aumentar. O medo emerge na vida dos jovens como efeito do poder a permear todas as relações, a infiltrar em todos os âmbitos de suas vidas, sempre reforçando uma condição de refém das múltiplas determinações impostas pela vida em sociedade [...].

Neste cenário que se forma entre os jovens skatistas e a escola, o que deve ficar claro e que é passível de reflexão, não é o fato de existirem regras uma vez que todo e qualquer espaço ou grupo social é constituído de normas que os regem. É assim, por exemplo com os grupos juvenis e a constituição de acordos que dão condições concretas para os momentos de sociabilidade. Porém, o tom de crítica que se estabelece é quanto ao fato de que as regras ao invés de ensinarem a autodisciplina necessária ao estudo e o aprendizado acabam se constituindo em instrumentos disciplinadores, que limitam a liberdade, criatividade e expressão corporal.

Ante a esta perspectiva, supostamente acredita-se que a escola restringe as possibilidades de experimentação, de uma educação que também seja coeducação em que professores e alunos ensinam e aprendem de forma mútua ao dialogarem sobre a realidade e o mundo vivido. E isto pode-se dar por meio do corpo e das múltiplas formas de se expressar através dele.

Referindo-se a quarta pergunta ela pretende inquirir os skatistas acerca de: Como você imagina que a escola vê o seu corpo? As categorias de análise que puderam ser identificadas tramitam entre o paradoxo de existência ou não de preconceitos, atitudes de conservadorismo, incompreensão do diferente e o estabelecimento de medidas pedagógicas que cerceiam e padronizam os corpos. Dentre os depoimentos concedidos via entrevista, nota-se nas falas de Ermano, Heleonora, Leonardo, Marcelo e Pedro certo discurso capaz de transmitir os valores implícitos nas categorias visualizadas.

No que diz respeito a possível visão que a escola tem do corpo do jovem Heleonora (ENTREVISTA, 2017) considera que:

Bom eh, no caso eh [...], assim [...] no caso como skatista a escola eh, por exemplo, eu nunca eh vivenciei nenhum preconceito por parte de professores, ou diretores, até mesmo alunos, então a escola ela respeita bastante o meu espaço como skatista só que eu também respeito muito à escola, no caso nunca levei o skate pra lá, nunca fiquei entendeu (?), com essas coisas por que eu tô lá pra estudar, se fosse pra andar de skate eu taria na pista.

Para a jovem não há desentendimento com a escola no quesito corpo, haja vista afirmar que na medida em que respeita a instituição de ensino também se sente

respeitada como skatista, e esta relação se consolida pelo fato de que nunca levou seu skate para a escola por achar o seu espaço pedagógico inapropriado para o skate, sendo a pista o lugar para praticá-lo. Ante a isto pode-se dizer que a resposta da jovem permeia por um sentido de visão positiva à qual a escola atribui a ela e a seu corpo, até porque em seu caso o skate, ponto de contradição e paradoxo entre o ambiente educativo e os jovens não está presente nas suas vivências de socialização e sociabilidade.

Ermano (ENTREVISTA, 2017, grifo nosso) afirma que:

[...] eu nunca me identifiquei pra eles como skatista, então ainda não tenho uma ideia mais se eles me conhecesse como skatista como eu imaginaria isso era, tipo eu acho que alguns ia achar legal porque tenho amigos da diretoria que são amigos meus enfim ia achar legal, mais outros não, tem aquela burocracia de skate né, aquela “ah mais ele é um menino irresponsável, anda de skate a tarde inteira, não vai fazer trabalho de escola, não vai fazer as tarefas, não vai interagir com a escola, vai deixar de mão”, mais acho que não é isso mano, mais a escola vê assim né, tipo tem que seguir a escola não é [...], tem que esquecer o skate por um momento na escola, mais assim a escola, a gente tem que segui ela, então basicamente se eu for eh falar de skate na escola não vai ser uma boa coisa, não vai ser tipo boa como imagem, não vai ser bom pra escola, eu acho que a escola não ia gostar muito.

O jovem relata que nunca mencionou na escola que é skatista, porque acredita que na instituição em que estuda ainda paira uma ideia errônea e preconceituosa do skatista como indivíduo que vive de forma irresponsável, sem propostas e planos futuros, que quer unicamente andar de skate e não pretende estudar, trabalhar, ter objetivos futuros e assumir uma vida responsável e equilibrada, centrada em valores éticos que o permita socializar e sociabilizar de maneira responsável.

O Entrevistado ainda menciona que dentro do estabelecimento de ensino a opção que se tem é seguir os ritos, haja vista não identificar lacunas para falar sobre o skate, vivência lúdica que a escola não enxerga com “bons olhos”. Uma vez que a escola age com preconceito acerca do skate e que em seu interior não se contempla espaços para tematizar esta vivência, acredita-se que daí surge uma visão restrita, padronizada e também preconceituosa da maneira a qual a instituição vê o corpo do skatista, sendo necessário adestrá-lo segundo os preceitos valorizados pela escola.

Já Leonardo (ENTREVISTA, 2017) afirma que:

Ah, como um vândalo que pode representá algum perigo, [...] zuera, acho que como um alguém, uma alma pensante que pensa diferente deles né, diferente do ensino, diferente, [...] uma ideia diferente da deles, do conservadorismo de todo o ensino e tal, mais assim máximo respeito né, claro.

Segundo a resposta do jovem nota-se que para ele não existe um ponto de consenso entre sua visão e perspectiva de vida e mundo e o que a escola, enquanto instituição de ensino, privilegia como valores passíveis de serem apreendidos em seu cotidiano pedagógico. O entrevistado acredita que a escola o vê como um ser que é completamente diferente, avesso do que ela espera e objetiva para os alunos enquanto projeto formativo de estudante e futuro cidadão.

O jovem ainda relata que a escola é conservadora em seu ensino, o que remete aos processos pedagógicos, didáticos, metodológicos e avaliativos que não estimulam a reflexão sobre a autodisciplina, mas disciplinam o corpo. Logo, pela resposta do entrevistado consegue-se identificar que a escola apresenta uma visão limitada, preconceituosa e restrita acerca do corpo e em específico do corpo do skatista.

Marcelo (ENTREVISTA, 2017, grifo nosso) diz que:

Cara, não faço ideia, [...] eh num sei, na verdade, é na verdade o skate eu acho que é um esporte de contracultura né, então sempre vai tê aquele olhar diferente “ah ele anda de skate, não sei o quê, num que nada da vida”, mais na verdade não é assim tem vários skatista que tipo assim tem Faculdade, eu pretendo fazer uma Faculdade, só que agora num tá rolando mais é isso tipo é bem nessa ideia que eu te falei, não sei se foi bem claro mais [...].

Pela resposta do jovem observa-se que ainda existem estereótipos sociais que marcam a vida do skatista e a escola ao invés de propor reflexões do campo da diversidade cultural, identificando os skatistas como um dos múltiplos papéis sociais aos quais os jovens podem representar no cotidiano, porque cada jovem que chega a escola, além de estudante é também filho, namorado/a, trabalhador/a, esportista, atleta, ativista político, skatista, etc.

Há uma infinidade de papéis aos quais os jovens podem representar e de grupos aos quais eles podem fazer parte, o que torna o campo escolar simbolicamente diverso, impedindo restrições que delegam aos jovens apenas uma maneira padronizada de existir. E independente do papel social e do grupo ao qual o jovem faz parte ele tem seus sonhos e objetivos.

É por isto que o entrevistado critica a postura da escola em insistir na ideia estigmatizada de que pelo fato de ser skatista ele será completamente avesso à escola e sem perspectivas futuras. Ao contrário, relata a existência de skatistas com escolaridade em nível superior e que ele próprio quer ingressar neste nível de ensino. Pelo que foi respondido, acredita-se que na fala do jovem entrevistado está claro que a escola vê o corpo do skatista de forma limitada, estabelecendo padrões de referência aos quais

visualiza os corpos destes jovens e constituindo perspectivas de incompreensão do diverso e gerando preconceitos.

Pedro (ENTREVISTA, 2017) fala que: “Ah com certeza, penso que maconhero, vagabundo e eh num tava errado não, [...] tem o lado bom também”.

Segundo o jovem foi lançado pela escola sobre si determinado estereótipo que o demarcava como usuário de drogas ilícitas e ainda um ser a vagabundear pelo espaço, entendendo esta expressão como menção ao sujeito que não apresenta perspectivas presentes e futuras de vida dentro de padrões de comportamento construídos historicamente, valorizados socialmente e que representam parte dos costumes simbólicos e culturais de cada época.

O entrevistado ainda se utiliza de um recurso da língua portuguesa, sendo a ironia, para se referir a este episódio que marcou a história de sua vida. Logo, a partir do que ele respondeu observa-se novamente a dificuldade da escola em lidar com as diferenças e a atitude da instituição em utilizar do paradigma do preconceito para tratar com o corpo do jovem skatista dentro de seu contexto pedagógico cerceando-o a certo perfil que ela delimitou como pedagogicamente aceitável.

Pelos relatos dos jovens skatistas, com exceção de Heleonora (ENTREVISTA, 2017), percebe-se que eles acreditam que a visão que a escola estabeleceu acerca deles e de seus corpos passa pelo contraponto da incompreensão do diferente, o que ocasiona suposto processo de padronização de comportamentos, jeitos, formas, modos e maneiras de ser, além do uso de métodos sutis de violência simbólica para conter os alunos e fazê-los incorporar certo *habitus* escolar. Veja-se na reflexão de Rocha e Dias (2011, p.126): “Na escola pública contemporânea, encontramos corpos interditados, submissos a um funcionamento de poder que sustenta por meio da alienação dos sujeitos [...]”.

Estas medidas acabam por gerar micropoderes e iniciativas de cunho biopolítico – que *foucaultianamente* falando podem ser entendidas como a incorporação das estratégias de domínio “[...] cujo foco não é o corpo individualizado, mas o corpo coletivo [...]” (DINIZ, OLIVEIRA, 2014, p.144) – que ao invés de libertar os jovens skatistas para o aprendizado lúdico, criativo e com o corpo em movimento, acabam por padronizar e massificar os comportamentos que por sua vez impedem aos skatistas de manifestarem sua subjetividade e a sensibilidade com a qual veem, sentem e se relacionam corporalmente com seus pares, a escola e o mundo (FOUCAULT, 2004, 2013).

Aqui o corpo dos jovens skatistas, ao invés de transcender para a fruição e a emancipação é contido, castrado e subjugado rumo à subserviência do que a escola tem como referência de comportamento historicamente aceito e socialmente valorizado. Assim, ocorre-se o inverso, ou seja, a alienação dos corpos é também a alienação dos sujeitos e vice-versa. Rocha e Dias (2011) propõem reflexão que dialoga com a perspectiva aqui levantada. Então, “[...] Perante os grandes problemas relacionados com os cuidados corporais na sociedade hodierna, deixamos os alunos vulneráveis, sem condições de orientarem suas próprias condutas [...]” (ROCHA, DIAS, 2011, p.127).

Todavia, acredita-se também no paradoxo que de forma dialética estabelece possibilidades de rompimento, haja vista que não unicamente os jovens skatistas são influenciados pela escola, mas por esta ótica estes jovens estudantes passam a ser também influenciadores do ambiente escolar e ainda construtores do presente, da própria *práxis*, do corpo e da vida. Diz-se isto pela existência do contraditório, observado em suas respostas a exemplo de Marcelo (ENTREVISTA, 2017) quando fazem uso de expressões como “contracultura”, para referir-se ao skate enquanto prática de enfrentamento ao pedagogicamente imposto na escola e ao politicamente determinado pelo sistema e o *status quo*.

Acerca da quinta pergunta ela pretende identificar: Quais os espaços e as possibilidades para os jovens vivenciarem seus corpos no contexto escolar? Segundo as categorias de análise identificadas visualizou-se que os jovens skatistas indicam como possibilidades e espaços propícios à vivência de seus corpos o pátio, a quadra poliesportiva, o espaço pedagógico da aula de Educação Física, o momento do recreio/intervalo, a biblioteca, dentre outros.

Uma vez identificadas as categorias de análise nas respostas optou-se por apresentar as falas de todos os entrevistados – sendo Ermano, Heleonora, Ingrid, Jaqueline, Leonardo, Marcelo e Pedro –, com vistas a ter-se panorama do ponto de vista dos jovens skatistas acerca do que eles visualizam que a escola apresenta como possibilidade, alternativa e espaço para vivenciarem seus corpos, além da sala de aula.

Nesta perspectiva diz Ermano (ENTREVISTA, 2017):

Assim na escola né, [...] tem aulas que interagem com a gente né, [...] tem aulas culturais, aulas que ajudam a gente a interagir [...]. Tem quadras, deixa eu ver, pátio, o horário do lanche que é muito legal também, [...] sala de vídeo, biblioteca.

Por meio do que o participante relatou é possível reconhecer que ele identifica que a escola possui diferentes espaços de caráter pedagógico, como aulas interativas e de caráter cultural, e físico, como o pátio, a quadra de esportes, biblioteca, etc para que os skatistas possam se socializar e sociabilizar corporalmente com seus pares. O jovem afirma que o horário do intervalo ou recreio é legal, ou seja, fica notório ser este também um dos momentos que possibilitam a interação com os colegas, amigos e grupos juvenis – podendo ser o seu ou outros.

Heleonora (ENTREVISTA, 2017) relata que:

Eh, bom no caso a quadra de esportes da escola, mais lá nós não temos como esporte como o skate, por exemplo, nós temos outros esportes como futebol, basquete, mais ainda não skate.

Segundo a jovem entrevistada um dos muitos espaços pedagógicos que a escola oferta para que os skatistas possam vivenciar seus corpos no contexto educativo é na quadra esportiva, provavelmente durante as aulas de Educação Física ou mesmo no recreio/intervalo. Ela relata que neste espaço existe a vivência de esportes coletivos como futebol e basquetebol, porém o skate ainda não se faz presente na quadra da escola. Ainda assim, é positivo o fato dela visualizar que a escola oportuniza/possibilita um contraponto à rigidez cotidiana que disciplina os corpos sendo a quadra esportiva.

Ingrid (ENTREVISTA, 2017) ressalta que: “Na aula de Educação Física, eu acho que ela é a principal”. Para a skatista é através da aula da disciplina curricular de Educação Física, que a escola oferece um espaço pedagógico e também físico, bem como possibilidades simbólicas para que os jovens skatistas possam vivenciar seus corpos e supostamente esta vivência possa vir a ser por perspectiva lúdica e criativa, fato que provavelmente a levou a mencionar tal disciplina.

Jaqueline (ENTREVISTA, 2017) afirma que:

Ah, a quadra da escola que é um bom lugar também pra, pra praticar algum esporte só que nunca vi, ah quadra da minha escola praticando o skate, sempre foi o futebol, quemada, vôlei ou e outros esportes, mais disponibiliza sim.

Segundo a jovem o que a escola oferta aos jovens skatistas como espaço e possibilidade para que possam vivenciar os seus corpos é a quadra onde jogos populares, como quemada, e esportes, tais quais futebol e voleibol, são vivenciados. E isto supostamente pode ocorrer durante o momento do recreio/intervalo ou mesmo durante a aula de Educação Física. De acordo com a entrevistada na quadra ainda não se

vivencia o skate, contudo vê-se como ponto positivo em sua resposta o fator dela identificar a existência de espaço na escola, sendo a quadra, que lhe permite possibilidades de vivenciar experiências com o corpo para além da sala de aula.

Leonardo (ENTREVISTA, 2017) fala que: “Assim, acredito que no pátio, assim é o lugar onde a galera conversa assim, entra em debate mesmo, [...] é e assim às vezes a gente aprende mais no recreio que na aula [...]”.

Para o jovem entre as possibilidades e os espaços em que os jovens skatistas podem identificar na escola para vivenciarem seus corpos é o pátio, sobretudo no momento do recreio ou intervalo. Ele acredita que neste espaço que é físico e ainda simbólico e cultural existe a capacidade para proposições, debates e discussões de ideias, sendo também propício para o aprendizado e supostamente isto pode-se dar porque em tal espaço o jovem provavelmente é livre para dizer sua palavra e apresentar suas perspectivas de humano, sociedade e mundo.

Marcelo (ENTREVISTA, 2017) sugere que:

Olha eu acho que uma atividade bacana que a escola oferece é a matéria de Educação Física né, eu não sei tipo faiz tempo, tem dois anos que eu já não estudo mais antigamente eu achava um pouco, deixava muito a desejar por que trabalhava só o futebol [...].

A partir do que o jovem relatou na entrevista observa-se que ele atribui à disciplina curricular de Educação Física o espaço pedagógico propício que lhe foi ofertado na escola para que vivenciasse experiências de movimento com o seu corpo, provavelmente diferentes das que experimentava em sala de aula. O jovem ainda diz que em sua época a Educação Física privilegiava apenas o ensino do futebol. Todavia, destaca-se ser importante a questão dele identificar um espaço para possibilidades de vivências com o corpo que não se restringiam unicamente à sala de aula.

Pedro (ENTREVISTA, 2017) relata que:

Só futebol, só futebol memo, Educação Física era futebol, futebol, mais nada, [...] eh na hora do recreio o pessoal só conversava, trocava ideia, mais pra podê tê uma, um desenvolvimento nada só o esporte memo que é o futebol.

Na resposta o jovem faz a menção de dois espaços e possibilidades, sendo estes de caráter pedagógico e também simbólico e cultural, para que os skatistas pudessem vivenciar experiências com seus corpos. São a aula de Educação Física e o momento do recreio ou intervalo. No que tange à Educação Física o jovem apresenta certa crítica quanto ao caráter esportista, porque a disciplina se resumia ao ensino do futebol. E com

relação ao recreio ele menciona que o pessoal se reunia para conversar, trocar ideias, bater um papo. Enfim, ainda que o jovem identifique certas limitações pedagógicas e simbólicas no que tange às possibilidades de vivenciar experiências com o corpo na escola, ressalta-se como fator relevante a questão dele identificar a existência de ao menos estes lugares que de certa forma foram corporalmente significativos para ele.

Diante do que foi dito, considera-se que à medida que os jovens skatistas ressignificam os espaços físicos, pedagógicos, simbólicos e culturais que lhes são possibilitados, relativos às disciplinas curriculares e à arquitetura das instituições educativas eles acabam também por ressignificar os próprios corpos e existências que no cotidiano da escola são tolhidos, proibidos e interditados. Rocha e Dias (2011) ao comentarem sobre a força crítica da juventude sugerem que:

Esses jovens nem imaginam a força que possuem nas mãos. Querendo ou não, são eles que elaboram os valores sociais em gestação. Com todos esses problemas e medos, ainda assim há jovens que transgridem, buscam viver intensamente. Esses são julgados e excluídos da sociedade em que vivem. São os chamados rebeldes [...] (ROCHA, DIAS, 2011, p.116).

Logo, se o corpo é uma estrutura material manifesta na história (MARX, 2006), que dialoga com a natureza e dialeticamente se transforma bem como ao meio natural, tanto pelo trabalho quanto pelo jogo, brincadeira, arte, ludicidade e lazer (BAPTISTA 2001, 2007, 2013), o que constituem técnicas corporais necessárias ao diálogo com o mundo e a realidade – corpo simbólico, cultural e social, enfim a *hexis* corporal (BOURDIEU 2006, 2014) – acredita-se identificar espaços físicos ou pedagógicos e momentos na escola onde se possam vivenciar experiências objetivas e subjetivas que tragam significado emotivo aos jovens skatistas e descobrir pontos de fuga e possibilidades de ruptura, descontinuidades, rebeldia e afluência rumo ao contraditório, ao paradoxo, a oposição, ao embate à resistência – para e pelo corpo – contra o sistema pedagógico institucionalizado que reprime o corpo da juventude e a juventude no corpo. Nota-se que nem toda rebeldia é sem causa ou sem motivo e que no conflito se identificam possibilidades do vir a ser. Veja-se na reflexão de Santos apud Rocha e Dias (2011, p.112-113):

[...] O conflito serve, [...] para vulnerabilizar e desestabilizar os modelos epistemológicos dominantes e para olhar o passado através do sofrimento humano que, por via deles e da iniciativa humana a eles referida, foi indesculpavelmente causado. Esse olhar produzirá imagens desestabilizadoras susceptíveis de desenvolver nos estudantes e nos professores a capacidade de espanto e de indignação e a vontade de rebeldia e de inconformismo. Essa capacidade e essa vontade serão fundamentais para

olhar com empenho os modelos dominados ou emergentes através dos quais é possível aprender um novo tipo de relacionamento entre saberes e portanto entre pessoas e entre grupos sociais. Um relacionamento mais igualitário, mais justo que nos faça aprender o mundo de modo edificante, emancipatório e multicultural [...].

Em acordo com a passagem se vê que o conflito, que na escola pode-se dar entre os jovens skatistas e a referida instituição de ensino, contribui para abalar certezas e o que está posto, dado como verdade, denunciando o *status quo* travestido de mecanismos pedagógicos e didáticos, ritos e regras, hábitos e costumes, rotinas e cotidianos que coíbem a liberdade, a criticidade e a criatividade corporal de maneira biopolítica no ambiente educacional. Que no conflito estejam às frestas e as brechas históricas necessárias à contradição e a dialética ainda que estas tragam consigo a alegoria da dor. Veja-se no mito abaixo:

Mêmnon, filho de Aurora e Titono, era rei da Etiópia, vivendo no Extremo Oriente, no litoral do Oceano. **Mêmnon foi, com seus guerreiros, ajudar os parentes de seu pai, na Guerra de Tróia.** O rei Príamo recebeu-o com grandes honrarias e escutou, com admiração, a narrativa das maravilhas da costa do Oceano.

Desde o dia seguinte ao de sua chegada, Mêmnon, muito impaciente para lutar, levou suas tropas ao campo de batalha. Antiloquo, o bravo filho de Nestor, caiu morto por ele, e os gregos foram postos em fuga, até que Aquiles apareceu e restabeleceu a ordem em suas fileiras. **Travou-se uma luta prolongada e de resultado duvidoso, entre ele e o filho de Aurora. Finalmente, a vitória pendeu para Aquiles, Mêmnon caiu e os troianos fugiram desanimados.**

Aurora que de seu lugar no céu olhava com apreensão os perigos que o filho corria, quando o viu cair mandou seus irmãos, os Ventos, transportarem seu corpo para as margens do Rio Esepo, na Paflagônia. A noite, Aurora, em companhia das Horas e das Plêiades, foi chorar o filho. A Noite, compadecendo-se dela, cobriu o céu de nuvens; toda a natureza chorou o filho de Aurora. Os etíopes ergueram seu túmulo à margem do rio, no bosque das Ninfas, e Júpiter permitiu que as fagulhas e cinzas de sua pira funerária se transformassem em aves, que se dividiram em dois bandos, sobrevoando a fogueira até caírem nas chamas. Todos os anos, no aniversário da morte de Mêmnon, elas voltam, celebrando os funerais da mesma maneira. **Aurora ficou inconsolável com a perda do filho. Até hoje, continua a derramar lágrimas, que podem ser vistas pela manhã bem cedo, sob a forma de gotas de água espalhadas na vegetação** (BULFINCH, 2002, p. 249-250, grifo nosso).

Que o mito de Aurora segundo a versão de Bulfinch (2002), possa constituir uma força propulsora rumo à esperança – ainda que mediada pelo sofrimento do filho que não vai voltar – tendo-se em vista novos caminhos e descaminhos, utopias e distopias, certezas e incertezas no processo árduo, lento e dialético da educação dos jovens no geral e em específico dos skatistas que se dá pelo corpo, pois é o elo mediador entre subjetividade e objetividade, pensamento e matéria, na direção de

processos pedagógicos que formem os indivíduos pelo tom da arte, ludicidade, jogo, brincadeira, desafio, etc, para viver de forma livre com seu corpo – em movimento sobre o skate – em uma sociedade multicultural e marcada por inúmeras contradições e possibilidades.

Por esta perspectiva no processo de ensino e aprendizagem, tal qual Adorno (1995a), acredita-se que a não reedição de Auschwitz passa pela constituição de uma educação – também do corpo – para a criticidade, autonomia e emancipação em escola que seja verdadeiramente democrática, permitindo aos jovens, aos grupos juvenis – como os skatistas – e a juventude serem livres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do conhecimento, como uma das diferentes áreas da cultura, é marcada por uma série de contradições e embates que vão desde a filiação do autor a certo método que orienta o enredo epistemológico, passando pelas referências que dão sustento teórico e no diálogo com a empiria selecionando a metodologia que orienta a ida a campo.

Entretanto, se há um marco inicial no ato de pesquisar este se refere ao problema – representado por uma pergunta – que gera uma espécie de “reação em cadeia”, levando-se aos demais elementos que integram os trabalhos acadêmicos. Ante a esta perspectiva, acredita-se que sem o problema de pesquisa não é possível que se processe o estudo.

No estudo realizado o problema esteve em torno da pergunta que se segue: Como os jovens skatistas dão sentido a apropriação de seus corpos na escola? Aqui, sabe-se que o ambiente educacional não é neutro politicamente porque ao optar-se por certa pedagogia está se investindo em cosmovisão amparada em modelo de humano, sociedade e mundo que se volta de maneira biopolítica sobre o corpo (FOUCAULT, 2004, 2013).

Posteriormente à elaboração do problema conceituou-se o corpo como estrutura material e sociocultural que se apresenta na realidade de maneira histórica e dialética – (BAPTISTA, 2001, 2007, 2013) – e ainda verificou-se como a academia brasileira vem desenvolvendo pesquisas que envolvem a tensa relação entre os jovens skatistas e a apropriação dos seus corpos na escola. Realizou-se estado do conhecimento acessando plataformas digitais de teses e dissertações, sendo a da CAPES e da BDTD, em busca de trabalhos que se aproximassem à discussão pretendida.

O estado do conhecimento permitiu identificar que de maneira ampla, quando se fala do corpo dos jovens e da sua educação na escola, as pesquisas se orientam epistemologicamente por três tendências sendo em primeiro lugar a fenomenológico-hermenêutica, em segundo a crítico-dialética e na terceira posição a pós-moderna.

E também através do estado do conhecimento foi possível descobrir que no período de 2010 a 2015 poucos foram os trabalhos que se pretenderam à escuta dos jovens skatistas, a respeito do seu mundo vivido com o corpo. E dentre estes se

destacaram as dissertações de Olic (2010) e Rampazzo (2012) com foco em questões como a família, a educação, o trabalho, a prática do skate, o lazer e o corpo.

Uma vez identificados os trabalhos passou-se a próxima etapa onde se realizou discussão a respeito do corpo dos jovens em geral e em específico dos skatistas. Foi imprescindível o método e o aparato teórico crítico-dialético – (SANTOS, 2012) – marxiano – (MARX, 2006) – para a compreensão do corpo não como dimensão acabada, porém como estrutura material que se dá na história, e em diálogo com a natureza a transforma bem como a si próprio dialeticamente (BAPTISTA, 2001, 2007, 2013).

Por isto houve a possibilidade de apreender que o corpo dos jovens skatistas além de receber influências do contexto cultural onde se manifesta, podendo ser a rua, a pista de skate e a escola, ele ainda é capaz de atuar sobre a realidade frente às possibilidades de contradição e paradoxo. Nos embates e confrontos entre o corpo e o real, ambos vão ganhando forma mutuamente.

Então, se hipoteticamente o capitalismo estabelece modelos de corpo a serem construídos e alcançados pelos jovens skatistas por outro eles, através do seu corpo, acabam interferindo nas formas e personificando os objetos de consumo apresentados pelo mercado e isto inclui o corpo.

Dentre os contextos pelos quais os jovens skatistas vivenciam experiências com os seus corpos, estão diferentes lugares arquitetônicos e públicos do espaço urbano sendo: as ruas, as avenidas, as praças, os parques, as galerias, as calçadas, as pistas de skate, dentre outros. São nestes lugares que os skatistas – como um dos vários grupos juvenis – se encontram, socializam e sociabilizam-se – (SIMMEL, 2006) – tendo em vista interações que tragam sentidos simbólicos para as suas vidas e seus corpos.

Em meio ao cenário urbano os jovens skatistas conversam e falam de si, de suas visões e expectativas de mundo, sociedade, família, educação, trabalho, lazer, afetividade, arte, sexualidade, do corpo, de utopias e distopias que supostamente habitam seu imaginário jovial.

Para além destas formas de interação é em meio ao vai e vem dos carros, da poluição química e sonora, do asfalto e do concreto, dos prédios habitacionais e comerciais, das políticas públicas de gestão e administração das cidades – educação, saúde, moradia, esporte e lazer, etc – que os jovens skatistas tomam conhecimento das oportunidades que os seus corpos lhes permitem, a partir dos movimentos e manobras

de radicalidade, ao praticarem o skate seja de maneira lúdica ou a partir de ótica que lhes coloquem sob a condição de fruição e transcendência objetiva e subjetiva, em contato com o meio, os colegas e amigos, e consigo mesmo.

Por esta via, estes jovens são capazes de ressignificar o espaço urbano dando outros sentidos a ele, para além dos que primeiramente foram projetados, ou seja, para um skatista um banco de praça pública serve tanto para se assentar sobre ele e dialogar a respeito da vida, a comunidade e o mundo como se configurar também em obstáculo que permite realizar manobras durante a prática do skate com seus pares juvenis que comungam do mesmo olhar sobre a realidade.

Ao entrar em contato com estes jovens pela ida a campo e a partir da entrevista semiestruturada identificou-se que suas opiniões acerca do que é ser jovem e sobre a juventude – de forma consciente ou inconsciente – oscilam entre leituras do real embasadas em campos teóricos distintos e que estão em posição de embate, sendo majoritariamente os campos da Psicologia, que estudam sobre vários aspectos da vida destes indivíduos, e ainda a chamada Sociologia da Juventude – (BUNGENSTAB, 2017) – bem como as categorias geracionais e de classes da juventude – (PAIS, 1990) – que apareceram nas falas dos participantes. Então, as questões e categorias que nortearam a pesquisa de campo são apresentadas de forma geral e outras em específico nos parágrafos que se seguem.

No trabalho, sem desconsiderar as discussões da Psicologia, optou-se por compreender os jovens, sujeitos históricos e sociais, e a juventude, fase da vida – (PAIS, 1990) –, a partir de olhar, perspectiva e referência teórica vinculada à Sociologia da Juventude por acreditar que ela constitui, cria e abre possibilidades de debate, diálogo e discussão que se vinculam aos objetivos da pesquisa.

Outro fator identificado na pesquisa de campo e que foi relatado pelos jovens é a questão de serem vítimas de diferentes formas de preconceito vindos do trânsito, dos pedestres, dos conservadores, dos adultos, dos idosos e até das próprias famílias que associam a vivência do skate com demais experiências no campo da drogadição, do vandalismo e da irresponsabilidade com as normas de conduta, os acordos de socialização valorizados, institucionalizados e tidos como padrões e parâmetros históricos para a vida coletiva. Contudo, destaca-se que nem sempre tais regras estão em acordo com os princípios de existência dos jovens skatistas e dos seus grupos juvenis inseridos no cotidiano das cidades.

Logo, os jovens skatistas e a juventude são vistos como problema social a ser combatido – (CAVALCANTE, 2010) – pelas políticas públicas de segurança e pela escola, instituição educacional, que no processo de ensino e aprendizagem de diferentes temas e conteúdos, ministrados pelas disciplinas curriculares, deverão preparar e moldar o caráter dos skatistas em direção à vida adulta. Tal fato desconsidera o presente dos jovens que nesta perspectiva terão seus direitos como categoria a ser alcançada somente no futuro, quando estiverem mais velhos, forem adultos, “pais” e “mães” de famílias, “responsáveis”, e dignos de respeito.

É mediante a estes dados que se considerou que a permanência dos jovens na prática do skate acaba se tornando uma estratégia de enfrentamento e sobrevivência, junto a uma realidade do espaço urbano hipoteticamente hostil às suas particularidades e singularidades emotivas, de socialização e sociabilidade – (SIMMEL, 2006) –, joviais e bem como as que também se referem aos seus corpos, elo que promove a interação entre eles e a realidade.

Dentre outros dados coletados também se identificou que os jovens skatistas sentem que o espaço urbano, seja na rua ou na pista, oscila entre os índices de liberdade e determinada ausência de liberdade e isto ficou claro nas suas declarações sobre a questão do preconceito, do trânsito onde os carros não os veem como adeptos de um meio de transporte alternativo, e da pista que já possui obstáculos pré-fabricados, prontos o que lhes permite realizar apenas uma gama de manobras que no caso da rua são ampliadas para inúmeras formas de movimento.

Deste modo, visualizou-se que a prática do skate se difere quando comparadas às experiências dos jovens na rua e na pista de skate (OLIC, 2010). Esta foi uma categoria que se observou majoritariamente nas respostas dos jovens entrevistados.

Alguns dos jovens – pôde-se notar – são integrantes de grupos de skatistas, mas isto não é uma regra, dogma ou pré-condição para ser skatista. Tanto os jovens homens quanto as jovens mulheres, em sua maioria, apontaram também como problema a existência de preconceitos de gênero, que direcionam a inserção no microuniverso do skate apenas ou em sua maioria aos rapazes e não vendo com “bons olhos” o skate feminino.

Este dado permitiu considerar que o machismo que impera em outras áreas sociais – educação, mundo do trabalho, relações afetivas e familiares – e que está

arraigado a cultura nacional, se reflete também quando o assunto e o tema em debate é direcionado para o skate.

É por isto que as jovens mulheres além das outras formas de preconceito já mencionadas precisam lutar contra os preconceitos de gênero e delimitar estratégias de enfrentamento a esta condição social que é uma construção de caráter histórico e cultural. Então, no caso das moças o skate é também militância, que resvala sobre sua condição de gênero, mulher e luta por notoriedade, visibilidade, legitimação e reconhecimento (FIGUEIRA, 2008).

Outro dado importante que se pôde identificar neste contato com os jovens skatistas, mediante a entrevista semiestruturada, foi que eles encenam outras formas de ser jovens e de juventude – (BUNGENSTAB, 2017) – quando aderem ao skate. Este fato permitiu constatar a existência de uma forma de ser skatista materializado nos seus corpos e através das linguagens que comunicam, das roupas, adereços – como bonés – e tênis que fazem uso, das músicas que ouvem – *rock and roll*, *rap*, sertanejo, eletrônica, dentre outros estilos – e das múltiplas expressões socioculturais que transmitem quando estão ou não em movimento.

É nesta perspectiva que se percebe que não existe uma pré-condição corporal que determine uma única e exclusiva maneira e jeito de ser skatista, fato que torna este grupo juvenil multicultural e com variadas formas de expressão, encenação, faz de conta, representação, apresentação, jogo, brincadeira e corpo. E isto ficou ainda mais claro quando os jovens skatistas alegaram que qualquer pessoa, independente do seu peso, crença, gênero, corpo e condição de ser existente pode vir a ser um skatista (OLIC, 2010).

Assim, é diante desta condição multicultural – (BUNGENSTAB, 2017) – no que se refere aos seus corpos que os jovens skatistas, em processo de formação da sua personalidade e humanidade, do seu caráter e intelectualidade, da sua objetividade e subjetividade vão agregando a si e ao espaço urbano novas cores, tons, olhares e inúmeras formas de ser e permanecer no espaço à medida que “andam” e praticam o skate. Ante ao que foi dito, corpo e espaço urbano como condição histórica estão em processos de transformação através dos embates e paradoxos simbólicos que ressignificam a cidade, o corpo e a existência (BRANDÃO 2006, 2008, 2012).

É deste modo que os jovens ao consumirem os produtos do mercado – veiculados pelos meios de comunicação de massa ligados a indústria cultural – não são

mera massa de manobra – (DUARTE, 2012) –, mas também buscam pelos apetrechos que adornam e enfeitam seus corpos, e ainda pelos próprios corpos que – tomam formato no cotidiano – constituir e criar maneiras de enfrentamentos, rupturas e descontinuidades sobre e com a realidade ainda que inseridos em uma sociedade que adota o capitalismo como modo de produção da vida material e objetiva, espiritual e subjetiva.

Na presente pesquisa também fez-se referência, em diferentes momentos de seus enredos teóricos e nos capítulos que foram se constituindo, a respeito da escola e dos mecanismos pedagógicos, didáticos e metodológicos utilizados nos processos de ensino e aprendizagem que longe de tratarem unicamente dos temas e conteúdos de ensino, das diferentes disciplinas do currículo educacional, pertencentes ao Projeto Político Pedagógico da instituição educativa, representam e se configuram também em perspectivas políticas enviesadas por elementos biopolíticos que se voltam sobre o corpo, tendo em vista educa-lo supostamente para a obediência e a subserviência (FOUCAULT, 2004, 2013).

Devido a este motivo, e a outros, que se quis refletir a respeito da apropriação que os jovens skatistas, acostumados às vivências de ludicidade e prazer na prática do skate, fazem dos seus corpos na escola, contexto que supostamente é marcado pela ausência de liberdade, as constantes punições/repreensões verbais e escritas, as ameaças de notas baixas, suspensões e transferências, a classificação pelas notas e a padronização dos comportamentos dos jovens estudantes, tanto os skatistas quanto aqueles participantes de outros grupos juvenis, que se voltam e incidem sobre os seus corpos. Isto desconsidera a dimensão da *hexis* e das técnicas corporais – (BOURDIEU, 2006, 2014) –, típicas de cada sujeito e que tornam o corpo uma estrutura não apenas biológica, mas principalmente sociocultural.

Este modelo educacional longe de promover a emancipação, a criticidade e a autonomia são a antítese destes processos, ou seja, via inculcação e memorização dos conteúdos ministrados procura-se formar e moldar o caráter dos jovens skatistas preparando-os não para o presente e sim para um futuro por vir, que pode não se consolidar como realidade haja vista as incertezas do amanhã.

Recorrendo ao campo e a empiria notou-se que pelas falas dos jovens skatistas ainda que a escola seja hostil às suas particularidades corporais e as visões que apresentam da vida, da sociedade e do mundo eles reconhecem que esta instituição é

importante no que tange à sua formação acadêmica e propedêutica, que os prepara para um futuro melhor e de possível ascensão social.

Contudo, é na desconsideração do agora, do presente que simbolicamente a escola realiza atos de violência – (BOURDIEU, 1989) – capazes de gerar meios de incorporação dos valores que se pretende que a juventude skatista apreenda. Aqui se constitui uma espécie de *habitus* que ronda o cotidiano escolar e que rumo à padronização e nivelamento dos estudantes, desconsiderando suas origens de classe e o capital cultural herdado a escola acaba por privilegiar os dominantes e sua cultura em detrimento dos dominados (BOURDIEU, 1998). Aqui educar é reproduzir o *status quo* e acirrar os confrontos de classe.

Os jovens skatistas também relataram que na escola não há espaço para a introdução do skate ainda que este esteja na condição de meio de transporte para se deslocar de suas casas até o ambiente educativo, fato que gera confrontos, tensões e desentendimentos entre os estudantes skatistas, os professores, os coordenadores e os diretores. O que constitui um relacionamento que pelo tom ao qual a escola aborda os skatistas ao invés de se dar na horizontalidade das relações, implementa-se através de dimensão vertical onde a escola educa e os alunos apenas obedecem e “aprendem”.

Acerca das questões do corpo os jovens skatistas – participantes da pesquisa – alegaram majoritariamente não se sentirem completamente livres nas escolas, que as escolas os veem e a seus corpos como seres estranhos, diferentes do habitual ou por outro lado como sujeitos iguais aos outros que nela estudam – o que nivela e padronizam os jovens – e que dentre os espaços em que lhes são disponibilizados para vivenciarem seus corpos estão o pátio, a aula da disciplina curricular de Educação Física, a quadra poliesportiva, a biblioteca, a sala de vídeo, o momento do intervalo e recreio, dentre outros.

A partir do que foi dito, observa-se que por mais que a escola a qual os jovens skatistas tenham em mente, que considere as suas singularidades materializadas em seus corpos que se formam também pela prática do skate, ainda não ser uma realidade concretamente existente, por outro se observou que na mesma medida em que os skatistas ressignificam o espaço urbano, os bens de consumo oferecidos pelo capitalismo e os seus corpos em meio a toda esta contradição, o mesmo ocorre com relação à escola e no reconhecimento de haver lugares de fuga para a vivência dos seus corpos sob certo grau de liberdade.

Para estes jovens não apenas estar nestes lugares que consideram propícios à vivência dos seus corpos na escola, há ainda outras formas de resistências, vinculadas às atitudes de não cumprimento das regras impostas e que não tiveram a sua participação no processo de formação e elaboração das mesmas. Aqui, desobedecer é resistir e dar outro sentido a escola que se forja mediante aos embates geracionais e junto à equipe gestora (ROCHA, DIAS, 2011).

Por isto, nem toda forma de descumprimento das regras é uma atitude sem causa ou sem perspectiva, ao contrário pode se configurar em tentativas dos jovens no geral e especificamente os skatistas de atribuir novo sentido ao processo de educação e ensino aprendizado que precisa dialogar com suas especificidades culturais, valores de mundo e expectativas de sociedade e educação já no presente e não unicamente no futuro.

Diante deste quadro de oposição, paradoxo, contradição, negatividade e recusa – (MARCUSE, 1969) – entre os jovens skatistas, seus corpos e a escola visualizam-se frestas e brechas que supostamente possam ventilar – de maneira dialética – outras, novas e engajadas possibilidades de educação para a juventude skatista que tendam historicamente à autonomia (KANT, 2008). Por isto, é também no conflito, no “olho do furacão” que as certezas de outrora podem ruir tal como edifício implodido e diante das incertezas que surgem, aparecem também formas de emancipação (SANTOS apud ROCHA, DIAS, 2011).

Desta forma acredita-se, após todos os debates realizados que os jovens skatistas são capazes de dar novos sentidos ao espaço urbano e aos seus corpos nos diferentes lugares que o constituem e que eles frequentam ressignificando-os de forma mútua. Que estes jovens não são mera massa de manobra do capitalismo e dos bens de consumo, porque através dos seus corpos tencionam o mercado e seus produtos pela personalização destes atrelados aos seus corpos.

No que se refere à escola, ainda que esta instituição opera-se na direção de moldar o caráter e o corpo dos estudantes, tendo clareza ou não deste processo, preparando-os para o futuro, os jovens skatistas, pelas suas falas – na ida à campo e inquiridos pela entrevista semiestruturada – são capazes de dar outro sentido às normas escolares, fato que ressignificam os espaços, as regras e a apropriação dos seus corpos que “sob o calor” do conflito expressam-se por paradigmas que dialogam com os elementos simbólicos e culturais que também os formam, porém fora da escola, nos momentos de lazer praticando-se o skate.

Não se quer com isto desmerecer e/ou desconsiderar o relevante papel que a dedicação, o esforço e a autodisciplina representam no processo individual e coletivo de estudo, e muito menos exigir da escola que ela se assemelhe em todos os aspectos aos processos simbólicos, culturais, éticos e estéticos que os jovens skatistas vivenciam e experimentam no espaço urbano, nas ruas, nas pistas ou ainda, cobrar e exigir da escola o que ela ainda não está preparada para ser; mas quer se dizer, por via das tensões filosóficas no campo dialético, que é importante que a escola também se abra para as possibilidades de ensino e aprendizagem que a liberdade corporal, por meio de atividades lúdicas e criativas – tal qual em certa medida já se contempla nas aulas de Educação Física – permite.

Acredita-se que em meio a estas tensões e paradoxos que surgem os processos de recusa ao que é imposto e abrem-se possibilidades, para se refletir acerca dos atuais rumos da educação e do papel da escola no ensino da juventude skatista e dos jovens pertencentes a outros grupos juvenis. Por meio desta ressignificação, que se permitiu concluir que não só o espaço urbano, o consumo e a escola interferem na vida dos jovens skatistas, porém estes através do skate e das socializações e sociabilidades que vão formando-os no cotidiano, também são capazes de interferir, transformar e dar outros sentidos a estes espaços e bem como à apropriação dos seus corpos.

Ao final, sabe-se que assim como o futuro permanece em aberto o mesmo se dá com o presente trabalho, passível de crítica e autocrítica, de argumentação e contra argumentação, que reconhece seus limites e potencialidades espaço-temporais, sendo indicado para todos aqueles que na utopia do por vir se lançam ao incerto, contudo não deixam de acreditar nos jovens, nos jovens skatistas, na educação crítica e emancipadora que se passa pelo corpo, posicionando-se favoráveis à democracia e contrários a todo e qualquer tipo de barbárie – (ADORNO, 1995a) – ainda que nos espaços pedagógicos da escola.

Referências

ADORNO, T. W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In.: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Os pensadores: Textos escolhidos**. 3ª ed. Editora Nova Cultura Ltda: São Paulo, 1989. p. 80-105.

_____. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995a.

_____. **Palavras e Sinais: Modelos Críticos 2**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b.

_____. Tempo livre. In.: Adorno, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. p. 62-70. Versão Digitalizada. Disponível em: <<http://sociadadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2013/12/adorno-arendt-benjamin-e-habermas-37.html>>. Acesso em 17 Ago 2016.

_____.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

BANDEIRA, L. B. **Corpo, mercado e educação na perspectiva da teoria crítica**. 2008. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2078>>. Acesso em: 07 Nov 2016.

BAPTISTA, T. J. R. **Procurando o Lado Escuro da Lua: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia**. 2001. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2001. Disponível em: <http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=2&id=973&listaDetalhes%5B%5D=973&processar=Processar>. Acesso em: 12 Jul 2015.

_____. **Educação do corpo: Produção e Reprodução**. 2007. 150 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2007. Disponível em: <<https://portais.ufg.br/up/6/o/Tese%20Tadeu%20Joao.pdf>>. Acesso em: 12 Jul 2015.

_____. **A educação do corpo na sociedade do capital**. 1ª ed. Curitiba: Appres, 2013.

BASSANI, J. J.; VAZ, A. F. **Comentários sobre a educação do corpo nos “textos pedagógicos” de Theodor W. Adorno**. Perspectiva. Florianópolis, v. 21, n. 01, p. 13-37, Jan./Jun. 2003. p. 13-37. Disponível em: <<file:///C:/Users/Hp/Desktop/Downloads/10196-30473-1-PB.pdf>>. Acesso em: 07 Fev 2017.

BATISTA, A. P. **Conhecimentos sobre o corpo: uma possibilidade de intervenção pedagógica nas aulas de Educação Física no Ensino Médio**. 2013. 269f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2013. Disponível em:

<http://www.ppped.ufrn.br/arquivos/teses_dissertacoes/dissertacoes%20-%202013/ALISON%20PEREIRA%20BATISTA.pdf>. Acesso em: 05 Abr 2016.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In.: _____. **Textos de Walter Benjamin**. 1ª ed. Abril S. A. Cultural e Industrial: São Paulo, 1975. p.12-34. Versão Digital. Disponível em: <https://cei1011.files.wordpress.com/2010/08/benjamin_a-obra-de-arte-na-epoca.pdf>. Acesso em: 28 Jul 2017.

_____. O posicionamento religioso da nova juventude. In.: BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009a. p. 27-30.

_____. A vida dos estudantes. In.: BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009b. p. 31-47.

BEREOFF, P.S. Educação Física escolar e a semiformação do trabalho corporal. In.: LASTÓRIA, L. A. C. N.; COSTA, da B. C. G.; PUCCI, B. **Teoria crítica, ética e educação**. Piracicaba/Campinas-SP: Editora UNIMEP/Editora Autores Associados, 2001. p. 227-237.

BIREME. **Biblioteca virtual em saúde**: Tutorial de Pesquisa Bibliográfica. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. (Brasil). Versão reduzida. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/apostila_biblioteca_virtual_saude_reduzida.pdf>. Acesso em: 05 Abr 2016.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2002. Versão digital. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/bloch-m-apologia-da-histc3b3ria.pdf>>. Acesso em: 21 Fev 2017.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A. 1989. Versão Digitalizada. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0BxgqoVhThgkqMnh5UUtoOHZrTFE/edit>>. Acesso em 20 Out 2016.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA; M. A.; CATANI, A. **Escritos de Educação**. São Paulo: Ed. Vozes, 1998. p. 39-64.

_____. A “juventude” é só uma palavra. In.: **Questões de Sociologia**. Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, LDA, Lisboa, 2003a. p. 151-162.

_____. Como se pode ser desportista? In.: **Questões de Sociologia**. Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, LDA, Lisboa, 2003b. p. 181-203.

_____. O Camponês e seu corpo. In.: **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, nº 26, Jun. 2006. p. 83-92. <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a07n26.pdf>>. Acesso em: 03 Ago 2017.

_____. **A dominação masculina**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. In.: **Pro-Posições**. Campinas, nº.1, vol. 25, Jan/Abr. 2014. p. 247-256. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v25n1/v25n1a14.pdf>>. Acesso em: 03 Ago 2017.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99. p. 69-88. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf>>. Acesso em: 06 Mai 2016.

_____. **Sociologia crítica do esporte: Uma introdução**. 3ª ed. Ijuí, RG: Ed. Unijuí, 2005.

BRANDÃO, L. **Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972 – 1989)**. 2006. 138f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2006. Disponível em: <<http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/MESTRADO-DOCTORADO-HISTORIA/Leonardo%20Brand%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 27 Dez 2016.

_____. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. In.: **Record**: Revista de História de Esporte volume 1, número 2, dezembro de 2008. p. 1-24. Disponível em: <http://www.sport.ifcs.ufrrj.br/record/pdf/recordV1N2_2008_15.pdf>. Acesso em: 25 Out 2016.

_____. **Por uma história dos “esportes californianos” no Brasil: o caso da juventude skatista (1970-1990)**. 2012. 300f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/12732>>. Acesso em: 28 Dez 2016.

BRASIL. **Estatuto da juventude: Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, e legislação correlata**. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 37 p. – (Série legislação; n. 109) Atualizada em 27/8/2013 ISBN 978-85-402-0108-8 1. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=53c1AgAAQBAJ&pg=PA5&lpg=PA5&dq=BRASIL.+Estatuto+da+juventude:+Lei+n%C2%BA+12.852,+de+5+de+agosto+de+2013,+e+legisla%C3%A7%C3%A3o+correlata.+%E2%80%93+Bras%C3%ADlia:+C%C3%A2mara+dos+Deputados,+Edi%C3%A7%C3%B5es+C%C3%A2mara,+2013.+37+p.+%E2%80%93+\(S%C3%A9rie+legisla%C3%A7%C3%A3o;+n.+109\)+Atualizada+em+27/8/2013+ISBN+978-85-402-0108-8+1.&source=bl&ots=glrhMyeTil&sig=HZYH2vnzxK6zTYXWfyQB7IcbjDY&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjm-fjPjfvPAhXKFT4KHVM2C7AQ6AEIjAB#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=53c1AgAAQBAJ&pg=PA5&lpg=PA5&dq=BRASIL.+Estatuto+da+juventude:+Lei+n%C2%BA+12.852,+de+5+de+agosto+de+2013,+e+legisla%C3%A7%C3%A3o+correlata.+%E2%80%93+Bras%C3%ADlia:+C%C3%A2mara+dos+Deputados,+Edi%C3%A7%C3%B5es+C%C3%A2mara,+2013.+37+p.+%E2%80%93+(S%C3%A9rie+legisla%C3%A7%C3%A3o;+n.+109)+Atualizada+em+27/8/2013+ISBN+978-85-402-0108-8+1.&source=bl&ots=glrhMyeTil&sig=HZYH2vnzxK6zTYXWfyQB7IcbjDY&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjm-fjPjfvPAhXKFT4KHVM2C7AQ6AEIjAB#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 27 Out 2016.

BRASIL 247. **Motorista atropela pelo menos 5 skatistas durante evento em SP.** Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/sp247/303082/Motorista-atropela-pelo-menos-5-skatistas-durante-evento-em-SP.htm>>. Acesso em: 31 Jul 2017.

BRITO, F. ; OLIVEIRA, P. R. de. Territórios transversais. In.: MARICATO, E. et. al. . **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 115-123. Versão digital. Disponível em: <<https://ujceara.files.wordpress.com/2014/01/cidadesrebeldes-passelivreemasmanifestac3a7c3b5esquetomaramasruasdobrasil.pdf>>. Acesso em: 30 Mar 2017. p. 115-123.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia:** (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. 26ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S/A, 2002. Versão digital. Disponível em: <<http://filosofianreapucarana.pbworks.com/f/O+LIVRO+DE+OURO+DA+MITOLOGIA.pdf>>. Acesso em: 26 Fev 2016.

BUNGENSTAB, G. C. **Sobre juventude e Educação Física.** São Paulo: Giostri, 2017.

BURAWOY, M. **O marxismo encontra Bourdieu.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. Versão Digital. Disponível em: <<http://burawoy.berkeley.edu/Books/Bourdieu.Brazil/0.Contents%20and%20Preface.pdf>>. Acesso em: 30 Set 2016.

CAMBRIDGE DICTIONARY. **Cambridge University Press,** 2017. Versão digital disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/pt/translate/>>. Acesso em: 04 Mar 2017.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano:** Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007. Versão digital. Disponível em: <http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espaco_urbano.pdf>. Acesso em 15 Mai 2017.

CASSAB, M. A. T. Processos de subjetivação da juventude na contemporaneidade: Ação política em tempos de não política. In.: GUIMARÃES, M. T. C.; SOUSA, S. M. G (Orgs). **Juventude e contemporaneidade:** Desafios e perspectivas. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Goiânia: Editora UFG; Cãnone Editorial, 2009. p. 197-211.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil:** A história que não se conta. 15ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

_____. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

CAVALCANTE, C. V. **Jovens e estratégias educativas de apropriação dos espaços urbano e virtual.** 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1260>>. Acesso em: 07 Fev 2017.

CHARLIE BROWN JR. Skate vibration. In.: _____. **Imunidade musical**. EMI, 2005. Letra disponível em: <<https://www.letras.mus.br/charlie-brown-jr/300374/>>. Acesso em: 01 Ago 2017.

CODO, W.; SENNE, W. A. **O que é corpo(latria)**. 4ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CORBIN, A.; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. Prefácio à história do corpo. In.: CORBIN, A.; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. **História do corpo: Da renascença às luzes**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-13.

CORDEIRO, D. S.; CORDEIRO, M. P. Estudando gerações na sociedade contemporânea. In.: CORDEIRO, D. S. (Org.). **Temas contemporâneos em Sociologia**. Fortaleza: Gráfica e Editora Iris, 2013. p. 187-200.

DAOLIO, J. **Educação Física Brasileira: autores e atores da década de 80**. 1997. 97 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1997. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000115147>>. Acesso em: 05 Abr 2016.

DAYRELL, J. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In.: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 13 Out 2017.

_____; CARRANO, P. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In.: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Orgs). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-133.

DINIZ, F. R. A.; OLIVEIRA, A. A. de. Foucault: Do poder disciplinar ao biopoder. In.: **SCIENTIA**, vol. 2, nº 3, p. 01 - 217, nov. 2013/jun.2014. p.143-158. Disponível em: <http://www.faculdade.flucianofeijao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/VOL2_N3/FRANCISCOROMULOALVESDINIZ.pdf>. Acesso em: 15 de Out 2017.

DISTÂNCIA ENTRE CIDADES. **Qual a distância entre Caldas Novas-Goiás, Brazil e Goiânia-Goiás, Brazil?** Disponível em: <<https://www.distanciaentreasidades.com.br/distancia-de-caldas-novas-goias-brazil-ate-goiania-goias-go>>. Acesso em: 26 Jul 2017.

DUARTE, A. J. **Jovens urbanos na periferia de Goiânia: espaços formativos e mediações escolares**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Goiânia, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1129>>. Acesso em: 07 Fev 2017.

ESTEVES, R. **Imagem do corpo e bulimia: a imagem da jovem bulímica e a de sua mãe**. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RG, 2010. Disponível em:

<<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4285/RositaEstevesPsico.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 Jul 2015.

EUFRÁSIO, J. J. G. **Apolo, Narciso e Dionísio**: o corpo masculino na revista MEN'S HEALTH. 2013. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14613>>. Acesso em: 05 Abr 2016.

FALCONI, A. V.; FERREIRA, D. L.; MIRANDA, R., D. Lazer e sociabilidade juvenil na cidade de Sobral-CE. In.: **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, Sobral, v. 8/9, n.1, 2006/2007. p. 111-122. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/view/94>>. Acesso em: 25 Out 2016.

FERREIRA, A. C. P. **O projeto curricular da Faculdade de Educação Física da UFG e suas perspectivas emancipatórias**: Uma crítica imanente. 2007. 199f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba-SP, 2007. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/JAGYLMJNPQLS.pdf>>. Acesso em: 08 Fev 2017.

FERREIRA, V. A. **A formação de conceitos matemáticos nos anos iniciais**: como professores pensam e atuam com conceitos. 2013. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO, 2013. Disponível em: <http://tede.biblioteca.pucgoias.edu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=1&id=1484>. Acesso em: 12 Jul 2015.

FIGUEIRA, M. L. M. **Skate para meninas**: modos de se fazer ver em um esporte em construção. 2008. 245f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Porto Alegre, RS, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13203>>. Acesso em: 27 Dez 2016.

FLOR, G. **O corpo como objeto de consumo na revista Boa Forma**. 2012. 121 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP, 2012. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=1&id=1105>. Acesso em: 15 Jul 2015.

FOCHI, M. A. B. **Cultura Hip Hop e marcas alternativas**: a presença da ideologia e das estratégias mercadológicas. 2006. 179f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://repositorio.chporto.pt/bitstream/10400.16/1271/1/TribosUrbanas_18-3.pdf>. Acesso em: 24 Out 2016.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão.** 41ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FREITAG, B. **A teoria crítica ontem e hoje.** 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). In.: FREUD, S. **Obras completas volume 12.** Companhia das Letras: São Paulo, 2010a. Versão digitalizada. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwiZ3-aV_6POAhWLq4KHdxHBwgQFggcMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.cefas.com.br%2Fdownload%2F1175%2F&usg=AFQjCNGXD2OLMwV6XoHg-GGX9LWYDODmjA>. Acesso em: 06 Abr 2016.

_____. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). In.: FREUD, S. **Obras completas volume 18.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Versão digitalizada. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/freud-obras-completas-vol-18-1930-1936.pdf>>. Acesso em: 06 Abr 2016.

GADOTTI, M. **Concepção dialética na educação: Um estudo introdutório.** 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002. Versão digitalizada. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 03 Nov 2016.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008. Versão digitalizada. Disponível em: <http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_metodos_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 19 Jul 2016.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. In: **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n.3, Mai./Jun. 1995, p. 20-29. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75901995000300004.pdf>. Acesso em: 27 Out 2016.

GUIA CALDAS NOVAS. **Localização.** Disponível em: <<http://www.guiacaldasnovas.com.br/link.php?c=12>>. Acesso em: 26 Jul 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as Origens da mudança cultural.** 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. A liberdade da cidade. In.: MARICATO, E. et. al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo:

Carta Maior, 2013. p. 47-61. Versão digital. Disponível em: <<https://ujceara.files.wordpress.com/2014/01/cidadesrebeldes-passelivreeasmanifestac3a7c3b5esquetomaramasruasdobrasil.pdf>>. Acesso em: 30 Mar 2017. p. 47- 61.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**: Parte I. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. Versão digitalizada. Disponível em: <[https://docviewer.yandex.com/?url=ya-disk-public%3A%2F%2FpM46%2B21q1id0wL1TAI%2ByZ2oMBhh7o47KD3Tb3erdL%2F8%3D&name=Fenomenologia%20do%20Esp%C3%ADrito%20\(Parte%20I\)%20\(dig.\)pdf&c=589b49f5151b](https://docviewer.yandex.com/?url=ya-disk-public%3A%2F%2FpM46%2B21q1id0wL1TAI%2ByZ2oMBhh7o47KD3Tb3erdL%2F8%3D&name=Fenomenologia%20do%20Esp%C3%ADrito%20(Parte%20I)%20(dig.)pdf&c=589b49f5151b)>. Acesso em: 08 Fev 2017.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Centauro Editora, 2013.

IASI, M. L. A rebelião, a cidade e a consciência. In.: MARICATO, E. et. al. . **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 73-84. Versão digital. Disponível em: <<https://ujceara.files.wordpress.com/2014/01/cidadesrebeldes-passelivreeasmanifestac3a7c3b5esquetomaramasruasdobrasil.pdf>>. Acesso em: 30 Mar 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades@**: Goiás – Caldas Novas. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520450&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 26 Jul 2017.

JESUS, S. M. de. **Guia para acesso às bases de dados bibliográficos**: Scielo. STRAUD, Divisão Técnica de Biblioteca e Documentação, Campus de Botucatu Rubião Júnior – UNESP. Parte VI. S.d. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.biblioteca.btu.unesp.br/Home/Manuais/Scielo.pdf>>. Acesso em: 05 Abr 2016.

KANT, I. Resposta à Pergunta: “Que é Esclarecimento?”. In. KANT, I. **Textos Seletos**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 63-71.

KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1994.

LACERDA, J. L. **Corpo, contemporaneidade, juventudes e escola**. 2013. 625 f. Tese (Doutorado em Educação Para a Ciência) – Faculdade de Ciências de Bauru, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru-SP, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/102052>>. Acesso em 05 Jun 2016.

LIMA, T. C. S. de, MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In: **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. esp., 2007. p. 37-45. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>>. Acesso em: 05 Jul 2016.

LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe: Estudos Sobre a Dialética Marxista.** São Paulo: Martins Fontes, 2003. Versão digital. Disponível em: <<https://antropologiadeoutraforma.files.wordpress.com/2013/04/lukc3a1cs-georg-hisc3b3ria-e-conscic3aancia-de-classe-estudos-sobre-a-dialc3a9tica-marxista.pdf>>. Acesso em: 25 Out 2016.

MAGALHÃES, F. O discurso filosófico da pós-modernidade. A filosofia do espetáculo contra o marxismo. In.: **Ciências Sociais Unisinos**, vol. 41, núm. 3, setembro-dezembro, 2005. Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo-RG, Brasil. ISSN: 1519-7050. p. 190-194 Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/938/93841307.pdf>>. Acesso em: 09 Mar 2017.

MARCUSE, H. **Ideologia da sociedade industrial.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

_____. **Contra-revolução e Revolta.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981a.

_____. **Ideias sobre uma Teoria Crítica da Sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981b.

MARICATO, E. É a questão urbana, estúpido! In.: MARICATO, E. et. al. . **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 32-46. Versão digital. Disponível em: <<https://ujceara.files.wordpress.com/2014/01/cidadesrebeldes-passelivreemasmanifestac3a7c3b5esquetomaramasruasdobrasil.pdf>>. Acesso em: 30 Mar 2017.

MARQUES, G. R. D. **A educação do corpo e o protagonismo discente no Colégio Pedro II: mediações entre o ideário republicano e a memória histórica da instituição (1889 - 1937).** 2011. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2011. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes/dissertacao_Gabriel_Rodrigues_Daumas_Marques.pdf>. Acesso em: 12 Jul 2015.

MARTINS, C. J.; ALTMANN, H. Construções históricas de ideais de corpos masculinos e femininos. In.: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A (Orgs). **A saúde em debate na Educação Física.** Volume 3. Ilhéus: Editus – Editora da UESC, 2007. p. 23-37. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/biblioteca/livro_debate.pdf> . Acesso em: 18 Fev 2017.

MARTINS, C. **Educação do corpo na escola: o que se espera da Educação Física no Ensino Médio?** 2014. 69f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129517>>. Acesso em: 05 Abr 2016.

MARTINS, L. M. As aparências enganam: divergências entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas em pesquisa. In: **29º Reunião Anual da ANPED**, 2006. Educação, Cultura e Conhecimento: desafios e compromissos, 2006. p.1-17. v. 1. Disponível em: <http://www.histedbr.unir.br/downloads/3786_as+aparencias+enganam+_+divergencias+entre+o+mhd+e+as+abordagens+qualitativas.pdf>. Acesso em: 31 de Maio de 2016.

MARX, K. **A miséria da filosofia**. São Paulo: Global, 1985. Versão digitalizada. Disponível em: <http://ciml.250x.com/archive/marx_engels/portuguese/marx_miseria-da-filosofia.pdf>. Acesso em: 01 Abr 2017.

_____. **O Capital**, Livro I, volume I. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Versão Digitalizada. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-1.pdf>. Acesso em: 07 Mar 2017.

_____. **O 18 Brumário de Luiz Bonaparte**. Copyleft: Ridendo Castigat Mores, 2000. Versão Digital para eBook: eBooksBrasil.com. Disponível em: <<https://neppec.fe.ufg.br/up/4/o/brumario.pdf>>. Acesso em: 26 Jul 2017.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

_____. Prefácio. In.: MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 45-50. Versão digitalizada. Disponível em: <<http://petdireito.ufsc.br/wp-content/uploads/2013/06/MARX-Karl.-Contribui%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-cr%C3%ADtica-da-economia-pol%C3%ADtica.pdf>>. Acesso em: 01 Abr 2017.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Versão digitalizada. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/aideologiaalema_karlmарx_e_engels.pdf>. Acesso em: 13 Mai 2015.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. 5ª reimpressão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. Versão Digitalizada. Disponível em: <<http://www.ifibe.edu.br/arq/201507151648311870285950.pdf>>. Acesso em: 02 Mar 2017.

MATOS, O. C. F. **A Escola de Frankfurt: Luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.

MENEZES, N. M. S. **Body modification**: Uma reflexão sobre a educação do corpo da juventude contemporânea. 2008. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba-SP, 2008. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/aluno/visualiza.php?cod=452>>. Acesso em: 07 Nov 2016.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Versão digitalizada. Disponível em: <https://monoskop.org/images/0/07/Merleau_Ponty_Maurice_Fenomenologia_da_percepcao_1999.pdf>. Acesso em: 13 Mai 2015.

MICHAUD, Y. Visualizações: o corpo e as artes visuais. In.: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História do corpo: As mutações do olhar: o século XX**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 541-565.

MIRA, M.C. Sociabilidade juvenil e práticas culturais tradicionais na cidade de São Paulo. In.: **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 2, maio/ago. 2009. p. 563-597. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v24n2/09.pdf>>. Acesso em: 24 Out 2016.

MONTENEGRO, T. Jovens mulheres estudantes e a cultura corporal: Mecanismos de distinção de corpo nas academias de ginástica. In.: GUIMARÃES, M. T. C (Org). **Estudos sobre jovens e processos educativos na contemporaneidade**. Goiânia: Editora da UCG, 2008. p. 129-157.

NETA, M. A.; ROURE, G. Q. de. A juventude é apenas uma palavra? In.: ZANATTA, B. A.; ARAÚJO, D. S.; BALDINO, J. M. (Orgs). **Temas de educação: Olhares que se entrecruzam**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012. p. 151-165.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. A herança familiar desigual e suas implicações escolares. In.: _____. **Bourdieu e a Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a. p. 51-70.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. A escola e o processo de reprodução das desigualdades sociais. In.: _____. **Bourdieu e a Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b. p. 71-86

OLIC, M. B. **Entre o liso e o estriado: skatistas na metrópole**. 2010. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4188>>. Acesso em: 27 Dez 2016.

OLIVEIRA, C.; GUEDHIN, E. **As contribuições de Hebert Marcuse a uma sociologia do conhecimento e suas implicações para a educação científica**. VII ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências. ISSN: 21766940, Florianópolis, 8 de Novembro de 2009. p. 1-12. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/840.pdf>>. Acesso em: 27 Jul 2017.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. In.: **Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), p. 139-165. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 20 Set 2016.

PINHEIRO, A. dos S.; FEITOSA, A. L. Juventude, violência e políticas de segurança – Questões teóricas e metodológicas. In.: CORDEIRO, D. S. (Org.). **Temas contemporâneos em Sociologia**. Fortaleza: Gráfica e Editora Iris, 2013. p. 169-186.

PREFEITURA DE CALDAS NOVAS. **Atrativos Turísticos**. Disponível em: <<https://www.caldasnovas.go.gov.br/caldas-novas/#pontos-turisticos>>. Acesso em: 26 Jul 2017.

QUEIROZ, T. C. da N. Fragmentação urbana e sociabilidade juvenil em João Pessoa: o skate e o hip-hop. In.: **Estudos de Sociologia**. Rev. do Prog. de Pós-graduação em Sociologia da UFPE. v. 7. n. 1.2. 2001. p. 127-148. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/284/241>>. Acesso em: 25 Out 2016.

RAMPAZZO, M. **Skate, uma prática no lazer da juventude: um estudo etnográfico**. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Porto Alegre, RS, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/63159>>. Acesso em: 27 Dez 2016.

RESENDE, A. C. A. **Para a Crítica da Subjetividade Reificada**. Goiânia: Editora UFG, 2009.

ROCHA, M., DIAS, R. **O corpo negado: Desafios para a Educação Física**. Jundiaí-SP: Pacto Editorial, 2011.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. A. **Epistemologia da Pesquisa em Educação: Estruturas lógicas e tendências epistemológicas**. 1987. 229f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1987. Disponível em: <<http://www.reposip.unicamp.br/xmlui/handle/REPOSIP/251514>>. Acesso em: 26 Jul 2017.

_____. **A Epistemologia da pesquisa em educação**. Campinas-SP: Práxis, 1996.

SANTOS, A. R. dos. **Pela presença do corpo na escola: Uma experiência de trabalho interdisciplinar entre Arte e Educação Física**. 2015. 153f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-03022016-150304/pt-br.php>>. Acesso em: 05 Abr 2016.

SANTOS FILHO, J. dos. Necessidade da ideologia ao desinteresse ideológico pela história: marxistas e marxianos. In.: **Revista Espaço Acadêmico** – Ano 1 – nº 1 – Junho de 2001 – Mensal – ISSN 1519.6186. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/001/01marx.htm>>. Acesso em: 31 Out 2016.

SANTOS, J. D. de S. **A produção do conhecimento em Educação Física: Análise Epistemológica das Dissertações e Teses dos Programas de Pós-Graduação nas Universidades Públicas da Região Sul do Brasil (2000-2010)**. 2012. 175f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000907105>>. Acesso em: 05 Abr 2016.

SAYÃO, M. N. **As Diretrizes Curriculares e a formação em Educação Física no contexto das transformações contemporâneas do corpo**. 2014. 291f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2014. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7952>. Acesso em: 05 Abr 2016.

SILVA, F. A. G. da. **Corpo, Educação Física e Ensino Médio na contemporaneidade**. 2012. 51f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2012.

SILVA, L. L. G. **Corporeidade e Educação Integral: o que dizem os sujeitos na experiência de Escola de Tempo Integral de Governador Valadares-MG**. 2014. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG, 2014. Disponível em: <<http://bdttd.uftm.edu.br/handle/tede/177>>. Acesso em: 05 Abr 2016.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SINGULANI, A. M. **As juventudes e suas corporeidades no cotidiano de uma escola pública de Seropédica**. 2011. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação/Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ. 2011. Disponível em: <http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/ppgeduc/files/2014/06/Dissertacao_AmandaSingulani.pdf>. Acesso em: 12 Jul 2015.

SOARES, C. L. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

_____. **Imagens da educação no corpo: Estudo a partir da ginástica francesa no Século XIX**. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOUTO MAIOR, J. L. A vez do direito social e da descriminalização dos movimentos sociais. In.: MARICATO, E. et. al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 147-158. Versão digital. Disponível em: <<https://ujceara.files.wordpress.com/2014/01/cidadesrebeldes-passelivreemasmanifestac3a7c3b5esquetomaramasruasdobrasil.pdf>>. Acesso em: 30 Mar 2017.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. In.: **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 5(1-2), 1993 (editado em nov. 1994). p. 161-178 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v5n1-2/0103-2070-ts-05-02-0161.pdf>>. Acesso em: 24 Out 2016.

TAKAKI, N. **Corpo, cultura e juventude Nikkei: processos de construção identitária**. 2012. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná,

Setor de Educação, Curitiba, PR, 2012. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/dissertacoes%20m2012/m2012_Natalia%20Takaki.pdf>. Acesso em: 27 Dez 2016.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. Versão digitalizada. Disponível em: <<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2015/11/a-midia-e-a-modernidade-john-thompson.pdf>>. Acesso em: 07 Mar 2017.

VAINER, C. Quando a cidade vai às ruas. In.: MARICATO, E. et. al. . **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 62-72. Versão digital. Disponível em: <<https://ujceara.files.wordpress.com/2014/01/cidadesrebeldes-passelivreemasmanifestac3a7c3b5esquetomaramasruasdobrasil.pdf>>. Acesso em: 30 Mar 2017.

VAZ, A. F. In.: Corpo, espetáculo, fetichismo: questões para a compreensão do movimento da indústria cultural hoje. DURÃO, F. A.; ZUIM, A.; VAZ, A. F. (Orgs). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 199-211.

VIANA NETO, A. A. **As abordagens pedagógicas da Educação Física que fundamentam as formas de uso das TIC pelos professores de Educação Física dos cursos Técnicos Integrados ao ensino médio do IFG**. 2014. 168f. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/713>>. Acesso em: 05 Ago 2017.

VIGARELLO, G.; HOLT, R. O corpo trabalhado – Ginastas e esportistas no século XIX. In.: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História do corpo**: da revolução à grande guerra. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 393-478.

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. In: **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, jan./abr. 2014. p. 165-189. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=12623&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 03 Nov 2016.

WARNIER, J. P. **A Mundialização da Cultura**. 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ZOBOLI, F.; LAMAR, A. R. O lugar do corpo na escola: uma leitura a partir de Bourdieu e Foucault. In.: **Revista Fronteira das Educação** [online], Recife, v. 1, n. 1, ISSN: 2237-9703. 2012. p. 1-20. Disponível em: <<http://www.frenteirasdaeducacao.org/index.php/fronteiras/article/view/5>>. Acesso em: 27 Dez 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE
Jovem com 18 anos ou maior de 18 anos de idade**

Você está sendo convidado/a a participar, como voluntário/a, da pesquisa sob o título **O corpo sob a perspectiva de jovens skatistas**. Meu nome é **Marco Antônio Oliveira Lima**, sou o responsável pela pesquisa, mestrando em **Educação**. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa você poderá retirar seu consentimento e não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador **Marco Antônio Oliveira Lima** no telefone: (64) 9 8130-3813 ou através do e-mail <marcolivg@yahoo.com.br>. Caso haja dúvida sobre a ética aplicada à pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, Setor Universitário, Goiânia-Goiás, telefone: (62) 3946-1512, funcionamento: 8h as 12h e 13h as 17h de segunda a sexta-feira.

O esclarecimento às dúvidas poderá ser realizado antes, durante e após a pesquisa. Você foi escolhido/a para compor o grupo de participantes por se adequar aos quesitos previamente estabelecidos dentre os quais se cita o fato de ter idade compreendida entre 15 e 29 anos, que o/a situa na fase da vida da juventude e também por ser skatista. O objetivo da pesquisa é **Refletir a respeito de como os jovens skatistas dão sentido a apropriação de seus corpos na escola**. Você será convidado/a a responder a um questionário de caráter sócio econômico, que levará em torno de 20 minutos para ser preenchido. Destaca-se que a sua confidencialidade ao responder o questionário será garantida por meio de convite para que você, nos lugares públicos - praças, quadras e ginásios esportivos, e pista de skate -, se redirecione a espaços, no contexto destes lugares, em que não haja possíveis interrupções por parte de amigos/as, colegas, multidões, sons de veículos automotores, oriundos do trânsito, dentre outros, que possam distrair, dificultar ou interromper a sua concentração e raciocínio ao responder o questionário e a possível quebra de anonimização. Posteriormente, poderá ser convidado/a, através dos critérios de gênero, autonomia e domínio do conteúdo apresentado nas respostas, a participar de entrevista que pretende identificar questões relativas à prática do skate no espaço urbano, na pista e o sentido que você dá à apropriação social, cultural e educacional do seu corpo na escola. A entrevista terá o tempo médio de 15 a 20 minutos. Ressalta-se que para manter sua confidencialidade, na entrevista você também será convidado/a a se redirecionar para espaços, no contexto dos lugares públicos citados, que ao se mostrarem mais apropriados para o diálogo e a entrevista, permitam a condução da coleta de dados, sem interrupções de amigos,

colegas, multidões e sons variados, oriundos do trânsito, que possam dificultar o pleno andamento da mesma, a sua concentração e motivação, quebrando-se a anonimização. Cabe destacar que sua participação é voluntária, não envolvendo gasto financeiro de qualquer espécie. Você poderá retirar seu consentimento da pesquisa a qualquer momento, caso haja alguma questão que lhe traga algum constrangimento, sem que isto cause a você qualquer prejuízo.

Destaca-se que ao participar da pesquisa há o mínimo de risco possível uma vez que ela não tem o objetivo de constrangê-lo/a. O risco possível poderá ser em determinada medida, um pequeno desconforto ocasionado por responder perguntas relativas ao questionário e à entrevista cuja tarefa é obter informações vinculadas aos objetivos pretendidos pela pesquisa. Mas caso isso ocorra você terá assegurado o direito de assistência integral e gratuita. Se você se sentir lesado/a de alguma maneira com a participação na pesquisa, terá assegurado o direito a indenização por quaisquer prejuízos eventualmente causados pela pesquisa. As informações obtidas serão para atender aos objetivos da pesquisa e sua identidade será mantida em sigilo. Os dados coletados ficarão seguramente arquivados e, após cinco anos, serão descartados via incineração.

Dentre os benefícios destacam-se a sua participação em pesquisa de caráter acadêmico que contribuirá para a produção do conhecimento no tocante ao tema **A relação dos jovens skatistas com o corpo na escola**. A respeito dos resultados eles serão apresentados de forma parcial no decorrer da pesquisa, e a qualquer momento você poderá retirar seu consentimento. O resultado final a que a presente pesquisa alcançar será posteriormente apresentado junto à academia tendo em vista o avanço do conhecimento científico.

O pesquisador responsável por este estudo e sua equipe declaram: que cumprirão com todas as informações acima; que você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos oriundos, imediatos ou tardios devido a sua participação neste estudo; que toda informação será absolutamente confidencial e sigilosa; que sua desistência em participar deste estudo não lhe trará quaisquer penalizações; que será devidamente ressarcido/a em caso de custos para participar desta pesquisa; e que acatarão decisões judiciais que possam suceder.

Eu _____, abaixo assinado, discuti com o Mestrando **Marco Antônio Oliveira Lima** sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste serviço.

Caldas Novas, ____, de _____, de 201__.

Assinatura do participante

_____/_____/_____
Data

Assinatura do pesquisador

_____/_____/_____
Data

APÊNDICE B**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE
Pais**

Você está sendo convidado/a a autorizar seu/sua filho/a para participar, como voluntário/a, da pesquisa sob o título **O corpo sob a perspectiva de jovens skatistas**. Meu nome é **Marco Antônio Oliveira Lima**, sou o responsável pela pesquisa, mestrando em **Educação**. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar que seu/sua filho/a faça parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, nem você e nem o/a seu/sua filho/a serão penalizados/as de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador **Marco Antônio Oliveira Lima** no telefone: (64) 9 8130-3813 ou através do e-mail <marcolivg@yahoo.com.br>. Caso haja dúvida sobre a ética aplicada à pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, Setor Universitário, Goiânia-Goiás, telefone: (62) 3946-1512, funcionamento: 8h as 12h e 13h as 17h de segunda a sexta-feira.

O esclarecimento às dúvidas poderá ser realizado antes, durante e após a pesquisa. O/a seu/sua filho/a foi escolhido/a para compor o grupo de participantes por se adequar aos quesitos previamente estabelecidos dentre os quais se cita o fato de ter idade compreendida entre 15 e 29 anos, que o/a situa na fase da vida da juventude e também devido ao fato de ser skatista. O objetivo da pesquisa é **Refletir a respeito de como os jovens skatistas dão sentido a apropriação de seus corpos na escola**. O/a seu/sua filho/a será convidado/a a responder a um questionário de caráter sócio econômico, que levará em torno de 20 minutos para ser preenchido. Destaca-se que a confidencialidade do seu/ua filho/a ao responder o questionário será garantida por meio de convite para que ele/a, nos lugares públicos - praças, quadras e ginásios esportivos, e pista de skate -, se redirecione a espaços, no contexto destes lugares, em que não haja possíveis interrupções por parte de amigos/as, colegas, multidões, sons de veículos automotores, oriundos do trânsito, dentre outros, que possam distrair, dificultar ou interromper a concentração e raciocínio do/a mesmo/a ao responder o questionário e a possível quebra de anonimização. Posteriormente, ele/a poderá ser convidado/a, através dos critérios de gênero, autonomia e domínio do conteúdo apresentado nas respostas, a participar de entrevista que pretende identificar questões relativas à prática do skate no espaço urbano, na pista de skate e o sentido que ele/a dá a apropriação social, cultural e educacional do corpo dele/a na escola. A entrevista terá o tempo médio de 15 a 20 minutos. Ressalta-se que para manter a confidencialidade do/a seu/ua filho/a, na entrevista ele/a também será convidado/a a se redirecionar para espaços, no contexto dos lugares públicos já citados, que se mostrem mais apropriados, para o diálogo e a entrevista, permitindo a condução da coleta de dados, sem interrupções de amigos/as, colegas, multidões e sons variados, oriundos do trânsito, que possam dificultar o pleno

andamento da mesma, a concentração e motivação do/a seu/ua filho/a, quebrando-se a anonimização. Cabe destacar que a participação do/a seu/sua filho/a é voluntária, não envolvendo gasto financeiro de qualquer espécie. Você poderá retirar o consentimento de seu/sua filho/a em qualquer momento, caso haja alguma questão que traga a ele/a alguma forma de constrangimento, sem que isto cause a você ou a seu/sua filho/a qualquer prejuízo.

Destaca-se que ao participar da pesquisa há o mínimo de risco possível uma vez que ela não tem o objetivo de constranger o/a participante. O risco possível poderá ser em determinada medida, um pequeno desconforto ocasionado por responder perguntas relativas ao questionário e à entrevista cuja tarefa é obter informações vinculadas aos objetivos pretendidos pela pesquisa. Mas caso isso ocorra, seu/sua filho/a terá assegurado o direito de assistência integral e gratuita. Se você se sentir lesado/a de alguma maneira com a participação de seu/sua filho/a na pesquisa, terá assegurado o direito a indenização por quaisquer prejuízos eventualmente causados pela pesquisa. As informações obtidas serão para atender aos objetivos da pesquisa e sua identidade e também do/a seu/sua filho/a serão mantidas em sigilo. Os dados coletados ficarão seguramente arquivados e, após cinco anos, serão descartados via incineração.

Dentre os benefícios destacam-se a participação de seu/sua filho/a em pesquisa de caráter acadêmico que contribuirá para a produção do conhecimento no tocante ao tema **A relação dos jovens skatistas com o corpo na escola**. A respeito dos resultados eles serão apresentados de forma parcial no decorrer da pesquisa, e a qualquer momento você poderá retirar seu consentimento, no que tange à participação de seu/sua filho/a. O resultado final a que a presente pesquisa alcançar será posteriormente apresentado junto à academia tendo em vista o avanço do conhecimento científico.

O pesquisador responsável por este estudo e sua equipe declaram: que cumprirão com todas as informações acima; que o/a seu/sua filho/a terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos oriundos, imediatos ou tardios devido a participação dele/a neste estudo; que toda informação será absolutamente confidencial e sigilosa; que a retirada do seu consentimento em permitir que o/a seu/sua filho/a participe deste estudo não trará para você ou mesmo para o/a seu/sua filho/a quaisquer penalizações; que será devidamente ressarcido/a em caso de custos para participar desta pesquisa; e que acatarão decisões judiciais que possam suceder.

Eu _____, abaixo assinado, discuti com o Mestrando **Marco Antônio Oliveira Lima** sobre a minha decisão em consentir que meu/minha filho/a participe nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação de meu/minha filho/a é isenta de despesas e que ele/ela tem garantia de assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios quando necessário. Concordo voluntariamente em consentir que meu/minha filho/a participe deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que meu/minha filho/a possa ter adquirido, ou no atendimento dele/a neste serviço.

Caldas Novas, ____, de _____, de 201__.

Assinatura do pai, mãe ou responsável

____/____/_____
Data

Assinatura do pesquisador

____/____/_____
Data

APÊNDICE C**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO****Termo de Assentimento – TA
Jovem menor de 18 anos de idade**

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, da pesquisa sob o título **O corpo sob a perspectiva de jovens skatistas**. Meu nome é **Marco Antônio Oliveira Lima**, sou o responsável pela pesquisa, mestrando em **Educação**. Para participar da pesquisa o/a seu/sua responsável deverá autorizar e assinar termo de livre consentimento. O referido documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob os cuidados de seu/sua responsável para quaisquer fins. Em caso de recusa, você ou o/a seu/sua responsável não serão penalizados de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, o/a seu/sua responsável poderá entrar em contato com o pesquisador **Marco Antônio Oliveira Lima** no telefone: (64) 9 8130-3813, ou através do e-mail <marcolivg@yahoo.com.br>. Caso haja dúvida **sobre a ética aplicada à pesquisa**, o/a seu/sua responsável poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás, telefone: (62) 3946-1512, funcionamento: 8h as 12h e 13h as 17h de segunda a sexta-feira.

O esclarecimento às dúvidas poderá ser realizado antes, durante e após a pesquisa. Você foi escolhido/a para compor o grupo de participantes da pesquisa por se adequar aos quesitos previamente estabelecidos dentre os quais se cita o fato de ter idade compreendida entre 15 e 29 anos, que lhe situa na fase da vida da juventude e também devido ao fato de ser skatista. O objetivo da pesquisa é **Refletir a respeito de como os jovens skatistas dão sentido a apropriação de seus corpos na escola**. Você será convidado/a a responder a um questionário de caráter sócio econômico, que levará em torno de 20 minutos para ser preenchido. Destaca-se que a sua confidencialidade ao responder o questionário será garantida por meio de convite para que você, nos lugares públicos - praças, quadras e ginásios esportivos, e pista de skate -, se redirecione a espaços, no contexto destes lugares, em que não haja possíveis interrupções por parte de amigos/as, colegas, multidões, sons de veículos automotores, oriundos do trânsito, dentre outros, que possam distrair, dificultar ou interromper a sua concentração e raciocínio ao responder o questionário e a possível quebra de anonimização. Posteriormente, poderá ser convidado/a, através dos critérios de gênero, autonomia e domínio do conteúdo apresentado nas respostas, a participar de entrevista que pretende identificar questões relativas à prática do skate no espaço urbano, na pista de skate e o sentido que você dá à apropriação social, cultural e educacional do seu corpo na escola. A entrevista terá o tempo médio de 15 a 20 minutos. Ressalta-se que para manter sua confidencialidade, na entrevista você também será convidado a se redirecionar para espaços, no contexto dos lugares públicos já citados, que ao se mostrarem mais apropriados para o diálogo e a entrevista, permitam a condução da coleta de dados, sem interrupções de amigos/as, colegas, multidões e sons variados, oriundos do trânsito, que possam dificultar o pleno andamento da mesma, a sua concentração e motivação,

quebrando-se a anonimização. Entretanto você só poderá responder ao questionário e participar da entrevista, caso selecionado, apenas após autorização assinada por seu/ua responsável, devendo uma das vias ser a mim entregue antes da aplicação do questionário e realização da entrevista. Cabe destacar que sua participação é voluntária, não envolvendo gasto financeiro de qualquer espécie. Você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta, se ela lhe trouxer algum constrangimento e também poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, bastando para isto que o/a seu/sua responsável retire o consentimento, interrompendo sua participação na pesquisa. Neste caso isto não lhe causará qualquer forma de prejuízo.

Destaca-se que ao participar da pesquisa há o mínimo de risco possível uma vez que ela não tem o objetivo de constranger você. O risco possível poderá ser em determinada medida, um pequeno desconforto ocasionado por responder perguntas relativas ao questionário e à entrevista cuja tarefa é obter informações vinculadas aos objetivos pretendidos pela pesquisa. Mas caso isso ocorra, você terá assegurado o direito de assistência integral e gratuita. Se você se sentir lesado/a de alguma maneira com a participação na pesquisa, terá assegurado o direito a indenização por quaisquer prejuízos eventualmente causados pela pesquisa. As informações obtidas serão para atender aos objetivos da pesquisa e sua identidade será mantida em sigilo. Os dados coletados ficarão seguramente arquivados e, após cinco anos, serão descartados via incineração.

Dentre os benefícios destacam-se a sua participação em pesquisa de caráter acadêmico que contribuirá para a produção do conhecimento no tocante ao tema **A relação dos jovens skatistas com o corpo na escola**. A respeito dos resultados eles serão apresentados de forma parcial no decorrer da pesquisa, e a qualquer momento o/a seu/sua responsável poderá retirar o consentimento, no que tange à sua participação. O resultado final a que a presente pesquisa alcançar será posteriormente apresentado junto à academia tendo em vista o avanço do conhecimento científico.

O pesquisador responsável por este estudo e sua equipe declaram: que cumprirão com todas as informações acima; que você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos oriundos, imediatos ou tardios devido a sua participação neste estudo; que toda informação será absolutamente confidencial e sigilosa; que sua desistência em participar deste estudo não lhe trará quaisquer penalizações; que será devidamente ressarcido/a em caso de custos para participar desta pesquisa; e que acatarão decisões judiciais que possam suceder.

Eu _____, abaixo assinado, discuti com o Mestrando **Marco Antônio Oliveira Lima** sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sob permissão de meu/minha responsável, cabendo a ele/a retirar o consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste serviço.

APÊNDICE D

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Roteiro do questionário aplicado aos Jovens

O objetivo deste questionário é apropriar-se de informações relativas às questões sociais, culturais e econômicas que envolvem a realidade vivida pelos jovens skatistas.

Telefone: _____

E-mail: _____

1. Sexo:
 - () Masculino
 - () Feminino

2. Idade: _____

3. Através das referências do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, como você se considera:
 - () Negro(a)
 - () Branco(a)
 - () Pardo(a)
 - () Índio(a)

4. Origem:
 - 4.1 Qual a cidade onde você nasceu?

 - 4.2 Em que Estado?

 - 4.3 Responda a esta questão apenas se você não é natural de Caldas Novas/GO.
Por que veio para a cidade de Caldas Novas/GO?
 - () Trabalho
 - () Estudo
 - () Família
 - () Tratamento de saúde
 - () Outros motivos

5. Família:
 - 5.1 Estado Civil:
 - () Solteiro(a)
 - () Casado(a)
 - () Divorciado(a)
 - () Mora junto
 - () Outro

5.2 Paternidade/Maternidade. Tem filhos (as)?

Sim

Não

Se sim, qual o total? _____

5.3 Atualmente com quem você mora? Marque uma ou mais opções:

Pai

Mãe

Irmão(s) (ã, ãs) solteiro(s) (a, as)

Irmão(s) (ã, ãs) casado(s) (a, as)

Avô

Avó

Sobrinhos

Tios

Primos

Companheiro(a) e/ou filhos

5.4 Total de pessoas que atualmente moram na sua casa incluindo você?

6. Questões socioeconômicas:

6.1 Como você se sustenta?

Renda própria

Sustentado(a) pela família

Sustentado(a) por parentes

Programa social do governo. Qual?

6.2 Você trabalha?

Sim

Não

Se sim, com quantos anos começou?

6.3 Responda a esta questão apenas se você estiver trabalhando. Quantas horas você trabalha por dia?

Quatro horas

Seis horas

Oito horas

Nove horas ou mais

6.4 Responda a esta questão apenas se você estiver trabalhando. Seu trabalho é:

Fixo

Temporário

6.5 Você possui carteira de trabalho assinada?

Sim

Não

6.6 Aproximadamente, qual é valor do salário que você ganha por mês?

6.7 Quantas pessoas exercem atividade profissional remunerada na sua casa?

- Uma
 Duas
 Três
 Quatro
 Mais que quatro

Quem são estas pessoas?

6.8 Qual a renda média mensal de sua família?

- Um a dois salários mínimos
 Dois a três salários mínimos
 Três a quatro salários mínimos
 Mais de quatro salários mínimos

7. Aspectos educacionais:

7.1 Em que período você estuda?

- Matutino
 Vespertino
 Noturno

7.2 Você parou de estudar alguma vez na sua vida?

- Sim
 Não

Se sim, quantas vezes? Qual foi o motivo?

7.3 Por que você voltou a estudar?

7.4 Qual a sua opinião acerca da escola?

8 Juventude:

8.1 Você participa de algum grupo juvenil?

- Musical
 Esportivo
 Religioso

- Associação de bairro
 Não participo de nenhum grupo
 Outros
Quais?
-
-

9. Skate:

9.1 Como você ingressou na prática do skate?

- Influência de amigos
 Influência de familiares
 Viu na televisão e se interessou pela prática
 Decidiu por si próprio(a) que iria se tornar adepto(a) da prática do skate
 Outros motivos

Quais?

9.2 Há quanto tempo você é adepto(a) da prática do skate?

- Um a dois anos
 Dois a quatro anos
 Cinco a sete anos
 Oito a dez anos
 Mais de dez anos

9.3 Já sofreu preconceito por ser skatista?

- Sim
 Não

Se sim, onde?

9.4 Você faz parte de algum grupo de skatistas?

- Sim
 Não

Se sim, qual o nome do grupo e há quanto tempo?

10. Pista de skate:

10.1 Você vai à pista de skate de Caldas Novas/GO?

- Sim
 Não

Se sim, quantas vezes durante a semana?

10.2 Como é a relação entre os jovens/grupos adeptos da prática do skate na pista?

Boa

Amigável

De disputa pelo espaço da pista

Outras

Explique: _____

11. Corpo:

11.1 O que é corpo para você?

11.2 Qual a importância do corpo para você?

11.3 Qual a relação entre o corpo e a prática do skate?

APÊNDICE E

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Roteiro de entrevista semiestruturada realizada com os jovens

1. Sobre o jovem e a juventude (Condição social e cultural, fase da vida, etc.):
 - 1.1 O que é ser jovem para você?
 - 1.2 O que você entende por juventude?
 - 1.3 Que lugares a cidade de Caldas Novas/GO disponibiliza para os jovens vivenciarem seus corpos?

2. Sobre o Espaço Urbano (Enfrentamento, preconceito, etc.):
 - 2.1 Relate sobre suas experiências em vivenciar a prática do skate no espaço urbano.
 - 2.2 Já sofreu preconceito? Como é a receptividade do público quando veem que você é skatista?
 - 2.3 Quais os maiores enfrentamentos que o (a) skatista passa na rua?
 - 2.4 Há grupos de skatistas? Há disputas entre os grupos nas ruas?
 - 2.5 Como você vê o seu corpo na rua durante a prática do skate?

3. Sobre a Pista de Skate (Acordos, dinâmicas, sociabilidade, etc.):
 - 3.1 Como são as dinâmicas de uso da pista?
 - 3.2 Qualquer um pode usar a pista?
 - 3.3 Há grupos? Como é o relacionamento entre os jovens skatistas de outros grupos ou skatistas independentes? Há preconceito em relação a gênero?
 - 3.4 Há diferença entre a prática do skate na rua e na pista?
 - 3.5 Como você vê o seu corpo na pista durante a prática do skate?

4. Sobre a Escola (Rotinas, Regras, etc.):
 - 4.1 Qual o papel da escola na sua vida?
 - 4.2 Qual é a relação da escola com o jovem skatista?
 - 4.3 Como você vê o seu corpo na escola?
 - 4.4 Como você imagina que a escola vê o seu corpo?
 - 4.5 Quais os espaços e as possibilidades para os jovens vivenciarem seus corpos no contexto escolar?

5. Corpo:
 - 5.1 Você se sente bem com o seu corpo?
 - 5.2 Haveria um modelo ideal de corpo para a prática do skate?
 - 5.3 Você se preocupa em cuidar do seu corpo tendo em vista a prática do skate?
 - 5.4 Pensando na prática do skate como um estilo de vida, que elementos culturais (vestimentas, adornos, enfeites, calçados, músicas, etc.) você faz uso para constituir uma espécie de corpo skatista?